

Quem tem medo da geração shopping?



Angelina Bulcão Nascimento

2ª Edição



Quem tem medo da
geração shopping?

Angelina Bulcão Nascimento

Quem tem medo da
geração shopping?

Uma abordagem psicossocial

2ª edição



EDUFBA
Salvador
2005

Coleção Apoio, 34
© 1999 by ANGELINA BULÇÃO NASCIMENTO
2005 – 2ª Edição



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Reitor
NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Vice-Reitor
FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA



EDITORA DA UFBA

Diretora
FLÁVIA M. GARCIA ROSA

Conselho Editorial
Arivaldo Leão de Amorim
Aurino Ribeiro Filho
Cid Seixas Fraga Filho
Fernando da Rocha Peres
Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Suplentes
Cecília Maria Bacelar Sardenberg
João Augusto de Lima Rocha
Leda Maria Muhana Iannitelli
Maria Vidal de Negreiros Camargo
Naomar Monteiro de Almeida Filho
Nelson Fernandes de Oliveira

Capa e projeto gráfico
GABRIELA NASCIMENTO

Ilustrações
ROGÉRIO AMARAL

Revisão
TÂNIA DE ARAGÃO BEZERRA
MAGEL CASTILHO DE CARVALHO

Normalização Bibliográfica
MAISA MENEZES DE ANDRADE

N244 Nascimento, Angelina Bulção.

Quem tem medo da geração shopping? : uma abordagem psicossocial / Angelina Bulção Nascimento. - 2. ed. - Salvador : EDUFBA, 2005.

248 p. (Coleção Apoio ; 34)

Inclui bibliografia.

ISBN 85 - 232 - 0302 - 8

1. Psicologia do adolescente. 2. Puberdade. 3. Adolescentes.
4. Interação social na adolescência. I. Título.

CDU – 159.922.8
CDD – 155.5

A meus pais, Dulce Maria (in memoriam) e Octavio,
que enfrentaram o desafio de conviver com uma
adolescente dos anos rebeldes.
Ao Mário, companheiro de tantos ritos de passagem...

A meus filhos, Octavinho e Marcos, que me ensinaram
mais sobre a adolescência, do que aulas e livros.

A Janaína, filha que ganhei.

E a Luís Octavio, que certamente irá me
ensinar muito e me inspirar a escrever mais.

Aos que foram meus alunos no curso de graduação
de Psicologia da UFBA e de Especialização em Hebeatria
na Faculdade de Medicina da UFBA.

E àqueles em quem o fenômeno da adolescência
também provoca perguntas e causa perplexidade.

A velocidade com que nos modernizamos leva à coexistência, em planos dissociados, dos antigos e dos novos ideais e identidades. [...] O 'arcaico' apenas aparentemente desaparece dando lugar ao 'moderno': o 'arcaico' continua presente, de modo invisível, mais ou menos inconsciente, mas certamente eficaz na sua oposição estrutural ao 'moderno', que é mais recente, e é o núcleo daquilo que desejaríamos ser.

(Sérvulo Figueira')

Sumário

APRESENTAÇÃO

13

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

15

- Terá fim a adolescência
- Existe uma adolescência para todos?
- Traços comuns & singularidade
- Os números podem iludir
- A quem interessa conhecer percentuais?
- Será a crise universal?
- Pode ser generalizada a acomodação da juventude?
- Saudosismo compromete as análises
- Quadro I - A adolescência nem sempre existiu

ALGUMAS NOÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A TEORIA DOS PAPÉIS

31

Quadro I

CRISE DA ADOLESCÊNCIA:

Verdade ou Mito?

41

- Identidade e crise
- Nem todos vivenciam a crise
- Crise da adolescência e crise juvenil
- Crise e crises
- Quadro I – A crise através dos tempos
- Quadro II – A função dos ritos da puberdade
- Quadro III – Conflito de papéis
- Quadro IV – A constituição da identidade

LAR – nem sempre – DOCE LAR

55

- A importância da família nos tempos de transição
- Um pouco de história

Modernização e mudanças
Declínio das relações hierarquizadas
Emancipação às figuras parentais
Disciplina e controle
“*Como vou crescer sem ter contra quem me rebelar?*”
A figura paterna
O mito materno
Quando os problemas são dos pais

AMÉLIAS E LEILAS

77

A criação dos ‘scripts’ masculino e feminino
Relativismo cultural
Enfrentam as mulheres maiores problemas?
Diferentes formas de amar

QUANDO A GALERA SUBSTITUI A FAMÍLIA

87

Subculturas jovens
Consumir é preciso, viver não é preciso
Matando a sede de viver com coca-cola
Rebeldes com causa
Influências nas opções políticas
Catarses e fugas
Quadro I – Complementação de papéis

O CORPO E SEUS AVATARES

107

A importância do olhar do outro
A idolatria ao corpo
Quadro I
Quadro II

O REDESPERTAR DA SEXUALIDADE

117

Conflitos inevitáveis?
Falsas ou falta de informação
Virgindade *versus* virilidade
O prazer buscado no próprio corpo
Experiências homo e heterossexuais
Restrição *versus* permissividade

A religião como instrumento de repressão

Quadro I

Quadro II

AMOR E NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

137

Motivações amorosas

Relações descartáveis

Quadro I – O namoro através dos tempos

RELIGIOSIDADE E CRISE

147

Quadro I

ESCOLAS OU CÁRCERES?

155

Boicote à criatividade

Colégios religiosos

Vestibular é a meta

O dilema da escolha profissional

De dono de cartório a ator

De seminarista a barraqueiro

O ADOLESCENTE DO SÉCULO XXI

169

Repercussão das transformações pós-modernas nos

comportamentos adolescentes

Novas drogas e novas diversões

Perseguindo o corpo ideal

Geração saúde

Vicissitudes da prática sexual

São demais os perigos desse mundo

Mudanças nas identificações

A controversa influência da mídia

O poder da televisão

A influência das novelas

Mídia e identificação

Até que ponto a mídia influencia o comportamento violento?

O prazer de navegar

Algumas (in)conclusões

CONSIDERAÇÕES FINAIS

223

Reações às mudanças puberais
E a sexualidade continua trazendo problemas
As diversas conjugações do verbo amar
O sexo feminino vai à luta
Os conflitos pais & filhos estão maquiados
O confronto de gerações toma várias formas
Concluindo

REFERÊNCIAS

235

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

243

Apresentação

Nestas páginas, nos propomos a tecer algumas considerações teóricas sobre a adolescência, numa perspectiva psicossocial, procurando identificar e analisar as principais mudanças e repetições dos comportamentos e papéis dos adolescentes contemporâneos.

Enfocamos a *adolescência* enquanto momento de transição e metamorfose de papéis pessoais e sociais, iniciada com o advento da puberdade e finda com o ingresso no mundo adulto que, em nossa sociedade, se traduz pelo assumir de atividades produtivas. Embora alguns autores estabeleçam diferenças entre os conceitos de *adolescente* e o de *jovem*, reservando o nome *juventude* para denominar o tempo posterior à adolescência, optamos por não pausar segundo esta categorização. Utilizamos indiscriminadamente os dois termos para nos referirmos àqueles que apresentam as seguintes características: solteiros, dependentes economicamente de sua família, com menos de 21 anos – idade que nossa constituição define ser o cidadão responsável pelos seus próprios atos – e que ainda não desempenham os papéis de adulto.

Após uma breve introdução sobre o conceito psicossocial de *adolescência* e suas vicissitudes, discutimos questões tais como a crise de identidade, as conseqüências das mudanças corporais no processo de adolecer, a sexualidade e o amor, as relações com os pais, professores e grupos de pares, a escolha profissional, o engajamento político, o consumo, as fantasias, crenças e formas de lazer.

Para tanto, recorreremos aos princípios teóricos que sustentam os conceitos de papel pessoal e papel social, pois estes permitem articular as contribuições

da Sociologia, Antropologia e Psicologia. Admitimos, contudo, suas limitações. Evidentemente, nenhuma teoria psicológica é completa, assim como nenhum ramo do conhecimento humano abrange a complexidade do ser falante.

Vale sinalizar que não pretendemos produzir mais um manual sobre psicologia da adolescência, embora alguns dos seus temas tenham sido privilegiados.

Em um trabalho de pesquisa desenvolvido durante quase dez anos, esbarramos em uma questão: as transformações socioeconômicas e culturais geram mudanças na problemática adolescente ou tal problemática é imutável, apesar das diversas roupagens com as quais se apresenta?

Seguindo o percurso de cinco gerações, através de entrevistas, diários e cartas, comprovamos que a expressão dos problemas tradicionalmente atribuídos aos adolescentes sofrem influências do momento histórico, da sociedade e da classe social.

Os depoimentos sugerem que grande parte das atitudes e comportamentos de papel do adolescente são variações sobre os mesmos temas... O *punk* de hoje conserva traços do *hippy* de ontem e do *beatnik* de anteontem. Mudaram as vestimentas e os penteados, mudou o vocabulário, mas, para estes jovens, não mudou a rejeição ao sistema. Conflito entre pais e filhos, ou relativos à sexualidade se repetem e continuam desafiando adolescentes de várias épocas.

O que permaneceu e o que foi superado? O que continua existindo debaixo das aparências?

A resposta a estas perguntas exige, sem dúvida, enveredar por caminhos que talvez ultrapassem as fronteiras da Psicologia...

Acreditando que a obra é sempre inacabada, preferimos deixar em aberto estas e outras questões. Desejamos instigar o leitor a sair da atitude passiva de digerir conclusões.

Ao invés de um ponto final, preferimos colocar pontos de interrogação.

Considerações preliminares

*Quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência
vou largar da vida louca
e terminar minha livre-docência
vou fazer o que o meu pai quer
começar a vida com passo perfeito
vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito
então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência.*

(Paulo Leminski)

Em termos psicossociais, a adolescência pode ser considerada o período de transição entre a infância e a chamada 'maturidade', quando os papéis de criança são descartados e os papéis de adulto ensaiados. Define-se por fenômenos de ordem psicológica, provocados por mudanças fisiológicas ocorridas a partir da puberdade.

O conceito nem sempre existiu e, segundo algumas pesquisas antropológicas², o fenômeno que ele nomeia carece de universalidade, pois não é identificado em algumas culturas.

As transformações puberais culminam na aptidão à procriação, na mudança dos objetos sexuais, na aquisição da identidade de gênero, na escolha profissional que desafiam o ser humano em um determinado momento de sua trajetória.

Essa passagem se processa de maneira nem sempre linear, nem sempre suave, devido às dificuldades em lidar com um novo corpo, às conseqüências de sua metamorfose, e às contradições do mundo contemporâneo. A Família e a Escola refletem essas contradições, enquanto principais agentes de socialização, transmissoras dos papéis prescritos pelo sistema social.

De repente esbarrei numa grande mentira: a maioridade não nos torna maiores, não nos torna adultos. Fazer 18 anos e adquirir o papel de mãe (pari aos 19 anos) não eliminou meu papel de filha. A necessidade de superação da adolescência me empurrou para um círculo vicioso que prolongará minha adolescência até, pelo menos, os 27 anos. Estudar me amarra para conseguir a emancipação e a minha emancipação depende dos meus estudos.

(depoimento de uma estudante de Psicologia – 24 anos)

A emancipação psicológica às figuras parentais requer um trabalho de luto. Por isso a elaboração da perda dos pais de infância pode se traduzir em comportamentos rebeldes, contestatórios, agressivos, etc. Novos relacionamentos, novas identificações devem ser construídos e, a partir deles, surgem novos valores, nova visão de mundo.

O prolongamento cada vez maior do período de escolarização propicia múltiplas identificações fora da esfera doméstica e, ao mesmo tempo, adia a independência à família de origem.

Ampliado seu tempo de duração, a adolescência passou a constituir uma categoria social com especificidades.

Terá fim a adolescência?

As fronteiras desse período não estão bem demarcadas.

É possível falar em um término da infância em termos biológicos, a partir das mudanças corporais, capacidade para procriação, acesso a um outro gozo sexual.

Mas como falar em término de adolescência?

Na cultura ocidental, os limites da adolescência são vagos, nenhuma cerimônia marca sua saída. O Código civil de alguns países o fixa à idade de 21 anos. No entanto, alguns desses mesmos códigos, permite o voto, concede carteira de motorista em época anterior.

Em geral, a definição de adulto se funda em fatores sociais tais como a adoção de uma profissão, casamento, paternidade, ou maternidade. Entre alguns povos, a adolescência só é considerada finda após o nascimento do primeiro filho³.

A inexistência de um estatuto de adolescente favorece a criação de modelos típicos, pelo grupo de adultos, ou pelos jovens em sua busca de reconhecimento.

Nas sociedades industrializadas, a crise econômica, acentuada nos últimos anos, tem reduzido as possibilidades de trabalho e, conseqüentemente, reduzido as possibilidades de independência financeira. A dependência à família de origem é, então, prolongada e, assim, ampliado o tempo da adolescência.

Um outro fenômeno ilustra a impossibilidade de ser a idade um marco referencial. Embora não sendo mais jovens, existem pessoas que resistem assumir as exigências impostas pelo sistema social e de se separar emocionalmente dos pais. Para estes foi criada a expressão “Adolescência Prolongada”.

A duração da adolescência parece, então, não se reduzir simplesmente a fatores de ordem sociológica.

É interessante observar que, ao ser utilizado para referir-se ao aprisionamento em uma fase que deve ser ultrapassada, o conceito de “adolescência prolongada” adquire uma conotação pejorativa.

Existirá, porém, algum “adulto” que jamais tenha experimentado a sensação de desamparo? Que nunca tenha experimentado o desejo súbito de fazer versos de pés quebrados para alguém impossível? Que tenha superado as dúvidas sobre o amor, as questões do ser & não ser? Quem parou de perguntar sobre o sentido da vida?

Geralmente consideradas típicas da adolescência, estas questões continuam atormentando uma infinidade de pessoas que cronologicamente já a ultrapassaram.

A idéia de tais questões serem exclusivas dos adolescentes, parece estar atrelada ao interesse da ordem social em anestesiar ou eliminar comportamentos questionadores, inovadores, associando acomodação e maturidade.

Ebulição, efervescência, paixão e devir permanente não são passageiros como um período de desenvolvimento e, sim, privilégio daqueles que não se instalaram para sempre em cômodas poltronas.

Nesse sentido, a adolescência pode ser considerada um “estado de espírito”, cujo fim não é determinado pelo número de anos ou por papéis definidos pelo sistema social.

Existe uma adolescência para todos?

Outra questão merece ser destacada. Se considerarmos a adolescência uma passagem, traduzida pelo abandono dos pa-

Eu me tornei adulto entre os 35 e 37 anos. Desde que o velhote morreu. Eu lembro de ter tido um pensamento quando saí do seu enterro: ele tinha que morrer agora e acabar com a minha adolescência!

(sexo masculino, 41 anos)

péis de criança e ensaio dos papéis de adulto, devemos admitir que isso não ocorre em todas as classes sociais.

Entrevistas efetuadas com adolescentes dos estratos baixos demonstram que eles não se enquadram na concepção de adolescência típica. Em geral, os papéis aprendidos na sua infância, não são descartados e se mantêm na idade adulta. Desde criança assumem tarefas de responsabilidade, não sendo protegidos e resguardados da realidade nua e crua. Desenvolvem atividades relativas ao próprio sustento, tendo independência total ou parcial da família. Em geral, desempenham funções remuneradas — embora mal remuneradas — não encontrando tempo para o estudo, amizades ou diversões. Muitos deles fazem *bicos*, pedem dinheiro nas sinaleiras, tomam conta de automóveis. Um grande contingente desconhece a vida familiar.

Por isso é discutível considerar adolescentes aqueles que, embora ainda não tenham alcançado a maioridade, assumem papéis de independência e responsabilidade.

Traços comuns & singularidades

É possível identificar elementos comuns nos comportamentos dos adolescentes, passíveis de generalização, uma vez que se repetem independentemente da época e do tipo de sociedade.

Os pontos de semelhança podem ser percebidos não apenas nas entrevistas obtidas. Quem leu o diário de Anne Frank⁵, ou o de Helena Morley⁶, as confissões de George Sand⁷, a carta ao pai de Kafka⁸, as memórias de Simone de Beauvoir⁹, de Sartre¹⁰, Tolstoi¹¹, Mary Mc Carthy¹², ou de Joyce — escondido sob o nome de Stephen Dedalus¹³ — pessoas que viveram outras épocas e em outros países, encontrará sentimentos e comportamentos resistentes ao tempo e que, talvez, propiciem elementos de identificação.

As dúvidas existenciais de Emil Sinclair, personagem de “Demian”¹⁴, ou de Eduardo e Mauro, personagens de “O Encontro Marcado”¹⁵, a angustiada irreverência de Holden, apanhador em campo de centeio¹⁶, os devaneios de Emma Bovary¹⁷ que queria alcançar “*o raro ideal das existências pálidas, nunca atingi-*

Não mudou nada. Os coroaos agora implicam porque a gente corta e pinta os cabelos assim e assado, mas a mesma macaquice havia na época deles, com Elvis Presley, brilhantina e coisa e tal [...] Eles também usavam calça jeans, só que chamavam calça americana. A diferença é que, em vez dos camisões coloridos, usavam camisas banlon. E no lugar do tênis e da sandália havaiana, calçavam mocassins.⁴

do pelos corações medíocres”, as inquietações de Tonio Kröger¹⁸ são alguns, entre tantos, exemplos de dilemas que inspiraram escritores de várias gerações.

Na realização das entrevistas com rapazes e garotas de várias gerações foram surgindo indícios de que padrões antigos sobrevivem. Tais indícios sugerem que as mudanças ocorridas não anularam o passado. Velhas fórmulas pautam atitudes, valores, crenças de uma geração às vésperas de um novo milênio. O que justificaria essa permanência?

A concepção biogenética defende a imutabilidade dos comportamentos adolescentes tomando por base a universalidade dos fatores fisiológicos. Seriam estes que, despertando a função reprodutora, provocam transformações na afetividade, no pensamento, gerando conflitos e tensões que ocorrem em qualquer tempo e espaço.

No entanto, a variedade de formas como se apresentam torna a questão mais complexa.

Nos traços comuns sobrevivem as particularidades. As entrevistas permitem observar que diferentes respostas às transformações puberais e culturais distinguem os que transitam entre os papéis de idade, impossibilitando uma generalização que os permita considerar um conjunto fechado.

Embora a influência dos modelos europeu e norte-americano contribua para que os comportamentos da juventude brasileira apresentem semelhanças com os de outros países, embora a civilização ocidental tenha características de uma “aldeia global”, persistem, entre os jovens brasileiros, particularidades impossíveis de serem ignoradas.

Por outro lado, o delineamento de um perfil do adolescente em nosso país é dificultado pelas diferenças regionais e grupais.

Para falar de adolescentes, seria preciso, então, ter condições de responder às perguntas: *Qual adolescente? De que época? De que local? De que grupo social?*

Segundo as abordagens culturalistas, as descontinuidades geracionais seriam resultantes de influências sociais que, durante a adolescência, parecem ter mais impacto do que em outros momentos da vida.

No meu contato com jovens de culturas diferentes, pude perceber continuidades nítidas entre eles. Convivi com russos, dinamarqueses, finlandeses, peruanos, haitianos, etc., pois morei em Moscou e em outros países, tais como a França. O fato de morar e falar a língua local, permitiu uma convivência mais profunda.

As idéias, vontade de lutar e de trilhar novos caminhos, construir uma sociedade melhor, eram comuns a todos eles. Embora com suas singularidades, a tortura da cabeça do cara, o confronto de gerações, tinham semelhanças.

E estas são maiores do que as diferenças. Se você anda no metrô, é incapaz de saber o que está pensando um eslavo, por exemplo. A cultura e a língua geram comportamentos diversos.

Mas se você começa a conversar ou vive no núcleo familiar, constata que a estrutura de sentimentos é a mesma. Tive namoradas tártaras, dinamarquesas e, ao contrário do que muitos pensam, encontrei nelas reações idênticas às das mulheres latinas, no que diz respeito ao ciúme, por exemplo.

(José Salles – foi Coordenador Geral da Comissão Executiva do Partido Comunista Brasileiro e atualmente presta serviços de consultoria)

As razões desta vulnerabilidade podem estar relacionadas ao espaço vazio deixado pelas identificações e papéis de infância. *“A puberdade é a porta pela qual penetram especialmente as influências sociais e culturais”*¹⁹.

Faltam, porém, considerações históricas na literatura sobre a psicologia da adolescência que possibilitem articulações entre mudanças sociais e individuais. As continuidades entre jovens de várias, ou de uma mesma geração, por sua vez, têm reforçado o enfoque quase exclusivo do indivíduo, em detrimento do contexto concreto no qual ele está inserido.

Os papéis, desempenhados pelos adolescentes de várias gerações, revelam as marcas dos acontecimentos históricos transformados em função das transformações sociais. Podemos apontar, como exemplo, os efeitos da industrialização nos papéis de família, de gênero, profissionais, entre outros.

Graças a seu caráter interdisciplinar – pois tem conotações sociológicas, antropológicas e psicológicas –, o conceito de papel permite abordar dialeticamente singularidades e generalidades. Restringe-se, porém, aos aspectos fenomenológicos.

Quando se refere estritamente à sociedade e sua organização estrutural, o conceito de papel tem uma conotação sociológica, privilegiando o grupo. Quando é limitado ao indivíduo, pode ser considerado fenômeno psicológico.

Evidentemente ambos não são excludentes uma vez que o grupo social antecede e produz a história do indivíduo. Este, por sua vez, é capaz de emprestar suas características peculiares à história grupal, modificando-a e, nela, produzindo efeitos.

Os números podem iludir

E não se esgota aí a discussão.

Se é possível fazer algumas generalizações com base na repetição e permanência de atitudes e comportamentos, comuns a várias gerações, países e épocas, devemos, porém, tomar cuidado com as generalizações feitas a partir da estatística, em que os altos percentuais garantem as definições e conclusões.

Como diz Nietzsche, não existe todo; é preciso esfarelar o universo, perder o respeito pelo todo. [...] Uma mídia afiada e afinada com os poderosos produz sujeitos individualmente desamparados, mas coletivamente ancorados e sustentados pelo nome do Um.

(Antônio José Moura,
psicodramatista²⁰)

Quando enunciamos “o adolescente brasileiro”, por exemplo, tendemos a ignorar aqueles que estão aquém dos 50%.

Estamos acostumados a discursar sobre as massas anônimas – *em nome do povo, as mulheres são frágeis, os brasileiros não sabem votar, os políticos são corruptos.*

Faz parte da obsessão em estereotipar, generalizar ou rotular. A preocupação em compreender é relegada a um segundo plano.

A quem interessa conhecer percentuais?

Ao *marketing* interessa descobrir o que querem os jovens, para produzir e impingir os produtos de consumo. A uma determinada classe de políticos também interessa conhecer os mais altos índices de preferências e opiniões para forjar suas promessas. À psicologia do ajustamento interessa identificar as características dos que estão dentro da curva **normal**, a fim de desenvolver técnicas adaptativas para os que não estão. Não é por acaso que o conceito ‘anormal’ virou sinônimo de problemático ou louco...

Quando apelamos exclusivamente para a Estatística, perdemos muitas informações.

Centenas de entrevistas nos permitiram observar que os adolescentes manifestam uma tendência para generalizar situações e comportamentos.

Quem diz “*não existem mais virgens*”, está geralmente tomando por base o seu grupo de referência. Tivemos oportunidade de verificar que algumas afirmações generalizadoras, expressas por uma adolescente de uma determinada série de um colégio de Salvador, foram desmentidas por outros adolescentes da mesma faixa etária, da mesma classe social, da mesma religião, e da mesma turma de colégio.

Dados obtidos em sala de aulas, equipes de esporte, bandas de rock, dificilmente revelam como os jovens entrevistados se comportam em outros momentos e em outros ambientes.

Os instrumentos de coleta de dados, tais como entrevistas e questionários – estes últimos tão utilizados para a realização de percentuais – não garantem a veracidade das respostas. Muitos

A estatística não diz tudo. Se contarmos os jovens que tinham atividade política nos anos 60, talvez não encontrássemos um número tão maior do que o atual. Existia também um grande contingente de jovens conservadores. É verdade que, naquela época, as porcentagens cresciam rapidamente. E cresciam dentro de uma visão política marcada por uma utopia.
(José Salles, consultor)

Eu tenho várias turmas. Quando estou com a galera do surfe, penso e falo de um jeito. Quando estou com a galera do grêmio, sou de outro jeito, completamente diferente. Mas se a gente não andar no mesmo passo da galera, dança. Tem horas, quando me pedem uma opinião sobre alguma coisa, eu fico meio desbandeado, eu não sei direito o que eu acho, eu acho que sei lá!
(sexo masculino, 16 anos)

É impossível me descrever. Agora sou uma, logo mais serei outra. Quando me procuro de um jeito, me encontro de outro. Se estou com minha amigas, falo, me visto, penso igualzinho a elas. Se estou com meu namorado, sou tremendamente doce. Se estou com meus pais sou tremendamente agressiva. O que eu acho, não dura muito. Se você fizer uma outra entrevista comigo, vai achar que está diante de outra pessoa. Mas o que é que dura? A moda não dura, o amor não dura, o dinheiro não dura, as boas intenções não duram [...] A gente vive nos ‘shoppings’, mas no fundo é porque não tem outra opção [...] A gente “fica” com um cara, mas, muitas vezes, está querendo ter o carinho o tempo todo.. Então você vai ficar sabendo como eu sou obrigada a ser, mas nunca vai ficar sabendo como eu sou. Porque eu mesma não sei, ainda não experimentei e, por isso, não vou poder nunca te dizer [...]
(sexo feminino, 17 anos)

daqueles que revelaram ter um excelente relacionamento com os pais, nos primeiros momentos da entrevista, se contradisseram ou reformularam sua fala alguns minutos depois.

Não podemos, portanto, apostar que as falas, constantemente renovadas dos adolescentes, os definam.

Será a crise universal?

Um dos temas mais discutidos e que pode ser relacionado a todos os demais, é a *crise da adolescência* que, para muitos autores, é consequência inevitável da transição entre infância e idade adulta.

Pesquisas realizadas por antropólogos revelaram, porém, que a badalada crise não foi observada em algumas sociedades, ditas primitivas²¹. Entrevistas realizadas com sujeitos entre 12-21 anos das populações de baixa renda não evidenciaram a existência dos tradicionais sinais de crise²². Vale ressaltar que, nestas categorias sociais, é comum serem desenvolvidas precocemente tarefas relativas ao próprio sustento havendo, conseqüentemente, emancipação total ou parcial à família de origem.

Há também indícios de que, mesmo nas sociedades industrializadas, nem todos os adolescentes experimentam o impacto decorrente do luto pelos pais, pela identidade da infância, pelo corpo de criança, ou pela renúncia a valores e modelos anteriores²³.

Os resultados de pesquisas recentes abrem novas questões. Levantamentos efetuados nos últimos anos revelaram que os adolescentes de classes médias e altas não têm manifestado sinais de perturbações, rebeldia, inconformismo, conflitos com os pais²⁴.

Vários trabalhos envolvendo grandes amostras de adolescentes contradizem a noção de crise normativa da adolescência. Os resultados encontrados sugeriam que a adolescência normal seria caracterizada pela continuidade do desenvolvimento, ao invés de rupturas, pela estabilidade emocional ao invés de distúrbios, pela formação lenta e gradual da identidade e não pela confusão e crise, pelo grupo de pares com função de suporte e aprendizagem social e não como modelo de condutas anti-sociais, e por relações relativamente harmoniosas e afetivas com os pais ao invés de conflitos geracionais sérios²⁵.

E, no entanto, é possível identificar uma série de condições propiciadoras de conflitos na Adolescência: as mudanças puberais propiciam tensões, nem

sempre passíveis de serem aplacadas. Tornar adulto requer a emancipação das figuras parentais, a escolha de um outro objeto de amor e a aquisição de uma identidade masculina ou feminina. As mudanças intelectuais tornam o adolescente mais suscetível para captar o esfacelamento de valores da civilização ocidental e seu próprio esquarteramento entre inúmeros e incompatíveis papéis. Ele enfrenta ainda as contradições da sociedade contemporânea refletidas nas instituições familiares e educacionais.

As evidências que desmentem a universalidade dos atingidos pela 'tempestade e tensão', provocam algumas perguntas:

Tensão e tumulto seriam meros estereótipos, construídos para rotular a adolescência em um determinado momento histórico?

Estará o adolescente contemporâneo tão afetado pelos mecanismos neutralizadores, utilizados pela Ordem Social, que tenha virado pelo avesso os comportamentos rebeldes?

Ou teria a crise mudado em suas formas de expressão?

Tais questões exigem uma revisão do conceito de crise que permita ampliar os métodos de investigação e análise.

Pode ser generalizada a acomodação da juventude?

Recentes trabalhos apontam uma "acomodação" e uma repetição dos modelos parentais nos últimos anos. Sugerem que os *teen-agers* dos estratos mais altos da população diferem radicalmente das gerações passadas. São os mais conservadores das duas últimas décadas²⁶. Apesar de gozarem liberdade, revivem hábitos antigos, procuram mais conforto do que aventuras, desejam casar de véu e grinalda, valorizam as festas de 15 anos, são contra fumo e bebidas. A busca do *príncipe encantado* e do casamento, com longa duração e final feliz, ainda é intensa²⁷.

O adolescente contemporâneo tem sido rotulado de alienado, consumista, individualista, desiludido com a política²⁸.

Entrevistas realizadas com adolescentes baianos confirmam esses dados. Não fosse o Brasil uma "aldeia global" (leia-se 'global' no seu duplo sentido...)

Tais constatações provocam suspiros de alívio nos segmentos conservadores.

Estes garotos não ameaçam o sistema, nem preocupam o mundo adulto. Escondidos por detrás de rótulos, tais como “Geração coca-cola”, “Geração ‘shopping’”, questionamentos e inquietações parecem confinados ao passado, assim como a “tempestade e tensão” foram reenviadas ao século dos românticos.

FOI PUBLICADO NA REVISTA ‘VEJA’

Quem se assustou ao ver aquela multidão de jovens exigindo justiça pode dormir tranqüilo. A geração dos anos 90 não quer reviver os ideais revolucionários do passado e muito menos perturbar a paz do sistema. A geração dos anos 90 não quer mudar o mundo. Muito pelo contrário. Quer viver bem e com muito prazer dentro do capitalismo, respeitando a família e a propriedade.

“Esta é a geração pós Muro de Berlim e o Brasil deve ficar satisfeito com ela. Afinal, estes jovens têm ambição e querem fazer sucesso, sonhos que mostram que eles não estão perdidos, sem valores”, diz o psicólogo romeno naturalizado brasileiro Haim Grünspon, 65 anos²⁹.

Devemos estar atentos aos desdobramentos advindos de uma leitura apresada de tais conclusões. A análise desse fenômeno requer, sem dúvida, uma avaliação cuidadosa que ultrapassa os limites da Psicologia.

Existem muitos jovens que não aceitam uma etiqueta como identidade, e cuja sede de alternativas não é saciada com uma coca-cola [...]

Saudosismo compromete as análises

O saudosismo reflete a tendência de cada um achar sua época melhor do que todas. Olhar com os olhos do passado leva aos dinossauros [...]
(José Salles)

Corremos freqüentemente o risco de julgar a atual geração tomando como parâmetro as gerações passadas.

A opção solidária foi substituída pelo lema ‘levar vantagem em tudo, cada um por si’. É fácil constatar que, enquanto os *shoppings* estão repletos de adolescentes, os grêmios e diretórios acadêmicos estão quase vazios. O que mais se podia esperar de uma geração que teve como agente de socialização a televisão, tem como amigo do peito o computador, como meta o vestibular e como opção de lazer os espaços fechados e seguros dos centros comerciais? Na infância desconheceram os quintais, não empinaram pipas, nem roda-

ram pão. Não escutaram estórias de fadas na hora de dormir, não improvisaram brinquedos com gravetos ou pedrinhas, não se lambuzaram na lama...

Coitados! – lamentam os saudosistas. Poder-se-ia, porém, replicar: Em compensação não conheceram a palmatória, horário de dormir, medo de bicho-papão – ou dos adultos, tanto faz...

Seria impossível dizer quem perdeu, quem ganhou.

Se a geração dos anos 50 suspira de saudades da tranqüilidade, ou dos tempos em que *“a tristeza era mais bela ou que o amor doía em paz”*, se a geração dos anos 60 se vangloria por ter ajudado a escrever um capítulo da História, mal pode disfarçar as limitações sofridas.

Impossível esquecer que dois pólos geravam informações para explicar o mundo: o Socialismo e o Capitalismo. Hoje estamos praticamente reduzidos a um só. Isso tem efeitos radicais na economia, industrialização, trocas comerciais, etc. A juventude atual tem apenas a opção monista. Ele vai fazer o quê? Mudar o quê?

Se tomarmos como modelos os comportamentos de gerações anteriores, ficaremos paralisados por atitudes nostálgicas. Cada época tem seus jovens idealistas, militantes, heróicos, assim como jovens perdidos, acomodados, autocentrados, etc. Desacreditar nos adolescentes produz os mesmos efeitos produzidos pelo descrédito nos políticos: cruzar os braços e dizer “não tem jeito”... É fácil identificar a quem interessam tais desilusões...

Por outro lado, se lançarmos os olhos para 30 anos atrás, lembraremos fatalmente da existência de adolescentes que só pensavam nos Beatles ou na Jovem Guarda, nas roletas paulistas, que temiam o comunismo e ‘torciam’ pelos EUA. Em geral, os ginásianos daqueles tempos não eram tão engajados como foram os universitários por razões de diversas ordens: controle do colégio e da família, pouco acesso a informações sobre as questões sociais.

A partir de depoimentos daqueles que viveram sua adolescência nos anos 60 podemos concluir que um grande contingente de garotas não tinha na cabeça outra coisa além do desejo de casar, *de preferência com um homem charmoso e bem sucedido*. Amor em cabana podia ser lindo, mas poucas queriam arriscar.

Não é o jovem em si por si que será mais ou menos radical e mais ou menos conservador. É a relação da categoria com a estrutura da sociedade e com o momento histórico que pode tornar a categoria explosiva, rebelde, etc.
(Florestan Fernandes³⁰)

Eram udenistas a exemplo dos nossos pais, tinham pavor de comunistas, sua preocupação com o social se resumia em dar esmolas e rezar pelos desfavorecidos. Um vestido novo para 'abafar' na festa do final de semana, um domingo ensolarado e um namorado traduziam a felicidade.

Lembranças de rapazes que estudaram na PUC do Rio nos anos 60 nos informam que eles votavam nos candidatos que os pais indicavam. Preferiam a cantina ao diretório. O projeto de vida era formar, arranjar um bom emprego, ter um carro, viajar e, não antes dos 30 anos, casar *"com aquela que merecesse ser mãe de nossos filhos"*³¹.

Ainda não foram realizadas análises que permitam conclusões definitivas.

Torna-se imprescindível, portanto, que os estudiosos da adolescência enxerguem por trás dos rótulos os comportamentos e atitudes que os grupos sociais esperam ou exigem dos adolescentes, os modelos que lhes são oferecidos e perguntar: no interesse e a serviço de quem estão sendo reproduzidos? Se a Psicologia da Adolescência ignorar estas questões e se limitar a propor formas ajustadoras ou meramente descritivas, correrá o risco de se tornar mais um dos mecanismos de neutralização.

Queiramos ou não, o adolescente protagoniza o drama social. E é como protagonista deste drama que os estudiosos dessa categoria social devem dirigir suas pesquisas e análises, tentando seguir as pistas que conduzem ao avesso de sua acomodação.

QUADRO I

A ADOLESCÊNCIA NEM SEMPRE EXISTIU

A adolescência pode ser considerada uma invenção cultural uma vez que seu estatuto, como categoria de idade, foi determinado por fatores socioeconômicos e culturais.

Nos séculos que antecederam ao nosso, a passagem da infância (fase não produtiva) para a idade adulta (fase produtiva) se processava em um curto espaço de tempo.

Há poucas referências sobre a adolescência na Idade Média. Os trabalhos de Ariès revelam que, assim como as crianças, os adolescentes não constituíam categoria etária específica. O ingresso no mundo adulto era obtido através da integração no trabalho da comunidade.

Entre os nobres, o papel da família era garantir a linhagem e os bens herdados. O menino deixava a casa paterna, antes da puberdade, e vivia em outra unida-

de doméstica até o casamento. O rapaz nobre da sociedade feudal tornava-se inicialmente um pajem, depois escudeiro, e, aos vinte anos, um cavaleiro e senhor feudal. Entre os camponeses, o rapaz só poderia ser lavrador e, na burguesia, iniciava-se como aprendiz para o ofício de mestre. A menina nobre jamais poderia tornar-se uma senhora feudal e, tanto na classe camponesa, como na burguesa, era destinada a cuidar da casa e das crianças³².

Transformações ocorreram como consequência da Revolução Francesa. Com a proclamação dos Direitos do indivíduo, a organização das classes sociais (Nobreza, Clero, Terceiro Estado) foi substituída por categorias de idade e sexo.

Mas as tradições seculares só foram rompidas com a Revolução Industrial, responsável por significativas mudanças da sociedade européia e norte-americana nos séculos XVIII e XIX.

A industrialização levou à progressiva urbanização da sociedade, desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, progressos científicos e tecnológicos, surgimento da família burguesa, declínio da aprendizagem dos ofícios na unidade doméstica, e extensão progressiva da escolarização.

A transformação da família extensa em família nuclear urbana, propiciou novos desempenhos dos papéis de sexo e de idade, além de propiciar uma maior intimidade entre pais e filhos. Estes passaram a viver sob o mesmo teto, havendo um recrudescimento do controle, redução da independência do jovem e ampliação dos laços afetivos. O 'espírito doméstico' foi se instalando gradualmente durante o século XIX.

O aumento do período de formação escolar, o adiamento do casamento e, conseqüentemente, o tempo vivido sob tutela parental foi prolongado contribuindo para que o período de adolescência se tornasse mais longo.

O advento da família moderna coincide, portanto, com o nascimento da Adolescência.

Com um corpo adulto e uma dependência infantil, os jovens passaram a constituir um grupo com especificidades, pautadas pela indefinição de seus papéis. Tal impasse contribuiu para que a juventude interessasse aos escritores, educadores e políticos. A preocupação com o adolescente culminou com a necessidade de compreendê-lo melhor.

Após a II Guerra, e principalmente a partir dos anos 50, a geração jovem tornou-se mais diferenciada da geração adulta. No final da década, estava consolidada a imagem do adolescente instável e revoltado. Análises sociológicas se acrescentaram às psicológicas. A expressão 'abismo de gerações', criada por Margareth Mead, traduziu os conflitos entre adultos e jovens.

As subculturas jovens adquiriram importância social, cultural e política. A população adolescente aumentou significativamente, produzindo a chamada geração *baby boom*. De participante ativo do mercado de trabalho, o adolescente se transformou em consumidor deste mercado. A sociedade de consumo apropriou-se dos valores da subcultura jovem, e influenciou seus comportamentos. Problemas tais como fracasso escolar, doenças psicossomáticas, gravidez indesejada, delinqüência, uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, homicídios e suicídios desafiaram psicólogos e educadores.

A tendência atual é estudar o comportamento adolescente articulado às mudanças psicológicas provocadas por mudanças fisiológicas e ao contexto

social. Por isso a adolescência tem sido cada vez mais considerada como um sintoma social, cujo conteúdo e duração variam segundo a cultura. Vale ressaltar, no entanto, que as comparações exigem análises amplas que requerem, sem dúvida, uma avaliação cuidadosa, que talvez ultrapasse os limites da Psicologia.

Notas

¹ In Figueira S. et al., *“Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira”*, 1987.

² As pesquisas de Margareth Mead com adolescentes em Samoa sustentam esta discussão.

³ Devereux, G., apud Rocheblave-Spenlé, *“La Notion de Rôle en Psychologie Sociale”*, 1969.

⁴ In revista ‘Pais & Filhos’, edição especial, p. 86

⁵ In Frank, A. *“Diário de uma Jovem”*, 1958.

⁶ In Morley, H. *“Minha Vida de Menina”*, 1969.

⁷ In Sand, G., *“Histoire de ma Vie”*, s/d.

⁸ In Kafka, F., *“Carta al Padre”*, 1993.

⁹ In Beauvoir, S., *“Memórias de uma Moça Bem-comportada”*, 1968.

¹⁰ In Sartre, J. P., *“As Palavras”*, 1978.

¹¹ In Tolstoi, L., *“Infancia, Adolescencia y Juventud”*, 1990.

¹² In Mc Carthy, M., *“Memórias de uma Moça Católica”*, 1987.

¹³ In Joyce, J., *“Retrato do Artista quando Jovem”*, 1970.

¹⁴ In Herman H., *“Demian”*, 1967.

¹⁵ In Sabino, F., *“O Encontro Marcado”*, 1975.

¹⁶ In Salinger, J. D., *“O Apanhador no Campo de Centeio”*, 1965.

¹⁷ In Flaubert, G., *“Madame Bovary”*, 1970.

¹⁸ In Mann, T., *“Tonio Kröger”*, 1970.

¹⁹ In Rosenmayr, L. *“A Situação Sócio-Econômica da Juventude de Hoje”*. In Britto, S., *“Sociologia da Juventude”*, 1968, v. III, p. 137.

²⁰ In *“O Desejo e a Política”*, palestra pronunciada em 19/06/95, no Ciclo de Debates de Extensão da UFBA., *“O Desejo”*.

²¹ Pesquisas desenvolvidas por Margareth Mead em Samoa.

²² A noção de ‘crise juvenil’, em geral, engloba comportamentos de rebeldia, instabilidade emocional, tensão, tumulto, inconformismo, etc.

²³ Entrevistas realizadas pela autora e por estudantes do curso de Psicologia da UFBA. durante os anos 86-95.

²⁴ In Douvan, E.; Adelson, J. *“The Experient Adolescent”*, 1966; Claes, M. *“L’Experience Adolescente”*, s/d.

²⁵ Douvan, E.; Adelson, J., 1966 , Offer & Offer, 1975, Rutter et al., 1976, apud Mc Kinney, J. P. et al. "*Psicologia do Desenvolvimento - O Adolescente e o Adulto Jovem*", 1983.

²⁶ Segundo Rose Saldiva diretora de planejamento e pesquisa da Saldiva e Associados Propaganda. In 'Veja', 21/8/85.

²⁷ Pesquisa divulgada em 1985, realizada pelas pesquisadoras Darcy Raiça e Senira Fernandez, professoras da PUCSP. In 'Veja', 21/8/85.

²⁸ Reportagens publicadas em 'Veja',

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ In 'Folha de São Paulo', 15/9/1986.

³¹ Depoimentos colhidos pelos alunos do curso de Psicologia da UFBA e pela autora.

³² Rocheblava Spenlé, op. Cit., 1969.

Algumas noções introdutórias sobre a teoria dos papéis

*Eu considero o mundo um cenário onde
cada homem deve desempenhar seu papel.*

(Shakespeare¹)



O ser humano se caracteriza pela interpretação de uma infinidade de papéis que direcionam seu comportamento e são impostos pela cultura. Esta, por sua vez, também pode ser caracterizada pelos papéis desempenhados pelos indivíduos que dela fazem parte.

O termo “Papel” tem múltiplos significados. Pode apontar um personagem, tal como Romeu ou Julieta, criados por um dramaturgo e representados por um ator. Pode se referir a uma função assumida na realidade social: a função de juiz, médico, pai, filho. Pode indicar comportamentos adotados por uma pessoa: preguiçoso, trabalhador, covarde, tímido. E pode corresponder a uma máscara, semelhante à usada pelo ator do teatro clássico, destinada a esconder o âmago do ser.

Na origem das palavras francesa (*rôle*), inglesa (*role*), e espanhola (*rol*), encontramos uma palavra do latim medieval – *rotulus* – que tem duplo significado: um pergaminho e o texto recitado pelo ator em uma peça teatral. Com o tempo, o rolo, no qual eram escritos os dramas, passou a nomear os personagens representados.

Na língua portuguesa, ‘papel’ se refere igualmente ao texto ou ao personagem assumido por um ator. Significa também o desempenho de uma função social. E não se esgotam aí seus significados. Designa, ainda, o material utilizado para se escrever, ou para se embrulhar alguma coisa. Sua raiz etimológica vem de *papyrus* – uma erva de cujas hastas os antigos confeccionavam o pergaminho.

Da palavra *rotulus*, nossa língua herdou a palavra *rótulo* que se refere a um papel colado em embalagens e recipientes para indicar-lhes o conteúdo.

Usamos a palavra “etiqueta” com o mesmo fim. Este termo também denomina certas formas de comportamento exigidas em determinadas situações sociais. Em tais casos, geralmente restringe comportamentos espontâneos.

Tanto o rótulo, como a etiqueta, servem para identificar o que está dentro e não possui características especiais para ser reconhecido. Ao dizer *Fulano é*

assim, ou assado, estamos fazendo inferências, a partir dos papéis que o vemos desempenhar, e – propositalmente ou não – estamos rotulando esta pessoa, ignorando o que escondem estes papéis.

Sabemos que, quanto maiores forem os rótulos e as etiquetas, mais a substância estará encoberta, e menos se poderá enxergar o conteúdo.

Papéis podem, então, se reduzir a simples rótulos ao serem adotados como formas de definição. Exemplo disso é o papel de mãe quando usado para definir a condição feminina. Em muitos casos, esta utilização é uma tentativa de dar conta da inconsistência da feminilidade, oculta por detrás de “pedaços de papel”.

Lembremos que a palavra “rolo” é sinônima, também, de embrulho, pacote que envolvem e escondem um objeto. E a sabedoria popular criou a gíria “enrolar” ou “embrulhar” para se referir ao logro, ao engano, à tapeação.

Não foi por acaso que se tomou emprestado, do teatro, a palavra “papel”. O termo é empregado como metáfora, pois significa que o indivíduo – ator social – deve se engajar totalmente no papel que assume, como se exige ao ator teatral que ele pareça o mais possível com o personagem que está representando.

A influência do teatro na concepção de comportamento de papel é tão antiga que os Estóicos já consideravam o mundo um imenso palco onde cada homem desempenhava papéis destinados pelos deuses.

Do significado original, “papel” passou a designar uma função social e o aspecto dinâmico do status. Com esses novos sentidos foi utilizado pelos sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais.

J. L. Moreno, (1889-1974), criador do Psicodrama, considerou-se o responsável pela ampliação do conceito. Tenha sido ou não o pioneiro ao teorizar sobre os papéis², foi ele quem insistiu em apelar para as às contribuições oferecidas pelo teatro em suas pesquisas sobre a dinâmica comportamental. Descobrimo as conseqüências terapêuticas da dramatização, recorreu a elas para trabalhar com pacientes, grupos, em psicoterapia ou treinamento.

Embora sejam inúmeras as definições do conceito de ‘papel’, as diversas abordagens teóricas que os sustentam expressam pontos em comum quanto à ênfase dada à interação, às expectativas, aos determinantes sociais.

Estudando exaustivamente o assunto, Rocheblave-Spenlé propôs uma definição abrangente: “Modelo organizado de condutas relativo a uma certa posição do indivíduo num conjunto interacional”³.

Mezher realçou as formas de ações determinadas pelo sistema social e peculiares a cada cultura. Privilegiou, igualmente, a experiência interpessoal.

Conjugou, então, a interação entre os seres humanos, as condutas e a subordinação ao modelo prescrito pela sociedade para definir papel: *“Um específico conjunto de atos segundo modelo prescrito por uma determinada sociedade na interação entre seres humanos”*⁴.

Apesar de seu caráter de totalidade, na medida em que é capaz de englobar padrões comportamentais em uma organização social, o papel se desdobra em vários. Esses desdobramentos podem, contudo, ser sintetizados em dois grandes grupos: papéis pessoais e papéis sociais, tendo estes últimos várias subdivisões.

Entre os principais papéis sociais, destacam-se os **papéis de sexo, ou de gênero**, cujas expectativas de conduta norteiam os comportamentos masculinos e femininos; os **papéis sexuais**, através dos quais a sexualidade é exercida; os **papéis de família**, – que consistem nos comportamentos desempenhados por pais, filhos, etc. –; os **papéis de idade** – relativos aos comportamentos esperados ou exigidos a uma geração em determinada fase do seu desenvolvimento: criança, adolescente, adulto, idoso. Na categoria de papéis sociais também se enquadram os **papéis profissionais**, os de **classe social**, etc. Definidos como “unidades culturais de conduta”, os papéis sociais se referem a uma função e ao conjunto de expectativas reguladores dessa função. Resultam da interação entre fatores externos e internos: cognições, necessidades, atitudes, respostas interpessoais. Os papéis sociais são, portanto, indissociáveis dos elementos individuais e coletivos.

Se quisermos estudar o indivíduo, de uma forma abrangente, devemos conhecer os papéis exigidos por sua cultura.

Vejamos porque:

Todas as sociedades determinam os papéis que devem ser adotados por seus membros, com o objetivo de ser perpetuada.

A vida em grupo exige adaptação às normas de convivência que impõem maneiras de agir específicas. As expectativas de conduta, por sua vez, condicionam comportamentos padrões, ou seja, papéis fixos e estereotipados. O modo concreto de aceitá-los se expressa na adoção dos papéis que, tal qual os *scripts* de uma peça, devem ser decorados.

O Estado, enquanto representante da estrutura econômica de uma sociedade, legisla funções sociais. Torna-se, pois, responsável pela formulação dos papéis sociais englobados sob o nome de ‘Ideologia’⁵.

Ao adotar os padrões comportamentais impostos, sem questioná-los, acreditando que *“as coisas sempre foram assim, devem continuar sendo assim”*, o

indivíduo se transforma em papel, ou seja, perde suas características pessoais, reduz-se a um mero intérprete de um texto decorado.

Os *scripts* variam de cultura para cultura, de povo para povo, mas as relações estereotipadas seguem um modelo de conduta que cada sociedade considera necessária para sua manutenção.

Assumindo papéis, de cuja criação não participou, o indivíduo mascara seu desejo, bloqueia sua criatividade, reifica suas relações. Ao invés de ser autor dos seus papéis, torna-se ator, mero repetidor, possibilitando, assim, que as *conservas culturais* continuem presentes geração após geração.

“Conserva cultural” é um termo criado por Moreno para nomear a reprodução repetitiva dos valores e expectativas sociais. Segundo o criador do Psicodrama, a transformação dos papéis estereotipados é viabilizada pela recuperação da “Espontaneidade-criadora”. Esta é uma outra expressão, também inventada por Moreno, que significa a emergência do Novo, do potencial criativo inerente ao ser humano, que propicia formas novas de relacionamento e de atuação. Moreno acreditava que a Espontaneidade, bloqueada pelos papéis cristalizados, pode ser resgatada através de técnicas psicodramáticas que possibilitam a exploração e experimentação das mudanças desejadas. Apostando na possibilidade de reformulação dos papéis, desenvolveu uma teoria e prática visando esta transformação: o Psicodrama.

Embora sejam, às vezes, impostos de tal forma que anulem um desempenho original, os papéis sociais permitem a expressão de características pessoais. A possibilidade de diversas leituras de um mesmo *script* também favorece as diversas formas de interpretá-lo.

Para nos referirmos à atitude específica de um indivíduo no exercício de um papel social, podemos falar em ‘papéis pessoais’. Estes não se manifestam tão explicitamente como os papéis sociais, mas podem influir na escolha ou rejeição dos mesmos e na qualidade do seu desempenho. Correspondem ao que a linguagem psicológica nomeia “traços de personalidade”.

Aonde estaria, então, a diferença entre Personalidade e Papel?

Esta questão é uma das mais complexas da Teoria dos Papéis.

Alguns autores consideram a personalidade uma essência única e original do indivíduo e, portanto, distinta do papel. Outros defendem justamente o contrário: a personalidade, enquanto máscara, se reduz aos papéis. Tal posição teórica pode ser resumida na afirmação: “*Nós somos nossos papéis*”. É chamada de “shakespeariana” pois se baseia na afirmação do dramaturgo inglês de que o mundo é um palco onde o homem é um ator.

Uma terceira posição sintetiza as duas primeiras. Aquilo que se costuma chamar de 'personalidade' seria produto dos papéis sociais. Entretanto, na medida em que estes podem ser criados, reformulados, reescritos, o indivíduo ultrapassa sua condição de ator e torna-se autor.

Tanto a concepção moreniana, como a shakespeariana consideram o 'eu' produto dos papéis. Para Moreno, o 'eu' é um "construto misterioso" inferido e construído através dos papéis aprendidos e interiorizados desde o nascimento.

Entrelaçados aos papéis pessoais, estão os papéis imaginários. (neste contexto, imaginário se refere à imaginação). São fantasias, devaneios, brincadeiras, faz-de-conta. Através deles são ensaiados alguns papéis sociais e pessoais.

Esse faz-de-conta pode se prolongar durante toda a vida, não apenas nos devaneios, mas nas diversas situações em que precisamos colocar máscaras para estabelecermos interações. Máscaras de tristeza, alegria, altruísmo, bondade, afeto, etc etc.

O desempenho dos papéis sociais pressupõe que, ao "representá-los", segundo as expectativas e exigências sociais, os papéis pessoais podem ser ocultados.

Há, por exemplo, quem mascare sua insegurança adotando o papel de autoritário. Atitudes de distância ou frieza, para com os outros, às vezes, escondem a afetividade.

Estes papéis não seriam expressos por falta de aprendizagem, treinamento, encorajamento, etc.

Em outras palavras poder-se-ia dizer que a pessoa está cindida entre aquilo que ela é e aquilo que ela aparenta ser. Ou mesmo entre o que é e o que gostaria de ser. Em determinadas situações se apresenta/representa nas formas que gostaria de ser, ocultando o que é.

Na concepção do teatrólogo russo Stanislavski, o ator deve assumir o papel, de tal forma, que se transforme no personagem que está representando. Esta confusão entre ator e personagem, ou seja, esta alienação ao personagem, pode ter conseqüências trágicas. São inúmeros os casos de profissionais do teatro e cinema que se identificaram aos personagens que os consagraram e tiveram dificuldades de se libertar deles.

Brecht propõe exatamente o contrário, ou seja, um distanciamento do papel para impedir a alienação neste. O indivíduo conservaria, então, os comportamentos que o diferenciam das obrigações impostas pelo papel.

Na vida fora dos palcos, porém, nem sempre é possível este distanciamento.

A representação de um determinado papel deixa, às vezes, de ser uma mera representação. A pessoa assume, um personagem, tal qual um ator, e então assume um outro de si mesmo, ou toma por modelo outra pessoa, por motivações próprias ou pressões alheias.

Observações corriqueiras e a experiência clínica do Psicodrama demonstram que, ao assumir as máscaras, ao representar – no sentido teatral da palavra – ao fazer-de-conta, os papéis são incorporados, como se aderissem, colassem à pessoa, tornando-se parte dela própria.

O papel, antes “teatral”, sai do âmbito do fingimento e torna-se um **papel pessoal**. O personagem se incorpora ao ator.

Alguém, que se sinta triste, e demonstre alegria, numa festa por exemplo, poderá, no final da noite, ter esquecido o motivo da tristeza e não representar mais: ficar realmente alegre. Alguém que representa o papel de competente, em várias situações, poderá sentir-se como tal, ao fim de algum tempo. De tanto representar, acaba treinando o comportamento desejado e o adquire

Essas possibilidades, se levadas ao extremo, culminariam, no que se costuma considerar uma dissociação do eu. Quem assistiu ao filme “Zelig”, lembrará do homem que transitava, de um papel para outro, com a maior facilidade a tal ponto, que perdeu sua identidade. Este personagem, criado por Woody Allen, assemelha-se ao camaleão da piada que, ao ser colocado numa colcha xadrez, explodiu. O ser e o parecer se fundem e se confundem, portanto, nos *diversos papéis desempenhados*.

Esta idéia aproxima-se da concepção nietzschiana de que a profundidade se esconde na superfície, e que não existe uma essência por detrás da aparência.

Segundo a Teoria dos Papéis, o indivíduo aprende e interioriza, no curso de seu desenvolvimento, os papéis determinados pela sociedade, a partir do aperfeiçoamento da percepção e mecanismos de aprendizagem – tais como a imitação, a identificação (vide Quadro I) e a projeção com as figuras mais próximas. Os pais, enquanto primeiros agentes de socialização, transmitem as regras, normas, crenças, e valores, – cujo conjunto também é chamado de ideologia – que norteiam os papéis sociais e pessoais.

No final da infância, alguns papéis precariamente desenvolvidos são sedimentados, enquanto que outros são descartados.

As mudanças ocorridas com o advento da puberdade – manifestas no corpo, no pensamento, nas interações sociais e na representação de si – correm paralelas à aquisição de novos papéis. Alguns deles se entrecruzam, outros se chocam. Alguns se solidificam, outros se esfumam.

As transformações puberais determinam, portanto, perda e aquisição de alguns papéis que expressam e respondem aos apelos corporais e são chamados psicossomáticos⁶. Estes repercutem direta ou indiretamente no exercício dos papéis sociais e pessoais, uma vez que o surgimento de caracteres sexuais secundários origina uma nova consciência corporal e novas demandas.

Namorar, 'ficar', paquerar, alguns dos pré-exercícios dos papéis sexuais são, em alguns países, quase institucionalizados. Ao mesmo tempo, os papéis de sexo, ou de gênero, se consolidam e as possibilidades do seu desempenho se ampliam.

Os papéis de família sofrem reformulação à medida em que há um afrouxamento da tutela parental e um progressivo deslocamento das identificações para o grupo-de-pares.

A saída da infância obriga o indivíduo a assumir papéis de adulto, útil à sociedade. Entre estes se destacam os papéis profissionais que permitem o acesso a outros estatutos: cidadão, trabalhador, chefe de família, etc.

Reconstruídos mediante destruição e construção de identificações, os papéis imaginários, por sua vez, ajudam o adolescente a experimentar ou conviver com diversos personagens – fictícios ou não – através dos quais elege características que poderão inspirar, reformular e enriquecer seus papéis pessoais. Da combinação de cópias de modelos reais ou imaginários, *scripts* antigos jamais apagados, surgem as singularidades que não podem ser desprezadas no estudo da adolescência.

Embora o indivíduo seja condicionado a assumir os papéis de forma mais ou menos fiel aos modelos – geralmente padronizados – ele tem condições de não sujeitar-se a estes.

As conservas culturais, transmitidas de geração em geração e mantidas pelas pressões e exigências sociais, tendem a determinar os papéis caracterizados pela rigidez e automatismo, dificultando a flexibilidade de conduta. Daí a necessidade de recriá-los.

Esta recriação, no entanto, só é possível a partir de uma tomada de consciência de como o papel é produzido e no interesse de quem ele está sendo desempenhado.

A noção de papel não é suficiente para explicar a problemática adolescente. Permite, porém, abordá-la em termos fenomenológicos mediante identificação e análise das manifestações comportamentais dos jovens em sua relação com o discurso social.

QUADRO I

O conceito de identificação foi inspirado em Freud que, em 1921, escreveu: *uma pessoa se identifica com outra quando adquire suas características a partir de admiração, desejo de copiá-la ou quando encontra nela aspectos semelhantes a si própria*⁷.

A identificação é, para a psicanálise, uma transformação realizada entre duas instâncias inconscientes: o **eu** e a representação do objeto.

Mas enquanto a identificação freudiana está pautada na sua concepção de inconsciente, em termos psicossociais ela pode ser resumida como o meio pelo qual uma pessoa adota os valores, crenças e ações de outra pessoa. Este processo engloba o mecanismo de imitação – copiar o papel de outrem; e a introjeção – incorporar os papéis de outrem e desempenhá-los como se estivesse em sua pele.

A indistinção entre o eu e o outro, propiciada pela identificação, pode conduzir a um estado de alienação⁸, na medida em que houver renúncia das características pessoais. Em linguagem psicodramática, poderíamos dizer que o indivíduo regride à fase de indiferenciação entre o eu e o outro, quando experienciava uma relação simbiótica com a figura materna. Estava despossuído de si, submisso a um discurso que não era o dele⁹.

Por isso a recusa à cópia, ou repetição decorada dos papéis, implica em sua subversão e culmina na autoria que empresta um nome próprio ao indivíduo.

Notas

¹ In Shakespeare, W. “O Mercador de Veneza”.

² O sociólogo Gordon Mead também reivindicou a paternidade do conceito de papel social.

³ In Rocheblave-Spenlé, A. M., “La Notion de Rôle en Psychologie Sociale”, 1969.

⁴ Mehzer, A. “Um Questionamento acerca da Validade do Conceito de Papel Psicossomático”, 1980. In Revista da FEBRAP, ano 3º, 1221-223.

⁵ In Naffah Neto, A. “Psicodrama, Descolonizando o Imaginário”, 1979.

⁶ Os papéis psicossomáticos são aqueles que se realizam em zonas do corpo (boca, olhos, nariz, ouvidos, etc) e constituem as primeiras formas de aprendizagem que formam o arcabouço da identidade corporal.

⁷ In Freud, S. “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, 1921, p. 134.

⁸ Tomamos a definição de Grotius de ‘alienação de si’: “a transferência para outra pessoa da autoridade soberana do homem sobre si mesmo”. In: “Dicionário do Pensamento Marxista”, 1988.

⁹ In Naffah Neto, A., op. cit., 1979.

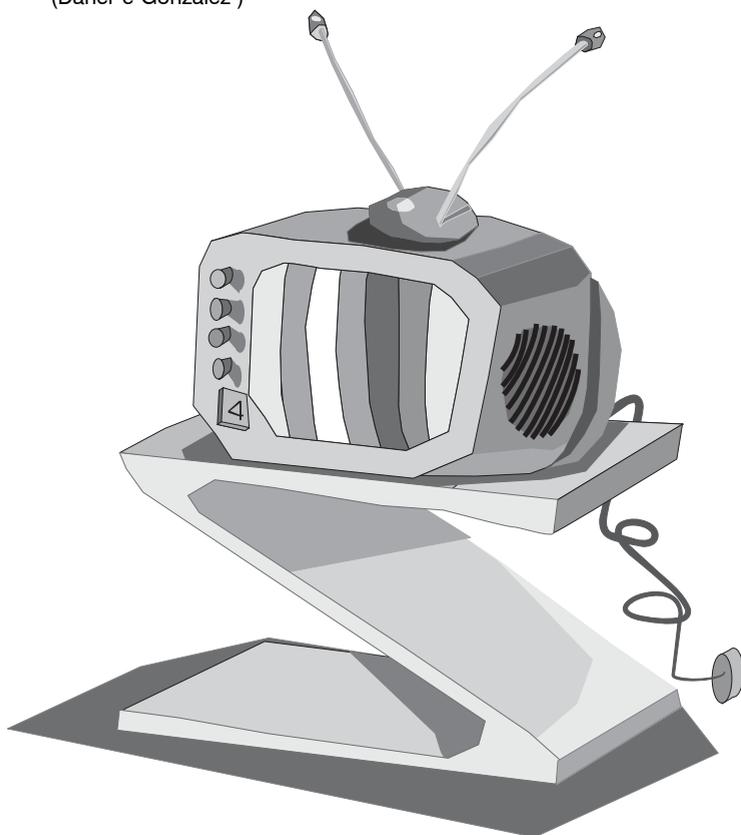
Crise da adolescência: verdade ou mito?

[...] Não me venham dizer que é a mais bela idade da vida.
Tudo ameaça o jovem de destruição: o amor, as idéias,
o afastamento da família, o ingresso no meio dos adultos.
Custa-lhes aprender o seu lugar no mundo.

(Paul Nizan¹)

*Cremos que é típico do adolescente em
todas as épocas – devido à fase de
transição que atravessa – a dúvida, a ambivalência,
a rebelião, suas crises ideológicas e religiosas, etc.,
como também é típico do momento social uma crise ética
de todas as ordens, coincidente com sua crise existencial.*

(Daher e Gonzalez²)



O esforço gasto pelo adolescente para abandonar o mundo afetivo, cultural, ideológico, limitado pelas suas relações com os pais, implica um processo de perdas, lutos, buscas, e se torna uma crise, na medida em que for rompido um equilíbrio preexistente.

O conceito de crise define, em linhas gerais, uma perturbação passageira, um momento crítico no desenvolvimento do indivíduo que, diante das situações novas, presentes em cada etapa da vida, experimenta dificuldades em enfrentá-las.

Em termos psicossociais, a crise da adolescência tem sido considerada um fenômeno de ordem psíquica, indissociável dos fatores sociais, e se manifestando – ou não – em diferentes graus de intensidade segundo as variações culturais e temporais.

Os aspectos de ordem psicológica podem ser relacionados ao luto, vivenciado pelos recém-saídos da infância, que requer tempo para ser elaborado e causa sofrimento. Luto em abrir mão do “colo”, da proteção dos adultos, de um corpo sem exigências, dos brinquedos prediletos, da falta de necessidade em tomar decisões.

O luto também pode ser experimentado pelos pais em relação ao filho(a) que se transforma, que já não pede, mas cobra, que solta a mão e se expõe aos riscos da vida. Luto pela sua própria juventude que parece ter sido roubada por aqueles que geraram. Suas vontades não são mais leis, seus mandamentos são questionados, seus conselhos são desprezados, seus exemplos são substituídos por outros exemplos.

Por serem mútuas, as perdas podem se tornar desencadeadoras de um confronto entre as gerações.

Prevaleceu na literatura sobre a Psicologia da Adolescência, durante muito tempo, a concepção de crise como algo inevitável, como uma *síndrome normal* do desenvolvimento inspirada no modelo médico que norteou inúmeras

Se definirmos a adolescência como um período de transição obviamente devemos considerar o desajustamento como inevitável. Havendo desajuste, existem os sintomas. Os mais freqüentes são encontrados nas queixas dos adultos: rebeldia, contestação, crítica, dificuldades em avaliar o que é bom, rejeição ao estudo, isolamento ou descontrole afetivo, dificuldades em assumir uma identidade sexual, conduta promíscua etc.

(Luis Córdoba, *Psicanalista*³)

ros psicólogos e psicanalistas. Nesta perspectiva, a crise é considerada necessária para a construção da identidade adulta e de um projeto de vida (vide quadro I).

Baseados nos princípios norteadores da Teoria dos Papéis, diversos autores⁴ consideram os conflitos da adolescência derivados da falta de definição do estatuto específico dessa categoria de idade. Articulando a crise ao conflito de papéis, (vide quadro II) apontam as contradições entre o papel de criança, ainda não de todo perdido, e o de adulto, não de todo acessível. As indefinições colocam o jovem numa situação análoga à do “homem marginal”. Ele deixa a infância sem atingir a idade adulta, ficando à margem da sociedade, dividido entre o desejo de ser independente e o de continuar protegido. A sexualidade adulta, para a qual está preparado biologicamente, lhe é dificultada pois não existe um modelo bem definido que permita integrá-la em uma forma socialmente aprovada. O período escolar, que o prepara para uma profissão, é bastante longo o que faz adiar sua emancipação aos pais e uma vida sexual sem interdições. A mobilidade socioeconômica abre um grande leque de escolhas profissionais, mas o atira na competição.

Identidade e crise

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo
Quero dizer agora o oposto do que
eu disse antes
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje sou estrela, amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror.
(Raul Seixas⁵)*

Ser ou não ser tornou-se, portanto, uma questão crucial para os adolescentes contemporâneos espartilhados entre valores contraditórios e papéis incompatíveis.

Através de preferências musicais, diversões, namoros, amizades, etc., eles procuram se definir. Buscam nas letras de canções a

expressão dos sentimentos; nas marcas de roupas o estilo; constróem um corpo padronizado nas academias e o experenciam nos relacionamentos amorosos. Dependem do grupo ou de um amigo que lhe emprestam a sensação de unidade. Oscilam entre o idealismo e o apelo do consumo no momento de escolha profissional. E se contradizem e, a cada frase, se reformulam.

Há um consenso de que a adolescência é marcada por uma modificação significativa da representação de si. Em outras palavras, o conjunto de crenças, sentimentos e projetos de uma pessoa sofre transformações quando termina a infância.

Embora defendendo concepções teóricas diferentes, os autores que se dedicaram ao estudo da identidade reconheceram ocorrências marcantes no período da puberdade que influenciam as diversas formas de resposta à pergunta: *quem sou eu?*⁶

“*Não sou mais criança e ainda não sou adulto*” é a tradicional afirmação que já estereotipou a definição de adolescência.

Num período em que o corpo e a capacidade intelectual passam por alterações radicais, o reconhecimento de si próprio se apresenta como um desafio, devido não apenas às transformações fisiológicas e às novas exigências do grupo social, mas também à construção de novas identificações.

São estas que forjam o que se costuma chamar de Identidade (vide Quadro IV).

A crise de identidade, que aparece mais acentuada durante a adolescência, diz respeito às transformações súbitas e à competição de papéis antagônicos.

A substituição das identificações, por sua vez, também propicia reformulação da identidade.

O processo de descartar velhos papéis e adquirir novos, exacerbado na adolescência, nada mais é do que uma maneira de falar em descartar velhas identificações e colocar outras em seu lugar.

Como já foi sinalizado em outro momento deste trabalho, tomar um papel e desempenhá-lo, tal qual faz um ator em uma peça, é se comportar como o personagem assumido. A tal ponto que se acaba incorporando o personagem e dele não se consegue libertar com facilidade. Na vida fora dos palcos isso ocorre de formas mais sutis. Foram ilustradas também as freqüentes mudanças dos papéis pessoais, a partir da mudança dos papéis sociais – indivíduos que repetem tanto um determinado papel, por pressões, exigências, desejo de se apresentar “daquele jeito”, – que, ao fim de algum tempo não mais representam. Incorporam as características tomadas de empréstimo e tornam-se iguais ao modelo, seguindo à risca o *script* decorado e alienando-se nele.

Os adolescentes parecem mais vulneráveis às influências externas. Justamente porque estão ‘mudando as penas’, jogando fora identificações que, assim como roupas que não cabem mais, precisam ser renovadas. Para cobrir a sensação de nudez que provoca o “*não sei quem eu sou*”, apelam para outras “vestimentas”. Amigos admirados, ídolos cultuados, ou até mesmo personagens da literatura, cinema, televisão, são freqüentemente copiados. Nem sempre se dão conta de que estão imitando. O desejo de ser original compete com o desejo de não ser diferente. Se alguém sinalizar as influências a que estão submetidos, provavelmente os ofenderão.

É possível constatar que os ídolos, dos anos 50 aos dias atuais, mudaram em seus discursos, trajes, penteados. Mas é inegável que eles têm algo em comum: são fabricados pela mídia, apresentam propostas ousadas, dizem o que os jovens desejam ouvir, criam o que eles gostariam de ter criado. Servem, além do mais, de elo entre os adolescentes, dando a confortável impressão de que eles não estão tão sós, tão ‘órfãos’, tão incom-preendidos.

Com a ruptura do vínculo que os unia à família e que provoca, em geral, a sensação de solidão, há uma perda das referências. Assim como os fã-clubes, as diversas tribos constituídas a partir de uma identificação comum, permitem amenizar o luto ou preencher espaços vazios.

A identificação é, portanto, um recurso capaz de tapar um buraco aberto, revelado pela retirada dos rótulos nomeadores de um enigmático conteúdo.

Quem sou eu? é a pergunta-chave.

Para respondê-la, os adolescentes ensaiam os diversos papéis sociais até encontrarem aqueles que os façam sentir-se mais confortáveis. Ou então procuram escrevê-los de forma mais original. Nessa tentativa se esforçam para escapar das pressões sociais – muitas vezes personalizadas pelos pais – que o empurram para o lugar-comum.

Nem todos vivenciam a crise

A necessidade de descartar os papéis da infância, tais como irresponsabilidade, submissão, assim como a proibição do desempenho de papéis sexuais, não ocorre, como já sinalizamos, em certas culturas. E naquelas onde a aprendizagem dos comportamentos adultos se processa de forma descontínua, ou seja, onde existe ruptura dos papéis de idade, as cerimônias de puberdade auxiliam a transição (vide quatro IV).

Seguindo este raciocínio, a quebra abrupta dos papéis de criança, sem rituais de passagem ou treinamento para os papéis de adulto, poderia explicar algumas dificuldades enfrentadas pelos adolescentes ocidentais.

A verificação da ausência de manifestação de conflitos, estado de luto, ou outros problemas desencadeados pela puberdade, em jovens das populações de baixa renda, parece confirmar a correlação entre as discontinuidades da aprendizagem de papéis e a crise da adolescência. Esta *“seria um luxo a que se podem dar apenas alguns jovens burgueses”*⁷

Por um lado, esta afirmação sugere a independência entre manifestações rebeldes e condições econômicas precárias. Por outro lado, insinua uma popularizada concepção: os conflitos existenciais só surgem quando as necessidades básicas são satisfeitas. Esta idéia é desmentida por alguns estudos sobre as manifestações de revolta entre jovens operários⁸, interpretadas como um confronto entre gerações. Suas causas estariam além das motivações reivindicatórias que serviriam apenas para dar formas aos conflitos com a autoridade, um dos sintomas da crise adolescente.

Os indícios que sustentam os pontos de divergências citados, ilustram a impossibilidade de generalizações, e chamam a atenção para a variedade de interpretações de um mesmo fenômeno.

Crise da adolescência e crise juvenil

A distinção entre crise da adolescência e crise juvenil, feita por alguns autores⁹, permite abordar os problemas pessoais e os grupais em suas especificidades e interações.

A expressão ‘crise da adolescência’ é por eles utilizada para se referir aos conflitos individuais. Embora particulares, estes têm características de universalidade, uma vez que as transformações puberais, responsáveis pela saída da infância, são vivenciadas por todos os adolescentes. As maneiras pelas quais cada um deles enfrenta e revela as conseqüências destas transformações estão sujeitas a variações da história pessoal e social, sendo passíveis – ou não – de observação.

Freqüentemente a crise se traduz no confronto com os adultos, representados pelos pais ou professores. Em geral, estes complementam os papéis de rebeldia, exercendo papéis de autoridade. Complementação que, evidentemente, resulta num círculo vicioso, só rompido com a mudança de tais papéis.

A 'crise juvenil' geralmente se manifesta a nível do grupo, e se traduz nos movimentos jovens. Suas motivações variam, e variam seus roteiros. As atitudes contestatórias, que os caracterizam, seriam conseqüência da 'crise da adolescência', que é considerada um "pretexto" para os atos rebeldes.

Segundo esta perspectiva, a crise da adolescência estaria, então, na origem da formação dos movimentos político-estudantis, contraculturais, delinqüentes e marginais. Quando estes são pautados na crise mundial, nacional ou local, justificam o estudo da rebeldia em sua relação aos impasses das sociedades modernas.

Crise e crises

Podemos também pensar que a crise nem sempre se revela em atitudes dramáticas. Não devemos ignorar suas expressões silenciosas, não observáveis, ou até mesmo viradas pelo avesso. Não estamos nos referindo apenas aos deslocamentos, aos sintomas psicossomáticos, aos mecanismos de defesa tão valorizados por Anna Freud e seguidores, que podem disfarçar ou ocultá-la.

Estamos sinalizando as atividades criadoras, através das quais é possível romper com o tradicional e o estabelecido.

Se limitarmos a idéia de crise a determinados comportamentos, corremos o risco de não enxergar novas formas de simbolização do impacto provocado pela puberdade. Se, em certas épocas este impacto se expressava através da rebeldia – com ou sem causa –, ou confronto de gerações, na época atual pode estar disfarçado sob outras roupagens. Por isso não se deve tomar ao pé da letra a afirmação de que em algumas sociedades, ou em alguns segmentos sociais, não existe crise da adolescência. Não podemos limitar nossa leitura aos sinais tradicionalmente definidos como críticos.

A expressão 'crise' não traduz apenas problemas e angústias. Freqüentemente esquecemos que crise é ruptura e, desta, advém um novo ser.

Se admitirmos que toda transição implica falecer e renascer, destruir e construir, a concepção de adolescência torna-se inseparável da concepção de revolução. Não é por acaso que alguns rituais de passagem dramatizem a morte das crianças ao entrarem na puberdade, e a sua ressurreição, depois de um tempo de reclusão, quando são condicionadas a se submeter à autoridade e a se enquadrar às normas da comunidade.

Embora não disponhamos destes ritos, podemos identificar alguns dispositivos que neutralizam os componentes revolucionários: estímulo ao consumo, boicote à criatividade, supervalorização da sexualidade, generalizações da corrupção política, etc.

Os processos subvertedores são desativados por uma série destes mecanismos, sutis estratégias destinadas a desviar os impulsos transformadores dos jovens que, à semelhança dos artistas e dos loucos, ameaçam o equilíbrio da sociedade. O poder das forças alternativas se espalha, se dispersa por toda a estrutura social, indo além das instituições repressivas – como a Polícia – e atinge instituições como a Família e a Educação. Através destas, são reproduzidos determinados estilos de comportamentos e os papéis necessários para que a ordem seja mantida para todo o sempre. E assim é assimilado o discurso ideológico “*As coisas sempre foram desse jeito e desse jeito devem continuar...*” Embora se caracterize pelo dinamismo e permanente mutação, a realidade acaba sendo percebida como coagulada e estática.

Não é mera coincidência que, em sua inquietação e busca de fórmulas novas, muitos adolescentes tenham sido cooptados pelo sistema como importante contingente consumidor. As mil e uma opções de felicidade, oferecidas pelo consumo, ampliaram as motivações da juventude e, preenchendo ilusoriamente espaços vazios, com uma variedade infinita de objetos e diversões, parecem amenizar as dificuldades provocadas pelas transformações puberais e exigências sociais.

E um novo rótulo substituiu antigos apelidos. A “Geração Perdida” dos anos 20, a “Juventude Transviada” dos anos 50, e o “Poder Jovem” dos anos 60, deram lugar à “Geração Shopping”.

QUADRO I

A CRISE ATRAVÉS DOS TEMPOS

Nós nascemos, por assim dizer, duas vezes: uma para existir e a outra para viver: uma para a espécie, outra para o sexo. (...) Como o rumor do mar prenuncia a tempestade, esta tempestuosa evolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes: uma fermentação surda que adverte a aproximação do perigo.

(J. J. Rousseau)¹⁰

A idéia de *crise puberal* foi, pela primeira vez, enunciada por Rousseau. Em meados do século XVIII, o filósofo francês havia definido a adolescência como

uma ruptura, uma “*idade crítica*” e, conseqüentemente, um perigo para a sociedade. Daí a necessidade de amortizá-la e prolongar o seu tempo exigindo uma atenção sem relaxamento: “*Eis porque eu insisto sobre a arte de seu prolongamento*”.

Para diluir a crise puberal e o acesso à “idade da razão”, Rousseau sugeriu que os educadores estimulassem as amizades, o altruísmo, o estudo de história, a bondade com os animais e o amor a Deus.

A noção de “*momento crítico*” foi defendida durante todo o século XIX, especialmente pelos médicos que escreveram teses sobre a puberdade, indicando remédios a serem administrados. O adolescente era encarado como um perigo para a sociedade, um doente em potencial, com patologia própria.

A sexualidade dos adolescentes, considerada o principal fator responsável pela violência, brutalidade e sadismo com pessoas e animais, estimulou pedagogias particulares, um controle, uma supervisão.

Para os jovens das camadas populares, que entravam muito cedo na vida ativa, a aprendizagem dos ofícios foi a solução encontrada. Considerava-se perfeitamente normal usar a força e pancadas para a obtenção dos fins desejados.

Compartilharam da desconfiança nos adolescentes vários escritores. Entre eles, Lombroso que no fim do século XIX, escreveu: “*quando se vê dois jovens juntos, é preciso desconfiar, provavelmente eles fazem algo mau*”. Daí a tendência à definição do adolescente criminoso, que inspirou um certo Duprat em 1909, a publicar “A Criminalidade na Adolescência, causas, remédios de um mal social atual”.

A estes fatos, podem ser acrescentados outros, de ordem política. No século XIX, as análises do passado eram feitas pautadas nos acontecimentos revolucionários. Embora a rebelião juvenil geralmente se traduzisse em choques com a família, as gerações mais velhas temiam os jovens, pois eles estiveram sempre na primeira fila das barricadas. É possível inferir que algumas atitudes pedagógicas refletiam a preocupação em “enquadrar” e coibir a expressão autônoma. Tornou-se, então, necessário considerar a adolescência uma fase passageira, que cessaria após algum tempo, e passageiros seu discurso e sua ação contestadora.

Ainda nesse século, os românticos alemães fizeram do tumulto psicológico, vivenciado pela juventude, o modelo do destino trágico do homem, marcado pelo antagonismo entre os desejos individuais e as exigências da sociedade. Goethe, ao escrever “*Werther*”, e Thomas Mann ao criar o personagem “*Tonio Kröger*”, ilustraram a tendência da época.

A concepção de um período caracterizado por tensões internas, instabilidade e conflitos foi retomada neste século por Stanley Hall, o pioneiro no estudo sistemático da Adolescência. Para este, a expressão “**tempestade e tensão**”, inspirada nos românticos alemães, descrevia a experiência do adolescente esquartejado entre os impulsos instintivos e as convenções sociais.

QUADRO II

A FUNÇÃO DOS RITOS DA PUBERDADE

A antropóloga Ruth Benedict ofereceu uma maneira teórica de relacionar o sistema de vida de uma determinada sociedade ao crescimento e desenvolvimento da personalidade individual. Assinalou que, além das **continuidades** de treinamento (modos como as crianças são condicionadas, de maneira que seu comportamento ulterior não esteja em desacordo com o que se espera delas), há também certas **descontinuidades** no condicionamento cultural das crianças (aquilo que é ensinado na infância deve ser desaprendido posteriormente). Considerou o crescimento como um processo natural e contínuo, interpretando o *sturm und drang*¹¹ da adolescência, menos como resultados das mudanças fisiológicas, do que das descontinuidades no treinamento das crianças.

Em algumas sociedades, ditas primitivas, onde o processo de aprendizagem de papéis ocorre de forma descontínua, a passagem da infância para a idade adulta é acompanhada de rituais. Sua função seria preparar a mudança, instaurando um período de margem, caracterizado pela suspensão das regras comuns de vida.

Os ritos de iniciação – ou ritos de puberdade – variam das provas dolorosas, tais como mutilações, à imposição de um período de marginalização. Neste último caso, exige-se uma reclusão em um espaço que pouco ou nada tem a ver com o contexto infantil nem com a sociedade dos adultos, durante um tempo no qual as crianças se sujeitam a restrições, treinamentos dos novos papéis. Esse período ressalta a transição que sofrem até que sejam ‘aprovados’ para pertencer à comunidade adulta. Estão em trânsito e, como tal, na expectativa de vir-a-ser.

Várias têm sido as interpretações da função das cerimônias de iniciação. Alguns autores defendem que o isolamento das mulheres ou a severidade dos rituais baseia-se na necessidade de superar os resultados da excessiva dependência afetiva à mãe, aliada à permissividade paterna, durante a infância e, também, de ajudar o iniciado a identificar-se com o papel de sexo. Outros argumentam que as provas dolorosas preveniriam uma revolta contra a autoridade adulta, ameaçadora à sociedade, constituindo, assim, um procedimento eficaz para impedir manifestações perigosas de ciúmes e incesto¹².

Por outro lado, existem ritos de puberdade feminina que, embora severos, não incluem operações dolorosas nem tratamentos desagradáveis. Frequentemente giram em torno da menarca e incluem treinamento na limpeza do corpo e preparação para o namoro ou casamento. São mais freqüentes nas sociedades em que as mulheres executam grande parte da atividade de subsistência do grupo.

Os ritos de iniciação têm sido também considerados como meros facilitadores da estabilização do papel sexual do adolescente¹³ ou de treinamento ao seu ingresso na sociedade adulta com as concomitantes responsabilidades que ela exige. Uma interpretação alternativa é baseada em estudos transculturais de várias sociedades¹⁴. Os ritos de puberdade funcionariam como um meio de perpetuar a interdependência dos membros de uma comunidade, reforçando os vínculos sócio-emocionais com o grupo, e eliminando a dependência da família nuclear.

QUADRO III

CONFLITO DE PAPÉIS

Vários autores consideram que a crise da adolescência deriva da falta de definição dos seus papéis¹⁵ e, através da Teorias dos Papéis, procuram explicar alguns problemas específicos desse período de transição.

Há casos em que os status e papéis se misturam causando dificuldades de serem assumidos. O status de aluno e de filho, por exemplo, dificilmente podem ser conciliados, se dirigidos a uma mesma pessoa. Quando um indivíduo ocupa simultaneamente duas posições, cujos papéis são antagônicos, poderá sentir dificuldades em desempenhar adequadamente qualquer um deles. Fica, portanto, mais vulnerável a um 'conflito de papéis'.

Vale ressaltar que o desempenho de muitos papéis enriquece a vida, desde que, como foi frisado, não sejam incompatíveis. Esta incompatibilidade, porém, pode ser percebida de diferentes formas e ser interpretada a depender de cada situação. Um aluno, por exemplo, que acredita que seu papel é apenas estudar, pode considerar incompatível o papel de fazer política estudantil, se não conseguir enxergar a necessidade de articulação desses papéis. Mecanismos de defesa podem ser empregados para a resolução dos conflitos de papel¹⁶.

Outro fator apontado, pelos seguidores da Teoria dos Papéis, como complicador da crise de identidade reside na longa duração deste período de transição¹⁷. Os casamentos em uma idade relativamente tardia, a entrada em uma profissão depois de longos anos de aprendizagem adiam o acesso ao mundo adulto, ampliando as dificuldades enfrentadas pelo adolescente.

QUADRO IV

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Na medida em que é constituída na relação com o outro, e implica metamorfose, processo, ação, devir, a concepção de identidade se aproxima da concepção de papel.

Nessa perspectiva, o 'outro' deve ser compreendido em um duplo significado: o outro semelhante e os vários outros de si mesmo que cada um carrega.

O outro semelhante constitui o eu pois, através dele, são recebidos e aprendidos os papéis que o definem. Como não há papel sem contra-papel, (vide Quadro do capítulo IV) o semelhante é indispensável para o desempenho dos vários papéis de um ator social.

O segundo significado do 'outro' é menos passível de observação. Refere-se àquele que alguém foi ontem, é hoje, será amanhã. As reformulações nos papéis de idade, de família, etc., ocorridas nas várias etapas da vida, provocam no indivíduo a impressão de ser ele alguém diferente da criança que foi um dia, ou daquele que sentiu, reagiu em certas circunstâncias, de maneiras nunca mais repetidas.

Refere-se também aos vários ‘outros de si próprio”, que uma pessoa assume no cotidiano. As diversas situações enfrentadas no dia-a-dia, obrigam o exercício de papéis sociais, nem sempre compatíveis com os pessoais. A oposição entre o outro de nós que diz sim e o outro que quer dizer não; o outro de nós que aplaude e o outro que quer vaiar; o outro de nós que sorri e o outro que quer chorar emprestam a sensação de divisão, favorecendo conflitos de papel e ameaçando o sentimento de identidade.

Embora a identidade não seja algo imutável e definitivo, pois mudamos, perdemos, ganhamos, acrescentamos predicativos incessantemente, essas mudanças não devem impedir a integração das partes individuais na organização de um todo. Senão haveria dispersão, difusão, desintegração. Identidade implica, pois, um efeito de unidade. Uma pessoa pode ser pai, continuando a ser filho do seu pai, professor em uma situação, aluno em outra, sem que isso impeça um sentimento de unidade consigo mesmo. Se o desempenho desses papéis for incompatível, (vide conflito de papéis) poderá ocorrer uma “crise de identidade”.

A necessidade de me demarcar e não me confundir com aqueles que são diferentes do que sou, ou creio ser, conduz às noções de igualdade e diferença, implicadas no conceito de identidade.

Se alguém afirma “sou baiano”, esta afirmação envolve outras pessoas em termos de igualdade: Ele é baiano como todos os baianos. Igualdade que revela uma diferença: Se alguém é baiano não é mineiro, nem paulista. É diferente destes no que diz respeito à sua procedência geográfica. Se alguém diz “sou professor”, se iguala àqueles que exercem o magistério, e se diferencia destes na disciplina ou na instituição que leciona, e até nas diversas formas como desempenha o papel de professor (mais ou menos rígido, mais ou menos diretivo etc.) Revela as particularidades do papel pessoal. Aquilo que se costuma chamar “maneiras de ser” definem seu “estilo”.

Através destes exemplos, podemos observar que o efeito de unidade impede a desintegração do(s) vários(s) outros de um indivíduo, e assegura a singularidade que permite a distinção dos demais.

É preciso ser uno apesar da multiplicidade dos papéis, ou das alternativas que se tem para desempenhar um determinado papel.

Notas

¹ In Nizan, P., *op. cit.*, p. 9.

² In “*La Singularidad de la Adolescencia en la Hora Actual*”. Revista Argentina de Psicología, ano II, no. 9, setembro de 1971.

³ Entrevista concedida à autora e publicada no Jornal da Bahia em 21 de setembro de 1977, no caderno especial comemorativo dos 20 anos do matutino “*É Preciso Conhecer o Adolescente para Ajudá-lo no Mundo Atual*”.

⁴ Entre eles Cottrell, 1942, *apud* Rocheblave-Spenlé, *op. cit.*, 1969.

⁵ Trecho da canção “*Metamorfose Ambulante*”.

⁶ Entre os que desenvolveram trabalhos sobre a identidade, destacaram-se Erik Erikson, Arminda Aberastury, Maurício Knobel, J. Bleger, Leon e Rebeca Grinberg. Vide bibliografia.

⁷ In Lapassade, G. "Os Rebeldes sem Causa". In Brito, S., "Sociologia da Juventude", v. III, p. 116.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*, p. 120.

¹⁰ In Rousseau J. J., IV volume do *Émile*.

¹¹ Palavras alemãs que significam: tempestade e tensão.

¹² In Whiting J. et al. "The Function of Male Cerimonies at Puberty", 1958.

¹³ Young, 1962, apud Mc Kinney, J. P. et al., *op. cit.*

¹⁴ Cohen, 1964, apud Mc Kinney J. P. et al., *ibidem*.

¹⁵ Entre eles Cottrell, 1942, apud Rocheblave-Spenlé, *op. cit.*, 1969.

¹⁶ A expressão, criada por Freud e aprofundada por Anna Freud, se refere a mecanismos utilizados, geralmente inconsciente para evitar ou eliminar a ansiedade proveniente de situações conflituosas. A racionalização, a fuga, a projeção, a formação reativa, o deslocamento, a projeção são alguns exemplos.

¹⁷ In Cline, 1941 apud Rocheblave-Spenlé, *op. cit.*, 1969.

Lar – nem sempre – doce lar

*Minha dor é perceber
que apesar de termos feito tudo,
tudo o que vivemos
Nós ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais [...].
(Antônio Carlos Belchior¹)*



As considerações desenvolvidas no capítulo anterior dão pistas da estreita relação existente entre a crise da adolescência e o confronto de gerações.

A família, como principal agente de socialização, enquanto transmissora dos papéis determinados pelo sistema social, oferece modelos de identificação que vão constituir os papéis pessoais. Estes, por sua vez, sofrem reformulação a partir da rejeição aos primeiros modelos identificatórios que, sendo substituídos por outros, abrem o caminho para a crise de identidade.

É preciso descartar os papéis da infância. Atitudes de responsabilidade, maior independência frente a determinadas situações, são exigidas. Apesar disso, muitos pais continuam tratando os filhos como crianças, tendo dificuldade de cortar os vínculos umbilicais. Não é raro – mesmo sem se darem conta – recusarem a idéia de que envelheceram e de que a juventude agora pertence a outra geração. Encontramos nos depoimentos colhidos, nos diários e cartas de várias épocas, expressões de rebeldia, queixas, censuras às figuras parentais principalmente no que diz respeito às contradições educacionais.

Exemplos desse tipo levaram alguns estudiosos a destacar o conflito de papéis entre as gerações².

Os anos que separam pais e filhos contribuem para produzir diferenças nos seus ritmos fisiológicos, psicossociais e sociológicos.

As sociedades industrializadas, diferenciadas e móveis geram normas, muitas vezes em oposição, que mudam de uma geração à outra. Os pais têm dificuldades em saber que regras seguir, e os jovens ficam confusos. A autoridade paterna não se apóia sobre nenhuma realidade institucional; seu exercício é mal definido, assim como o momento e a forma de descartá-la.

A falta de clareza dos papéis de idade e de sexo, entre outros, constitui fonte de problemas, já esboçados na infância e agravados durante a adolescência. Se os jovens adotarem alguns comportamentos inculcados pelos pais, a estes transmitidos pelos seus próprios pais, correrá o risco de ser considera-

do “careta”. Um comportamento, normal no grupo familiar poderá ser considerado “anormal” pelos companheiros.

Por outro lado, as autoridades educacionais também estão sujeitas a conflitos. Existem professores que transmitem um sistema de valores não correspondente ao dos pais, o que favorece ao adolescente oscilar entre papéis contraditórios e se revoltar contra sua família.

Os conflitos de papéis e de normas são, às vezes, resolvidos por uma espécie de compartimentalização: o comportamento aprendido no lar só se manifesta no grupo familiar, enquanto que uma atitude “moderna” é adotada no círculo dos companheiros. O conflito, porém, se torna agudo quando o indivíduo se encontra em contato simultâneo com os membros de sua família e seus companheiros. Frequentemente o resolve adotando a atitude aprovada pelo grupo de idade. No entanto, os papéis aprendidos na família são tão incorporados que, muitas vezes, quando os comportamentos “liberados” são adotados fora de casa, experimentam culpabilidade e sentimento de traição aos modelos ideais interiorizados³.

Os papéis se entrecrocaram, se sobrepõem, e se modificam.

Por isso o espaço doméstico torna-se frequentemente cenário de conflitos e de crise.

A importância da família nos tempos de transição

A família é a principal responsável pela formação da identidade social e pela vida emocional de seus membros.

No primeiro momento do que se costuma chamar ‘socialização primária’, o mundo é apresentado à criança através das figuras parentais. Num segundo momento, – a ‘socialização secundária’ – os filhos entram em contato com outras instituições e, a partir de então, novas identificações são processadas.

Muitas destas confirmam as primeiras identificações sem comprometê-las e, portanto as consolidam. Outras, porém, são antagônicas favorecendo conflitos.

Os papéis desempenhados pelos pais, especialmente os que se referem à socialização dos filhos, condicionam a manutenção do controle social fora do lar.

Por isso a família é considerada fonte natural das ideologias, refletindo a estrutura econômica da sociedade. Althusser a considerou um aparelho ideoló-

gico do Estado na medida em que, tal como a Polícia e o Exército, ela se torna instrumento de exercício do poder.

Vale ressaltar que, em geral, os comportamentos parentais sofrem alterações segundo a idade, o sexo e o número de filhos. Embora padronizados pelo discurso social, estes podem diferir nas diversas classes sociais. Alguns papéis, desempenhados em famílias de elevados estratos sociais, se diferenciavam daqueles desempenhados em famílias de estratos mais baixos. Por outro lado, podemos identificar, numa mesma classe, uma variedade de papéis que oscilam dos mais conservadores aos mais liberais.

O estudo das relações família-adolescente requer a identificação e análise dos papéis que cada membro desempenha nesse cenário, em termos de funções, hierarquia, poder, controle.

Uma análise psicossocial exige o conhecimento das tradições que os sustentam, as adaptações ou desadaptações, as expectativas, as contradições, o grau de disciplina e liberdade, as formas de lazer, os costumes de namoro e casamento, assim como a influência das instituições políticas, econômicas e religiosas.

Um pouco de história

Para percorrer a trajetória da família brasileira, o ponto de partida é, inevitavelmente, a família patriarcal⁴. No entanto, esta não pode ser considerada o único modelo. Tal concepção que prevaleceu durante muitos anos a partir dos trabalhos de Gilberto Freyre, foi corrigida pelos sociólogos. A reformulação se baseia no fato de que suas características eram apenas identificadas entre os senhores de engenho nordestinos, não se adequando, portanto, às outras classes sociais, ou seja, à maioria da população.

Sem dúvida alguma, a família patriarcal teve um papel fundamental nas formas de organização política, nas relações de trabalho e de poder, e nas relações interpessoais, deixando como herança o coronelismo, o populismo e, até mesmo, os traços de cordialidade típicos do brasileiro⁵.

A família nuclear burguesa, por sua vez, surgida na Europa com o advento da Revolução Industrial, emprestou seu estilo de vida e seus valores a alguns segmentos da população brasileira. Caracteriza-se por um número reduzido de membros limitados à esfera privada separada da área de produção. Foi consolidada a partir da reorganização das comunidades, em função das ne-

cessidades do sistema capitalista. Propiciou a criação de mitos sobre a mulher, dos quais destacamos o instinto materno e é considerada o alicerce do fenômeno edipiano. Tem influência decisiva para a configuração do indivíduo e construção da sua subjetividade.

Não se pode deixar de computar, entre os fatores que contribuíram para as mudanças da família brasileira, as transformações político-econômicas do final do século passado. A nobreza rural adotou o modelo de família nuclear burguesa, necessário à formação do Estado nacional. Arruinada com a perda da mão-de-obra dos escravos, não teve mais condições de continuar mantendo parentes ou agregados. Reduziu-se, então, aos pais e filhos⁶.

O “*lar doce lar*” burguês tornou-se, então, o refúgio para o trabalho desumano promovido pelo Capitalismo, o lugar da intimidade, de paz e tranqüilidade⁷. Nesse contexto, nasceu o “*sentimento de família*”. Tal sentimento pode ser traduzido por relações afetivas intensas, possessivas, exclusivistas⁸.

Encarregada dos cuidados da casa e dos filhos, a mulher burguesa dependia do marido, econômica e emocionalmente. Sua realização consistia na realização daquele que lhe emprestara um outro nome, diluindo-se, portanto, sua identidade.

Despertado o amor entre pais e filhos, as relações se tornaram mais possessivas. Assim foi preparado o cenário para o drama edipiano, uma vez que a dependência afetiva, das crianças aos adultos, propicia ambivalência e conflitos⁹. Daí porque alguns anti-psiquiatras, tais como Cooper, Laing, Esterson, rotularam este modelo de família como o “*locus do sufoco*”¹⁰. Segundo esta concepção, a instituição familiar é nociva, por ser o lugar onde são fabricadas as neuroses e exercida a dominação sobre as crianças e as mulheres¹¹.

Rompida a homogeneidade senhorial, o dote foi extinto, o pai perdeu a interferência na escolha dos parceiros conjugais, havendo um declínio de casamento entre parentes.

Nas duas primeiras décadas deste século, a penetração do capital mercantil nacional na esfera da produção, gerou conseqüências na economia cafeeira, na formação da Sociedade Nacional, na industrialização, que culminaram com o modelo higienista.

Respalgadas na autoridade médica, as normas da higiene se estenderam à educação. Enfatizavam a importância do aleitamento materno do ponto de vista nutricional e afetivo. Regras de alimentação e limpeza deram origem a novos comportamentos. O controle dos esfíncteres era treinado mediante repreensões e punições e a aprendizagem do nojo e da vergonha.

Novas relações entre pais e filhos foram, então, estabelecidas. A mulher ficou totalmente responsável pela educação das crianças e ganhou o título de “rainha do lar”.

Este modelo de família caracterizado por relações hierárquicas entre seus membros, embora não sendo o único, ainda prevalece nos dias atuais.

Modernização e mudanças

A modernização da família é um processo complexo que resulta da modernização dos ideais e das identificações, da dissolução e da criação de categorias classificatórias, da plurificação das aparências e da psicologização dos discursos.

(Sérvulo Figueira¹²)

Nos últimos 50 anos, a família brasileira sofreu profundas modificações. Os processos sociais, culturais e econômicos afetaram significativamente as relações entre pais e filhos, do casal, a educação da criança, a disciplina no lar, as identificações estabelecidas pelos jovens¹³.

Outras transformações significativas dizem respeito à eleição do cônjuge obedecendo às leis do “amor romântico”; à maior independência dos jovens; ao declínio do casamento entre parentes e do índice de natalidade; ao igualitarismo nos papéis masculinos e femininos; à redução da mortalidade infantil nas classes médias e altas; à diminuição do número de parentes como dependentes; à maior liberdade sexual; à condenação do castigo corporal; à diminuição da autoridade e severidade paterna; à educação das crianças segundo sexo e idade; à instabilidade causada pelos divórcios.

O ingresso da mão de obra feminina no processo produtivo, a maior frequência das mulheres à universidade e maior número daquelas que passaram a ocupar cargos de posição afetaram a posição econômica da mulher dentro da família. Como conseqüência mudaram os papéis de esposa e mãe, a socialização da criança, relativizaram-se as noções e práticas quanto à virgindade, fidelidade, indissolubilidade do casamento, os estereótipos masculinos e femininos, as relações pais e filhos.

Como já sinalizamos, as identificações, constantemente substituídas por outras, propiciam conflitos de papéis, fragilizando o sentimento de identidade. Uma das causas dessa mutação pode ser atribuída à reorganização econômica

resultante da passagem do capitalismo mercantilista para o monopolista, que atingiu a família nuclear.

Durante a fase caracterizada pelo capitalismo mercantilista, as opções profissionais haviam sido determinadas, não apenas pelas condições econômicas de cada classe social, mas pela influência direta e a dependência à autoridade paterna.

Nas classes altas e médias o *pater familiae* era uma figura proeminente na formação do filho que herdaria a propriedade ou seria preparado para uma profissão.

Nas populações de baixa renda, o jovem geralmente aprendia um ofício com o pai. Se arranjasse um emprego, tinha relações diretas e pessoais com os superiores.

Os papéis estruturadores da identidade eram constituídos, então, de uma maneira mais personalizada e íntima.

A industrialização progressiva, exigindo a separação lar-trabalho e abrindo o leque de opções profissionais, gerou consequências nas relações interpessoais que se tornaram mais diluídas.

Os jovens que, desde cedo, precisavam batalhar pela subsistência, venderam sua força de trabalho em troca de remuneração. O patrão passou a ser anônimo, sem face. A única forma de reconhecimento só podia ser obtida através do salário.

Nas classes médias e altas, os filhos foram encaminhados, desde os primeiros anos de infância, à escola e, depois, à Universidade. Nesse processo de educação formal tão extenso, os vínculos familiares se enfraqueceram, a autoridade paterna perdeu a consistência. Sem oportunidades de exercer uma atividade produtiva, estes jovens começaram a checar seus valores, se inquietaram com sua condição, e perguntaram: *A que me destino? Para que sirvo? A quem vou servir?*

Na família hierárquica a identidade é posicional: todos tendem a ser definidos a partir da sua posição, sexo e idade. Há várias idéias em torno do que é "certo" e "errado", vários mecanismos sutis dentro e fora dos sujeitos para tentar suprimir ou controlar as várias formas de desvio de comportamento, pensamento ou desejo.

(Sérvulo Figueira¹⁵)

Declínio das relações hierarquizadas

Além da nuclearização e privatização progressivas da família, a passagem do modelo hierárquico¹⁴ para o modelo baseado na ideologia do "igualitarismo", também parece ter tido impacto sobre as relações familiares.

Até então, estas eram tradicionalmente pautadas segundo as diferenças entre os papéis de homem e de mulher, expressas no modo de se vestir, falar, sentir, etc., assim como pela superioridade masculina e pela dupla moral sexual. O relacionamento pais&filhos também obedecia a uma hierarquia pois os papéis de criança se traduziam por submissão, respeito e irresponsabilidade.

Observa-se atualmente, em famílias que concretizaram o ideal igualitário, uma aproximação entre os papéis de sexo e uma maior flexibilidade da autoridade parental.

A igualdade se expressa pelo reconhecimento de que homem e mulher são fundamentalmente indivíduos com os mesmos direitos e deveres. Os valores se flexibilizam, as possibilidades de escolhas se multiplicam resultando em uma certa perplexidade quanto ao certo, errado, bom, mau, disciplina e controle.

Há 40 ou 50 anos atrás, não era difícil categorizar os tipos de família segundo as classes sociais e generalizar seus papéis. O papel de pai, o papel de mãe eram pautados em papéis estereotipados de homem e de mulher. Considerava-se qualquer desvio um sinal de desajustamento, até mesmo de aberração. Mãe desnaturada foi uma expressão que vingou em épocas passadas, e rotulava aquela que não se mantivesse dentro das características-padrão.

Hoje é quase impossível caracterizar a família brasileira, embora ainda existam traços em comum entre presente e passado. As variáveis, porém, se multiplicaram, multiplicando as combinações.

Existem adolescentes vivendo com pais casados, adolescentes vivendo com a mãe divorciada e o namorado (ou marido) desta, tendo encontros eventuais ou constantes com o pai 'solteiro' ou re-casado, a madrasta, os irmãos e meio-irmãos. Existem adolescentes cujas mães desempenham atividades profissionais e conviveram mais com empregadas domésticas ou avós. Frequentaram, desde os primeiros dias de vida, creches que se emendaram em jardins-de-infância onde sua condição de pertencer a uma família reduzida se desmanchava. Relacionaram-se com 'tias' e companheiros de idade que, como irmãos, dividiram o espaço e a atenção.

A multiplicidade de papéis de família e suas mil e uma combinações dificulta análises mais precisas.

O mesmo se pode dizer quanto aos papéis pessoais/privados, expressos nas diversas formas de reação ao controle parental, em diversos estilos. Papéis de vítimas, carrascos, submissos, rebeldes, rejeitados, superprotegidos se complementam. E porque variam suas formas de desempenho, dão a impressão de serem mutantes. Repetem-se, porém, evidentes ou camuflados,

através das décadas, com uma constância desconcertante. Por mais que tenham mudado os papéis ou os *scripts* de família...

É preciso também assinalar que nem todos os segmentos da nossa população foram atingidos pela industrialização e seus efeitos. Existem adolescentes que experienciaram a família típica das décadas passadas, com papéis bem demarcados e absorvendo vivências das antigas gerações.

Além do mais, a facilidade em descartar o que o discurso contemporâneo ordena não se aplica em igual intensidade aos valores familiares. Em muitos lares, os papéis tradicionais coexistem ou entram em conflito com novos papéis conseqüentes da modernização.

Emancipação às figuras parentais

*No dia em que eu vim me embora
Minha mãe chorava em ai
Minha irmã chorava em ui
E eu nem olhava pra trás.*

[...]

*E quando eu me vi sozinho
vi que não entendia nada
nem de pro o que eu ia indo
nem dos sonhos que eu sonhava.*

(Caetano Veloso¹⁶)

A emancipação à família – tarefa a ser cumprida durante a transição dos papéis de idade – traduz-se, muitas vezes, em comportamentos de oposição, crítica ou revolta. O jovem pode questionar ou recusar a validade da pauta normativa, transmitida pelos pais, como o único roteiro de seu *script*.

Novas identificações são estabelecidas, substituindo identificações com as figuras parentais. Em muitos casos, somente na idade adulta estas últimas serão reassumidas.

Atitudes constestadoras, porém, não implicam em apagamento total das marcas deixados pelas primeiras identificações.

Emancipar-se dos pais resulta da impossibilidade prescrita pela cultura humana da manutenção de relações incestuosas. No momento em que a aptidão à procriação se afirma, o objeto de amor deve ser buscado em pessoas sem vínculos de parentesco.

O engajamento em uma vida social desvinculada da família de origem, exige, além da independência econômica, o desinvestimento em papéis amorosos

complementados pelos pais. Quanto mais forte e exclusiva for a necessidade de complementação, mais difícil será a emancipação psicológica, provocando a “adolescência prolongada” vivenciada pelas pessoas que têm condições de se sustentar e constituir família própria e permanecem submetidas à tutela parental.

No entanto, as demoras exigidas, pela sociedade, à emancipação, dificultam a ruptura dos laços da dependência infantil. Estes laços, por sua vez, limitam a conquista do reconhecimento social.

Freqüentemente, a rebeldia nada mais é do que o esforço de superar a dependência aos adultos¹⁷, traduzido, muitas vezes, em atitudes de rejeição.

Entretanto, a ruptura necessária entre as gerações não é, nem exige luta aberta entre pais e filhos¹⁸. Algumas reformulações ou mudanças radicais de comportamento são, às vezes, até incentivadas, como é o caso de mães que nunca trabalharam e não desejam que suas filhas as imitem.

Emancipar-se dos pais não implica repudiá-los, ou deixar de continuar sentindo afeição por eles¹⁹.

Enquetes realizadas com adolescentes franceses, revelaram que os motivos de emancipação da família estão mais relacionados à conquista de autonomia das condutas, do que a um desejo de ruptura afetiva ou ideológica²⁰.

Tampouco a rebelião explícita significa extinção da dependência psicológica²¹ ou das identificações. Indivíduos que, antes dos 20 anos, se rebelaram contra as idéias e atitudes paternas, adotaram essas mesmas atitudes quando saíram da adolescência²².

É curioso notar que tanto os comportamentos de rejeição, como os de aceitação aos valores adultos, podem resultar na repetição posterior dos modelos parentais. Encontramos também referências a inúmeros casos de adolescentes rebeldes às atitudes familiares e submissos aos valores dominantes²³.

Alguns pesquisadores concluíram, a partir de seus trabalhos, que a libertação econômica aos pais não é premente para um grande número de jovens. Nestes casos, a preparação para a vida profissional é considerada mais importante do que a independência financeira²⁴.

Na época da adolescência, eu me rebelava contra meus pais, achava que eles me prendiam demais. Hoje eu dou valor. E tento colocar um pouco de freio em meus filhos.

(sexo masculino, 45 anos)

Aos 15 anos eu achava meu pai um ignorante. Aos 20, fiquei surpreso com o quanto ele havia aprendido em apenas cinco anos!

(Mark Twain)

O fato de os filhos se perceberem como autônomos com relação aos pais parece amenizar a necessidade de romper com estes. As filhas, ao invés, se percebem como mais controladas e infantilizadas e isso confere ao seu 'crescimento' ou desprendimento da família, um caráter de 'conquista'.

(*Tânia Salem*²⁵)

Casei o mais depressa que pude porque queria ter minha casa, sair das saias da minha mãe.

(*sexo feminino, 53 anos*)

Eu ingenuamente pensava que sair de casa para casar ganharia liberdade. Ledo engano [...].

(*sexo feminino, 35 anos*)

Meus pais nem querem ouvir falar em eu morar sozinha.

Meu pai acha que uma mulher solteira morando só, fica com a reputação abalada. Embora eu já tenha condições de me sustentar, tenho que casar urgentemente para poder sair do lar paterno. Se não der certo, azar! Divorciada não precisarei voltar para a casa deles [...].

(*sexo feminino, 18 anos*)

Eu achei ótimo minha filha de 13 anos ter arrumado um emprego lá no Rio de Janeiro.

A patroa dela se mudou pra lá e levou ela junto. Eu sinto falta, mas é melhor pra ela e pra gente aqui em casa, porque sobra mais espaço e a comida rende mais.

(*Marina, empregada doméstica, 1946*)

Eu entrei na maior depressão quando meus filhos saíram de casa. Um foi estudar nos Estados Unidos e a menina casou. Minha vida se esvaziou, e se não fosse meu trabalho eu não segurava a barra. Se as mulheres de meia-idade não tiverem o que fazer, envelhecerão mais depressa ou perderão o sentido da vida ao se separarem dos filhos [...].

(*Anita, arquiteta, 1950*)

Isso não ocorre com tanta frequência com as mulheres.

Os resultados de pesquisas realizadas nos anos 50²⁶ se repetiram algumas décadas depois²⁷. Para muitas adolescentes, o casamento foi – e continua sendo! – como demonstram depoimentos de várias gerações, uma maneira de escapulir do jugo parental.

Nossos entrevistados das classes média e alta, em sua maioria, não demonstraram pressa em se libertar do pai ou da mãe. Quando trabalham, desejam muito mais engordar sua mesada para ampliar a capacidade consumidora, do que sair de casa. Amor em cabana, vida aventureira ou em comunidade não parece atrair tanto os adolescentes de hoje, como atraíram os da geração de seus pais. “*Se eles me dão tudo, por que largá-los?*”, perguntou um rapaz de 17 anos.

Nos estratos mais baixos, a situação difere.

Análises têm sido feitas sobre os diferentes estilos de vida e sua influência nos valores “tradicionais” das classes trabalhadoras e os valores “progressistas” da classe média. Esta última visa a felicidade, a consideração, o autocontrole, ao passo que os pais da classe trabalhadora dão ênfase à obediência, à arrumação, ao asseio. As ocupações exercidas pelas várias classes sociais são apontadas como a razão para tais diferenças. O trabalho dos pais de classe média permite a manipulação de idéias e depende mais do comportamento individual do que da conformidade a padrões grupais²⁸.

Enquanto nos estratos sociais mais elevados são comuns os comportamentos superprotetores, que influem numa dependência mais prolongada, nas populações de baixa renda a independência é favorecida, para que os filhos se tornem uma carga menor para os pais²⁹.

Disciplina e controle

O controle exercido pelas figuras parentais continua sendo um dos motivos mais freqüentes do confronto entre gerações.

Constatamos que nos anos 50 havia um maior rigor educacional, traduzido em proibições abrangentes, dirigidas principalmente às meninas. Dos anos 60 para cá, aumentou a flexibilidade discipli-

nar, as relações pais & filhos tornaram-se menos hierarquizadas. Os jovens de hoje se queixam, em geral, mais das exigências quanto aos estudos e aos horários, do que da fiscalização relativa às amizades e diversões.

As entrevistas revelam que muitos adolescentes tendem a reagir quando são tratados como crianças e agem infantilmente quando lhes são cobradas atitudes de adultos responsáveis. As exigências de certos papéis de responsabilidade, por parte dos pais, como, por exemplo, arrumar o quarto, cuidar da roupa, ajudar no trabalho doméstico, esbarram freqüentemente na fuga dessas tarefas. A independência é buscada em outras situações. “Claro que eu quero ter as vantagens sem ter as desvantagens! Seria idiota se não quisesse!” pronunciou-se um adolescente de 16 anos³⁰.

“Como vou crescer sem ter contra quem me rebelar?”

No entanto, o declínio da autoridade paterna, a diminuição da hierarquia entre os papéis esvaziaram muitos dos motivos para oposição. O jovem que ganha de seus pais uma guitarra e dinheiro para gastar com a mulherada³² teria motivos para se rebelar?

Os resultados das pesquisas recentes indicam adaptação ao sistema e às normas familiares. A atual geração de adolescentes não demonstra experimentar perturbações, estado de luto, ou conflitos com as gerações mais velhas. Leva uma vida convencional e conformista, preocupa-se com as mesmas questões de status, popularidade e êxito que dominam a atenção de seus pais, oferecem uma imagem de submissão aos imperativos parentais, definindo seus ideais de vida a partir dos modelos aos quais tentam reproduzir³³.

Segundo alguns autores, os conflitos que afloram, parecem estar mais relacionados à reivindicação de maior liberdade e não interferem na percepção favorável dos pais³⁴.

Estudos desenvolvidos por psicólogos do desenvolvimento³⁵ revelam que, quando os pais afirmam o poder democrático sobre filhos adolescentes e fornecem explicações para seus pedidos, é

Este momento de insurreição não parece constituir de maneira alguma um comportamento de crise, nem uma revolta dirigida contra a autoridade da família. É, pelo contrário, um momento de afirmação. Uma tentativa criativa de interferir na ordem social como tal, que encontra expressão no atrito, no desconcerto.

(Fernanda Moura³¹)

Mesmo não praticando religião, eles exigem que eu reze antes de dormir e peça a bênção.

(sexo masculino, 16 anos)

Ela gosta de dar conselhos mas não faz nada para mudar a vida dela.

(sexo feminino, 16 anos)

Não perdoarei nunca os meus pais, por terem me protegido tanto. Se hoje sou uma mulher dependente, é por culpa deles.

(E. M., 1951, dona de casa, Salvador)

Procuo dar a meus filhos uma educação inteiramente diferente da que eu recebi. Jamais repetirei os erros dos meus pais.

(V. D., 1960, engenheiro, Rio de Janeiro)

maior a probabilidade de os filhos adotarem por modelo seus comportamentos, serem independentes e autoconfiantes, fazerem amigos, por eles, aprovados e terem uma forte motivação acadêmica.

A probabilidade de os filhos agirem como seus pais parece depender também, pelo menos em parte, de os perceberem como pessoas gratificantes e afetuosas³⁶.

Alguns trabalhos questionaram os altos índices de avaliação positiva sobre as figuras parentais³⁷. Revelaram que a contestação às exigências familiares se exprime de maneira nítida e majoritária³⁸. Em situações de orientação e aconselhamento de adolescentes³⁹, assim como em entrevistas, queixas vêm à tona de diversas formas.

Observou-se uma freqüente atitude crítica para com os pais que já não podem responder à demanda infantil de amor. Seus defeitos e limitações são, então, enxergados com maior nitidez. Por isso, nem mesmo o apego ao lar, o respeito e o afeto, impedem julgamentos severos sobre a educação recebida. Em sua busca de uma maior liberdade de ação, muitos adolescentes encontram falhas na figura paterna/materna, principalmente quando estas não desempenham os papéis esperados⁴⁰.

Atitudes ambíguas e contraditórias propiciam desidealizações e críticas.

Alguns estudos revelam que as desidealizações colocam o adolescente em profundo desamparo⁴¹. Descobertas decepcionantes sobre a vida do pai ou da mãe podem, às vezes, destruí-los, como modelos de objetos amorosos⁴².

As críticas nem sempre terminam com o ingresso ao status de adulto.

Muitos indivíduos continuam julgando e re julgando seus pais e os sentimentos a respeito deles, mesmo depois de transcorridas várias décadas após a adolescência⁴³.

Os depoimentos, por nós obtidos, também sugerem que os comportamentos conformistas não excluem a subjetivação de vários tipos de problemas.

Ao contrário das pesquisas citadas sobre a aceitação sem questionamento dos imperativos parentais pelos adolescentes,

Eu não consigo me divertir quando faço algo que minha mãe proibiu ou desaconselhou.
(sexo masculino, 16 anos)

Dei pra vomitar quando fui a um acampamento escondida de meus pais.
(sexo feminino, 15 anos)

Meus pais têm confiança em mim e eu não quero trair essa confiança. Acho que a maior chantagem é essa: dizer que confiam na gente.
(sexo feminino, 16 anos)

as entrevistas demonstraram que um número significativo de rapazes e moças vivenciam conflitos domésticos. Mesmo aqueles que “não têm motivos para se rebelar”, deixaram explícitas as reações de oposição aos pais. Rejeição às roupas escolhidas pelas mães, notas baixas na escola, namoros com pessoas indesejadas pela família, escaparam das falas. Evidentemente, tais comportamentos e atitudes parecem insignificantes se comparados ao clima de revolta identificado em épocas passadas.

Foi possível observar que um grande contingente de adolescentes de ambos os sexos não está satisfeito com a educação recebida. No decorrer da entrevista, após a expressão de opiniões favoráveis, alguns confessaram a sensação de serem preteridos e censuraram os pais em suas preferências e injustiças cometidas. Nas questões relativas à sexualidade, admitiram terem sido mal informados, criticando a omissão ou falta de compreensão paterna e/ou materna. Muitos deixaram clara a interferência da família na escolha de uma carreira, expressando seu dilema em satisfazer as expectativas alheias em detrimento do seu desejo profissional.

A discrepância dos resultados pode indicar, tanto as limitações dos instrumentos de coleta de dados, como dificuldades de assumir atitudes rejeitadoras. Por outro lado, os jovens que buscam orientação e aconselhamento, em geral parecem ser mais atingidos pelos conflitos domésticos e, muitas vezes, são os próprios pais quem demandam o atendimento contra sua vontade. As entrevistas, por sua vez, quando realizadas com voluntários, tendem a propiciar um clima de intimidade e estimulam desabafo. Em muitos casos, os adolescentes não demonstraram perceber os paradoxos do seu discurso. Garantindo ter um relacionamento excelente, bom ou razoável com os pais, aos poucos iam revelando, direta ou indiretamente, as contradições educacionais, os ressentimentos, as experiências de rejeição e de injustiça, etc.

Por outro lado, constatou-se que muitos jovens podem ser afetados pela falta de limites. Eles lutam contra estes limites mas, às vezes, desejam ficar aliviados da responsabilidade de decidir quais são os riscos que devem correr, até onde podem seguir o grupo, até onde podem se aventurar no terreno sexual. A complacência dos pais e sua facilidade para ceder são, muitas vezes, interpretadas como falta de interesse.

Autores defendem que os limites e imposições, desde que não sejam excessivos, servem de referencial para o adolescente. Estudos com jovens sociopáticos, revelaram que muitos se sentiram abandonados por lhes ser per-

mitido agir segundo seus desejos; Um grande número destes jovens enxergaram, nos limites impostos pelo terapeuta, o primeiro indício de que alguém se preocupava realmente pelo que pudesse lhes acontecer (T. Lidz⁴⁴).

Identificamos também conflitos causados por transgressões às ordens e exigências adultas.

Em muitos casos, os adolescentes experimentam sentimentos de culpa, manifestos das mais diversas formas. Uma avaliação crítica dos resultados das pesquisas citadas requer a identificação e uma análise mais ampla dos mecanismos que poderão estar atuando sobre a conformidade às normas familiares e ao sistema. A Psicologia da Adolescência não pode ignorar os fatores que condicionam a adaptação. Deve verificar até que ponto esta é indispensável ao sistema socioeconômico, e por ele estimulada, e analisar como o processo de reificação, iniciado com a economia mercantil, penetra no campo da Família e que conseqüências poderiam ter no psiquismo do sujeito adolescente.

A figura paterna

Da sua poltrona você regia o mundo. Sua opinião era certa, todas as outras disparatadas, extravagantes. [...] Você assumia para mim o que há de enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado não no pensamento, mas na própria pessoa.

(Franz Kafka⁴⁵)

A partir do momento em que a mulher começou a se integrar de forma mais significativa à força de trabalho, os papéis masculinos, dentro do lar, deixaram de ser estanques.

Pesquisas e experiências clínicas revelam que, ao dispensar cuidados ao bebê, o pai também se torna um elemento de ligação afetiva. Na idade escolar, observa-se que a aquisição dos papéis pessoais e sociais sofre influências das atitudes paternas. Pais muito autoritários, ou muito distantes afetivamente, podem predispor o aparecimento de problemas e dificuldades de relacionamento.

O papel do pai, sua participação nas decisões familiares sua maneira de exercer a disciplina estão também associados à aquisição do papel de gênero dos meninos. Quando há interação afetiva e um modelo masculino dentro do lar, o menino desenvolverá padrões de masculinidade. Isso não significa que ele seja igual ao pai na idade adulta ou que as crianças sem pai desenvolverão

comportamentos femininos ou se tornarão homossexuais; estas possibilidades existem, mas dependem de uma constelação de fatores: personalidade da mãe e de cada um dos membros da família, convivência com outros elementos masculinos, qualidade do relacionamento entre os cônjuges, nível socioeconômico cultural, posição ordinal da criança, etc.

O estabelecimento de uma identificação feminina – que implica a aceitação da menstruação, gravidez, parto, amamentação –, não é apenas influenciada pela relação com a mãe. Se esta houver assumido sua feminilidade, e se o pai valorizá-la, a menina tenderá a vivenciar o papel de mulher como gratificante⁴⁶.

Podemos dizer, então, que o pai desempenha um papel tão importante quanto a mãe no desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

O mito materno

*Se a maternidade é o próprio Sacrifício,
o destino de uma filha é a Culpa que jamais
poderá ser resgatada.*

(Milan Kundera⁴⁷)

Tanto os teóricos do desenvolvimento, assim como a literatura popular, enfatizam a importância do relacionamento criança-mãe para a aquisição dos papéis sociais e pessoais.

Mesmo depois de deslocados os interesses da família para outros grupos sociais – principalmente os companheiros de estudo ou de brincadeiras – a figura materna continua sendo considerada protetora e afetiva, sendo procurada nos momentos de dificuldades.

Levantamentos de opinião revelaram que as críticas aos pais do sexo masculino são mais intensas e freqüentes do que às mães⁴⁸.

Pesquisas realizadas nos últimos cinquenta anos revelaram que, de um modo geral, os sujeitos de ambos os sexos procuram a mãe em busca de apoio sendo predominantemente a pessoa a quem recorrem para pedir conselhos e a que mais gostam de auxiliar⁴⁹.

Devo ser anormal, má, porque não consigo amar minha mãe como ela merece. Também não sei se ela merece mesmo. Vive me enchendo, reclamando, recomendando, me comparando com os outros.

(Trecho do diário de uma adolescente dos anos 50)

Estou morrendo de tudo! Estou detestando minha mãe, estou enjoada dela! Estou sempre em segundo plano, sempre minha irmã em evidência! Eu sou uma besta para todos. Eu não sei fazer nada, eu sou horrível, pernas finas, e tortas, bundão etc.: Estou com vontade de sumir. Não tenho amigos, amiga só eu mesma. Quem gosta de mim? E de quem eu gosto?

(Trecho do diário de uma adolescente dos anos 60)

Estou morrendo de ódio da minha mãe. Ela fica no meu pé para que eu emagreça, para que eu cuide da minha pele, escolha minhas roupas, se mete nas minhas amizades. Acho mais é que ela devia arranjar o que fazer e parar de torrar meu saco.

(Trecho do diário de uma adolescente dos anos 80)

Esses resultados sugerem a permanência do culto à figura materna expresso em poemas:

“Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração” (Coelho Neto).

Transmitido sob forma de conselhos:

*Ao amor maternal ela (a criança) deve corresponder com o amor filial, aliviando no limite do possível a tarefa materna, estafante e que exige incalculável dose de sacrifícios morais e físicos*⁵⁰.

Condicionado através dos livros de Estudos Sociais:

*Mãe [...] é acolhedora, tranqüila, segura, presa firmemente ao solo. Mãe é repouso e sossego. Quando a gente está cansada ou triste, ou desiludida, ou desanimada, ela nos reconforta*⁵¹.

Entretanto, o culto à figura materna não impede as dificuldades de relacionamento das meninas com suas mães. Pesquisas realizadas em várias décadas, entrevistas, diários de várias gerações, depoimentos de psicólogos clínicos o confirmam.

Embora os motivos variem, os conflitos mãe & filha têm resistido às mudanças da educação, dos costumes e do papel feminino.

Quando os problemas são dos pais

*Você me diz que seus pais não entendem
mas você não entende seus pais
você culpa seus pais de tudo
e isso é absurdo
são crianças como você.
O que você vai ser quando você crescer?
(Renato Russo⁵²)*

É preciso lembrar que nem todos os conflitos entre as gerações são causados pelos adolescentes.

Elaborar os lutos do corpo e da identidade do filho pequeno constitui-se um desafio. Os pais, muitas vezes, têm dúvidas sobre os métodos educacionais que utilizaram, e adotam atitudes incoerentes. Os julgamentos e críticas resultantes provocam um golpe no seu narcisismo. Sentem-se, então, duplamente afetado pelas mudanças. Esperam que os filhos os prolonguem e, ao mesmo tempo, os encaram como rivais.

A necessidade de inovações e o idealismo, típicos da adolescência, contrastam com o conservadorismo dos adultos temerosos das novidades, por

considerá-las ameaçadoras. Alguns pensam no passado com nostalgia: *Ai, nos meus tempos...*

Sua tendência em desconfiar ou rejeitar os comportamentos da subcultura jovem, dão freqüentemente origem a represálias, aumentando a incompreensão e as hostilidades⁵³.

Desejos incestuosos, inconscientes, dos pais para os filhos, podem se manifestar, nessa ocasião, sob diversas formas: excessivo apego do pai pela filha, ou da mãe pelo filho, e a conseqüente dificuldade de aceitar os namoros ou casamentos, rejeição ou hostilidade, invejas e ciúmes.

Alguns autores consideraram que as dificuldades experimentadas pelos pais se devem ao fato de estarem eles passando por uma fase crítica, a meia-idade. A idéia de envelhecimento e morte pode surgir com o crescimento dos filhos. Estão se esforçando para aceitar as frustrações de suas ambições e ideais, no momento em que a vida se abre para os jovens. O despertar da sexualidade adolescente pode provocar uma percepção mais nítida do declínio de suas capacidades físicas e sexuais⁵⁴.

Muitos pais admitem as conseqüências negativas das repressões sofridas em sua adolescência e procuram evitar repetir o erro de seus próprios pais. Há outros que, temendo a rejeição, dão liberdade em excesso. Renunciar à autoridade e, ao mesmo tempo, engolir o medo de o filho ser independente, pode gerar ansiedade e esta, por sua vez resultar em raivas, muitas vezes descarregadas no filho que a provocou.

Por outro lado, as discordâncias quanto ao grau de liberdade consentida, pode causar brigas no casal e gerar culpa nos filhos que se sentem responsáveis pelos desentendimentos.

O conflito de gerações parece permanecer através dos tempos, adquirindo tonalidades múltiplas.

Ao admitir, porém, que este mudou em suas formas e se repete em seu conteúdo, reconhecemos os limites de uma leitura exclusivamente feita através do conceito de papéis sociais.

Notas

¹ Trecho da canção intitulada “*Como nossos pais*”.

² Vide ‘Conflito de Papéis’ no Quadro II do capítulo anterior.

³ In Rocheblave-Spenlé, *op. cit.*, 1969.

⁴ A Família Patriarcal é definida “como o resultado da transplantação e adaptação da família européia (portuguesa) ao nosso ambiente colonial, gerando um modelo com características patriarcais e tendências conservadoras na sua essência”.) In Almeida, A. et al. “*Pensando a família no Brasil - Da colônia à modernidade*”, 1987.

⁵ In Almeida, A., et al., *ibidem*.

⁶ In Poster, M. “*Teoria crítica da família*”, 1979, p. 185.

⁷ In Macedo, R. M. “*A mulher na família*”. Cadernos da PUC nº 15, p. 103.

⁸ In Ariès, P.; Duby, G. “*História da Vida Privada*” vol. 5, 1990.

⁹ In Macedo, R. M., *op. cit.* p. 105.

¹⁰ In Almeida, A., et al., *op. cit.*

¹¹ In Tozoni Reis, J. R. “*Família, Emoção e Ideologia*”. In Lane, S./Codo, W. et al. “*Psicologia Social - O Homem em Movimento*”, 1985.

¹² In Figueira, S., et al. *op. cit.*

¹³ In Huttchinson, 1955, *apud* Pfromm Netto, S., “*Psicologia da Adolescência*”, 1971.

¹⁴ In Figueira, S. et al. *op. cit.*, 1987.

¹⁵ *Ibidem*, p.16.

¹⁶ Trecho da canção “*No Dia Em Que Eu Vim Me Embora*”

¹⁷ In Figueira, S., et al., *op. cit.*

¹⁸ In Meissner, 1965, *apud* Mc Kinney, J. P., et al., *op. cit.*

¹⁹ In Jersild, A., “*Psicologia da Adolescência*”, 1969.

²⁰ In Zazzo, B., *apud* Claes, M., *op. cit.*

²¹ In Jersild, A., *op. cit.*

²² In Bath e Lewis, 1962, *apud* Jersild, A. *op. cit.*

²³ In Claes, M., *op. cit.*

²⁴ Salem, T. , “*O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*”, 1980.

²⁵ *Ibidem*, p. 107.

²⁶ Camargo e Garcia, 1956, *apud* Pfromm Netto, S., *op. cit.*

²⁷ Salem, T., *op. cit.*

²⁸ Kohn, *apud* Mc Kinney, J. P. et al., *op. cit.*, p. 115.

²⁹ Mc Kinney, J. P. et. al., *ibidem*.

³⁰ Entrevistas realizadas pela autora e por alunos do curso de Psicologia da UFBA confirmaram as afirmações de Pfromm Netto, S., *op. cit.*

³¹ In Moura, F. “*Onde Estão os Rebeldes?*”. In Figueira, S. et al., *op. cit.*, p. 52.

³² Trecho da canção “*Rebelde Sem Causa*” de Roger Moreira.

³³ In Douvan, E.; Adelson, J. *op. cit.*

³⁴ In Claes, M., *op. cit.*

³⁵ In Elder, 1963, *apud* Mc Kinney, J. P. et al., *op. cit.*

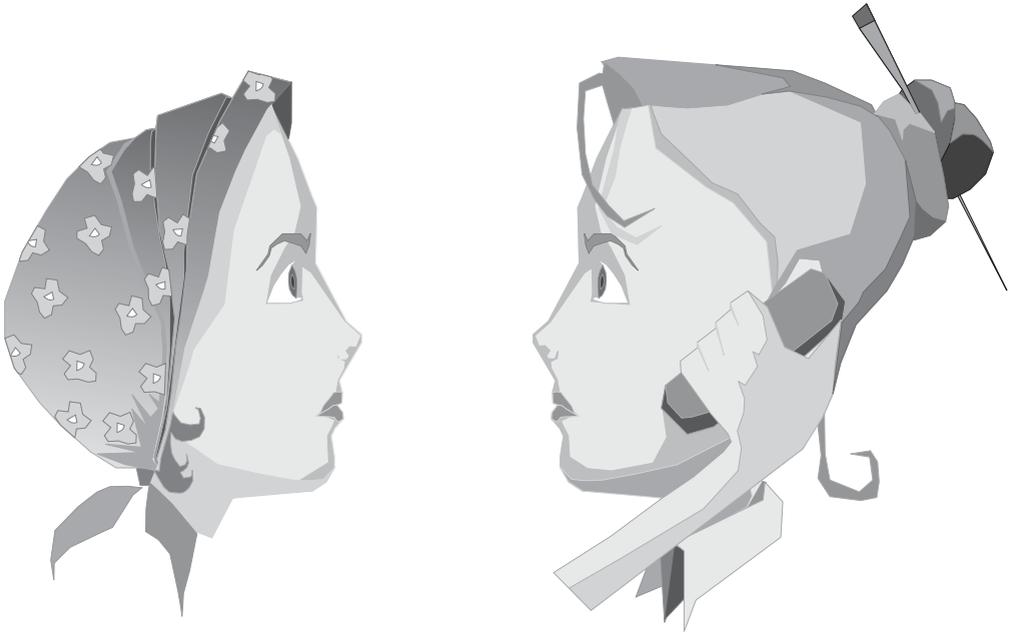
³⁶ In Bandura e Walters, “*Social Learning and Personality Development*”, 1963.

- ³⁷ In Camargo e Garcia, 1956; IBOPE, 1966; *apud* Pfromm Netto, S., *op. cit.*; Meissner, 1965; Hess e Goldblatt, 1957; Marwell, Connor e Walters, 1961, Offer, Sabshin & Marcus, 1965; Offer, 1967, Larsen, 1972; Rutter, 1980 *apud* Mc Kinney, J. P. *et al. op. cit.*
- ³⁸ In Zazzo, 1966; Rice, 1975, Coleman, 1980, *apud* Claes, M., *op. cit.*
- ³⁹ In Câmara, 1951, *apud* Pfromm Netto, S., *op. cit.*
- ⁴⁰ In Pfromm Netto, S., *ibidem*, p. 231.
- ⁴¹ In Aberastury, A., “*Adolescência*”, 1980.
- ⁴² In Lidz, T., *op. cit.*
- ⁴³ In Lazar e Brodtkin, 1962, *apud* Jersild, A. *op. cit.*
- ⁴⁴ In Lidz, T., “*El Adolescente y su Familia*”. In Caplan, G.; Lebovici, S. N., “*Psicologia Social de la Adolescencia*”, 1969.
- ⁴⁵ In Kafka, F., *op. cit.*
- ⁴⁶ In Rocheblave-Spenlé, A. M. “*O Adolescente e seu mundo*”, 1975.
- ⁴⁷ In Kundera, M., “*A Insustentável Leveza do Ser*”, 1985, p. 50.
- ⁴⁸ In Mc Kinney, J. P. *et al.*, *op. cit.*
- ⁴⁹ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*, p. 231; Monteiro, 45; Grinder e Spector, 1965, *apud* Mc Kinney, J. P. *et al.*, *op. cit.*
- ⁵⁰ In Yantock, M. “*Manual de Polidez infantil*”, s/d, p. 10.
- ⁵¹ In Nosella, M.L., “*As Belas mentiras*”, 1981.
- ⁵² Trecho da canção “*A Dança*”.
- ⁵³ In Lidz, T., *op. cit.*
- ⁵⁴ In Freud, A. “*La Adolescencia en cuanto Perturbación del Desarrollo*”. In Caplan. G.; Lebovici, S. N., *op. cit.*

Amélias e Leilas

*Mirem-se no exemplo
daquelas mulheres de Atenas
viverem pros seus maridos [...]
Quando amadas, se perfumam
se banham com leite, se arrumam
suas melenas
quando fustigadas, não choram
se ajoelham, pedem, imploram
mais duras penas.*

(Chico Buarque de Holanda¹)



As últimas décadas têm testemunhado uma mudança radical dos papéis femininos, a partir do momento em que a mulher assumiu uma nova inserção social. Ingressando no mercado de trabalho, ampliou seus vínculos com pessoas e coisas.

Em épocas anteriores, uma jovem transitava de seu núcleo familiar, sem intermediações, para o casamento. Hoje ela vive a maior parte de sua vida na companhia de um número crescente de “estranhos”. Desde que ingressa nos bancos da escola, interage com indivíduos que não se resumem mais às figuras parentais. Isso representa o fim da convivência e do vínculo único, compulsoriamente determinado.

Dominar um ofício significa dominar uma parte da natureza, envolver-se com instrumentos, matérias, produtos, um saber-fazer específico, implicando a construção de uma identidade que contém as marcas dessa especificidade².

Tais transformações trouxeram conseqüências nas relações familiares, especialmente na interação mãe & filhos. As adolescentes dos dias atuais se pautam num modelo de mulher totalmente diferente do modelo “Amélia”, no qual se espelharam as gerações passadas. Esse processo de modernização é possibilitado por identificações com figuras que rompem com o tradicional. Leila Diniz – nos anos 60 –, o personagem ‘Malu Mulher’ – nos anos 70 –, Madonna – nos anos 80 –, apresentadas e enaltecidas pela mídia, são alguns exemplos³.

A criação dos ‘scripts’ masculino e feminino

Os conceitos de masculino e feminino são tradicionalmente enfocados segundo aspectos biológicos – que permitem uma diferenciação mais nítida entre os sexos e aspectos psicossociais – que enfatizam os papéis de gênero.

Em termos biológicos, “masculino” e “feminino” caracterizam-se pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles.

A musculatura mais vigorosa, a maior agressividade são, em geral atribuídas à masculinidade biológica. Ainda hoje prevalece a idéia de que a inferioridade feminina é causada pela fraqueza muscular. No entanto, essas idéias são desmentidas:

Entre os Iroqueses (índios norte-americanos) é a mulher quem exerce o papel de torturador, o que sugere que a fragilidade emocional feminina não é universal. As mulheres Arapesh carregam objetos mais pesados, pois suas cabeças são consideradas mais duras. Em Daomé (África), o exército é composto só de mulheres.⁴

O papel de gênero se refere à adoção pelo indivíduo de atitudes e comportamentos considerados típicos e adequados, para o seu sexo biológico, pela sociedade em que vive, e cujas expectativas de conduta norteiam os comportamentos de uma menina ou de um menino. Através de informações verbais e extraverbais, acrescentadas às suas próprias características, a criança vai recebendo modelos masculinos ou femininos. A partir da puberdade costuma haver a imposição de um exercício mais rígido destes papéis. Desvios do que é considerado adequado são mal tolerados pelos adultos e grupo-de-pares.

A identificação com a figura parental ou outros adultos do mesmo sexo, e os modelos culturais veiculados pela mídia influenciam na aquisição dos papéis masculinos e femininos.

Estes sofreram mudanças nas últimas décadas. Sobretudo na aparência física, sua definição tornou-se mais ambígua. Rapazes usando brinco, colares, rabos de cavalo ou cabelos compridos misturam-se às garotas de cabeça quase raspada e cobertas de tatuagens.

A aquisição dos papéis de gênero tem sido pesquisada de diversas maneiras. Uma delas se baseia no estudo da “tipificação sexual”.

Os fenômenos da tipificação sexual estão articulados aos processos de aprendizagem social. A identificação é o mecanismo usado para explicar como as crianças desenvolvem atributos e padrões de comportamento similares àqueles de seus pais e de outros modelos sociais. A maior parte dos cientistas comportamentais considera este processo fundamental na socialização.

Os comportamentos socialmente tipificados são definidos como aqueles que são esperados e sancionados quando realizados por um determinado

sexo e considerados menos apropriados para este, quando manifestados pelo outro.

Os sexos são caracterizados por amplos estereótipos desenvolvidos a partir de expectativas sobre os traços, disposições e comportamentos padrões que os membros de uma categoria devem exibir.

Tradicionalmente espera-se que as pessoas do sexo feminino inibam a agressão e os impulsos sexuais, que sejam dóceis, afetuosas, passivas, cultivem a vaidade. Os indivíduos do sexo masculino, por sua vez, são estimulados a serem independentes, sexualmente ativos, capazes de controlar emoções e agressivos quando atacados.

As identificações, somadas à expectativa e à pressão social, começam, então, a estruturar o papel de homem e o papel de mulher, e estes inevitavelmente favorecem o desenvolvimento de certos papéis e inibem o desenvolvimento de outros.

A educação masculinizante e educação feminizante reforçam e estimulam estereótipos machistas ou feministas.

Com a genitalidade, é ampliado na criança o conhecimento de si mesma e do outro. Ela descobre a diferença entre os sexos e volta-se para a mãe e para o pai, tentando identificar-se socialmente. Passa do simples “**eu** não sou **eu** e não tu e tu não és ele”, para “o **eu** sou mais parecido com ele do que contigo”. Separa pois dois grupos: o de homens e o de mulheres e se inclui em um deles, ou então, vive a ambigüidade de se sentir pertencendo um pouco a cada um deles. (Perazzo⁵).

Relativismo cultural

Embora algumas correntes enfatizem a importância das diferenças biológicas entre os sexos no desenvolvimento das características psicológicas, a Teoria dos Papéis considera que os comportamentos masculinos e femininos são culturalmente prescritos.

Todas as sociedades humanas prescrevem diferentes papéis para o homem e para a mulher.

Seria impraticável, portanto, uma análise isolada desses comportamentos, sem levar em conta os fatores culturais que os determinam, uma vez que os típicos papéis, ou características considerados femininos ou masculinos em nossa sociedade, não são universais.

Margareth Mead encontrou, em algumas tribos primitivas, homens maternais e efeminados e mulheres agressivas, competitivas, violentas. Os papéis dos sexos eram invertidos de acordo com nossa concepção ocidental. Em Samoa, por exemplo, o homem desempenha alguns papéis domésticos e passivos que, em nossa sociedade, são considerados “femininos”. Entre os povos Manus e os Todas só o homem cuida dos bebês. Nas Filipinas não é a mulher, mas o homem quem fofoca e não sabe guardar segredos. A costura é trabalho masculino na África Central⁶.

Um detalhe curioso, observado pelos antropólogos, é a atribuição de atividades de prestígio aos homens, em detrimento às mulheres em praticamente todas as culturas.

Não há um consenso sobre a explicação deste fenômeno⁷.

Entre os Arapesh, o homem coopera com a mulher nos papéis domésticos, mas só ele dirige os rituais religiosos. A esposa lorubá controla os negócios mas deve aparentar ignorância e ajoelhar-se diante do marido. Em Madagascar, os povos Merina exigem que ela demonstre idiotice. Nos guetos judaicos da Europa Ocidental, a mulher só se torna respeitável se tiver um filho do sexo masculino. Por ser considerado sagrado demais para ser exercido pelas mulheres, o trabalho doméstico é assumido pelos homens da tribo dos Todas.

Enfrentam as mulheres maiores problemas?

Há indícios de que, em nossa cultura, as meninas têm maiores dificuldades do que os rapazes, para a travessia da infância à idade adulta. Pesquisas realizadas nas últimas quatro décadas revelam maior quantidade de conflitos no sexo feminino do que no masculino⁸.

Uma das explicações para o fato se baseia no duplo padrão de moralidade que governa a educação⁹.

A origem do duplo padrão de comportamento sexual remonta das culturas antigas em que as leis de herança eram favoráveis aos herdeiros do sexo masculino.

Predomina, na cultura ocidental, a permanência de uma moral sexual distinta, havendo maior tolerância para a atividade sexual dos homens.

No Brasil, este duplo padrão de moralidade originou-se do sistema de valores dos mouros que dominaram a Península Ibérica à época do descobri-

mento, dos males morais da escravatura, das condições demográficas e econômicas que caracterizavam a Colônia¹⁰.

Em nossa sociedade as expectativas quanto aos papéis femininos são evidentes na exigência da virgindade para a mulher.

A noção de um duplo padrão, entretanto, pode ser observada não apenas no comportamento sexual. A expectativa para os indivíduos do sexo masculino consiste no controle das emoções, e considera-se a “frescura” traço de feminilidade. E embora tenha havido alguma evolução nas últimas décadas, ainda se espera que a mulher cumpra as tarefas domésticas e o homem pague as contas. O papel tradicional do pai é sustentar os filhos e o da mãe educá-los. Em um grande número de famílias, a diferença dos papéis de gênero se reproduz principalmente em termos da autoridade concentrada na figura paterna cujo contraponto é a indulgência materna.

Outras conseqüências sociais das diferentes exigências aos homens e às mulheres podem ser apontadas: a perpetuação do domínio masculino, a atribuição às mulheres de papéis com conotações moralistas; a separação do comportamento sexual da afeição.

Autoridade, indulgência, e outras características vão sendo internalizadas no processo de aprendizagem dos papéis sociais, desenhando os esboços da aquisição do papel masculino ou feminino. Isso ficou evidente nas entrevistas realizadas com as gerações de décadas passadas que, durante muitos anos, absorveram as diferenças entre os sexos sem grandes questionamentos.

As graduais transformações dos papéis da mulher e mãe e as conseqüentes implicações nos seus contra-papéis (homem, marido, filhos) tornaram mais complexa a assimilação do modelo feminino ou masculino.

Nem todos os comportamentos são, hoje em dia, pautados exclusivamente segundo o duplo padrão. O crescente igualitarismo entre os sexos vem produzindo questionamentos quanto às hierarquizações.

Um grande número de adolescentes – por nós entrevistados – demonstraram, em seus depoimentos, estar sofrendo influências dessas mudanças. Rapazes criticaram as mães que não trabalham fora, garotas incluíram a profissionalização nos seus planos.

A sedução feminina torna-se mais ativa e a inteligência é apontada, pelos sujeitos do sexo masculino, como um dos principais requisitos para a escolha da namorada.

Diferentes formas de amar

*O amor é toda a vida de uma mulher,
ao passo que é apenas um momento
na vida de um homem.*

(frase escrita dos álbuns de recordação de
adolescentes de décadas passadas¹¹)

Existem indícios de que o amor e o namoro têm um significado mais profundo para as garotas do que para os rapazes. Pesquisas e depoimentos revelam que *elas* dependem mais fortemente, do que *eles*, da popularidade entre os membros do sexo oposto para sua auto-estima. Demonstram também maior envolvimento afetivo com o parceiro e a exigência de algo além da atração física.¹²

Análises da vinculação romantismo-erotismo constataam que o sexo masculino é mais erótico, enquanto o feminino é mais romântico¹³.

Apesar dos resultados das pesquisas recentes terem demonstrado haver uma maior igualdade entre os sexos¹⁴ causada pela liberação das mulheres¹⁵ em alguns aspectos da sexualidade, pode-se observar diferenças entre rapazes e moças. Elas são mais monogâmicas e menos permissivas do que eles¹⁶ e manifestam maior necessidade de envolvimento emocional com o parceiro¹⁷.

Sendo a atividade sexual da mulher legitimada através do amor, este aparece como uma maneira de controlar, de limitar a sexualidade feminina.¹⁸

Um dos motivos apontados para tais diferenças reside no fato de que, nas meninas, a capacidade para reprodução não coincide com a capacidade para serem estimuladas eroticamente. Entretanto, a educação pautada no duplo padrão de moralidade é considerada determinante por aqueles que enfatizam os condicionamentos culturais. Esse duplo padrão seria responsável pela desvinculação entre desejo sexual e amor. Seria também propiciador da prostituição, na medida em que esta permite satisfazer ‘as necessidades’ dos homens que ‘respeitam’ as mulheres a quem amam.

A oposição entre amor e sexualidade reflete o sistema de valores diferenciais relativos aos dois sexos. Honra, monogamia, adultério, fidelidade conjugal e promiscuidade são vinculados a uma concepção naturalizada e, portanto, não social, do feminino e do masculino.

Configura-se, assim, a junção (para a mulher) e a separação (para o homem) entre sexualidade e amor¹⁹.

Na construção dos gêneros feminino e masculino associa-se à mulher o “sagrado e os valores do coração”, residindo somente aí a sua superioridade

em relação ao homem. Por sua vez, o homem é repositório da autoridade moral, mas não da afetividade. A ele cabe o controle da sexualidade feminina para salvaguardar a sua própria honra depositada na imagem feminina. Acrescente-se, ainda, integrando este sistema de valores, a visão idealizada que o homem sustenta a respeito da figura materna.

Trata-se de idéia corrente “a distinção que, geralmente, se faz entre homem e mulher: o homem tem o sexo independente do amor e a mulher não”²⁰.

Outras diferenças têm sido invocadas: os meninos revelam maior preocupação com o desempenho, medo de não conseguir uma ereção, de ejacular rápido demais, de ter pênis pequeno, de engravidar a parceira e de contrair AIDS. Os temores expressos pelas meninas estão mais relacionados à perda do namorado, à gravidez, à AIDS, ter orgasmo, sentir dor, perder a virgindade, ser motivo de comentários do namorado com os amigos.

Mas tanto eles, como elas, entre o final da infância e o início da puberdade, experimentam dificuldades de aproximação com o sexo oposto. Nesta época, os meninos costumam se interessar por “mulheres”, revistas pornográficas, piadas “sujas”. A aproximação concreta com as garotas é, entretanto, evitada. Amigos são freqüentemente usados como mensageiros.

Elas trocam confidências sobre suas paixões, lançam olhares sedutores aos rapazes, anotam em agendas ou diários, os amores secretos. Muitas vezes o alimentam por alguém que nunca o saberá.

A Teoria dos Papéis não dá conta da questão da feminilidade. Se, por um lado, oferece elementos de análise para a aquisição da identidade de gênero, tem pouco a dizer sobre a aquisição da identidade sexual que, como já foi sinalizado, extrapola a aprendizagem de papéis.

Notas

¹ Trecho da canção “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque de Hollanda.

² In Senne, W. ‘Mulheres Desvairadas e Homens Perdidos’, 1990.

³ Figueira, S., et al., op. cit.

⁴ In Klineberg, O. “Psicologia Social”, 1967.

⁵ In Perazzo, S. “Descansem em Paz Nossos Mortos Dentro de Mim”, 1987.

⁶ In Mead, M. “Sexo e Temperamento”, 1979.

⁷ Engels desenvolveu a tese de que, após o período de matriarcado, os homens tomaram o poder das mulheres estabelecendo a propriedade privada, condição geradora da divisão do trabalho. Bettelheim atribuiu a necessidade do homem em destinar para si as atribuições mais importantes à sua inveja pela capacidade da mulher em engravidar.

⁸ In Angeli, H. A., “*A Problemática Sexual na Adolescência*”, 1986.

⁹ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*

¹⁰ In Azevedo, T., “*Cultura e Situação Social no Brasil*”, 1966.

¹¹ Autor não identificado.

¹² Angeli, H. A., *op. cit.*; Hass, A., “*A Sexualidade do Adolescente Brasileiro*”, 1981.

¹³ Houston, 1981, In Chipkevitch, E., “*Puberdade & Adolescência - Aspectos Biológicos, Clínicos e Psicossociais*”, 1995.

¹⁴ Wagner, 1986, *apud* Angeli, H. A., *op. cit.*

¹⁵ Diepold e Young, 1977, *apud* Angeli, H. A., *ibidem*.

¹⁶ In Angeli, H. A. *ibidem*.

¹⁷ In Hass, *op. cit.*

¹⁸ In Alves B. et al. “*Sexualidade e Desconhecimento: A Negação do Saber*”, 1980. p.278.

¹⁹ D'Incao, M. A., et al., “*Amor e Família no Brasil*”, 1989.

²⁰ *Ibidem*.

Quando a galera substitui a família

*Não sei aonde eu tô indo,
mas sei que eu tô no meu caminho
enquanto você me critica
eu tô no meu caminho.
Você esperando respostas
olhando pro espaço
e eu, tão ocupado, vivendo.*
(Raul Seixas¹)



Alguns autores relativizam a importância dos papéis desempenhados pelos pais na socialização e aquisição da identidade².

Não há dúvida de que outros modelos masculinos, como irmãos, companheiros ou mesmo heróis de TV, possuem influência marcante. Vários estudos têm focalizado a influência dos avós em termos de construção de identidade, de avaliação da memória social e de reelaboração de papéis. A relação avós & netos desempenha um papel significativo no desenvolvimento da subjetividade e assim, os pais deixam de ser a única referência.

O papel dos grupos de pares e outros agentes tais como os professores e amigos também têm sido ressaltados.

A formação das turmas permite ao jovem se confrontar com códigos e normas. Os agrupamentos de transição permitem, também, a aprendizagem da disciplina e a obediência aos imperativos sociais. Ao se integrar no sistema escolar, onde passa a ser julgado através de suas realizações, converte-se em membro de um *grupo-de-pares* e começa a assimilar os valores e juízos morais destes grupos. Sem essa experiência é provável que se apresentem sérias dificuldades na adolescência⁴.

Inúmeros estudos foram dedicados às relações de amizade entre os jovens. Eles descrevem os efeitos exercidos sobre os amigos quanto às atividades e à auto-imagem⁵ a influência do status socioeconômico na formação dos grupos. Informam que as influências da família podem ser fortalecidas ou contestadas por influências de amizades, embora nem sempre a conformidade à opinião dos colegas substitua a conformidade aos pais⁶. No entanto, tais pesquisas limitam-se a revelar algumas consequências das amizades no comportamento, sem aprofundar os moti-

No universo com o qual lido, os amigos são valorizados como constituindo o reino da liberdade. Ou seja, a amizade é uma coisa que o indivíduo conquista, não é algo que recebe pronto. Não se nasce amigo de uma pessoa, torna-se amigo, embora, se fizermos um estudo sociológico e antropológico da rede de relações, perceberemos que, obviamente, não nos tornamos amigos de qualquer pessoa. Existe uma coerção, todo um campo, que leva a ser amigo de certas pessoas e não de outras. Nesse universo que estudo, certas pessoas não podem ser amigas de indivíduos que pertençam segmentos muito diversos dos seus - há um mapa, mesmo esse reino da liberdade, da amizade, da opção, da individualidade, e as pessoas têm consciência disso.
(Gilberto Velho³)

Tive uma "paixonite" por uma professora. Tornei-a minha confidente e comecei a gostar de ir para o colégio nos dias das aulas dela. Minhas colegas caçoaram e disseram para eu ter cuidado porque a professora era solteira. Eu nada sabia sobre homossexualismo, mas pela pressão do grupo eu fui me afastando. Mas só me desliguei totalmente quando me apaixonei por um rapaz e comecei a namorá-lo.

(depoimento de uma adolescente dos anos 50)

Nunca pude imaginar que a Tina fosse tão mentirosa, tão cínica, tão egoísta. Estou completamente desiludida. Odeio esta luz cruel que me mostra o que eu não via no escuro. O conceito que eu tinha dela se despedaçou. Eu estou totalmente olhando os pedaços, fazendo tudo para reconstruir. Estou sentindo como se tivesse arrancado um pedaço de mim mesma...
Todo mundo é feito de ruínas de idealismo. Que desmorona súbita ou lentamente, mas desmorona.

(Trecho do diário de uma adolescente de 15 anos)

vos que determinariam a tendência ao agrupamento, que ocorre paralelo ao afastamento à família.

A noção de complementação de papéis oferece elementos para abordar a questão (vide Quadro I).

Novas identificações são construídas quando a criança começa a mover-se mais além dos limites domésticos. A perda da complementação simbiótica com os pais, a partir da maturação biológica, propicia terror, solidão, abandono, sintomas de um estado de luto. O adolescente tentaria, então, resgatar os vínculos perdidos estabelecendo laços de amizade⁷. Nestes primeiros investimentos afetivos fora do círculo familiar, torna-se possível compartilhar pensamentos, desejos, sentimentos.

A identidade grupal empresta unidade à sensação de fragmentação experimentada com as mudanças puberais e é fortalecida na adolescência na medida em que os semelhantes asseguram o reconhecimento ou aprovação desejadas.

No entanto, a vontade de se libertar dos adultos entra em choque com a necessidade de proteção. É possível observar em alguns adolescentes uma fascinação ou uma relação exclusivista por uma pessoa do mesmo sexo e esse fenômeno se repete geração após geração. Papéis idealizados são projetados sobre o outro que passa a ser visto como alguém que o adolescente desejaria ser, como um duplo da sua pessoa.

Freqüentemente os meninos escolhem amigos a partir de qualidades que gostariam de possuir, ou papéis que gostariam de desempenhar e, através da amizade, conseguem indiretamente adquiri-los.

Entre as meninas, uma das formas de idealização consiste numa afeição erotizada dirigida a homens ou mulheres possuidores de alguma semelhança parcial, ou diferença significativa, a um dos pais.

Nesse momento aparecem com freqüência as “paixonites” pela professora compreensiva, por uma garota mais velha, por um adulto *pra frente*.

Tais pessoas são amadas passivamente em troca de atenção e afeto.

A passagem do interesse por alguém semelhante para o interesse por alguém diferente de si próprio, ocorre durante a adolescência propriamente dita⁸. Garotas ou rapazes, até então desapercibidos ou evitados, de repente tornam-se sexualmente atraentes.

As amizades entre adolescentes são, em geral, seletivas, desconfiadas e exclusivistas. Decepções ou rompimentos provocam sofrimento intenso.

O monopólio das relações propicia brigas e eventuais rupturas, pois uma ligação contínua e possessiva geralmente resulta em frustrações. E o amigo idealizado cai como um ídolo de barro.

Os sentimentos eróticos que acompanham freqüentemente as amizades nos primeiros tempos da adolescência, são invocados para explicar a súbita interrupção de tais relações. Neste período, a falta ou separação de uma amiga pode provocar, em uma menina, depressão e, até mesmo, perda do interesse pela vida⁹.

Subculturas jovens

*Eu gosto de ser diferente porque ser diferente
não é ser errado, certo?*

(Pedro, 15 anos)

A busca de diferenciação que, assim como a busca de igualdade, faz parte do processo de aquisição de uma identidade, culmina na criação de subculturas com características peculiares. A elas os adolescentes expressam fidelidade, ajustam-se a seus costumes, chegando às vezes a um hiper conformismo – traduzido em inconformismo – que pode produzir conflitos com os pais. “*Minha galera é minha família*” – encontramos afirmação deste tipo em várias entrevistas realizadas nos anos 90.

Através de tais grupos, os adolescentes tornam-se um conjunto enquanto categoria de idade.

E como todo conjunto fechado só se sustenta a partir de uma exceção, ao adotarem vocabulário, atitudes, vestuários, preferências musicais, formas de lazer específicas, encontram a exceção capaz de os diferenciar das outras gerações. O caráter esotérico da gíria é uma das formas utilizadas para afirmar a existência de um grupo fechado e permite ao indivíduo provar que pertence a ele¹⁰.

Num período em que a pergunta é “*quem sou eu?*” uma etiqueta, uma marca prometem respostas. Vestir tal camisa, circular em tal carro, calça tal tênis, emprestam formas de reconhecimento. Daí surgem as modas e os modismos criados especialmente pelos e para os jovens.

A moda é um processo de imitação que leva à conformidade social, uma vez que, por seu intermédio, o comportamento se coletiviza e se uniformiza. Mas há dois processos antagônicos na Moda: a imitação que iguala e a diferenciação em que a pessoa afirma sua individualidade. Os adolescentes, cuja energia é tão pouco aproveitada, ficam também vulneráveis à identificação com pessoas que parecem realizar algo fora do comum.

Nos tempos pós-modernos, porém, a figura do herói já não existe. Heroísmo é sobreviver com um salário mínimo, façanha praticada por milhões de brasileiros. Os ídolos surgem no espaço em branco deixado pelos heróis. Em tempos de escassez, a promessa de uma vida de prazer seduz ainda mais. Vida encarnada nos astros do cinema, da televisão e da canção, os novos deuses do Olimpo da era tecnológica.

Consumir é preciso, viver não é preciso

Pois nem sempre é possível escapar a uma uniformização mais abrangente imposta pela indústria cultural. Esta universaliza e coletiviza os sujeitos para atender as exigências do consumo, ultrapassando as fronteiras nacionais e etárias. O cinema de Hollywood e o europeu, por exemplo, são feitos para as platéias do mundo inteiro. As grandes cadeias de televisão, através dos satélites, transmitem ao vivo programas de interesse mundial¹¹.

É inegável a influência dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, transmissora de atitudes, normas, valores.

Os programas ajudam a manter os estereótipos culturais, difundindo padrões de comportamento. Ampliam o imaginário possibilitando a fuga às formas de produção instauradas pelo capitalismo.

Em uma análise sobre o tema, o psicanalista Jurandir Freire Costa considerou que o comportamento do brasileiro médio vem sendo regulado por normas impostas como corretas pelos meios de comunicação, especialmente a TV. A absorção desses valores está tornando a sociedade brasileira uma das mais egocêntricas e mal-educadas do mundo. Concluiu que a cultura televisiva,

baseada nas leis do mercado, no consumo e na obtenção imediata de retorno publicitário, tornou o espectador em um consumidor acima de tudo¹².

A televisão moderna tem a capacidade de causar a alucinação no público. Ela provoca uma espécie de fascinação coletiva e contamina a platéia. – afirmou o filósofo e jornalista francês Henri-Pierre Jeudy. Ele acredita que hoje, nos programas de TV, as imagens são mais importantes do que o próprio evento, aumentando o poder de influência sobre o telespectador. *A TV não é mais um espelho da sociedade, tendo agora autonomia*¹³.

E assim vai sendo forjado, em todos os países do mundo, um *homem médio* padronizado, cujas raízes vêm das classes médias do mundo ocidental, especialmente dos Estados Unidos. Esmagado por todos os tipos de limitação, ele tenta recuperar o prazer roubado pelo trabalho alienado. As formas de compensação, proporcionadas pelo lazer, contribuem, porém, mais para o equilíbrio do sistema do que do indivíduo.

Para os adolescentes, as diversões, os programas de fim de semana, os esportes propiciam, não apenas uma trégua aos estudos, mas o relacionamento com seus grupos de pares. E a juventude tornou-se um dos mais lucrativos investimentos das indústrias do lazer.

Os passeios nas praças, ou os *footings* ao ar livre foram substituídos pelos encontros nos espaços fechados das lanchonetes e dos *shoppings*. Os esportes proliferaram e exigiram roupas, calçados, e adereços especiais. O banho de mar deixou de ser apenas um hábito saudável, e a praia se transformou em ponto de encontro, oportunidade de exibir o corpo que, por isso mesmo, tem que ser modelado segundo os padrões estéticos. Ginásticas e equivalentes passaram a ser indispensáveis e as academias se multiplicaram.

Os tipos de diversão são constantemente renovados. Patinação, no asfalto e no gelo, boliche, cervejarias, discotecas, *drive-ins*, etc., foram coqueluches pelas quais os jovens aderiram e abandonaram nas últimas décadas.

Esses costumes, não poderiam ser reduzidos apenas a modismos. Não surgiram do nada e não foram quebrados ao acaso.

Podemos até assistir guerras pela televisão, sentados em confortáveis poltronas. Vimos, por exemplo, durante os conflitos no Golfo Pérsico, como se estivéssemos brincando de vídeo-game, milhares de pessoas sendo assassinadas.

(Loreta Valadares, professora de Ciências Políticas da UFBA)

Alimentamos nosso desejo de ação por procuração através do cinema, do esporte, da televisão, e respondemos aos estímulos repetidos da sociedade com um desejo insaciável de ativismo para ocupar nosso tempo de lazer: saímos, dançamos, viajamos nos fins de semana, telefonamos sem parar, percorremos revistas e jornais, jogamos e, em último caso, recorremos ao sono farmacêutico para escapar do vazio e da solidão¹⁴.

Pelo contrário, eles surgem sempre como revelação de um determinado interesse social, mais especificamente, como interesse de uma determinada classe social. As novas formas de relacionamento entre os jovens resultantes das várias formas de lazer, se fundam num contexto maior, que passam inequivocamente pelo aspecto econômico da sociedade.

Matando a sede de viver com coca-cola

Paralelamente crescem as queixas contra a massificação e os discursos das peculiaridades. Basta ligar o rádio, para se escutar receitas várias. Das academias de ginástica às terapias alternativas, todas propõem uma saída para o homem estandardizado. *“Venha aqui para descobrir sua singularidade”*.

Onde encontrar as singularidades? Em sua incessante procura multiplica-se o número dos seduzidos pelas infinitas possibilidades acenadas pelo consumo para a reapropriação da individualidade, na medida em que este oferece status, poder, e identidade.

Círculo vicioso. Buscando escapar da massificação, apela-se para os uniformizadores objetos de consumo na ilusória tentativa de aquisição da individualidade...

“Para ser qualquer coisa é preciso, antes de mais nada ser bem remunerado. Pois então, uma feitiçaria começa a surtir efeito. A vontade de se achar, em encontrar um sentido para a existência é ardilosamente convertida em lucro. É o que vemos em reluzentes ‘out-doors’, com mensagens do tipo se te falta inteligência, tal ‘grife’; se te falta requinte, tal uísque; se te falta alegria de viver, uma coca-cola. As mercadorias fetichizadas, se transformam na promessa da face perdida, e iludem o jovem na busca de si mesmo” (Wilson Senne¹⁵).

Eis porque a identidade surgiu como um problema e como questão da psicologia moderna. Roupas, penteados e adereços tornam-se, não apenas formas de se apresentar ou contestar, mas de lidar com o corpo, cuja metamorfose ameaça fragmentar o sentimento de unidade.

A tendência ao agrupamento, nítida durante a adolescência, também é considerada a expressão de uma crise, na medida em que o grupo oferece formas para a oposição. Nesta perspectiva, os diversos tipos de grupos jovens se igualam na sua origem e se diferenciam pelos objetivos que os constituem.

Segundo uma das análises sobre a formação dos grupos juvenis, estes podem ser classificados em três tipos. O primeiro tipo engloba os grupos delinquentes definidos em linhas gerais por atos destrutivos e violentos.

Pertencente ao segundo tipo, são os grupos políticos e alguns grupos religiosos pautados no desejo de mudança das instituições ou dos indivíduos. Estão geralmente marcados pelo idealismo, embora muitos deles o ultrapassem.

O terceiro tipo tem traços boêmios e anárquicos, caracterizando-se pelo desprezo às convenções sociais, um certo descrédito na política institucional, atração pelo proibido. Em alguns deles podem ser identificados elementos do Romantismo, tais como o desapego a valores materiais e a expressão dos sentimentos interiores. Os movimentos contraculturais, *hippies* os exemplificam. A busca da transcendência, aliada à busca de criatividade, estão às vezes presentes, culminando em experiências místicas obtidas através das drogas ou exercícios espirituais¹⁶.

Rebeldes com causa

*Até bem pouco tempo, os filhos pródigos
diziam merda aos pais e se passavam com
armas e bagagens para a esquerda,
era clássico: o revoltado virava militante.
Mas, e quando os pais são de esquerda?
Que fazer?*

(Jean Paul Sartre¹⁷)

À medida em que o adolescente vai se libertando das paredes do lar, ganha oportunidade de ampliar seus espaços e enxergar o mundo com outros olhos. A aquisição da capacidade de abstração lhe permite avaliações críticas. Daí a dificuldade de muitos jovens em aceitar os valores vigentes, especialmente se estiverem em contradição com seus recém adquiridos valores¹⁸. A repulsa ao sistema impele à busca de novas fórmulas e provoca desconfiança e rejeição ao mundo dos adultos, vítimas, estes também, da confusão axiológica.

A rebelião juvenil tem se repetido ao longo da história, com variações episódicas.

Alguns traços em comum se referem à insatisfação mal definida com o sistema social, associado a uma desilusão com o mun-

A grande questão era recusar e recusar passava pela postura político-ideológica-sexual de cada um. Implicava uma certa subversão dos costumes; havia toda uma conotação favorável ao que era marginal, "maldito", alternativo". Implicava o repúdio das ditaduras, da violência e, é claro, uma recusa da família, vista como sustentáculo do "sistema" que se queria "modificar". Hoje há uma impressão geral de conformidade, e rebeldia soa como passado, uma coisa meio kitsch (quase como flores de plástico ou pingüim de geladeira).
(Fernanda Moura²¹)

do adulto. Os participantes dos movimentos juvenis se considerariam, então, capazes de cumprir uma especial missão histórica a partir do fracasso das gerações mais velhas.

As especificidades são encontradas, não apenas nos diferentes graus de desenvolvimento econômico¹⁹ das sociedades às quais o jovem pertence, mas também nas diferentes percepções e interpretações da realidade que direcionam as várias formas de reação.

Trinta anos atrás, rebeldia era quase sinônimo de engajamento. Rebelde hoje é estar dentro do sistema. É fazer rock e ganhar dinheiro *com isto*²⁰.

Algumas análises enfatizam os fatores socioeconômicos como determinantes da contestação juvenil. Outras a consideram uma inadaptação, um fenômeno com leis próprias fora do contexto geral da sociedade. Um exemplo desta segunda posição é a interpretação da 'crise juvenil' como manifestação rebelde decorrente de aspectos estruturais da 'crise adolescente' (vide capítulo III).

A rebelião da juventude também tem sido articulada ao processo de emancipação à família. O caminho em direção à heterossexualidade – que, como já foi destacado, exige o afastamento dos primeiros objetos de amor – se traduziria em sentimentos de hostilidade e rejeição, transferidos para a sociedade. Os movimentos estudantis ofereceriam, então, possibilidades de lutar pelo desejo de liberdade e contra qualquer tipo de repressão.

Vimos que a perda da segurança e equilíbrio pode resultar na busca de identificação com modelos idealizados. Estes são, então, procurados fora da esfera doméstica, muitas vezes estimulados pelas fantasias de heroísmo.

Por isso é freqüente, durante os anos adolescentes o desejo de reviver o tempo dos heróis.

Na época atual, este desejo é inspirado por líderes, artistas, cientistas ou políticos que ocupam o lugar dos cavaleiros andantes.

O idealismo às vezes assume formas reais e concretas culminando em tentativas de respostas aos impasses das sociedades industrializadas: ameaça de armas nucleares, poluição do meio

Os movimentos estudantis nascidos de descontentamentos gerais desenvolvem um conjunto dos imperativos intelectuais e morais e um ingrediente populista: um grupo oprimido com o qual eles podem se identificar. O movimento assume uma forma de rebelião contra a geração mais velha, em nome do povo. O movimento é santificado pelos próprios princípios éticos que a geração mais velha traiu.

(Sawrey e Telford²²)

ambiente, explosão demográfica, pobreza e fome, desigualdades sociais e econômicas, guerras constantes, racismo, massacre de minorias. Destacamos também o desenvolvimento dos meios de comunicação que provocam impacto psicológico e social ao divulgarem todos esses problemas. Acrescenta-se, ainda, a contradição dos valores morais vigentes, a mudança dos papéis de família, a afirmação profissional da mulher, a diminuição da crença religiosa, a contestação ao catolicismo tradicional, a expansão de filosofias materialistas e humanistas.

Por outro lado, não se pode ignorar que o agravamento da crise mundial resulta em desemprego que atinge os jovens do primeiro ao terceiro mundo.

Outros estudiosos defendem que a inquietação do período da adolescência é decorrente da facilidade com que os motivos são satisfeitos. *“a facilidade e abundância com que a maioria das metas materiais e sociais são atingidas numa sociedade afluyente torna essas metas triviais”*²³. Daí as buscas de experiências intensas através de drogas, sexualidade ou movimentos de protesto. A opção por cada uma delas dependeria de fatores internos e de circunstâncias propiciadoras. Nesta perspectiva, os comportamentos rebeldes – com ou sem causa – poderiam ser formas de assumir a angústia da existência, consequência do niilismo que, segundo algumas análises²⁴, é produzido pelo encontro do indivíduo com uma sociedade que não oferece sentido à vida.

A posição de homem marginal, em cujo espaço também se encontram intelectuais, poetas e artistas, é considerada, por alguns autores²⁵, um fator decisivo para explicar a busca do novo pelos jovens, e sua recusa em encarar a ordem como algo natural. Por não estarem inteiramente engajados nos papéis de adulto definidos pelo sistema social, não se sentem motivados, nem obrigados, a se comprometer com os apelos das gerações mais velhas, cujos valores ainda não foram assimilados, ou já são questionados.

Tais condições oferecem uma explicação para o caráter revolucionário do período de transição entre os papéis de idade, uma vez que o desempenho dos papéis de adulto englobam papéis

Se dissermos que a mocidade é um agente mobilizador da vida social, convirá indicar claramente os elementos da adolescência que, se mobilizados e integrados, auxiliam a sociedade a dar uma nova saída. (...) a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade.

(Karl Mannheim²⁶)

profissionais, de autoridade, de paternidade ou maternidade. Para serem cumpridos segundo os modelos tradicionais, estes exigem uma adaptação e uma aceitação ao 'status quo'.

Existem, entretanto, questionamentos sobre a idéia de que a juventude é progressista "por índole" e, por isso, contestadora da ordem social. A formação de movimentos reacionários e conservadores entre os jovens, serve de base para tais pontuações.

A insegurança decorrente das diversas mutações que o adolescente precisa enfrentar, abrem as portas para valores e objetivos novos²⁷.

A sensação de inadequação dos valores desenvolvidos na infância, caminha paralela à rejeição dos valores exibidos pela família, da qual o adolescente precisa se libertar. O espaço aberto pelo abandono de antigas concepções e crenças favorece, então, a necessidade de recorrer às concepções de outros grupos e, desta forma, há uma maior vulnerabilidade à sua influência.

Quando uma criança, de qualquer cultura, é criada em um ambiente homogêneo em termos de atitudes e valores, recebe informações tendenciosas ou unilaterais. Quando amadurece, dificilmente escapa de estar exposta a informações ou opiniões divergentes que vão de encontro aos referenciais até então absorvidos. Seu sistema de crenças é, então, reorganizado. Ao atingir a idade adulta, o indivíduo deixa de ser um recipiente passivo de informações e valores.

Por outro lado, devido ao processo de mudança social, os valores tendem a desaparecer e dar lugar a outros, como é o caso da exigência da virgindade como condição *sine qua non* para o casamento.

O adolescente depara-se, então, diante da renovação, não apenas da sua própria concepção de mundo, mas da incessante transformação do sistema de valores nas sociedades modernas. E como são estes os responsáveis pela estruturação das atitudes – e, através destas, pelas motivações e papéis dos membros de uma sociedade – a variação dos primeiros determina fatalmente a variação dos segundos.

Como se pode perceber, estamos falando outra vez em crise. As considerações desenvolvidas permitem articulá-la à rebeldia – com ou sem causa –, às diversas formas de contestação expressas a nível intra ou inter grupal, às atitudes paralisadoras ou dinâmicas.

Influências nas opções políticas

Embora não tenham mais o poder de antes, os pais exercem um papel importante nas opções e atitudes políticas²⁸. A responsabilidade pela criação dos filhos vem sendo repartida, porém, com outras instituições sociais: Escola, mídia, grupo-de-pares.

A tendência para adotar preferências políticas dos pais declina com a idade. Enquanto quase 80% dos alunos de escolas secundárias concordaram com seus pais na preferência partidária²⁹, apenas 50 a 60% dos estudantes do primeiro ano de qualquer universidade concordavam³⁰.

É difícil estabelecer o papel exato da Escola sobre o desenvolvimento das ideologias políticas. Embora tenha importância reduzida sobre as opções partidárias, algumas pesquisas revelam sua contribuição para a interiorização das regras e normas³¹. Um professor, por exemplo é capaz de despertar, através de suas aulas, uma consciência crítica dos problemas sociais, sobre o lugar que o cidadão ocupa nas instituições e ajudar a desmascarar a ideologia vigente.

Certamente a Universidade, como espaço propício à reflexão e crítica, também funciona como uma alavanca para a conscientização política. Nesse processo, é inegável o papel dos grupos-de-pares que, através das entidades estudantis, propiciam formas de atuação.

Estas, porém, nem sempre são analisadas em suas razões.

Os ensinamentos religiosos, por sua vez, podem alimentar o desejo de transformações sociais na medida em que estimulem uma espiritualidade engajada.

Catarses e fugas

Não se pode também ignorar que, às vezes, por trás de um jovem revolucionário se esconde um individualista. Há evidências de manifestações de sadismo, paranóia, deslocamentos de agressividade em militantes estudantis. Muitos deles buscam apenas o poder, através de posições de liderança, ou alívio de ansiedade e tensões através de catarses emocionais.

O que acho da política? Sei lá! Eu votei no Collor porque toda minha turma votou.

(sexo feminino, 17 anos)

Ao participar de um movimento de massa, o adolescente está sujeito – assim como estão as pessoas das demais faixas etárias – a profundas alterações em sua atividade psíquica. A emoção torna-se intensificada, a capacidade intelectual é reduzida. Ambos os processos se convergem para uma aproximação com os membros que compõem a multidão. Numa situação grupal, o indivíduo sente-se capaz de sacrificar seus interesses pessoais pelos coletivos.

A liderança, por sua vez, tem sido atribuída à necessidade de obediência do ser humano que o leva a colocar-se sob a influência de um chefe.

A falta de liberdade do indivíduo diluído numa massa constitui-se um dos fenômenos da Psicologia Social. As singularidades se apagam, surgindo comportamentos nunca anteriormente expressos. Muitas vezes são liberados impulsos que se costuma controlar quando se está sozinho. A anonimidade protege e tira a responsabilidade pessoal.

É possível observar em passeatas, no carnaval, nas torcidas de futebol, uma propensão ao entusiasmo, à descontração que podem assumir diversas formas, das violentas às heróicas.

Alguns autores compararam as massas aos povos primitivos e às crianças pois o sentimento de onipotência os caracteriza, assim como a credulidade, a abertura para a influência, a falta de crítica, o conservadorismo, a sujeição ao poder mágico das palavras e a exigência de ilusões³².

Outros querem eliminar o tédio ou se ligam aos membros de grupos por laços afetivos, amorosos e, a partir daí, seguem suas palavras de ordem. São os outrora chamados “*inocentes úteis*”. No entanto, generalizações de tais comportamentos têm sido bastante utilizadas para desqualificar o componente revolucionário dos jovens que estão geralmente na vanguarda e ameaçam a ordem social.

A continuidade da ação política na vida adulta por um grande número de militantes estudantis desmente o discurso ideológico que se manifesta em frases do tipo: **Aos 20 anos se é incendiário, aos 30, bombeiro, aos 40, dono de uma fábrica de extintores de fogo.**

Nossa geração conseguiu acabar com o mito de que só se é de esquerda quando se é jovem.

(Vladimir Palmeira³³)

Embora pertencendo a uma outra geração, Millôr Fernandes já havia dito: *Não tenho mais idade para não ser revolucionário!*.

Tais jargões fortalecem a concepção tradicional de rebeldia como um dos sinônimos de uma crise passageira. Terminada a “fase”, termina o mal-estar. Não foi por acaso que a aplicação de fórmulas ‘psicológicas’, adequadoras ao sistema, ganhou terreno e espaço nos países capitalistas...

Quando utilizados de forma linear, certos conceitos teóricos também serviram – e ainda servem! – para fortalecer a ideologia da adaptação. Definir o jovem rebelde como aquele que, sem condições de repetir o parricídio, elege outros chefes para destruir, é uma interpretação simplista de quem se contenta com chavões, ou de quem *ouviu o galo cantar e não sabe onde* – Assim se constróem os mitos que, envoltos numa linguagem intelectualizada, adquirem valor de verdade...

Nunca é demais ressaltar que um estudo comparativo sobre a militância política dos jovens exige amplas análises das épocas abordadas. Para falar – ou enaltecer – os adolescentes dos ‘anos rebeldes’ seria preciso compreendê-los situados no contexto em que tais comportamentos se manifestaram.

Para se analisar as diferenças entre os estudantes de hoje e os das décadas anteriores, precisamos, então, ter informações mais detalhadas e abrangentes sobre as opiniões, atitudes e comportamento das diversas gerações dos secundaristas e universitários brasileiros .

Os momentos políticos são diferentes, assim como diferentes são a realidade e a consciência política.

Nos anos 50, o mundo viveu a guerra fria entre duas super potências, a luta pela hegemonia. Nos anos 60 houve uma mudança política histórica. Foi deflagrada a guerra do Vietnã, surgiram os Beatles, os ‘hippies’ que, pregando a paz, deram uma contribuição altamente revolucionária a nível comportamental e psicológico. Houve as grandes mobilizações de 68. Não foi sem mais nem menos que, na fase dos 60, forjou-se ditaduras militares na América Latina. As passeatas e os movimentos eram planejados de forma “conspirativa”, os partidos políticos estavam clandestinos. A década de 70 foi uma época de enfrentamento concreto. Os jovens iam para a rua brigar com a polícia. Quem pertencesse a qualquer partido político, podia ser preso, torturado e morto.

O movimento estudantil atual inegavelmente difere do das décadas anteriores.

É preciso analisar a problemática da participação política sob uma perspectiva histórica, senão teremos uma visão dogmática. Não podemos afirmar,

portanto, que existe um grau de consciência política maior ou menor do que a anterior, pois os novos aspectos políticos, sociológicos, comportamentais, psicológicos acrescentaram novas características.

Não esqueçamos também que os órgãos de comunicação funcionam como oráculos, portadores da verdade absoluta. Durante os anos 60, deram destaque aos jovens rebeldes. Escritores, cineastas neles se inspiraram. Quem não estivesse engajado, sentia-se à margem da vida. Chamados “vanguarda revolucionária”, os estudantes desempenharam um papel significativo. Ninguém dava atenção à minoria (minoria?) silenciosa.

Dos tempos da ditadura até o “*impeachment*”, o movimento estudantil ocupou espaços reduzidos nos jornais e televisões. Medo, silêncio político, Reforma Universitária, contribuíram para desmantelar as lideranças e desmobilizar os jovens.

Em contrapartida, não podemos esquecer que a soma dos votos pró Lula e pró Fernando Henrique ultrapassou os votos conservadores. A campanha pelas diretas levou um incalculável número de jovens para as ruas...

Durante o movimento do ‘Fora Collor’ a imprensa ajudou a criar a impressão de que houve, de repente, uma histeria coletiva e as pessoas resolveram sair às ruas para derrubar o presidente. Na verdade, a reação já estava latente. Não interessava, porém, mostrá-la. Poucos anos antes, em 1989, uma manifestação reivindicando o aumento da quota de passe estudantil, havia levado às ruas 12 mil estudantes. Os estudantes apanharam da polícia. No dia seguinte, 20 mil estudantes foram à rua. A reivindicação não era mais o passe estudantil e, sim, o fim da repressão. A imprensa não deu a menor atenção, não publicou manchetes como ocorreria depois no movimento ‘Fora Collor’.

Não restam dúvidas sobre o poder que exerce a mídia na criação, instalação, modificação, de comportamentos, atitudes e valores. Forja ou desmistifica ídolos, lança modismos, uniformiza os sotaques, transforma mentiras em verdades ou vice-versa. A propaganda elege ou derruba políticos, vira pelo avesso as preferências.

Há duas décadas atrás, Lacan já dizia que não tardaria o dia em que os governantes seriam eleitos pelo olhar e pela voz... Este dia chegou e vivemos as conseqüências de tal absurdo.

Mas não é só como difusores de imagens e palavras que os meios de comunicação cumprem seu papel. Além de funcionarem como transmissores de verdades dificilmente questionáveis, desviam a atenção, ou dão novos sig-

nificados a determinados tipos de problemas que, de outro modo, poderiam provocar reações indesejáveis ao sistema.

E o mundo que se abre ao adolescente é embrulhado de tal maneira que o conteúdo geralmente lhe escapa...

A discussão da constituição e adesão aos movimentos jovens parece, então, não ser possível mediante uma única abordagem teórica. Devemos, portanto, evitar análises reducionistas que superestimam alguns aspectos, em detrimento de outros. As variáveis são muitas e, muitas delas não são identificáveis a olho nu. Diferentes motivações desembocam em comportamentos semelhantes, e esta semelhança despista sua origem.

A dialética particularidades & generalidades vem à tona, mais uma vez, desafiando as conclusões parciais.

QUADRO I

COMPLEMENTAÇÃO DE PAPÉIS

Os papéis se caracterizam pela função de complementação. Não há comportamento de papel sem outro que o complemente, também chamado de 'contra-papel'.

Tanto os papéis sociais como os pessoais só existem ao serem complementados. O papel social de pai só é possível se houver um papel social de filho e vice-versa. Um papel de patrão não pode ser desempenhado sem o papel de empregado, um marido não é marido sem esposa, um professor não é professor sem aluno, etc... Em termos pessoais, a complementação se expressa nas tentativas de preenchimento daquilo que não se tem, em um outro, como é o caso da amizade e do amor. Essa troca pode também fortalecer determinados papéis. O papel irresponsável de um professor que "passa de graça", compactua com o papel irresponsável de um aluno que não quer estudar.

Ora, se não existe papel sem contra-papel, os papéis que não são complementados desaparecem, ou seja, deixam de ser desempenhados. A consequência disso é que todos são cúmplices. Uma pessoa submissa é cúmplice de quem a domina pois, se deixar de ser submissa não haverá dominador. Na complementação de papéis existem vínculos simétricos e assimétricos. Os primeiros são estabelecidos por relações horizontais, diretamente intercambiáveis, como ocorrem entre irmãos, amigos, amantes, sócios, etc. Os vínculos assimétricos – pai-filho, professor-aluno, médico-paciente, patrão-empregado se caracterizam por uma certa hierarquia, e impossibilidade de troca de posições. Um filho jamais poderá ser pai de seu próprio pai, embora ele possa ser pai de seu filho. Sendo assim, a primeira relação que o homem estabelece em sua vida, através do papel social filho-mãe, é uma relação assimétrica e não intercambiável.

Admitir a impossibilidade de encontrar o contra-papel simbiótico simétrico, é o mesmo que admitir a impossibilidade de completude do ser humano.

Notas

- ¹ Trecho da canção “No Fundo do Quintal da Escola”.
- ² In Mead, M. “Cultura y Compromiso. Estudio sobre la Ruptura Generacional”, 1971.
- ³ In Velho, G., “Família e Subjetividade”. In Almeida, A. et al., op. cit., p. 79.
- ⁴ In Lidz, T., op. cit.
- ⁵ In Mussen et al., “Desenvolvimento e Personalidade da Criança”, 1977, p. 477.
- ⁶ In Britain, C. V., 1963, apud Mussen et al., *ibidem*.
- ⁷ In Knobel, M. In Aberastury, A.; Knobel, M. “La Adolescencia Normal”, 1973.
- ⁸ In Mc Kinney, J. P. et al., op. cit.
- ⁹ In Deutsch, H., apud Blos, P., “Adolescência - Uma Interpretação Psicanalítica”, 1985.
- ¹⁰ In Stoetzel, J. “Psicologia Social”, 1976, p. 227.
- ¹¹ Palestra de Wilson Senne, professor do departamento de Psicologia da UFBA.
- ¹² In ‘Cadernos do Terceiro Mundo’ - agosto de 1993.
- ¹³ *Ibidem*.
- ¹⁴ In ‘Veja’, Edição especial dos Anos 60.
- ¹⁵ Texto produzido para os alunos do curso de Psicologia da UFBA em 1987.
- ¹⁶ In Fau, René, “Características Gerais do Grupo durante a Adolescência” In Brito, S., op. cit., v. III.
- ¹⁷ Na introdução ao livro de Nizan, P., op. cit., p. 9.
- ¹⁸ O termo ‘valor’ se refere a um critério de avaliação dos membros de uma sociedade.
- ¹⁹ In Estrada, G. “Los Movimientos Estudiantis en la UNAM” - In Deslinde, Cuadernos de Cultura Política, U. Mexico, U. Nac. Autonoma de Mexico, 51.
- ²⁰ Declaração de Renato Russo líder de uma das bandas da chamada vanguarda pós-punk do rock nacional (Legião Urbana), ao Jornal do Brasil, apud Moura, F., In D’Incao, M. A., op. cit., p. 46.
- ²¹ In Moura, F., *ibidem*.
- ²² In “Psychology of Adjustment”, 1971, p. 434.
- ²³ *Ibidem*.
- ²⁴ In Lapassade, J., op. cit.
- ²⁵ In Mannheim, K., “O Problema da Juventude na Sociedade Moderna”. In Brito, S., *ibidem*.
- ²⁶ *Ibidem*.
- ²⁷ In Rosenmayr, L. “A Situação Sócio-Econômica da Juventude de Hoje”. In Brito, S., op. cit., p. 135.
- ²⁸ In Claes, M., op. cit.
- ²⁹ In Hess e Torney, 1965, apud Freedman, Carlsmith e Sears, “Psicologia Social”, 1973.

³⁰ *In Golsen et al., 1960, apud Freedman et al., ibidem.*

³¹ *In Claes, M., op. cit.*

³² *In Le Bon, G. "The Crowd", 1896.*

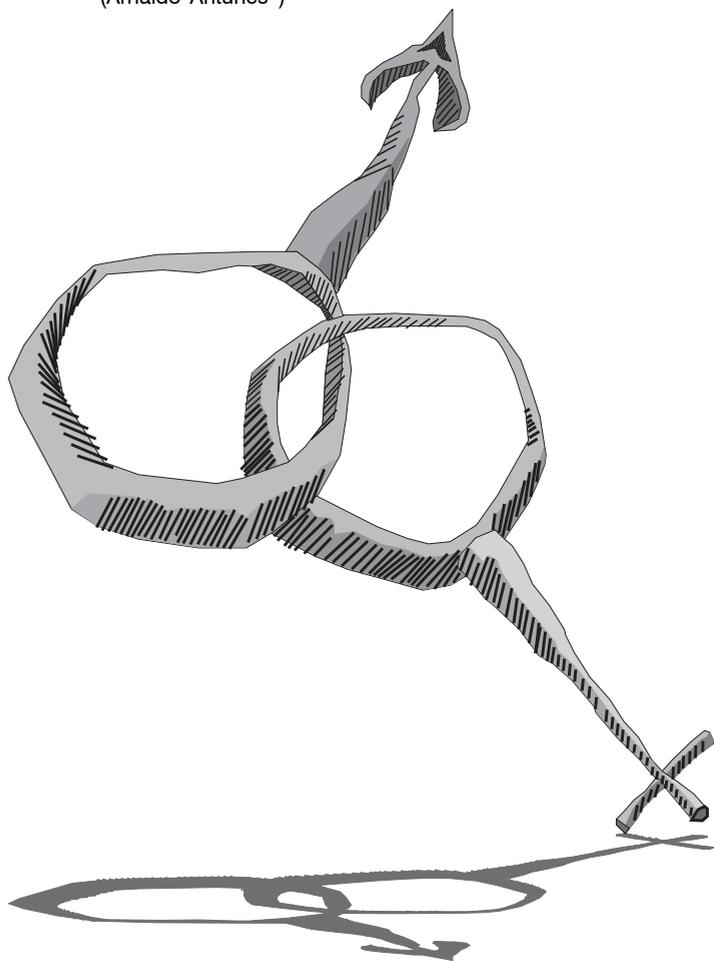
³³ *In 'Isto É', 1/6/88, p. 38.*

O corpo e seus avatares

*Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho, essa cara não é minha
Mas é que quando eu me toquei, achei tão estranho
A minha barba estava deste tamanho.*

*Será que eu falei o que ninguém dizia?
Será que eu escutei o que ninguém ouvia?
Eu não vou me adaptar!*

(Arnaldo Antunes¹)



A puberdade não constitui apenas uma transformação do corpo e de suas diferentes funções mas, também, uma transformação do indivíduo frente a seu próprio corpo.

No estudo sobre a adolescência, não se pode ignorar os fenômenos psicológicos que estão unidos às transformações puberais. Alguns são conseqüências diretas das mudanças endocrinológicas, outros são mais indiretos e representam reações pessoais diante do corpo modificado (vide Quadro I).

Há, portanto, uma interação circular entre a atividade hormonal, a maturidade sexual, o crescimento e fatores psicossociais.

As alterações operadas no corpo determinam uma revisão da auto-imagem.

A construção da imagem corporal é feita a partir da coordenação de sensações internas, de atividades diversas, de representações visuais, através de uma integração e uma diferenciação progressivas. Integrada pelas múltiplas percepções, depende de processos psicológicos internalizados e dos papéis sexuais definidos pela cultura. Sua estrutura é, portanto, determinada por elementos físicos, psíquicos e sociais, tanto ao nível consciente, como inconsciente.

A auto-imagem pode ser comprometida em função da rapidez com que as mudanças puberais se efetuam, ou pela falta de informações recebidas sobre tais mudanças (vide quadro II). O desconhecimento da variabilidade da idade da maturação e do ritmo das alterações corporais propiciam preocupações sobre a normalidade do desenvolvimento.

Neste período, as glândulas sebáceas tornam-se mais ativas, as secreções de óleo aumentam e dilatam-se os poros, surgindo a

Imagem corporal² é a "representação, ou imagem, que cada um faz do seu corpo e que serve de ponto de referência no espaço". É, por conseguinte, a maneira como vemos nosso corpo. Abarca a visão que temos de nós mesmos, não só fisicamente, mas fisiológica, sociológica e psicologicamente. Pode também ser compreendida como a representação condensada de experiências presentes e passadas, reais ou imaginárias, do indivíduo com seu próprio corpo.

É muito curioso o que me sucede, não apenas o que é visível no exterior do meu corpo, mas também o que se passa no interior.
(Anne Frank⁵)

acne. A crença supersticiosa, segundo a qual as erupções cutâneas são provocadas pela masturbação excessiva, ou por doenças venéreas, provoca nos meninos vergonha e ansiedade.

Também são freqüentes os comportamentos de timidez, medo de chamar atenção por algum detalhe que provoque crítica.

Pesquisas revelaram que as fontes de maior preocupação dos adolescentes estão relacionadas aos órgãos sexuais, aos caracteres sexuais secundários, ao tipo constitucional, à obesidade ou magreza excessiva, ao crescimento irregular, aos transtornos cutâneos, aos defeitos físicos, à menstruação, às poluções noturnas³. Algumas dessas pesquisas indicaram que, quanto mais perturbado afetivamente, menos tolerante será o adolescente em relação a seu aspecto físico⁴.

Não é fácil, portanto, para o adolescente, integrar todas as modificações corporais e, muitas vezes, o corpo lhe aparece como algo estranho.

A importância do olhar do outro

O quê posso ver, de mim, sem meu
espelho que é o outro?
(J. A. Gaiarsa)

As atitudes das pessoas com as quais se interage repercutem na autorepresentação.

O adolescente concede um valor a seu corpo enquanto este significa algo para os outros. São estes que julgam sua aparência física e tais juízos influem em seu julgamento pessoal. Aos poucos, o sujeito pode acabar se enxergando como os outros o enxergam.

A sensação de *ser diferente* perturba o adolescente. Por isso é freqüente a comparação com os companheiros de idade que funcionam como um espelho.

A partir das metamorfoses advindas, torna-se, então, preciso, não apenas aceitar este outro no qual ele se transformou. É preciso ser também aceito pelo outro semelhante.

Estudos com jovens púberes constataram que um desenvolvimento sexual atípico, em relação às normas da subcultura do

grupo, gera uma perda da auto-estima⁷. Atitudes discriminatórias são muito comuns entre os jovens, e o prestígio costuma ser dado àqueles que têm uma boa aparência. Ter pênis pequeno, seios reduzidos ou grandes demais, obesidade ou magreza excessiva, altura acima ou abaixo da média, espinhas, etc. podem gerar problemas de grandes proporções.

Pesquisas sugerem que a valorização da beleza física, pelos pais, assim como medidas superprotetoras, rejeição ao sexo da criança, também comprometem a representação que o adolescente tem de si próprio⁸

A expectativa social, ou o ideal social no que diz respeito à aparência física são regulados pelo padrão de beleza da época e da cultura. Os jovens tendem a seguir as regras da moda, os ídolos, ou a subcultura da qual fazem parte

Eles ficam vulneráveis não só às comparações com os companheiros, mas também às identificações com pessoas reais ou imaginárias, e aos meios de comunicação que contribuem para a construção de uma aparência corporal idealizada. O corpo se torna objeto de uma luta que tem como finalidade a condição de dominado (aquele que submete seu corpo ao olhar de outrem) e a integração na sociedade. Essa luta, visando impor normas de percepção do grupo dominante, foi identificada, por Pierre Bourdieu, com a luta de classes, na medida em que trata de impor as características de um grupo, depois de legitimadas e reconhecidas como exemplares⁹.

Daí a importância do grupo que oferece a ilusão de unidade, devolvendo a sensação de integridade rompida pelas alterações fisiológicas. Sendo igual aos parceiros e diferente dos adultos, parece possível ao adolescente obter uma identidade, uma vez que esta é constituída através do outro, mediante os diversos tipos de identificações.

O processo de luto, vivenciado na adolescência, inclui a perda do corpo da infância¹⁰. Modificando-se a imagem corporal, modifica-se a concepção do *eu*. Uma vez que o corpo representa o indivíduo, ele serve de suporte para suas identificações, influi na opinião que tem de si mesmo, no sentimento de individualidade.

Eu era uma espécie de cega diante dos espelhos. Vira, revira, minha imagem refletida não sei quantas vezes. Mas se perguntassem se eu era bonita, não saberia responder. Foi preciso que no limite entre a meninice e a adolescência, um transeunte qualquer (espanhol, é claro) dissesse, com ênfase de gestos e de idioma: 'Bendita sea tu madre!'. Esse cumprimento banal, esse galanteio teve um efeito mágico: pareceu iluminar, subitamente, minha própria imagem. O espanhol passou e eu, que estava na calçada, voltei para casa. Algo, porém, mudara em mim. Menina e moça, o fato é que, tocada pelo galanteio de rua, transfigurada por ele eu me senti, naquele momento, uma espécie de Carmen lírica, sonhando entre cravos e rosas. Lembro-me até que fiquei diante de um espelho, muito tempo, numa encantada meditação. Era como se visse, pela primeira vez, minha própria figura. Eu me descobria a mim mesma. Hoje, creio que esse instante de vaidade, diante do espelho, marcou no meu destino a transfiguração da menina em moça.

(depoimento de Martha Rocha aos 21 anos de idade, ao jornal "A Tarde")

Eu uso o que a galera usa, gosto de coisas que eles gostam, eu faço o que eles fazem.

(sexo masculino, 15 anos)

Por isso os danos físicos, ou o aparecimento de aspectos novos no esquema corporal tendem a gerar crises de identidade, cujas manifestações variam de pessoa a pessoa.

Além de contribuir para o sentimento de identidade, o corpo desempenha uma importante função na aquisição dos papéis sexuais. É, portanto, um estímulo social e, a partir da adolescência, um estímulo sexual.

Uma vez aceita a imagem de seu corpo sexuado, o adolescente procura realçar alguns de seus traços. Há garotas, por exemplo que, para apresentar um ar mais feminino, se maquiam ou se vestem de maneira provocativa, destacando as partes corporais com significação “feminina”. Outras vezes, ao contrário, o adolescente nega as transformações corporais¹¹. Nos casos em que o aspecto físico se configura como o oposto ao correspondente do sexo biológico da pessoa, há maior dificuldade para a aquisição da identidade sexual.

A idolatria ao corpo

*Jamais o corpo foi tão explorado
comercialmente e publicitariamente.
Jamais o bem-estar foi tão prometido e os valores
corporais tão exaltados¹².*

Ninguém discute que a aparência física é uma das principais preocupações do homem contemporâneo ocidental.

Nos dias atuais, a ênfase ao corpo é tal que gerou um fenômeno batizado de **corpolaria**¹³.

... com a urgente revalorização do prazer, se estrutura um verdadeiro CULTO ao corpo, em tudo análogo a qualquer religião, dogmática e idólatra como soem ser as religiões, em uma palavra, assistimos hoje ao surgimento de um novo universo mágico: A CORPOLARIA. (Codo e Senne¹⁴).

Como bem apontaram os autores, sacrifícios, templos e oráculos caracterizam essa nova religião na medida em que ela exige suor, cansaço. As academias tornaram-se substitutas das igrejas. Os exercícios são ritualizados, não faltam os profetas ditando regras, prometendo a felicidade, tampouco faltam ‘santos’ cujos exemplos são imitados.

E os adolescentes não escapam desse culto devido à tendência acentuada, nesse período, de pautar-se segundo as normas culturais. Aqueles que enfrentam radicais transformações físicas estão mais vulneráveis aos olhos e aprovação alheia, aos apelos da moda e do consumo.

Pesquisas revelam altas correlações entre as dificuldades de adaptação social e o excessivo interesse pelo corpo¹⁵. É comum se observar jovens inseguros passarem muitas horas no espelho ensaiando poses, gestos, etc.

Não é sem mais nem menos que têm se multiplicado, além das academias, os produtos naturais e os esportes, congregando um crescente número de adeptos das gerações mais jovens.

Os desejos megalomaniacos, típicos desse momento, adquirem formas várias a depender dos estímulos recebidos.

Se os jovens dos anos 60 encontraram espaço para dirigir seu desejo de mudar a sociedade, os adolescentes contemporâneos esbarram no discurso que lhe diz: *mude a si mesmo!*.

A busca da onipotência em uma causa ou em um deus – a adolescência já foi comparada a uma idade metafísica¹⁶ – volta-se, nos dias atuais, para cultos mais concretos.

Embora admitindo que as reações mais ou menos intensas do adolescente ao seu próprio corpo não podem ser analisadas apenas em relação aos aspectos sócio-culturais, não podemos ignorá-los.

O corpo alterado pela puberdade, assim como o corpo de qualquer indivíduo, é um corpo situado no mundo, um mundo que ele desconhece em todas as suas nuances, pois lhe estava, até então, velado, camuflado.

Por isso a sensação de estranheza experimentada pelos jovens pode caminhar paralela ao estranhamento ao mundo.

Ora, a produção do adolescente classe média e alta está restrita ao estudo repetitivo no qual não se reconhece porque, através dele, não exerce seu poder criador. Perde-se, então, no processo alienante, desconhecendo o efeito de suas ações.

A corpolatria funciona, então, como uma *luta pela reapropriação de si mesmo*¹⁷. Devido à falta de oportunidades de reconhecimento através da autoria de um produto final, e sendo negados espaços para a criação, o jovem encontraria, então, no culto ao corpo uma promessa de obter reconhecimento através da aparência física.

QUADRO I

As primeiras notícias que se tem conhecimento sobre as mudanças puberais datam dos tempos de Aristóteles e referiam-se ao fato de que, quando as

crianças têm “duas vezes 7 anos”, começam a “engendrar prole”. Aristóteles sustentava que as transformações fisiológicas eram acompanhadas de mudanças na maneira de ser.

Durante este período, as meninas manifestavam tendências à irritabilidade, apaixonamento, necessitando cuidados constantes por causa do desenvolvimento dos impulsos sexuais.

Tais informações evidenciam que as repercussões das transformações corporais no psiquismo ocorrem independentemente da época e da sociedade.

QUADRO II

É, sem dúvida, difícil encontrar critérios para caracterizar a Puberdade, principalmente no menino. Nem todas suas manifestações ocorrem no mesmo momento e, além disso, aparecem freqüentemente de forma disruptiva e se sucedem num período que pode durar três a cinco anos.

A sucessão das mudanças é universal, mas a altura, o peso, o sistema de reprodução e os mecanismos endócrinos são controlados por fatores biológicos hereditários, bem como afetados por fatores psicossociais tais como carência nutricional e afetiva, doença crônica severa e estresse prolongado que podem retardar o início da puberdade.

Há uma estreita relação entre a Hipófise e as Glândulas Sexuais, ou Gônadas (ovários e testículos). A Hipófise é a glândula endócrina situada à base do cérebro que estimula as gônadas para que estas aumentem sua atividade.

O lobo anterior da Hipófise se encarrega de produzir dois tipos de hormônios: o hormônio do crescimento que influi na determinação da estatura e os hormônios gonadotrópicos que estimulam a atividade das gônadas.

As gônadas, por sua vez, secretam hormônios sexuais: os andrógenos (hormônios masculinos) e os estrógenos (hormônios femininos) que são os hormônios sexuais responsáveis pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais e pela aparição dos caracteres sexuais secundários.

Depois que os hormônios da hipófise estimularam os hormônios sexuais das gônadas, estas atuam sobre a hipófise e provocam uma redução gradual da quantidade, ou efetividade, do hormônio de crescimento.

A Hipófise e as Gônadas devem funcionar de maneira recíproca, com ação sincronizada, para que o crescimento seja normal.

A hipófise também estimula a tireóide e as células córtico-suprarrenais. Os hormônios das córtico-suprarrenais guiam o ciclo do crescimento e o metabolismo adolescente.

Notas

¹ Trecho da canção intitulada “*Não Vou me Adaptar*”, de Arnaldo Antunes.

² O conceito de ‘imagem corporal’ foi introduzida pelo psicanalista Sildner, em 1927, aprofundada por Kolb, em 1959.

- ³ Segundo as pesquisas publicadas por Hurlock, E., "*Psicologia de la Adolescencia*", 1971.
- ⁴ Estudos desenvolvidos por Curran, 1942, e confirmados por Seidman, em 1960, *apud* Hurlock, E., *ibidem*.
- ⁵ *In* Frank, A. *op. cit.*
- ⁶ *In* 'A Tarde', 13 de maio de 1955.
- ⁷ *Apud* Hurlock, E., *op. cit.*
- ⁸ *Ibidem*.
- ⁹ Ariès, P.; Duby, G., "*História da Vida Privada*", 1990, p. 309.
- ¹⁰ *In* Aberastury, A., *op. cit.*
- ¹¹ *In* Rocheblave-Spenlé, A. M., "*O Adolescente e seu Mundo*", 1975.
- ¹² Jean-Marie Brohm, sociólogo - *In* revista 'Veja', "Os Anos 60".
- ¹³ *In* Rocheblave-Spenlé, A. M., *op. cit.*, 1975., p. 12.
- ¹⁴ *Ibidem*.
- ¹⁵ Wilkins, 1948, *apud* Hurlock, E., *op. cit.*
- ¹⁶ *In* Piaget, J. "*Seis Estudos de Psicologia*", 1964.
- ¹⁷ *In* Codo, W.; Senne, W., *op. cit.*

O redespertar da sexualidade

A sexualidade está muito distorcida e comercializada.

Sexo é bonito, mas ninguém vê como tal.

(Manoel, 17 anos)



Fonte de prazer, sim, mas um dos maiores problemas enfrentados por jovens de várias gerações.

A liberação dos costumes, a existência de diversos anticoncepcionais, responsáveis pelo crescente número de relações pré-conjugais, não são suficientes para que os conflitos relativos à prática sexual sejam eliminados.

Uma análise aprofundada da sexualidade adolescente ultrapassa o estudo dos fatores biológicos. Evidentemente a maturação das gônadas constitui a condição fundamental para a prática de certas atividades sexuais. As mudanças pubertárias, por sua vez, provocam instabilidade na medida em que o adolescente precisa acomodar-se a um corpo em transformação e a novos desejos.

Se, por um lado, é inegável a importância das condições biológicas para a prática sexual, admite-se igualmente a variação destas condições segundo as singularidades de cada indivíduo.

A sexualidade do adolescente deve ser estudada, também, no momento histórico em que ela se manifesta e nas suas vinculações com as práticas educacionais, crenças religiosas, sistema jurídico, concepções, atitudes e valores, determinados pelo sistema socioeconômico no qual o jovem está inserido. Desde a publicação das pesquisas de KINSEY, as atitudes e comportamentos sexuais têm sido articulados a fatores de diferente ordem: idade, sexo, raça, classe social, religião, zona de residência, experiências de namoro e concepções de amor, reações de culpabilidade, autoconceito, auto-estima, família, grupos-de-pares, amigos íntimos, lazer, escolaridade.

No entanto, até mesmo os estudos descritivos esbarram em problemas metodológicos tais como a escolha do instrumento de investigação, a credibilidade nas respostas e a constituição de uma amostra representativa da população. Somam-se a estas dificuldades, a recusa de participação de inúmeros adolescentes.

Um estudo realizado em 1968 revelou que num grupo de estudantes universitários, interrogados acerca de seus casos amorosos correntes, 25% das

moças e 35% dos rapazes responderam que eram sexualmente mais ativos do que gostariam de ser. Estes sujeitos demonstraram ser mais conservadores nas atitudes do que nos comportamentos. Os dados também sugeriam uma certa culpa relacionada às situações em que se envolveram.

Em estudos desse gênero há sempre a possibilidade de que a conveniência social de uma resposta, ou conjunto de respostas, seja levada em consideração pelos sujeitos; em outras palavras, os depoentes podem responder do modo que imaginam ser aquele que o examinador gostaria que eles respondessem¹.

É preciso sinalizar que sexualidade não se restringe ao comportamento sexual mas engloba o desejo e as atitudes, que são menos evidenciados pelas pesquisas.

O mais importante, portanto, não é estabelecer correlações entre variáveis e, sim, procurar conhecer o que está por trás das correlações encontradas.

Pouco se conhece sobre o comportamento sexual do adolescente brasileiro. Grande parte dos trabalhos consiste em pesquisas com poder de generalização limitado, quer por atingir alguns segmentos da população e não se apoiar em amostras efetivamente representativas, quer por serem estudos clínicos².

A inexistência de informações confiáveis sobre o comportamento sexual do jovem, não só no Brasil mas na América Latina, gerou, com o apoio técnico da Divisão de Saúde Reprodutiva do CDC, um programa de pesquisa domiciliar, visando a suprir tal carência. Após um primeiro estudo realizado no México em 1985³, outros se seguiram na Guatemala⁴ e Jamaica⁵. Iniciou-se, assim, a construção de um banco de dados suficientemente abrangente sobre aspectos relacionados à sexualidade do jovem latino-americano. Este banco de informações tem o potencial, não só de gerar programas de intervenção, mas de permitir a construção de explicações teóricas que melhor elucidem os vínculos sociais e culturais da sexualidade adolescente.

As informações disponíveis sobre atitudes e comportamento sexual do jovem, assim como as entrevistas realizadas no decorrer deste trabalho, demonstram que houve mudanças significativas nas últimas décadas.

No Brasil, as transformações apresentam algumas especificidades. Na segunda metade da década de 60, e nos anos 70, período de censura e maior repressão política, houve um incentivo exacerbado às alternativas de prazer, ao envolvimento sexual sem limites⁶. Isto se refletiu, não apenas na prolifera-

ção do material pornográfico, mas nos costumes relativos ao namoro, na preocupação excessiva com o corpo, em relacionamentos descartáveis tais como as amizades coloridas e o comportamento de ‘ficar’.

Embora esses novos hábitos não possam ser generalizados para toda a população brasileira, foram o suficientemente significativos para se admitir a existência de fronteiras entre os anos 50 e os pós-60, no que diz respeito à prática sexual.

Tais mudanças se evidenciaram com maior nitidez nas classes altas, vulneráveis à absorção dos costumes estrangeiros e com maior acesso ao consumo e aos métodos anticoncepcionais, do que as populações de baixa renda⁷.

Nas classes médias, ainda pode ser identificada a dupla moral sexual traduzida no “complexo de virgindade”, e no “complexo de virilidade”⁸ que continuam reforçando a diferença educacional entre os sexos masculino e feminino⁹.

Nas populações de baixa renda, parece não ter havido alterações marcantes. Pesquisas realizadas em favelas, nos anos 60, já revelavam a precocidade de relações sexuais e maternidade de adolescentes¹⁰. Entretanto, outras investigações demonstraram, nestes segmentos sociais, rigidez das atitudes relativas ao exercício da sexualidade, até hoje mantidos.

Embora tenhamos verificado, em inúmeros depoimentos de mães e/ou adolescentes dos segmentos sociais mais baixos, aceitação às relações pré-conjugais e reações de naturalidade à eventual gravidez das meninas, também encontramos o contrário. Nas entrevistas realizadas com adolescentes de populações de baixa renda, em zonas urbanas e rurais, ficou evidenciado um rigor educacional – traduzido na exigência de virgindade para as moças, punições para comportamentos considerados atentados ao pudor. Casos de expulsão do lar e até suicídios de garotas, que ficaram grávidas antes do casamento, são frequentes. Não se pode, portanto, afirmar – como muitos costumam fazer – que a promiscuidade, descaso ou ‘naturalidade’ dos pais para com a sexualidade das filhas, caracterize os estratos mais baixos¹¹.

A coexistência de atitudes sexuais liberais com os valores conservadores, que ainda permanecem em várias regiões e classes sociais do país, pode explicar algumas peculiaridades existentes no comportamento sexual do jovem brasileiro.

Estas evidências nos levam a considerar o desempenho dos papéis sexuais como um processo contínuo e dinâmico indissociado da história pessoal

do indivíduo, das competências sócio-culturais transmitidas pelos agentes de socialização e das contingências que refletem as normas sociais dominantes.

Conflitos inevitáveis?

Em nossa cultura considera-se a sexualidade como a mais importante das relações sociais e a fonte de grande parte da Literatura, Artes e outras formas de atividade criadora. Há sociedades, porém, que dão ênfase a vínculos de diferente ordem.

Na China, os poetas líricos se inspiram mais nas grandes relações entre os homens, do que nas românticas ligações entre homens e mulheres.

Entre os índios comanches, a associação voluntária dos “irmãos de armas” é a mais profunda das relações.

Inquéritos epidemiológicos e experiências dos profissionais que lidam com esta categoria social, têm constatado que nem todos os adolescentes fazem do sexo uma preocupação central ou exclusiva em suas vidas¹².

Hoje em dia, a iniciação sexual é uma decisão pessoal, menos influenciável pelo grupo ou outras pressões sociais. Ser virgem deixou de ter a conotação pejorativa dos anos 60.

Prostitutas são raramente procuradas pelos adolescentes, e ‘a primeira vez’ geralmente ocorre entre namorados. O envolvimento afetivo faz parte do relacionamento sexual, as relações tendem a ser mais estáveis e duradouras, e é incomum haver parceiros múltiplos concomitantemente¹³.

Até que ponto o fenômeno da AIDS terá influenciado algumas destas atitudes?

Mas enquanto os mecanismos repressivos continuam se impondo, explícita ou sutilmente, a erotização é cada vez mais supervalorizada, principalmente através da mídia.

Os impulsos sexuais são, então, moldados pela indústria cultural e pela propaganda, segundo os interesses do capital, adquirindo de comportamentos consumidores¹⁴.

A possibilidade de sexualização do social foi enfatizada por ROGER BASTIDE. Segundo este sociólogo, as instituições despertam o sexual do indivíduo que, por sua vez, passa a impregná-las, libidizando assim o social¹⁵.

A sensação de vazio e absurdo do mundo contemporâneo, decorrente dos limites impostos a uma criação co-produtiva, propiciaria, então, a erotização

do social, sendo esta facilmente absorvida pelo consumo, indispensável à sociedade mercantil.

Alguns autores atribuem à descontinuidade da aprendizagem dos papéis sexuais a eclosão turbulenta da sexualidade durante a adolescência¹⁶.

Analogamente a outras espécies de mamíferos superiores, a oportunidade de participar livremente de jogos sexuais e a aquisição de conhecimentos sexuais completos e realistas também parecem preparar a criança para lidar melhor com as implicações sexuais da puberdade com o mínimo de conflitos. Tradicionalmente a nossa cultura tem negado sistematicamente às crianças as experiências que permitiriam o desenvolvimento do ego necessário para uma aceitação relativamente serena das alterações biológicas da puberdade e da heterossexualidade pós-puberal. A maioria dos adolescentes da classe média tem que realizar na adolescência o que o animal normal realizaria naturalmente na infância.¹⁷

Outros enfatizam o poder dos hormônios, responsáveis por uma compulsão libidinal incontrolável, levando o adolescente a experimentar o sexo de maneira promíscua, com parceiros múltiplos e sem afetividade¹⁸. É possível, então, constatar que, enquanto determinados estereótipos dessexualizam o adolescente, outros o erotizam exageradamente.

Durante esse período de metamorfose corporal, o estabelecimento dos papéis relativos à heterossexualidade e a consolidação dos papéis de gênero, causam, muitas vezes, conflitos e ambivalências. Embora seja um conceito intimamente ligado à identidade de gênero e ao papel sexual, a identidade sexual não deve ser confundida com estes. Uma pessoa, por exemplo, pode ter uma identidade homossexual, mas exercer socialmente o papel sexual de seu gênero.

A identidade de gênero é considerada a representação que o indivíduo faz do seu próprio sexo e dos seus atributos. Ocorre antes do processo de identificação com o genitor do mesmo sexo. Ser um menino ou uma menina é uma representação tanto corporal quanto social, influenciada pelo exemplo e expectativas dos pais, de outros adultos e de outras crianças¹⁹.

O esquiteamento entre o desejo sexual e as sanções negativas impostas pela sociedade provocam no adolescente sentimentos confusos. As dúvidas sobre o certo e o errado, o poder e o não poder fazer, o acreditar e o não acreditar, abrem caminhos para inseguranças e preocupações.

Os conflitos de ordem sexual que afloram com maior intensidade são, na maioria dos casos, conseqüentes da desinformação, da dupla moral sexual,

das ameaças aos atos masturbatórios, que geram sentimentos de culpa ou medo.

Tais dilemas são resquícios da moral judaico-cristã que não aprova a obtenção do prazer separado do ato reprodutivo.

A inevitabilidade desses problemas foram enfatizados por vários autores²⁰. Outros, porém, chamaram atenção para a necessidade de verificar até que ponto os conflitos estariam implícitos no estágio de desenvolvimento físico-psicológico do indivíduo, ou resultariam das influências culturais²¹.

Falsas ou falta de informação

No início do século, Freud já enfatizava os efeitos negativos da ignorância sobre a sexualidade. Considerou que, em torno dos dez anos de idade, a criança deve ser esclarecida sobre os fatos da sexualidade humana e sobre a significação social desta²².

Nos dias atuais, persiste a falta de esclarecimentos.

Como ficou demonstrado em diversas pesquisas²⁴ e nas entrevistas, por nós realizadas – dos anos 50 aos atuais –, as fontes de informação da juventude brasileira têm sido basicamente os amigos, as colunas especializadas sobre sexualidade publicadas em revistas, o material pornográfico.

A gestação indesejada, que pode resultar na prática do aborto, muitas vezes em condições precárias, o controle inadequado de técnicas contraceptivas são problemas que poderiam ser evitados com a adoção de programas de Educação Sexual esclarecedores sobre a fisiologia da reprodução, riscos físicos e sociais da gravidez precoce, sua interrupção, e o uso de anticoncepcionais. As doenças venéreas, cujo aumento vem sendo progressivo com a evolução dos costumes sexuais e a AIDS, ameaçam a população jovem na medida em que esta não for informada sobre os meios de prevenção.

Baseadas em superstições, crenças populares, ou até mesmo em “simpatias”, adotadas, principalmente, pelas populações de baixa renda e da zona rural, a utilização de alguns métodos

Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções nas quais a verdade adivinhada mescla-se da forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa dos jovens curiosos. [...] é necessário que, de início, tudo o que se referir à sexualidade seja tratado como os demais fatos dignos de conhecimento.

Acima de tudo, é dever das escolas não evitar a menção de assuntos sexuais.

(Freud²³)

contraceptivos evidenciam a desinformação a que está sujeita uma grande parte da população jovem brasileira. A ingestão de minúsculas esferas de chumbo, chás de raízes silvestres, nós nas cuecas do parceiro, são algumas das práticas utilizadas para evitar a concepção²⁵.

Os tabus e preconceitos ainda existentes sobre a discussão aberta da sexualidade, a oposição da família e da Igreja, a incompreensão das autoridades de ensino, e dificuldades relativas ao treinamento de professores especializados dificultam a implantação de um programa de educação sexual²⁶.

Virgindade versus virilidade

A importância social, individual desse detalhe anatômico faria estourar de rir um historiador de outro planeta ou deixá-lo mais perplexo do que Hamlet. [...]

Quanto menos alguém se reconhece e se possui, mais coisas precisa possuir a fim de sentir que existe; quanto menos um indivíduo se dá conta de sua própria individualidade, mais precisa se cercar de mil sinais exteriores, capazes de demonstrar a qualquer momento, para qualquer um, sua individualidade única e inconfundível, sua excelência.

(José Ângelo Gaiarsa²⁷)

A valorização da virgindade feminina sofre influências culturais e modifica-se segundo o momento histórico.

Existem grupos que valorizam a VIRGINDADE, enquanto que esta é indiferente para outros.

Em **Bagesu**, o povo banto não considera desgraça a moça tornar-se mãe antes do casamento. “Os homens gostam de saber se uma mulher pode ter filhos e seu erro quase que assim lhe aumenta o valor mais do que a deprecia”.

Um **Bontoc Igorot**, das Filipinas, não se casa antes que sua prometida engravide porque quer a prova de que ela não é estéril. Se a moça for abandonada pelo pai de seu filho, suas chances para um bom casamento aumentam.

Na ilha de **Dobu**, os rapazes passeiam durante a noite até encontrar a moça que o permita dormir com ela. Ele prefere dormir com diferentes moças para evitar um compromisso. Deve, no entanto, sair da casa dela antes do amanhecer. Se dormir demais e for descoberto, terá de casar. Sendo assim, quando deseja casar, se demora propositalmente²⁸.

Reich considerou que a valorização da virgindade feminina é conseqüência da vinculação entre os interesses econômicos com a moral do casamento. Tal valorização tem, segundo o autor, conseqüências negativas, uma vez que priva a juventude masculina de objetos amorosos e dá origem à prostituição²⁹.

Em geral, a 'primeira vez' ocorre durante os anos da adolescência.

Hoje em dia, a maioria dos adolescentes se inicia sexualmente com o(a) namorado(a)³⁰. Menos freqüentemente, com um(a) amigo(a), ou com um(a) parceiro(a) após um encontro casual, como "ficar".

O parceiro é geralmente mais velho do que o adolescente: cerca de um ano para os rapazes, e três anos para as moças, segundo estatísticas norte-americanas³¹.

A iniciação dos rapazes com uma prostituta, prática popular até há pouco tempo, hoje se tornou uma exceção.

Estatísticas de diversos países mostram que cerca de 80-90% dos rapazes e 50-60% de moças têm seu primeiro intercurso antes dos 18-20 anos de idade. A maioria inicia a vida sexual antes do casamento³².

A idade média da primeira relação sexual tem declinado progressivamente desde a década de 1960 até os dias de hoje. Nos EUA varia em torno de 15,5 anos para os rapazes e 16 anos para as moças³³.

No Brasil, os dados são semelhantes. Aos 13 anos de idade, 17% dos meninos e 2% das meninas não são mais virgens, aos 16 anos – respectivamente 69% e 16%, e aos 18 anos – 89% e 48%³⁴.

A maior facilidade de acesso aos anticoncepcionais e, conseqüentemente, a possibilidade de evitar a gravidez, não pode ser considerada razão suficiente para o aumento das relações pré-conjugais. Pesquisadores afirmam que 80% das moças, sexualmente ativas, não recorrem aos métodos contraceptivos³⁵.

A idade e a forma de iniciação sexual sofre influência de inúmeros fatores biológicos, psicológicos e culturais.

Sem dúvida alguma, as modificações hormonais constituem um dos fatores determinantes do comportamento sexual. Médicos defendem que os andrógenos condicionam em certo grau a resposta sexual humana³⁶.

Meninos têm, em média, atividade sexual mais precoce e intensa do que as meninas. Adolescentes negros norte-americanos com puberdade adiantada tendem a iniciar a vida sexual mais precocemente do que os brancos, o que pode refletir a influência de fatores biológicos (os negros iniciam a puberdade um pouco antes do que os brancos).

Não é possível, porém, considerar os fatores biológicos totalmente indissociáveis dos psicossociais.

A influência da mídia, do ambiente escolar e do grupo de pares não deve ser esquecida.

Comportamentos de risco, como o abuso de álcool e drogas, estão freqüentemente associados à atividade sexual impulsiva e não-protégida³⁷.

Embora entrem na puberdade antes dos meninos, as meninas se iniciam sexualmente mais tarde do que eles. Este fato pode envolver fatores de diversas ordens: as restrições morais do papel social da mulher, atributos psicológicos do papel sexual feminino, o medo da gravidez, e o menor nível de andrógenos.

A iniciação sexual tende a ser mais precoce em adolescentes com maturação puberal mais adiantada, com menor nível socioeconômico, menor grau de escolarização, sem afiliação religiosa, provenientes de famílias mais numerosas, monoparentais, e com menor nível de educação materna³⁸.

Embora pareça ter diminuído nos últimos anos, não se pode afirmar que o tabu da virgindade tenha sido completamente descartado. Uma grande parcela de adolescentes espera até o fim da segunda década de vida para manter relações pré-conjugais³⁹. Também ficou evidente, através dos depoimentos colhidos neste trabalho, que um número significativo de meninas deseja casar virgem, enquanto um número significativo de rapazes considera a virgindade uma condição para a escolha da namorada.

O prazer buscado no próprio corpo

A forma mais freqüente de atividade sexual, depois das relações heterossexuais, é a masturbação, definida como *"uma atividade sexual, que traz prazer e alívio de tensões, além de concorrer para o conhecimento do próprio corpo constituindo na autoestimulação dos genitais em busca do prazer do organismo"*⁴⁰ (vide Quadro I).

Na adolescência, a prática masturbatória reedita sensações e experiências autoeróticas que remontam à primeira infância.

Os resultados do levantamento de investigações, realizadas durante trinta anos, afirmam que, de forma geral, parece não haver mudanças quanto à prática da masturbação⁴¹. As entrevistas realizadas com adolescentes dos anos

80 e 90 o confirmam. Sendo, porém, um tema difícil de ser abordado, não foi possível a aquisição de um material sobre as fantasias que a acompanham.

Durante vários séculos a masturbação recebeu a condenação que sempre recaiu sobre a atividade sexual que não tivesse como objetivo a reprodução. Dizia-se que levava à loucura, causava impotência, debilidade moral e física. Por essas razões foi camuflada e considerada diabólica. Nos últimos 50 anos, a ciência se ocupou com profundidade dos temas sujeitos a tabus. A masturbação passou a ser considerada comum em todas as etapas de vida e não prejudicial à saúde.

Embora muitos países a aceitem como uma fase normal do desenvolvimento da sexualidade humana, nossa sociedade ainda mantém uma atitude contrária à sua ocorrência.

As dificuldades para a manutenção de relações sexuais favorecem a prática da masturbação que, segundo o relatório Kinsey⁴², é prática universal entre adolescentes.

No entanto, as meninas têm dificuldade de falar sobre a sua experiência masturbatória, e muitos meninos consideram-na um substituto inadequado ou vergonhoso da atividade heterossexual⁴³.

A masturbação é praticada pela grande maioria de meninos e cerca da metade das meninas. Dois terços de meninos têm a primeira ejaculação, e mais de 80% de meninas têm o seu primeiro orgasmo através dessa prática⁴⁴.

Ereções são mais freqüentes e, às vezes, incontroláveis na adolescência inicial. Elas podem ocorrer em momentos inoportunos como, por exemplo, na saída do ônibus, durante a dança, ou ao ser examinado pelo médico, o que causa grande constrangimento ao menino. A atividade masturbatória decresce em freqüência na adolescência média e final.

As pesquisas revelam que os jovens são levados a este recurso por dois fatores principais: a eclosão de uma nova situação orgânica (especialmente hormonal) que estimula as necessidades sexuais, e a posição sociossexual que não permite buscar fórmulas adultas de satisfação de tais necessidades. O onanismo surgiria, então, como forma de alívio da tensão sexual durante os anos imediatamente precedentes ou seguintes à puberdade. Quando o jovem tem condições de realizar o ato sexual, a prática diminui⁴⁵.

Há evidências de que a falta de experiência masturbatória na adolescência predisponha a disfunções sexuais e outras dificuldades no relacionamento heterossexual.

No entanto, as conseqüências positivas só são verificadas numa minoria de casos. Os danos seriam causados pela culpa e pelo medo de ser punido⁴⁶.

As pesquisas de Masters e Johnson demonstraram que a masturbação encoraja responsabilidades sexuais e facilita a obtenção do orgasmo numa relação a dois. Outros autores consideram que as brincadeiras genitais e, sobretudo fantasias masturbatórias são importantes no avanço do desenvolvimento humano.

Reich considerou o onanismo melhor do que a abstinência uma vez que ele pode mitigar, até certo limite, seus malefícios. Regulariza a economia sexual, se ocorrer sem sentimentos de culpa ou grandes perturbações no processo de excitação, e se a falta de um parceiro real não for sentida intensamente. Poderá, inclusive, ajudar os jovens sadios a amainar as primeiras tormentas da puberdade. O autor ressaltou que, com o tempo, se torna insatisfatória e perturbadora, pois a falta de um objeto amado se faz sentir vigorosamente⁴⁷.

A atividade sexual não se restringe, porém, ao coito nem à masturbação. Carícias podem preceder, por algum tempo, o primeiro intercurso propiciando um prazer considerável e, freqüentemente, levando ao orgasmo. A progressão gradual do beijo para as carícias mais íntimas parece proporcionar um aprendizado necessário sobre o corpo do parceiro⁴⁸.

Dados⁴⁹ mostram que muitos adolescentes, especialmente as moças, se contentam com a intimidade sexual que exclui o coito vaginal.

Algumas moças também podem sentir que estarão “prendendo” o namorado por mais tempo, enquanto não consentirem com o coito⁵⁰.

Experiências homo e heterossexuais

No período inicial da adolescência, há uma espécie de escravidão às expectativas do grupo-de-pares, e uma maior preocupação com o desempenho sexual do que com a relação em si. Sexo impulsivo, não-planejado e não-protegido são comuns nessa época.

O relacionamento entre adolescentes evolui das atitudes egocêntricas para um maior envolvimento afetivo com o parceiro⁵¹.

O grupo-de-pares unissexual e o temor ao sexo oposto favorecem experiências homossexuais no limiar da adolescência. Estas são mais freqüentes entre os meninos. Eles costumam comparar seus órgãos genitais, e a

masturbação em grupo não é incomum. São os “campeonatos” de quem tem o pênis maior, ou de quem ejacula primeiro ou para mais longe. Masturbação mútua também pode ocorrer. Sexo oral e anal são admitidos por muitos meninos como uma atividade sem conotação homossexual, desde que haja alternância do papel passivo e ativo entre os parceiros e os encontros sejam mantidos em segredo⁵².

A experimentação homossexual na adolescência é um fenômeno transitório normal, e raramente constitui o prenúncio da identificação homossexual na vida adulta. Calcula-se que entre 10 e 25% dos meninos e 5-10% das meninas tenham alguma experiência homossexual na adolescência, envolvendo orgasmo, embora a proporção de homossexuais na população adulta seja estimada em cerca de 2-3%.

Gradualmente, garotas e rapazes vão se unindo em diversos tipos de atividades. As turmas, até então unissexuais, tornam-se heterossexuais.

Observa-se que, nos últimos anos, esta aproximação tem ocorrido cada vez mais cedo. Nas salas de aula, recreios, festinhas e *shoppings*, pode-se perceber que os ‘clubes do Bolinha’ deixaram de existir para muitos adolescentes. Observa-se também que as relações são de camaradagem, e os amigos de mesmo sexo tornam-se indispensáveis nos encontros. Aos poucos se esboça o desejo de ficar só com quem seja possível trocar carícias e beijos.

À medida que cresce a intimidade entre os namorados, e o relacionamento vai se tornando mais profundo, a importância do grupo-de-pares diminui. O envolvimento com o par amoroso enfraquece a necessidade de enturmação, e pode ocorrer um certo afastamento, até mesmo dos amigos mais importantes⁵³.

A prática homossexual que persiste durante a adolescência requer um estudo mais amplo sobre o homossexualismo e suas razões.

As explicações teóricas oferecidas para a compreensão do fenômeno culminam em posições divergentes.

Uma delas se baseia na endocrinologia. O desequilíbrio da proporção de hormônios masculinos e femininos seria responsável pelo desejo e escolha do objeto amoroso do mesmo sexo. Experiências realizadas com homossexuais, através da aplicação de hormônios masculinos ou femininos em homens e mulheres, desmentiram a tese. Os resultados foram inócuos.

Outra posição aponta o fator hereditário na origem do homossexualismo. Os estudos desenvolvidos – para comprovar ou negar esta hipótese – não permitiram concluir pela determinação constitucional.

A teoria psicanalítica sustenta a bissexualidade das primeiras manifestações da libido. A partir da puberdade esta deve ser superada pela consolidação de uma masculinidade ou feminilidade cujos esboços, entretanto, já haviam sido traçados desde a pré-história do Édipo.

Embora não tenhamos notícias de estudos sistemáticos sobre o tema, segundo a Teoria dos Papéis, seus pressupostos básicos apontam os mecanismos de aprendizagem como determinantes. O desenvolvimento de papéis masculinos e femininos, mediante a identificação (positiva ou negativa) e a imitação, poderiam direcionar a escolha do papel complementar sexual. A influência dos educadores seria, então, fundamental nesse processo.

Restrição versus permissividade

É possível constatar que as atitudes permissivas ou restritivas, relativas ao comportamento sexual dos adolescentes, variam segundo a sociedade na qual eles estão inseridos. (vide Quadro II).

A sociedade ocidental apresenta características das sociedades restritivas sexualmente. A repressão é exercida de múltiplas formas. Uma delas se traduz na exigência do adiamento da prática sexual até o casamento. Tais valores contam com o apoio da Igreja Católica a qual se filia a maioria da nossa população.

A abstinência torna-se, então, a única alternativa para aqueles que assimilaram os valores da moral cristã ocidental. **Repressão sexual** foi definida, por Marilena Chauí, como *“um conjunto de interdições, pressões, normas, valores, regras estabelecidas, histórica e culturalmente, para controlar o exercício da sexualidade”*.

Segundo a autora, as proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais (como a educação, por exemplo) e a um fenômeno de interiorização das proibições, interdições e permissões internas, vividas sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha, do sofrimento e da dor⁵⁴.

A religião como instrumento de repressão

A **Religião** tem sido uma das principais responsáveis pela repressão sexual.

Ao condenar a sexualidade fora do casamento, contribui para instalar sentimentos de culpa nos jovens que receberam uma formação religiosa⁵⁵.

O grupo-de-pares e as identificações – positivas ou negativas – com as figuras parentais são fatores que também influem na aceitação ou ruptura das normas religiosas e, conseqüentemente, na interferência destas na prática sexual⁵⁶.

A correlação entre comportamento sexual e prática religiosa é evidenciada por estudos que demonstram haver menor número de relações pré-maritais entre as mulheres religiosas⁵⁷.

A Igreja católica é uma das principais agências sociais responsáveis pelo controle do comportamento do indivíduo em sociedade, enquanto geradora e transmissora de concepções, valores e crenças.

Exercendo o controle da sexualidade, a Igreja não apenas garante o poder, mas age a serviço do poder dominante.

A condenação do sexo fora da procriação implica necessariamente a condenação da masturbação, da homossexualidade, das relações pré e extra conjugais, pelas quais é fortalecida a família, indispensável para o sistema socioeconômico vigente.

Algumas análises dos mecanismos, através dos quais esse controle é exercido, têm sido feitas.

A catequese tradicional é um desses mecanismos, na medida em que classifica os comportamentos humanos virtuosos ou pecaminosos, sendo recompensados ou punidos numa vida extraterrena. *“Devemos falar no céu, na catequese, para que as crianças se animem a praticar o bem”*⁵⁸. A punição para o comportamento transgressor aos mandamentos da lei divina gera o medo ao pecado. Este pode ser absolvido pelo sacramento da penitência, ou evitado mediante *“luta contra três inimigos: o demônio, o mundo e a carne”*⁵⁹.

A evolução da Ciência e da Tecnologia, das forças econômicas e políticas obrigou a Igreja a modificar suas hipóteses de interpretação do mundo, suas concepções sobre o homem, o trabalho e o poder, segundo demonstram concílios e pastorais.

Paralelamente à perda de sua capacidade de orientar de modo integral a conduta, o catolicismo também sofreu crises internas que afetaram a organização eclesiástica: fechamento de seminários, diminuição das vocações sacerdotais, abandono dos hábitos e batinas.

A partir dos anos 60, os setores mais progressistas da Igreja deram mais ênfase às reformas estruturais do que às questões sexuais, o que torna o adolescente de hoje menos sujeito à repressão sexual advinda de uma religião católica tradicional, e mais vulnerável à influência da família e outras instituições sociais.

A catequese moderna tentou acompanhar os novos processos educacionais renovando seu método e mensagem. Enfatizou mais o amor do que o medo de Deus e do demônio, visando uma conscientização das situações históricas “e ajudar o homem a passar de uma consciência ingênua para uma consciência crítica”⁶⁰.

Mas os esforços desenvolvidos, a fim de acompanhar as transformações da sociedade industrial e dos estilos de vida introduzidos pela urbanização, entraram em choque com os adeptos da tradição.

Vale ressaltar que o catolicismo professado em nosso país é nominal para a maioria dos seus adeptos, e sofre influências de outras religiões e cultos primitivos⁶¹.

A eficácia do tipo de controle religioso depende, portanto, não apenas da penetração dos ensinamentos religiosos no processo de formação dos membros da sociedade, mas da existência de valores, crenças e concepções alternativas e concorrentes, ou seja, da compatibilidade entre as concepções transmitidas pelas agências religiosas e as transmitidas por outras agências sociais de formação e informação.

QUADRO I

A concepção mais tradicional define a masturbação como toda e qualquer atividade sexual realizada independentemente do parceiro e que é precedida de autoestimulação genital.

Kinsey só considerou masturbação a deliberada autoestimulação genital que traz sensações eróticas. Sem o propósito erótico, a manipulação dos genitais não poderia ser considerada masturbação. Neste caso, a manipulação infantil não seria uma atividade masturbatória.

A maioria dos médicos e psicólogos, no entanto, considera masturbação apenas a atividade sexual independente do companheiro. Qualquer manuseio ou atividade oral, desde que realizada a dois, se insere numa relação sexual.

Segundo o Relatório KINSEY, cujos dados são considerados válidos para o homem ocidental, 92% dos homens e 52% das mulheres praticaram a masturbação alguma vez na vida.

A maior frequência da atividade masturbatória é encontrada nos homens no período que vai dos 16 anos aos 20.

O fator sociocultural influi num maior ou menor recurso à masturbação. Esta é mais freqüente em indivíduos de nível mais alto de cultura. Mas, segundo KINSEY, os fatores sociais podem influir na freqüência da masturbação e não na sua incidência.

O número reduzido de pesquisas sobre a masturbação na adolescência, apesar da sua importância, explica a falta de conhecimento preciso sobre o tema e

a controvérsia de opiniões. Pesquisas revelam que este é o tipo de assunto que mais causa embaraço quando abordado, tanto para jovens como para adultos⁶².

QUADRO II

Em algumas sociedades, ditas primitivas, os tabus referentes à sexualidade são menos temidos do que aqueles que dizem respeito à alimentação. Em Buka, parentes de diferentes sexo são proibidos de fazer refeições juntos. Quando esta situação for inevitável, a mulher deve esconder o rosto com um capuz.

Os índios **Crow** consideram os europeus indecentes pois estes falam livremente com suas próprias irmãs.

As restrições ao exercício da sexualidade são encontradas em diversas culturas. Entre os Ashanti da África e os Kwona da Nova Guiné, os meninos aprendem a não tocar em seus genitais nem mesmo quando estão urinando⁶³. Em tais sociedades, os adultos não só proíbem as atividades sexuais entre as crianças, mas também se esforçam por impedi-las de que elas adquiram conhecimentos sexuais. Apesar das severas sanções, há evidências de os atos sexuais sejam praticados escondidos. Os conflitos resultantes entre atitudes e comportamentos geram considerável dose de culpa nos jovens envolvidos.

Em sociedades que se caracterizam pela permissividade a respeito da expressão sexual na infância, a manipulação dos genitais próprios ou alheios é encarada com naturalidade. As crianças Kasak, Alorese e Pukapukans da Polinésia ou das ilhas Trobiand se entregam a uma variedade de comportamentos sexuais, incluindo o coito simulado. De um modo geral, nessas sociedades também é permitida a observação do comportamento sexual adulto e há acesso à informação sexual. Os Chewa africanos acreditam ser importante, para a procriação, que as crianças pratiquem atos sexuais. Os Lepcha da Índia consideram o intercurso sexual, entre meninas, necessários à sua maturação⁶⁴.

Notas

¹ In Chipkevitch, E., *op. cit.*, p.111.

² In Nascimento, A. B. "Adolescência e Sexualidade: algumas considerações preliminares". In Bastos, A. V. et al., "Saúde e Educação Sexual do Jovem - Um estudo em Salvador", 1989.

³ Nunes et al., 1988; Monroy et al., 1986; Morris et al., 1987, *apud* Bastos, A. V. et al., *op. cit.*

⁴ Monterosso et al., *ibidem*.

⁵ National Family Planning Board, 1987.

⁶ In Winckler, C. R. "Pornografia e Sexualidade no Brasil", 1983.

⁷ In Angeli, H. A., *op. cit.*

⁸ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*

⁹ In Angeli, H. A., *op. cit.*

¹⁰ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*

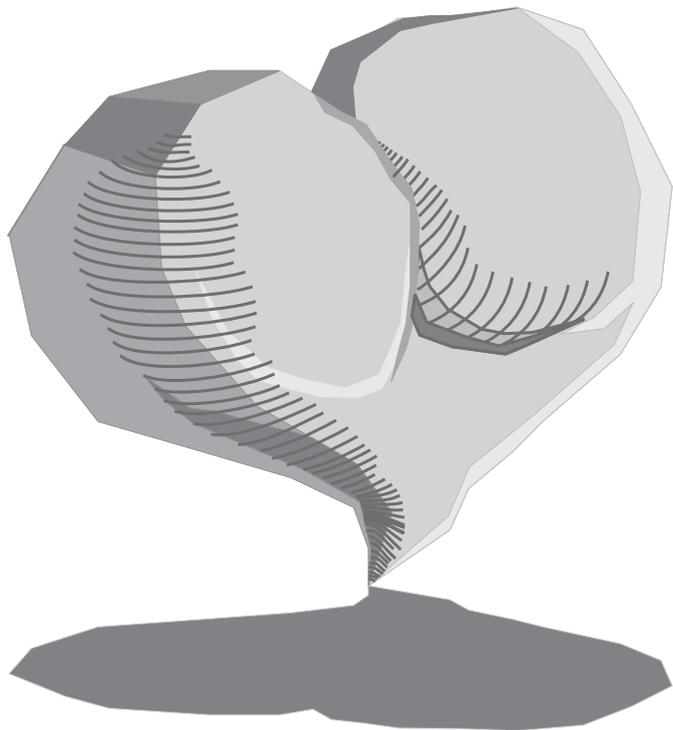
- ¹¹ 97 entrevistas realizadas com adolescentes pertencentes a famílias de baixa renda, 21 entrevistas realizadas com adolescentes residentes em zonas agrícolas, 32 entrevistas realizadas com adolescentes empregadas domésticas evidenciaram os resultados citados. As investigações foram efetuadas por estudantes do curso de Psicologia da UFBA nas aulas práticas da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II.
- ¹² *Ibidem.*
- ¹³ *Ibidem.*
- ¹⁴ In Winckler, C. R., *op. cit.*
- ¹⁵ In Bastide, R., “*Sociologie et Psychanalyse*”. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- ¹⁶ In Gadpaille, W. J. *apud* Chipkevitch, E., *op. cit.* p.111.
- ¹⁷ *Ibidem.*
- ¹⁸ *Ibidem.*
- ¹⁹ In Claes, M., 1985; Moore; Fine, 1992, *apud* Chipkevitch, E., *ibidem.*
- ²⁰ Anna Freud e seus seguidores.
- ²¹ In Douvan, E.; Adelson, J., *op. cit.*
- ²² In Freud, S. “*O Esclarecimento Sexual das Crianças*”, 1907, p.144.
- ²³ *Ibidem*, p. 142.
- ²⁴ In Lima, D. M. “*Comportamento Sexual do Brasileiro*”, 1977, e Ferrua, L. H. “*Educação Sexual: Análise Crítica de uma Experiência*”, 1980.
- ²⁵ In Lima, D. M., *ibidem.*
- ²⁶ In Luca, L., “*O comportamento sexual da adolescente*”, 1980.
- ²⁷ In Gaiarsa, A. “*A juventude diante do sexo*”, 1966.
- ²⁸ In Klineberg, O., *op. cit.*, 1967
- ²⁹ In Reich, W. “*A Revolução sexual*”, 1976.
- ³⁰ Henriques, M. H.; Rodgers, 1992, *In* Chipkevitch, E. *op. cit.*
- ³¹ Rodgers, 1992, *apud* Chipkevitch, E., *ibidem.*
- ³² Henriques, M. H. *et al.*, 1989, *apud* Chipkevitch, E. *ibidem.*
- ³³ Hechinger, 1992, *apud* Chipkevitch, *ibidem.*
- ³⁴ Data-Folha, 1993.
- ³⁵ Conger, 1980, com base em pesquisas recentes realizadas nos Estados Unidos, defendeu - ao contrário de Vitiello, 1981 - que o relacionamento sexual na adolescência não é consequência do acesso aos anticoncepcionais, uma vez que estes raramente são usados. *In* Diepold e Young, *apud* Angeli, H., *op. cit.*
- ³⁶ *In* Chipkevitch, E., *op. cit.*
- ³⁷ *Ibidem.*
- ³⁸ *Ibidem.*
- ³⁹ *Ibidem.*
- ⁴⁰ Egyto e Egyto, *apud* Angeli, H.A., *op. cit.*
- ⁴¹ *In* Diepold e Young, *op. cit.*
- ⁴² Relatório Kinsey, 1953.
- ⁴³ *In* Chipkevitch, E., *op. cit.*

- ⁴⁴ *In* Kinsey et al., 1948; 1953.
- ⁴⁵ *In* Hurlock, E., *op. cit.*
- ⁴⁶ Spitz, *apud* Angeli, H.A., *op. cit.*
- ⁴⁷ *In* Reich, W., *op. cit.*
- ⁴⁸ *In* Chipkevitch, E., *op. cit.*
- ⁴⁹ Rodgers, 1992, *apud* Chipkevitch, E., *ibidem.*
- ⁵⁰ *In* Chipkevitch, E., *ibidem.*
- ⁵¹ *Ibidem.*
- ⁵² *Ibidem.*
- ⁵³ *Ibidem.*
- ⁵⁴ *In* Chauí, M. “O que é Repressão Sexual”, 1984.
- ⁵⁵ *In* Weil, P., “Mística do Sexo”, 1976.
- ⁵⁶ *In* Hurlock, E., *op. cit.*
- ⁵⁷ *In* Angeli, H.A., *op. cit.*; *In* Lima, D. M., *op. cit.*
- ⁵⁸ *In* Llorente, D. “Catecismo Explicado com Gráficos e Exemplos”, 1960, p. 133.
- ⁵⁹ *Ibidem*, p. 317.
- ⁶⁰ *In* Cansi, B. “Curso de Catequese Renovada”, 1975, p. 129.
- ⁶¹ *In* Azevedo, T., *op. cit.*, 1966.
- ⁶² *In* Mc Kinney, J. P., *et al. op. cit.*; Claes, M., *op. cit.*
- ⁶³ *In* Claes, M., *ibidem* p. 180.
- ⁶⁴ *Ibidem.*

Amor e namoro na adolescência

É o amor que o sujeito ama, não o objeto.
(Roland Barthes¹)

*Esse encanto que imaginamos encontrar nos outros,
é em nós mesmos que ele existe, e só o amor embeleza
o objeto amado.*
(Laclos²)



Em geral, o primeiro amor e o primeiro namoro ocorrem durante os anos da adolescência. O comportamento de se apaixonar é apontado como uma das características desse tempo de transição³. A tal ponto que ao experimentar uma paixão, os adultos costumam dizer que voltaram à adolescência. Talvez porque o amor-paixão rompa com o bom-senso, ameace o equilíbrio esperado das 'pessoas maduras'.

Mas o amor adolescente, muitas vezes, não tem endereço certo. Aquele que tenha condições de personalizá-lo, que empreste a ilusão da completude é, então, eleito.

Objeto de estudo de filósofos⁴ e historiadores⁵, o amor ultimamente também desperta a atenção de sociólogos. Visando compreender melhor a família em sua constituição e em suas relações, estes têm se empenhado em identificar as mudanças ocorridas no comportamento amoroso. Tais estudos revelam que o conceito de amor - incluindo o amor conjugal, o amor materno ou paterno - é uma criação moderna. Nos séculos anteriores, esse sentimento não era comum dentro da família, assim como a criação não era tão valorizada como nos tempos atuais.

Para a Psicologia da Adolescência é do maior interesse analisar essas mudanças pois, através delas, podemos conhecer não só os aspectos dinâmicos de cada sociedade, de cada época, com seus valores e costumes, mas aspectos importantes da vida do adolescente.

O enamoramento é um fenômeno universal e uma etapa necessária para se adquirir identidade, funções sociais e psicológicas⁶.

Embora universal, esta tendência não pode ser reduzida a causas biológicas pois é inegável a influência dos determinantes sócio-culturais⁷.

Quem não tem namorado é alguém que tirou férias não remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namorado, na verdade, é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrimas, nuvem, quindim, brisa ou filosofia. [...] Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema, sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria, ou dribble no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa, e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pacto de amor apenas com a infelicidade. [...] Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário de fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido. Enlouqueça!

(Artur da Távola)

“Uma máxima de La Rochefoucault endossada por Roland Barthes diz “as pessoas nunca se apaixonariam se nunca tivessem ouvido falar do amor”. Essa imagem nos leva a ver a sociedade e a família induzindo o caminho do desejo e dando regras ao jogo amoroso”⁸.

Há também diferenças quanto aos padrões de comportamento em função da época, da classe social, região geográfica etc.⁹.

Em algumas sociedades, ditas primitivas, as vítimas de afetos mais intensos são reputadas como maus exemplos. No seu relato sobre os samoanos, Margareth Mead conta que eles perdoam os breves casos amorosos, mas repudiam os atos de escolha apaixonada¹⁰. As expressões dos sentimentos amorosos não são, portanto, fenômenos meramente psicológicos ou fisiológicos, mas fatos sociais constituídos pela linguagem. Não são tampouco exclusivamente individuais.

Considerado como uma das conseqüências do amor recíproco, o namoro é definido como a manifestação inicial da tendência biológica à formação de pares heterossexuais, por atração sexual, que se desenvolve no homem a partir das mudanças orgânicas da puberdade e da adolescência. A tomada de consciência das diferenças físicas e comportamentais, entre as pessoas, ocasiona as primeiras tentativas de sedução e de estimulação afetiva recíprocas¹¹.

Os adolescentes namoram segundo o modelo aprovado pela sociedade à qual pertencem. Em nossa cultura, eles são influenciados, não apenas pelos companheiros, mas por livros, filmes, novelas que alimentam as fantasias, estimuladoras e sustentáculos de tais ligações¹².

A cultura ocidental parece ser a única que tentou capitalizar tais ligações e fazer delas a base do casamento¹³.

Motivações amorosas

*Que dias há que na alma me tem posto um não sei quê,
que nasce não sei onde, vem não sei como e
dói não sei porque [...].*

(Luís de Camões)

A experiência de estar apaixonado difere tanto de um indivíduo ao outro que é praticamente impossível defini-la. Uma mesma pessoa pode experimentar sentimentos diversos em cada situação de envolvimento amoroso¹⁴.

Alguns autores¹⁵ consideram o apaixonar-se, na adolescência, de natureza menos sexual do que em idades posteriores. Seria uma tentativa de projetar e testar o próprio eu por meio de outro eu e construindo, assim, a própria identidade. Estudos sobre o fenômeno apontam para motivações das mais diversas ordens: idealizações, rebelião contra a autoridade, sentimento de solidão, etc.¹⁶

Muitos jovens começam a ter encontros porque se espera esse comportamento deles e não somente por interesse pelo outro sexo¹⁷. A expectativa do grupo com o qual o adolescente interage pode apressar ou estimular a disposição para o amor ou o namoro. Às vezes este se inicia independente do estado de apaixonamento.

Relações descartáveis

A mudança dos antigos padrões relativos à decência, pudor, recato, conceituações de felicidade, liberdade feminina, alteraram profundamente o relacionamento entre moças e rapazes. Eles não mais freqüentam escolas exclusivamente femininas ou masculinas, e têm permissão para diversões conjuntas. O prazer sexual deixou de ser considerado pecaminoso, à medida que, na sociedade urbana e consumista, a religião perdeu influência e o peso que tivera na determinação dos valores e comportamentos do indivíduo. (vide Quadro I).

A modernização dos costumes resultou, então, em reformulação da educação, ampliação dos direitos da mulher, maior individualismo, debilitação dos valores familiares e religiosos rigorosos. O prolongamento da escolaridade propiciou maior convivência em grupos. O advento da pílula, a importação dos valores e idéias de países mais desenvolvidos transmitidos pelos meios de comunicação se acrescentam a essas transformações.

Do forte interesse romântico, tendo como finalidade o casamento (vide Quadro II), o namoro consiste, hoje, em experiências agradáveis, sem compromisso de matrimônio.

“Essas novas formas de relacionamento só puderam vingar em uma sociedade marcada pelo individualismo, pelo igualitarismo. Uma sociedade formada por indivíduos que se pensam autônomos, singulares, que valorizam a espontaneidade, a liberação da sexualidade e da agressividade, a verdade interior e o desejo próprio. Uma sociedade hedonista, consumidora e pouco resistente à frustração. O indivíduo se sente como se dependesse basicamente dele mesmo e como se

todas as escolhas a serem feitas fossem uma questão de “opção individual”. (Jacqueline Chaves¹⁸)

A falência dos namoros pode ser atribuída às injunções do sistema mercantilista que prevalece no mundo contemporâneo. O homem-mercador se relaciona com os outros homens como se relaciona com os objetos materiais: possuindo-os e usando-os. Essa característica do *homo consumens* é estimulada, permanentemente, pela incessante criação de novas necessidades que reforcem o desejo de ter em detrimento do ser.

“Todo sistema de cortejar é de mercado ou troca. Difere um do outro, quanto a quem faz a compra e a venda, cujas características são mais ou menos valiosas neste mercado e quanto à troca ser livre ou explícita. O sistema capitalista acaba, então, reduzindo o ser humano em suas possibilidades relacionais, comprometendo a sua percepção no que se refere ao amor” (Goode¹⁹).

As relações entre os namorados tornam-se, então, relações entre objetos descartáveis. Por isso o sentimento de solidão é tão acentuado nas sociedades industriais, principalmente nas classes mais altas.

Por essas razões, muitos crêem que o namoro não tem mais funcionalidade, é uma coisa do passado, substituído pela paquera, a “curtição”, o “ficar”.

“O que as pessoas agora parecem estar percebendo é que a falta de limites acaba gerando situações bastante desagradáveis na família e em suas vidas pessoais. O problema agora é como definir estes limites. Há trinta anos, os limites eram claros. Agora o que se percebe é que as pessoas oscilam entre os modelos mais tradicionais e os mais modernos e não parecem estar satisfeitas com nenhum. Estamos em pleno reino da desorientação” (Jacqueline Chaves²⁰).

Entretanto, os depoimentos sugerem uma certa perplexidade, sentimentos confusos, pitadas de insatisfação nos relacionamentos afetivos. Um grande número parece acreditar numa complementação plena e insiste em procurá-la. Essa busca vã pode explicar, em parte, os namoros sucessivos, muitas vezes interrompidos pelas desilusões causadas.

QUADRO I

O NAMORO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Nos estudos historiográficos e nas análises sociológicas do casamento e da família no Brasil, amplamente desenvolvidos pelo antropólogo Thales de Azeve-

do²¹, o namoro, sob o regime patriarcal do Brasil colonial, praticamente não se distinguia do noivado²².

A escolha de cônjuges para as filhas, e até para os filhos, era um privilégio, quase exclusivo, do *pater familiae*, pois o casamento estava a serviço da manutenção dos grupos de parentesco em que apoiavam a ordem social, a economia, a política e a própria realização pessoal dos indivíduos²³.

No século XIX, o antigo padrão começou a ser gradualmente substituído pelo ideal romântico.

Até então o amor estava vinculado apenas ao exercício da sexualidade. E tanto a sexualidade como o casamento tinham um objetivo social, a serviço da comunidade e da família.

Daí a oposição entre amor e casamento vivida pela tradição “cortês” do século XII. O amor cortês foi criado e difundido pelos trovadores do século XIII que não o julgavam possível entre marido e mulher. Reflexo da religiosidade do século XII, exigia um relacionamento de natureza idealizada, acima do nível físico. Os amantes não se casavam. Geralmente a dama era esposa de um nobre, o que não impedia o cavaleiro de adorá-la. Não era uma mulher de carne e osso e, sim, a personificação do ideal feminino que o homem não conseguiria atingir. Ambos mantinham acesa a paixão e o desejo. Mas deveriam espiritualizá-los, evitando reduzi-los aos aspectos prosaicos do casamento e do sexo.

O amor romântico exerceu, portanto, apenas um pequeno papel no casamento europeu até o final do século XVIII quando surgiu o movimento chamado Romantismo.

A literatura de ficção desta época revela a eclosão de rebeldia romântico-individualista que inaugura o novo tipo de relação pré-matrimonial. Inspirados pelas novas idéias, os jovens privilegiaram suas inclinações interiores em detrimento da propriedade, da estabilidade das instituições, dos desejos dos pais²⁴. Brasil foi atingido pelas mudanças ocorridas nas capitais além-mar. Os modelos burgueses foram, aos poucos, assimilados por nossa sociedade. Firmaram-se devido, em parte, à vinda da família real e, conseqüentemente, da maior comunicação com o exterior propiciada pela abertura dos portos, e, também, devido à oportunidade dos filhos dos senhores de engenho, de fazendeiros e profissionais liberais de estudarem nas universidades estrangeiras.

As classes altas adotaram estilos de vida europeus e os papéis amorosos se diferenciaram, segundo níveis econômicos e, *principalmente, culturais*²⁵.

“No período romântico da literatura brasileira (especialmente a literatura urbana) é possível observar que a escolha do cônjuge era condição de felicidade feita, porém, dentro do quadro das proibições da época.

Ama-se, porque todo o período romântico ama.

Ama-se o amor e não propriamente as pessoas.

Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria a dona de um pezinho que por sua vez seria o dono de um sapato encontrado.

O amor parece ser uma epidemia que contagia as pessoas as quais, uma vez contaminadas, passam a suspirar e a sofrer no desempenho do papel de

apaixonados. Tudo isso em silêncio, sem ação, senão pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer.

Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor”.²⁶

Na transição da ordem patriarcal para uma sociedade de classes, tornou-se necessário que o amor-paixão, improdutivo e incompatível com o matrimônio se transformasse num amor mais doméstico, limitado pelas relações conjugais²⁷.

Redefiniu-se o conceito de amor e, assim, ele perdeu o caráter de transitividade. Foi, então, dessexualizado, tendo por alvo a procriação. Disso resultou a camuflagem ou apagamento do discurso erótico e o elogio à pureza.

Por outro lado, a valorização dos papéis de esposa e mãe resultou no enaltecimento do amor maternal, conjugal e filial. Em nome deste amor, uma série de deveres foram impostos às mulheres. A condição de amar e ser amada exigia renúncia, dedicação e submissão.

“Se o amor romântico era algo que se alimentava, exatamente, de obstáculos, de breves separações seguidas exaltadas reconciliações, como conciliá-lo com o casamento que é, essencialmente, hábito, rotina e cotidianidade? Como superar a dicotomia entre valores de individualidade onde a atração pessoal e a idealização amorosa estão presentes com os resquícios do binômio dominação-subordinação da ordem patriarcal?”²⁸

Os jovens foram, então, estimulados pelo discurso do romantismo e, ao mesmo tempo, educados para o casamento indissolúvel e perene.

Um marco da transformação do namoro antigo foi a modernização das grandes cidades com a institucionalização do *footing*, ocasião para o *flirt*, um primeiro comércio de olhares, aparentemente casuais, gestos significativos. As moças se expunham deliberadamente, ainda que de modo simulado, à conquista, pelos rapazes, visando o namoro²⁹.

Num livro intitulado “Pequeno Ensaio de Psicologia Urbana”, João do Rio, considerou o *flirt* um “brinquedo torturante” e o descreveu como uma espécie de conquista amorosa sem amor, desejo de inspirar o amor sem o sentir. Um jogo, muitas vezes de iniciativa da mulher, praticado nas grandes e pequenas cidades de todo o mundo. É interessante notar que o autor o rotulava um “gozo”, referindo-se a uma neurastenia absoluta com todos os fenômenos de receio, hesitação e inibição do desejo, atribuído à ansiedade que reinava na virada do século XX³⁰.

A moça consentia novos encontros, ou permitia ser acompanhada pelo pretendente à escola, às aulas de música, à igreja, recebê-lo à porta, ou debai-

xo da janela, para conversar baixinho, discretamente, evitando ser vista pelos familiares ou vizinhos. Missas, novenas do mês de maio eram ocasião de encontros.

Firmava-se a norma do consentimento individual condicionado, elegendo-se os candidatos ao casamento pela simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, subordinados a critérios de estamentos ou de classes sociais³¹.

Oculto, clandestino, disfarçado, o namoro dependia, muitas vezes da participação de alcoviteiros (amigos, em geral) e da companhia de tias solteiras, ou irmãos, para saídas e encontros.

Um antigo manual dos namorados recomendava ao par masculino toda prudência ao encarar, ou no dirigir-se, à jovem cujo amor se pretendia. A recíproca aquiescência traduzia-se na troca de olhares e, depois, no estabelecimento da conversa, ou intercâmbio de bilhetes e recados³².

Para atingir a amada, o enamorado tinha que se valer de sinais de comunicação à distância. Para conseguir passar a mensagem, valia tudo: linguagem dos leques, da bengala, das pedras preciosas, das flores, plantas, cores etc.

Se ela quisesse perguntar *Posso contar com amor correspondido?* apertava, junto ao coração, o leque aberto. Se o colocasse no rosto, escondendo os olhos, estava dizendo: *te amo!* O leque ainda servia para dizer sim, ou não, ao ser encostado à fase direita ou esquerda.

Ele segurava a bengala nas duas pontas para declarar *amo-te!* Colocava-a debaixo do braço para pedir um sinal qualquer. Girava-a em frente ao rosto para avisar que eram observados. Encostava-a no queixo para dizer: *preciso falar-te!*

Um objeto de cor branca significava: *Cândida, pura, inocente. tens em mim um amplo ascendente.* Um objeto roxo simbolizava: *Paixão de amor me domina. De ti pende a Medicina.*

Exibir um palito significava: *preciso mandar-te um recado e quero um portador para ele.* Mostrar uma charuteira era sinônimo de: *na volta nos falaremos.* Mostrar uma chave queria dizer: *os obstáculos hão de ser vencidos.*

Notas

¹ In Barthes, R., "Fragmentos de um Discurso Amoroso", 1981, p. 23.

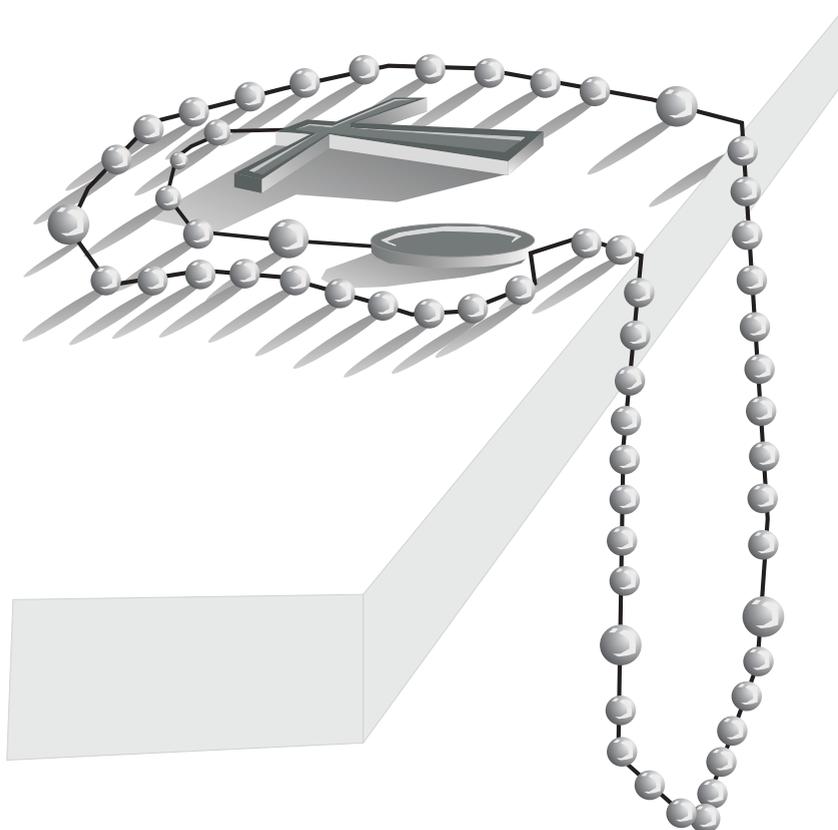
² In Laclos, "Ligações Perigosas", 1970.

³ Entre outros, Jersild, A., *op. cit.*; Hurlock, E., *op. cit.*; Blos, P., *op. cit.*

- ⁴ Abraham, Tomas, filósofo argentino, autor de “*La Guerra del Amor*”, 1992.
- ⁵ Ariès, P, historiador francês, autor de “*A História Social da Criança e da Família*”, 1985.
- ⁶ In Jersild, A., *op. cit.*
- ⁷ Kroeber, 1948, *apud* Azevedo T. “*As Regras do Namoro à Antiga*”, 1986.
- ⁸ In Trigo, M. H. “*Amor e Casamento no século XX*” in D’Incao, M. A. *et al.*, *op. cit.*
- ⁹ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*
- ¹⁰ In Mead, M., “*Adolescência y Cultura en Samoa*”, 1970.
- ¹¹ In Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.
- ¹² In Hurlock, E., *op. cit.*
- ¹³ In Linton, R. “*The Study of Man*”, 1936.
- ¹⁴ In Jersild, A., *op. cit.*
- ¹⁵ In Erikson, E. *apud* Rocheblave-Spenlé, A. M., *op. cit.*, 1969.
- ¹⁶ In Hurlock, E., *op. cit.*
- ¹⁷ Crist, 1953, *apud* Hurlock, E., *ibidem*.
- ¹⁸ In Chaves, J. C., “*Ficar Com*”, 1994.
- ¹⁹ In Goode, W. J., “*A Família*”, 1970.
- ²⁰ In Chaves, J. C., *op. cit.*, p. 27.
- ²¹ In Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.
- ²² O adjetivo “tradicional” é usado, por Thales de Azevedo (*op. cit.*), para se referir a costumes que datam de épocas recentes, mas que estão cedendo a novas formas e regras sem, contudo, perderem de todo sua vigência.
- ²³ In Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.
- ²⁴ *Ibidem*.
- ²⁵ *Ibidem*.
- ²⁶ In D’Incao, M. A., *op. cit.*
- ²⁷ In Trigo, M. H., *ibidem*.
- ²⁸ *Ibidem*, p. 90.
- ²⁹ Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.
- ³⁰ *Ibidem*.
- ³¹ *Ibidem*.
- ³² In Botafogo, D. J. “*Manual do Namorado*”, 1953.

Religiosidade e crise

A atitude religiosa se revela pelo ímpeto da entrega de si, pela adoração e amor ao ser absoluto, pela explosão de sentimentos, pela resignação ou transferência do desejo próprio ao desejo supremo. Cada indivíduo, cada povo, cada geração tem uma maneira peculiar de reagir diante do sagrado.



Se a necessidade de ganhar a vida não for imperiosa no momento em que a capacidade mental é ampliada, haverá maiores condições de atração e envolvimento com ideais estéticos, morais, filosóficos, religiosos. Através delas são buscadas explicações para as incógnitas do universo. Por isso a adolescência é um período em que o indivíduo está mais vulnerável à influência dos fenômenos de natureza religiosa nas ações, sentimentos e pensamentos.

Encontramos indícios de que o amor a Deus pode se intensificar com as transformações da puberdade, especialmente entre aqueles que receberam educação religiosa¹. Observa-se, também, um movimento de religiosidade nos que se haviam conservado, até então, indiferentes às questões de fé. Ao atingirem a maturidade muitos destes se tornaram outra vez indiferentes

Em certos casos, o medo do futuro, da morte, a insegurança e a dúvida impelem para uma religião que nada mais é do que uma sobrevivência do pensamento mágico infantil. Em outros casos, a piedade perde características do amor filial e transforma-se em necessidade de comunhão. A crença num Deus permite o encontro com a completude, razão de ser, satisfação da necessidade de amor, respostas ao sentido de vida, convicções éticas ou, até mesmo, escudo para as emoções.

Por isso os estudiosos da Adolescência afirmam que esta é uma fase de preocupação com o espiritual e o sagrado².

Estudos desenvolvidos com adolescentes escolarizados revelam que estes têm, em geral, dificuldade em aceitar a religião restrita a credos memorizados. É preciso integrar as crenças aprendidas com suas necessidades, vivências e as informações recebidas de outras fontes. Quando essa integração se torna impossível, o jovem poderá adotar uma atitude de desistência³.

Os questionamentos e dúvidas, que podem culminar numa ruptura radical, resultam de uma infinidade de fatores.

Como ficou demonstrado pelas entrevistas, os colégios dirigidos por padres e freiras desempenharam, durante muitos anos, um papel marcante na

opção religiosa do adolescente. Houve um tempo em que eles poderiam ser comparados a fábricas de neuroses. Quando se apelava para promessas de Céu, Inferno, Purgatório, a noção de pecado era supervalorizada e a criança via ao seu redor mil armadilhas que o demônio armava para ganhar sua alma. A chantagem também foi bastante utilizada na medida em que se considerava a sexualidade sinônima de pecado mortal.

Estas rédeas não poderiam segurar muito tempo os adolescentes. Quando eles abriam os olhos para a vida, enxergavam o mundo em constante mutação, os tabus tendendo à diluição.

Ao entrar em contato com disciplinas científicas, alguns jovens passam a rejeitar os dogmas, considerando-os incompatíveis com o pensamento racional. Outros têm dificuldades de conciliar a prática sexual e os valores sagrados. Adotando comportamentos considerados pecaminosos, eles rompem com a religião feita para anjos. E são inúmeros os casos daqueles que conservam uma crença pessoal, abandonando as normas e os cultos.

O sentimento religioso do adolescente também é aumentado ou enfraquecido pelos modelos de comportamento religioso exibido pelos pais ou pelas pessoas com os quais se identifica.

O jovem que não encontra na Igreja respostas para suas dúvidas e ansiedades pode rejeitá-la, afastando-se da religião. Sentindo-se capaz de romper com os valores convencionais, rompe com a religião com muito prazer, ainda mais que esta ruptura pode ser uma maneira de chocar a família.

A influência positiva da religião têm sido defendida por aqueles que a consideram propiciadora do ajustamento mental do indivíduo, na medida em que proporciona sentimentos de segurança, ajuda a estabelecer um conjunto de objetivos essenciais para dar sentido à vida, e oferece respostas às exigências humanas⁵. Por isso, a fim de emprestar significado à existência, grupos ou indivíduos se agarram a crenças e práticas religiosas. Estas ajudam, também, a enfrentar frustrações e ansiedades.

Vendo sob um ângulo diferente, alguns autores ressaltam as desvantagens da crença no sobrenatural. Consideram que o consolo às privações emocionais ou materiais inibe a luta pelas mu-

Quando o adolescente examina com mais rigor a questão religiosa, sua atitude vai depender da maneira como Deus lhe foi apresentado na infância. Se foi o Deus vingativo do Antigo Testamento, ao tomar conhecimento de todas as injustiças do mundo, só pode romper com este justiceiro que lhe parece tão injusto.

(Luís Fernando Pinto,
psicanalista⁴)

A base do problema religioso do jovem é a busca de segurança, característica do homem contemporâneo. Nos últimos tempos, esta é obtida no dinheiro, no prestígio social, na potência sexual. O jovem começa a descobrir que o mundo moderno lhe apresenta uma série de coisas que dão esta segurança, mas que acomodam e instalam a pessoa. O dinheiro dá segurança mas instala. O mesmo acontece com o sexo e o prestígio. Esta segurança limita e não satisfaz. É por isso que a religião surge, para o jovem inquieto, como uma oportunidade de segurança não instalante.

(Padre José Hamilton⁶)

danças sociais. Por outro lado, os sentimentos de culpa são mais veementemente despertados⁷. Muitos jovens buscam na fé apenas um refúgio. Há exemplos, também, de fanatismo quando a religião concentra todos os interesses e resulta numa alienação ao mundo. Nestes casos, a busca da divindade funciona como uma compensação neurótica.

Hoje, a religião católica, que continua sendo professada pela maioria da população brasileira, não parece propiciar nem eliminar conflitos, como a mesma facilidade com que acontecia em décadas anteriores.

No entanto, não podemos esquecer que os agentes de socialização e alguns outros modelos pertencem a gerações tatuadas por referenciais religiosos. Devemos estar atentos para concepções que, mesmo não verbalizadas, podem estar sutilmente presentes nos sentimentos de culpa ou medo dos adolescentes, associados à prática sexual, à idéia de morte, etc.

Ignorar tais influências e como elas se transmitiram, seria negar o papel dos pais e outros elementos de identificação, assim como todo o discurso que antecede o sujeito adolescente.

Se, por um lado, a adesão às religiões institucionalizadas parece decrescer, por outro lado, há indícios de um aumento da busca das religiões alternativas. Crescem, não apenas os movimentos carismáticos, pentecostais, mas também os grupos que apelam para experiências místicas e esotéricas. Tarôs, pêndulos, pirâmides, cristais funcionam como oráculos, prometem segurança, emprestam o sentimento de onipotência.

Certamente sua procura não é exclusiva dos adolescentes e reflete os tempos de descrença que o mundo atravessa. Mas o número significativo de jovens, envolvidos em tais movimentos ou crenças, pode indicar, não só a atração pelo novo e pelos modismos, como também ser expressão de uma crise existencial.

QUADRO I

Os estudos sobre a influência cultura africana no Brasil revelam acentuada tendência do nosso povo em incorporar elementos místicos, pré-lógicos, herdados da magia e da relação negro-fetichista que repercutem na sua estrutura intelectual⁸. Os navios negreiros trouxeram não apenas potencial humano escravizado, mas também um mundo religioso que se espalhou e se enraizou entre nós.

Em Salvador, onde existem mais de mil terreiros, a sobrevivência do candomblé foi favorecida pela preservação dos núcleos populacionais onde o negro é maioria. Nesse ambiente, os vestígios africanos podem ser observados na ex-

pressão corporal e verbal, nas relações familiares, na visão mística de mundo e em padrões de comportamento sexual⁹. A Cultura baiana inclui, portanto, subculturas caracterizadas por diferentes níveis socioeconômicos e grupos étnicos com costumes próprios, que podem ter influências na educação e comportamento sexual do adolescente residente em Salvador.

Quando aqui desembarcou, o português trouxe um catolicismo tolerante e crivado de superstições. Usava medalhas e cruzes para afastar os males que, para os índios, eram representados por espíritos ruins. Esta tolerância do colonizador para com as religiões indígenas, e, mais tarde, dos africanos, processou-se numa assimilação de ritos, cujos traços chegaram aos nossos dias.

Durante os três séculos do período colonial, o aspecto leigo do regime do padroado garantiu as expressões populares da religiosidade que caracterizaram a vida da sociedade pré-império, cujos resquícios permanecem. Por conseguinte, o catolicismo que predomina em nosso país, ainda é envolto em superstições e ritos profanos¹⁰. As devoções são misturadas ao fatalismo mágico, e o cumprimento dos deveres religiosos é, para a grande maioria, uma maneira de obter favores e comprar a vida eterna.

Nem a evolução da Ciência e Tecnologia, nem as reformas da Igreja extinguiram totalmente algumas formas de crenças enraizadas na mentalidade popular e facilmente observadas nos dias atuais, como é o caso do culto aos santos, às almas do Purgatório, promessas e novenas, ou aspersão da água benta para evitar o mau olhado.

A devoção a determinados santos conserva aspectos medievais que persistem no catolicismo latino-americano e pode ser analisada segundo a história do país, sua arte, seus costumes. Santo Antônio, São Cristóvão, São Lázaro, entre outros, tornam-se uma espécie de identidade afetiva, recebendo incumbências em troca de velas, flores, rezas, hinos e festas.

O culto às almas é um dos aspectos da piedade não sacramental. Nos países onde as tradições indígenas permanecem vivas, teme-se as almas dos mortos, às quais se busca apaziguar, mediante orações e oferendas.

O Senhor do Bonfim, padroeiro da cidade de Salvador, é identificado, por estudiosos do sincretismo afro-brasileiro¹¹, como um dos maiores orixás iorubanos: Oxalá. A influência do candomblé pode ser observada em sua festa no mês de janeiro, apesar do caráter religioso das novenas e orações. Baianas lavam o átrio da igreja, seguindo à risca o ritual iorubano. A cerimônia adquire características do carnaval, com a participação de todas as camadas sociais que dançam e bebem nas barracas armadas durante a semana de festejos. Manifestações do catolicismo popular, tais cultos constituem um elemento alienante do universo religioso e nunca tiveram o apoio e o ensino oficial da Igreja¹².

Outra das crenças arraigadas consiste nas promessas. Dando algo que lhe custa, a Deus ou a um santo, estes ficam obrigados a dar o que a pessoa deseja. Esta correlação é do tipo mecanicista supersticioso. A promessa é um elemento alienante da responsabilidade pessoal. Prática semelhante é a relação de sacrifício e da renúncia para alcançar uma graça.

O hábito de aspersão da água benta, espécie de exorcismo contra os espíritos do mal, pode ser observado na bênção das casas, automóveis, medalhas e do próprio corpo¹³.

Notas

¹ In Hurlock, E., *op. cit.*

² In Piaget, *op. cit.*, 1964.

³ In Roberts 1950, *apud* Jersild, A., *op. cit.*

⁴ Entrevista concedida à autora e publicada no suplemento dominical do Jornal da Bahia em 6/7 de dezembro de 1970 sob título: "*Para Muitos Jovens a Religião Já Era*".

⁵ In Chinoy, E. "*Sociedade: uma Introdução à Sociologia*", 1982.

⁶ Entrevista concedida à autora e publicada no Jornal da Bahia em 21 de setembro de 1977, no caderno especial comemorativo dos 20 anos do matutino sob o título "*É Preciso Conhecer o Adolescente para Ajudá-lo no Mundo Atual*".

⁷ In Jersild, A., *op. cit.*

⁸ Bastide, R., "*As Religiões Africanas*", 1976; Ramos, A., "*O Folclore Negro no Brasil*", 1971.

⁹ In Ramos, A., *ibidem*; Cupertino, F. "*As Muitas Religiões do Brasileiro*", 1976.

¹⁰ In Azevedo, T., *op. cit.*, 1966.

¹¹ Entre eles Câmara Cascudo.

¹² Depoimento à autora do padre Dionísio Sciuchettil, fundador do Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC) em 1977.

¹³ Frei Hermínio O.S.F., em entrevista à autora publicada no suplemento dominical do "Jornal da Bahia" em 26/05/74, página COMPORTAMENTO sob o título "*Alma do Outro Mundo, uma Crendice que Ainda Perdura*".

Escolas ou cárceres?

*Ainda me lembro aos três anos de idade
O meu primeiro contato com as grades
O meu primeiro dia na escola
Como eu senti vontade de ir embora
Fazia tudo que eles quisessem
Acreditava em tudo que eles me dissessem
Me pediram para ter paciência
Falhei.*

(Luís Bonfá - Renato Russo¹)



O conceito de *Identidade* também pode ser articulado ao conceito de *Atividade*, partindo da premissa que o trabalho propicia ao homem se reconhecer e se definir por sua ação transformadora do mundo. Nesse sentido, a ruptura entre o **Fazer** e o **Ser**, quando o indivíduo perde a autoria de sua criação, poderá causar crises de identidade.

O adolescente das sociedades industrializadas não tem tido oportunidades de desenvolver ou de ser autor de ações criadoras. A maior parte de suas atividades é realizada dentro de colégios onde passa muitos anos da sua vida.

O prolongamento da escolaridade é uma das conseqüências da transferência da família para fora da esfera privada. Como os filhos já não podem aprender o ofício com os pais, pois estes não trabalham mais em casa, têm que se preparar para a profissão em outras instituições².

Boicote à criatividade

Durante a adolescência há uma exacerbação da vida imaginativa que caminha paralela à aquisição do pensamento lógico. A capacidade de abstração permite melhor compreensão dos livros, filmes e canções. Aumenta o interesse pelos romances, pelas descrições de outros países e de outras épocas e, assim, são ampliadas as fronteiras do espaço mental.

Além de abrir horizontes e subverter idéias, a leitura é um dos passaportes para o ingresso no mundo do imaginário. Muitas fantasias adolescentes reproduzem personagens e cenas lidas, servindo de trampolim à criação de novos papéis.

A intensificação da imaginação criadora parece estar relacionada à falta de definição desta categoria de idade. Não encontrando na realidade externa papéis bem definidos, através dos quais possa se afirmar, o adolescente tende a criar personagens e, assim, procura escapar à perda da identidade.

Vida é música, cara... A música é tudo. A música tem tudo.

A gente pega um carro, um coletivo, se a gente escutar bem, tem música ali: no barulho, nas coisas, nas pessoas...

Eu faço música, penso música, música me acalma. escrevo em forma de música.

(sexo masculino, 18 anos⁵)

A música é uma das poucas coisa que consegue dar sentido à minha vida. Assim eu não preciso de ninguém pra poder viajar, a música é como um namorado perfeito, sem nenhuma paranóia. A música está praticamente em tudo o que eu faço, no que eu escrevo, no que eu penso, no que eu visto.

(sexo feminino, 18 anos⁶)

Os estudos de Piaget demonstram a ocorrência de uma revolução do pensamento, durante a adolescência, caracterizada pela aquisição da capacidade de abstração, por uma percepção mais objetivada do mundo, propiciadora ao questionamento e desejo de reformulação.

Este processo, porém, não resulta apenas da maturação, sofrendo influências das interações sociais. Há sociedades onde as gerações mais jovens ficam submetidas à autoridade dos maiores da tribo, submissos estes, por sua vez, às tradições conservadoras de seus antepassados. Nestes casos, em que os processos sociais são regidos por conservadorismo, ocorre uma relação circular entre processos sociais e intelectuais, o que compromete as operações intelectuais fundamentais³.

Autores contemporâneos afirmam que, através da música, as pessoas experimentam o prazer sensual, “comichões” e “sensações gostosas”. Pesquisadores descobriram que as vibrações sonoras viajam por todo o corpo, atingindo as células, alterando os batimentos cardíacos, respiração, digestão, atividade muscular etc.⁴.

Muitas vezes o adolescente se reconhece nas letras das canções que traduzem as palavras que ele não consegue dizer. E então se identifica com o compositor ou cantor. Outras vezes quer também se expressar através de um instrumento que lhe propicia relaxamento, fuga, paz, e satisfação pessoal. Por isso a música é uma das formas que o adolescente tem para se relacionar consigo próprio e com os outros.

O cinema e o teatro também alimentam a criatividade e ajudam a soltar a imaginação. Com alguns personagens, os adolescentes aprendem a viver, ao se identificarem com eles. Os grupos de dramatização propiciam a aquisição de uma identidade na medida em que treinam o jovem a ser autor do seu próprio *script*. Quando busca o palco, busca um lugar para experimentar e criar papéis, e ensaiar possibilidades menos rígidas de comportar-se. Recuperando a possibilidade lúdica, recupera o espaço do jogo cuja função é ajudar a colocar-se no lugar do outro, e a lidar com as emoções.

No entanto, o cumprimento das tarefas impostas pelo currículo escolar deixa pouco tempo disponível para que o jovem se

dedique a atividades artísticas e literárias. Até mesmo a participação em agremiações estudantis é considerada indesejável por pais que avaliam o desempenho dos filhos pelos boletins.

A estimulação e exigência ao estudo repetitivo bloqueia o desenvolvimento da vida imaginativa, de um raciocínio autônomo, da criatividade e, conseqüentemente, da contestação.

Por conseguinte, a produção dos jovens das classes mais altas, futuros donos do poder, acha-se limitada à reprodução de conceitos que geralmente não podem questionar, devido à tendência de se rotular *marginais* ou *desajustados* os comportamentos desviantes. Não é sem mais nem menos que a atuação política, que já caracterizou os estudantes de outras épocas, foi objeto de boicote, discriminação e perseguição.

Colégios religiosos

O soldado e a religiosa se davam as mãos,
como exemplos tradicionais de disciplina .

Os colégios religiosos, foram durante várias décadas, os principais responsáveis pela formação de um grande contingente de jovens das classes mais altas.

Isso não aconteceu por acaso.

A existência de uma ideologia liberal burguesa em uma sociedade capitalista exige uma versão católica dessa ideologia. E como a religião constitui uma das principais agências sociais geradoras e transmissoras de concepções e valores, através dela o comportamento dos indivíduos em sociedade pode ser controlado. As crenças servem de base para idéias e atitudes a respeito do significado da vida.

Da mesma forma que os detentores do poder se encarregam de determinar a política educacional a ser seguida e o conteúdo ideológico dos programas, o objetivo da ação pedagógica católica consiste na promoção dos valores evangélicos e educação global do homem. Assim, a educação religiosa contribui para o referido controle na medida em que condiciona repertórios de

Cada personagem que construo é um pouco de mim. Afinal é através de minhas emoções que este expressa suas frustrações e conquistas, como na minha vida pessoal. Independente da forma, sempre me expresso através de minhas emoções. O personagem e a pessoa que o representa são uma só pessoa com embalagens diferentes. (sexo feminino⁷)

comportamento compatíveis com “o senso do coletivo e do universal, o desejo de justiça e paz, o respeito às categorias sociais menos desenvolvidas, a liberdade de consciência, o anseio à promoção da força do grupo e o interesse pela criatividade”⁹.

Os ensinamentos cristãos transmitidos pelos colégios de padres e freiras não entram em choque com a ideologia liberal capitalista, uma vez que as mensagens do Evangelho podem ser interpretadas segundo essa ideologia. Atendem, portanto, aos interesses da classe social dominante, na medida em que a internalização dos valores religiosos corresponde aos valores vigentes: a ênfase à castidade, a vinculação do sexo ao pecado, a aprendizagem de um papel feminino passivo, o treinamento à disciplina e, conseqüentemente, à submissão. (vide Quadro II).

A tradição e ideologia transmitidas pela Família e Escola tradicionais, geração após geração, expressa nas investigações e nos depoimentos colhidos por nós, pode nos levar a indagar em que grau os efeitos dessa conserva estarão influenciando na capacidade intelectual do jovem contemporâneo...

Vestibular é a meta

Ultimamente, os objetivos do ensino brasileiro vêm se concentrando, cada vez mais, na preparação para a Universidade. Esta preparação se caracteriza pela transmissão de conceitos nem sempre úteis, pela punição dos comportamentos divergentes – geralmente os criativos. Visando apenas esta meta, os educadores tornam-se míopes para as necessidades do aluno, cúmplices da família tradicional, mantendo as conservas culturais.

Para bem desempenhar os papéis exigidos, o aluno obedece, conforma-se, depende, reprime a agressividade, teme a autoridade e as mudanças, decora lições, uniformiza-se, repete, submete-se, não questiona. Desestimulado a colocar-se no mundo de forma criativa, o absorve de forma passiva, através do treino de papeis rígidos e fixos que lhes são impostos. Aprende a se transformar em uma marionete, no cidadão modelo, num robô alheio às necessidades pessoais e do seu grupo.

Toda estrutura educacional com o destaque dado a exames, graus, memorização ou simples armazenamento de fatos, está empenhada em destruir o espírito de experimentação, tão vital numa época de mudança. [...] Os métodos tradicionais de ensino justificavam-se enquanto sua função principal era criar o espírito do conformismo básico e a disposição para o ajustamento copiativo que acompanha uma sociedade estática. Todavia, esses mesmos métodos tornaram-se um impedimento à compreensão do mundo em transição e tolhem o espírito de aventura e de ajustamento criador a experiências imprevistas.

(Karl Mannheim¹⁰)

É aí que o indivíduo transforma-se em papel, perdendo sua individualidade.

O dilema da escolha profissional

A saída da infância obriga o indivíduo a assumir progressivamente papéis de um adulto útil à sociedade. Em linhas gerais, estes se traduzem nos papéis de cidadão, trabalhador, chefe de família, etc. Mas a Escola não propicia a aprendizagem destes papéis. Por isso outra grande fonte de conflitos é a **escolha profissional**, exigida num período de indefinições, de desconhecimento de mundo, desconhecimento este também favorecido, como já foi destacado, pelo sistema educacional.

Num país, como o Brasil, cuja população é, em grande parte, constituída por menores responsáveis pelo sustento de famílias, é fundamental o estudo sobre o significado do trabalho para o adolescente, em especial para o adolescente de baixa-renda.

O conhecimento de alguns aspectos do período de transição – da escola ao trabalho – tem sido cada vez mais valorizado pelos estudiosos da área de Saúde Mental, uma vez que a inadaptação profissional constitui um dos fatores propiciadores de transtornos psíquicos, e pode comprometer todos os aspectos da vida de um indivíduo.

Entre os obstáculos que dificultam a decisão profissional e contribuem para uma escolha errada, podem ser apontados a falta de/ou informação deturpada sobre as profissões, o desejo de enriquecer rapidamente, os rótulos profissionais que conferem status a certos empregos, a falta de ambição, a crença de que qualquer um chega aonde quer mediante esforço pessoal, a influência ou exigência familiar, a identificação com figuras parentais, ídolos, amigos etc.¹¹

O desejo de independência, ou de casar, também atuam como forças motivadoras das pressões, às quais está submetido o adolescente.

Autores defendem que a orientação a respeito da escolha de uma carreira não deve acontecer no início da adolescência¹² uma vez que a mudança súbita das responsabilidades agrava desequilíbrios anteriores ou, como sucede freqüentemente, suscita diversas outras dificuldades. Um interesse prematuro sobre as decisões vocacionais, especialmente quando há um precário conhecimento dos diversos tipos de tarefas que é capaz de realizar, pode comprometer as aspirações¹³.

E, no entanto, mal saem do ginásio, os adolescentes das classes médias e altas enfrentam a preparação para o vestibular. Desde então são pressionados a decidir qual faculdade cursarão, sem muitas noções das perspectivas profissionais que os cursos lhes oferecem.

Como o trabalho constitui uma das atividades principais do ser humano, o jovem deveria escolher uma tarefa que o permitisse, não apenas satisfazer suas necessidades de sobrevivência, mas desenvolver seu potencial criador.

Criticando a educação formal, que não prepara os indivíduos para o trabalho, estudiosos da adolescência sugerem que as tarefas escolares sejam ampliadas por atividades que sirvam de ponte entre o colégio e o trabalho.

Para agravar o problema, a especialização torna difícil, e até impossível, a mudança de um emprego para o outro em ramos diferentes. Em épocas passadas isto não acontecia, pois a variedade de oportunidades era muito reduzida. Hoje o jovem já não tem o futuro garantido pela continuidade do trabalho de seu pai. Quando muito consegue um emprego através da influência paterna ou dos amigos da família.

Observa-se que os valores econômicos tornaram-se prioritários. Para os jovens das classes médias e altas, a carreira profissional não é mais escolhida com o objetivo de realização pessoal e, sim, como meio de ganhar *“bastante dinheiro”*¹⁵. As técnicas de *marketing* e a pesquisa motivacional são apontadas como responsáveis pela criação cada vez maior de necessidades artificiais. Ao invés de se valorizar a poupança, como ocorria no século XIX, estimula-se a necessidade de consumo.

“A novidade agora é que agora não há mais idealismo. *‘Ninguém mais sonha em ser um músico ou um engenheiro apenas pelo prazer de tocar guitarra ou construir pontes. Eles querem fazer o que gostam, mas ganhar dinheiro e ter sucesso, fama’*, afirma o pedagogo paulista Sílvio Bock, 40 anos, um dos coordenadores do Nace – Orientação Vocacional e Redação. Há dez anos ajudando adolescentes a escolher uma carreira, Bock ainda se surpreende

Entramos na Universidade mais por uma cobrança externa.

Como se esse ritual fosse necessário para se ter as credenciais de um modelo padrão. Parece não haver um desejo interno pelo conhecimento. A escolha da profissão se dá mais por uma questão circunstancial do que “dá dinheiro” ou prestígio, do que por uma demanda do sujeito.

(Renata Sá Barreto – estudante de Psicologia em 1993)

Trabalho com mecânica de refrigeração, faço poesia. Profissionalmente é difícil [...] tem universitário vendendo jornal [...]

Quero profissão-poesia, contracultura, não voltada pra questão comercial, me amarro em medicina, tenho uma vontade louca de fazer medicina.

(sexo masculino, 18 anos¹⁴)

com o perfil dos jovens que passam por sua clínica nos últimos três anos. *‘É mesmo uma geração muito diferente, sem os conflitos existenciais das passadas, mais superficial, hiperativa, pouco rebelde’*, constata ele¹⁶.

A produção crescente, a obtenção de lucro a todo custo, tornou-se um fim em si mesmo. Para entrar nesse mercado competitivo, é preciso fazer cursos de computação e línguas. Muitos trabalharam em butikues com o objetivo de ter uma maior independência econômica ou satisfazer a ânsia de aquisição. O desejo de independência ou de casar também atuam como forças motivadoras para a escolha da futura profissão.

As meninas ainda são incentivadas para assumirem o papel de mãe e dona de casa, enquanto a educação formal as prepara para a autorealização em outros campos¹⁸. Feminilidade e profissionalização se tornam, em muitos casos, incompatíveis, gerando conflitos. É cada vez menor o número de mulheres que desistem de trabalhar e se dedicam apenas ao lar, buscando o sentido da vida através dos filhos e maridos.

Quanto maior é a necessidade econômica, ou a necessidade de tornar-se independente da família, tanto maior será o desejo de trabalhar. Em muitos casos, este desejo pode determinar para sempre o futuro, pois a dificuldade em encontrar uma ocupação, sem experiência suficiente, pode levar o adolescente a aceitar um emprego que não corresponda a seus interesses. Frequentemente acaba permanecendo neste emprego porque vai se especializando nele e, muitas vezes, não alcança a autorealização através do desempenho profissional.

Raros têm coragem de mudar.

Enquetes revelam que a influência da família é maior no período inicial da adolescência e varia de acordo com a posição econômico-social¹⁹. Os adolescentes das camadas mais altas são passíveis de maiores influências dos adultos. Nítidas ou camufladas, estas repercutem sobre sua opção profissional²⁰.

Pesquisas e depoimentos se referem à influência dos pais na opção da profissão, advindas dos desejos (conscientes ou inconscientes) de que o filho alcance o sucesso experimentado ou não²¹.

Minha preocupação é me formar em uma profissão que dê lucro. Dinheiro não traz felicidade mas ajuda. Sou muito mais feliz indo ao Limelight (night-club sofisticado paulistano) do que ir ao Mc Donald's.
(*sexo feminino*¹⁷)

Havia, no meu tempo, uma certa pressão no sentido de seguir a carreira do pai, ou a que ele desejara ter seguido. Eu mesmo fui muito influenciado pelo meu pai para estudar engenharia. Sei que hoje ainda continua existindo uma tentativa de influenciar os filhos, mas é apenas tentativa porque o adolescente atual resiste melhor às pressões. A autoridade não é mais forte como antes.
(*L.P., 1938, Belo Horizonte*)

Embora as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea propiciem um amadurecimento precoce, a fronteira entre adolescência e idade adulta vem sendo ampliada não apenas pelo prolongamento da escolarização, pois muitos adolescentes consideram trabalho e estudo atividades excludentes. Mas as condições socioeconômicas adversas, gerando falta de empregos retardam a entrada da maioria da população jovem no mercado de trabalho.

A opção por uma carreira, quando determinada simplesmente por motivações de ordem econômica, propicia a desvinculação entre o trabalho e o prazer. Observa-se que, nos tempos atuais, o prazer está restrito à aquisição de produtos de consumo, ao lazer e à sexualidade.

DE DONO DE CARTÓRIO A ATOR

Eu trabalhava em um cartório em Inhambupe, ocupava um cargo respeitável, ganhava bastante dinheiro, quando deu a loucura. Eu não tinha mais saco para agüentar o pessoal do interior naquela de 'seu' Jacques pra cá, 'seu' Jacques pra lá, recebendo baforadas de charuto na cara. Não sei o que eu queria. Naquela época tinha passado com dez no concurso para o cartório. Por isso ninguém entendeu quando larguei tudo e me mandei pra capital. Achei que era legal curtir uma de Psicologia. Fiz vestibular, mas acho que não é a minha, estou curtindo teatro.

Aconteceu sem mais nem menos. O Jesus Chediac me chamou para trabalhar numa peça. Eu desbundeí depois dessa.

Já no tempo do cartório eu me comportava diferente. Fui o primeiro funcionário a usar cabelo comprido e nunca usei paletó para falar com o juiz. Mesmo assim, ele me achava um funcionário exemplar. Houve um tempo em que me ofendi quando as pessoas me olhavam como se não fosse homem. Depois vi que era caretice ligar. Eu sou o que eu quero e quem quiser me aceitar como sou, me aceita.

Depois dessa experiência, fiz algumas peças e dois filmes. Acho que me encontrei, nunca mais soube o que era fossa, acho a vida maravilhosa. Adoro todo mundo, não tenho preconceitos contra ninguém, eu curto até as pessoas quadradas. Visitar pessoas caretas, por exemplo, é curtir uma legal. Numa hora lá, a dona da casa se levanta, a gente ouve um barulhinho dos pratos lá dentro e já sabe que vai sair um doce. Quando a pessoa não é careta, 'não sai doce, não!'. No fim do ano não terei mais um tostão. Estou esperando que aconteça alguma coisa. Tem que acontecer!

Dinheiro é bom para dar conforto. Mas trabalhar no que não se gosta pra ganhar dinheiro não dá. Eu detestava o dinheiro que eu ganhava no cartório e gastava só de raiva, em muita coisa inútil. Quando a gente começa a viver sem dinheiro, curte muito mais. Hoje a pessoa viaja sem um tostão. Viajar de carona é maravilhoso. Se tem fome, bate numa casa e pede um copo de leite. E convive com muito mais pessoas.

Minha mãe diz que as esperanças dela sobre mim ruíram. Ela queria que eu fosse aquele rapazinho formado, só para dizer: 'Meu filho está estabilizado na vida!'. Ora, eu estou estabilizado comigo mesmo!

(*Jacques Beauvoir é ator, diretor e colunista de teatro. Na época da entrevista, realizada em 1972, pouco antes de abandonar o curso de Psicologia, investia firme em seu desejo.*)

DE SEMINARISTA A BARRAQUEIRO²²

Em Salvador, todos o conhecem como *Juvená da Barraca* que conseguiu prolongar as festas de largo o ano todo no seu bar. Poucos conhecem o Juvenal psicólogo, ex-seminarista que, um dia, largou tudo para conservar a coragem de ser livre.

Ele veio do interior em busca do mar. Tinha doze anos e nem um tostão.

Um dia, trabalhando como ajudante de pedreiro, encontrei um rapaz que me perguntou se eu não queria entrar pro seminário. Eu nem sabia o que era aquilo mas disse: 'vom'borá!' Tive lá um tratamento legal, e fui me ambientando, e consegui fazer até o terceiro ano de Filosofia. Nesse período eu me desasnei. Mas depois começou a luta interna comigo mesmo. Havia uma série de exigências que eu não aceitava. O celibato, por exemplo, é contrário à natureza. Então eu decidi sair, sem saber pra onde ir. Me arranjaram um emprego, eu trabalhei numa manhã só e larguei.

A Psicologia me atraía e eu resolvi fazer o vestibular. Um dia, batendo um papo com um italiano, ele disse: vamos para a Itália? eu disse: 'vom'borá!' Mas não sabia como chegar lá sem dinheiro. O cara me deu a dica: havia uma companhia de navios cujo maior acionista é o Vaticano. Ele me sugeriu pedir ao reitor para escrever uma carta para lá contando que eu viera da Itália ver a família e estava sem dinheiro para voltar. Vinte dias depois recebi a passagem.

Passsei quatro meses na Itália fazendo de tudo. E viajei de trem por todo o país. Eu entrava no trem e ficava no sanitário até me botarem pra fora. Aí eu saltava e pegava outro trem fazendo o mesmo e assim conheci toda a Itália.

Acontece que eu não sabia como voltava e estava a fim de passar o carnaval aqui.

Aí uma turma amiga me arranhou uma passagem de volta no 'Augusto César'.

Eu tinha comida e dormida, mas não tinha tutu para beber e fumar. Me entrosei com uma turma e fizemos vários 'shows' para o pessoal de bordo. Em poucos dias estavam procurando: 'onde está Brasília?' Era assim que me chamavam. Basta dizer que dancei até can-can com dois limões no peito. Foi um sucesso tão grande que me chamaram para fazer o mesmo na classe A onde só tinha velho.

Quando terminava de dançar, atirava os limões na cara de alguma velha. Um dia caiu uma moeda na piscina, eu apanhei e as crianças começaram a jogar moedas para eu apanhar. Então eu sugeri que jogassem cem liras, que davam para eu comprar uma cervejinha. A garotada topou e deu para eu beber à vontade.

Quando saltei no Rio, parecia que eu era uma autoridade. Todo mundo queria carregar minha mochila que só tinha cinzeiro de *souvenir*. Aí o comandante

virou pra mim e disse: 'da próxima vez que o senhor viajar conosco, vou lhe dar um paletó'. Agradezi, mas vou continuar sem paletó.

Quando o carnaval acabou, eu estava numa pior danada. Dormi no monumento do Campo Grande, na porta da igreja da Vitória, até que arranjei com as freiras da Divina Providência um lugar para ficar enquanto conseguia novamente um lugar na Residência do Universitário. Continuei o curso de Psicologia, sem preocupação de me formar. Eu queria participar de muita coisa maravilhosa do período de estudante. Passei sete anos na Universidade.

Aí eu resolvi armar uma barraca em festa de largo. Na barraca, consegui um conhecimento muito bom do comportamento humano, que está ajudando minha formação de psicólogo. Depois abri um bar num areal, em Itapuã. Pretendo fazer uma psicoterapia peripatética, debaixo dos cajueiros. Sei que não vai ser fácil, porque as pessoas acham que, entre quatro paredes, estão protegidas e, num espaço aberto, se sentem inseguras, com medo de si mesmas. Eu vou tentar quebrar isso.

O dinheiro, para mim, é um fator terrível de prostituição. Claro que o dinheiro é necessário para a sobrevivência, mas não dá segurança em hipótese alguma. Há algum tempo atrás, não tinha um tostão. Hoje não estou rico, mas tenho outras condições, então vem a tentação em certos momentos. É o tipo de batalha que a gente tem que estar vigilante o tempo todo.

Notas

¹ Trecho da canção "O Reggae".

² In Ariès, P.; Duby, G., p. 81-82.

³ In Piaget, J. "El Desarrollo Intelectual del Adolescente". In Caplan, G. Lebovici, S. et al., op. cit.

⁴ In Tame, D. "O Poder Oculto da Música", 1984.

⁵ Entrevistas realizadas no primeiro semestre de 1995, com adolescentes engajados em 'tribos' musicais, por Aline Garrido e Carlos Alberto da Cruz, alunos do Curso de Psicologia da UFBA.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Entrevistas realizadas por alunas do curso de Psicologia da UFBA: Aline Amanda Freitas; Ana Cláudia Urpia; Heloisa Saback; Nadjla Sahyoun, no primeiro semestre de 1995 com adolescentes de 12-17 anos 1º e 2º graus.

⁸ Ariès, P., Duby, G., op. cit.

⁹ In Ramalho, J. P. "Prática Educativa", 1976.

¹⁰ In Britto, S., op. cit., p. 83.

¹¹ In Hurlock, E., *ibidem*.

¹² In Herford, M. E. M., et al. "De la Escuela al Trabajo", In Caplan, G.; Lebovici, S., op. cit.

¹³ Pusey, 1954, *apud* Herford, M. E. M., *ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ In Claes, M., op. cit.

¹⁶ In revista "Isto É", 21/4/93.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ In Bethelheim, B. *apud* Herford, M. E. M., *op. cit.*

¹⁹ In Hurlock, E., *op. cit.*

²⁰ In Marcus, I. M., "*De la Escuela al Trabajo: Algunos Aspectos de la Interacción Psicosocial*".
In Caplan, G.; Lebovici, S., *op. cit.*

²¹ In Pfromm Netto, S., *op. cit.*

²² Entrevista realizada pela autora para uma reportagem publicada no "Jornal da Bahia" intitulada "*Juvená com Aristóteles na Psicologia Peripatética*", em 21 de abril de 1975.

O adolescente no século XXI



Seis anos depois de publicada a primeira edição deste livro, não encontramos mudanças significativas relativas ao estudo da adolescência. Podemos, entretanto, constatar que, na virada do milênio, o estilo de vida ocidental passou por um acelerado processo de modernização resultante de transformações científicas, tecnológicas, socioeconômicas. Estas caracterizam o que alguns autores denominam “pós-modernidade” (HARVEY, 1992; BAUMAN, 1998)¹ para nomear uma ruptura de tendências e estilos. Considerando que esta transição apresenta traços específicos, citaremos alguns traços que revelam os impasses das sociedades industrializadas, visando identificar possíveis implicações nos comportamentos e atitudes dos adolescentes, e em que medida as mudanças socioculturais, ocorridas nas últimas décadas, podem abrir novos caminhos para as pesquisas sobre a adolescência.

Nas últimas décadas, extraordinários avanços científicos e tecnológicos caminharam paralelamente às transformações socioeconômicas e culturais: desgaste dos modelos liberais culminando na vitória do pragmatismo neoliberal, especulação financeira superando a produção industrial, movimentos nacionalistas e segregacionistas de toda ordem, exclusão e massacre de minorias, violência urbana, toxicomania, ameaça de armas nucleares, poluição do meio ambiente, explosão demográfica, desigualdades sociais e econômicas, guerras constantes, importação dos valores e idéias de países mais desenvolvidos. Racismo e extremismos de direita ganharam novo fôlego. A ecologia sofreu trágicas conseqüências. Embora a automação e a mecanização da indústria houvessem possibilitado maior número de empregos, a crise econômica reduziu as possibilidades de trabalho.

Santos apontou alguns obstáculos com os quais se deparou o homem contemporâneo no final do século. Entre os vários desafios, por ele assinalados, destacamos: inflação, desemprego, taxas de juro, déficit orçamental, crise financeira do Estado-previdência, dívida externa, política econômica em geral; a internacionalização da economia, cuja principal conseqüência é a

marginalização, a perda da sua autonomia e capacidade de regulação social do Estado nacional; o paradoxo traduzido na supervalorização do indivíduo e sua liberdade e, ao mesmo tempo, a massificação à qual ele está sujeito; o fim das clivagens sociopolíticas e, paralelamente, a contradição entre democracia e neoliberalismo que, paradoxalmente, caminham juntos (SANTOS, 1996, p. 21-2).

Podemos acrescentar a este rol de desafios as tentativas de domesticar a natureza, a saúde e o corpo, através da tecnologia; a mudança constante dos papéis de família; a crescente afirmação profissional da mulher; a expansão de filosofias materialistas e humanistas; a exacerbação de valores religiosos fundamentalistas, com a conseqüente perda de influência do catolicismo tradicional em várias partes do mundo. A recessão boicotou a ânsia de consumo. A mobilização para grandes causas, freqüente nas décadas anteriores, gerou maior deserção do social. Em contrapartida, opções como as associações de bairro, movimentos de defesa do consumidor compuseram a chamada “micrologia do cotidiano”. Questões relativas aos direitos da mulher, ao meio ambiente, ao desarmamento nuclear tomaram o lugar das tradicionais oposições entre esquerda e direita, entre liberalismo e conservadorismo. O Movimento Ecológico tornou-se uma das novas formas de luta.

As expressões “bem-estar”, “tecnologia a serviço do conforto”, “valores individuais” foram usadas como palavras-de-ordem pós-modernas (COMPAGNON & THÉVENIN, 1997).

No Brasil, a última década do século terminou em clima de descrença. O Plano Real, instaurado pelo governo Itamar Franco, que substituiu Fernando Collor, afastado da presidência por *impeachment*, não alcançou o objetivo de reequilibrar financeiramente o setor público. No governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) foi fortalecida a política de privatização, concretizadas as punições aos grevistas, multiplicados os acordos com partidos conservadores. A inflação não foi erradicada e a classe média empobreceu. A crise política que abalou o governo Lula, iniciado em 2002, destruiu esperanças de milhares de jovens, como têm demonstrado pesquisas divulgadas pela mídia.

Repercussões das transformações pós-modernas nos comportamentos adolescentes

Reformulações de comportamentos e mentalidades vêm ocorrendo numa velocidade desconcertante.

A crise axiológica, um dos grandes desafios contemporâneos, manifestou-se na polêmica da prática do aborto, da eutanásia, da venda de órgãos e na violência contra a mulher.

Lipovsky apontou algumas manifestações do que chamou “crepúsculo do dever”. Conforto e férias são mais valorizados do que a virtude, a sedução substituiu a obrigação, “o bem-estar tornou-se Deus e a publicidade seu profeta”. E indagou: “Que parte cabe às injunções do dever numa sociedade obsidiada de saúde e de juventude, que difunde massivamente conselhos dietéticos e estéticos, desportivos e turísticos, eróticos e psicológicos?” (LIPOVETSKY, 1994, p. 62).

O individualismo, outra característica intrínseca à pós-modernidade, também chamado de “neindividualismo” por ter se originado na civilização pós-industrial, estende-se à vida profissional, econômica, às relações interpessoais, familiares, afetivas e às organizações sociais, que se tornaram pautadas segundo os interesses pessoais. Manifesta-se nos movimentos de emancipação de minorias, no consumo de bens e de serviços personalizados, (instrumentos portáteis de ginástica, entre outros), na valorização do estudo da vida privada e das biografias, no micro em detrimento do macro como um modo obrigatório da vida moderna.

A concentração do caráter individual da vida humana faz com que cada um adquira informação no momento em que lhe apetece, tendo possibilidades de transformar seu lar em academia, cinema, boate. Acusado de gerar efeitos perversos, o individualismo pós-moderno recebe apelidos que traduzem o desrespeito aos direitos alheios: “Lei de Gerson”, “Vale tudo”. Como modo de vida, tem alterado radicalmente os papéis desempenhados pelas gerações jovens. Em consequência, as representações sociais, ou seja, as concepções de mundo, são afetadas.

Segundo Morin, 1997, o tecido do individualismo é niilista a partir do momento em que nada justifica o indivíduo senão sua própria felicidade. Esta é exaustivamente buscada no aqui e no agora, no espetacular, na supervalorização da aparência, da imagem, do simulacro². Nesse contexto, o prazer rege comportamentos, atitudes e valores.

Hedonismo e narcisismo caminham de mãos dadas. A auto-imagem é supervalorizada, os cuidados com o corpo redobrados. O desencanto com as grandes causas, o esvaziamento dos ideais parecem ser preenchidos pelo investimento no lazer, na saúde, no aprimoramento pessoal, na aparência física.

A entrada do Brasil na globalização trouxe conseqüências para comportamentos e mentalidades. Ampliou o universo da infância e da juventude. Revistas, livros, cds, pacotes de viagens contribuíram para mudar o perfil do brasileiro classe média, que passou a se igualar ao dos países estrangeiros. Os efeitos têm sido observados até na linguagem, que transformou ou incorporou nos dicionários brasileiros palavras importadas, tais como deletar, zapping, mídia etc., o que revela um novo cenário de identidade cultural.

Para alguns autores, a globalização pode gerar conseqüências perniciosas. Entre elas, o niilismo provocado pela ausência de referenciais a partir da desconstrução de paradigmas sem que outros os substituam³. Seus efeitos extrapolam a área econômica, gerando mudanças expressivas na psicologia humana, repercute também na identidade do adolescente. A uniformização culmina na absorção passiva de modelos preestabelecidos, terreno fértil para os modismos, propiciando a conformidade a modelos forjados, a reprodução mimética e passiva do comportamento dos outros em detrimento de uma individualidade realmente singular.

Alimentados pelas informações trazidas pela TV e pela Internet, os *teenagers* estão cada vez mais parecidos. Apesar das diferenças culturais entre Hong Kong, Brasil e Polônia, por exemplo, adolescentes formam hoje a primeira geração com a mesma aparência, um exército vestido com as mesmas marcas de jeans e camiseta, que consome os mesmos refrigerantes, comidas *fast-food* e aparelhos eletrônicos.

Na virada do século, o prazer foi buscado e encontrado no conforto e no menor esforço. Avanços tecnológicos seduziram consumidores adeptos das facilidades: aparelhos de automação doméstica capazes de substituir empregados, automóveis que falam, etc.⁴ Robôs foram criados para serem adotados e tratados como bichos de estimação. Em um mundo automatizado, em que as máquinas tomam o lugar das pessoas, torna-se dispensável o trabalho ou preocupação com o objeto de amor, renunciando uma reviravolta nos sentimentos e emoções. O simulacro de animal, o “tamagotchi”, que fizera furor com as crianças que deveriam dar-lhes carinho e atenção, para não deixá-los morrer, foi substituído por cachorros, gatos, peixes, caranguejos e até águas-vivas mecânicos. Cachorros eletrônicos reagem à voz humana com expressões faciais, gatos com movimentos similares aos dos felinos podem até miar⁵.

Nos primeiros anos do novo milênio as pessoas começaram a abrir mão de sua privacidade, em troca de segurança. Microcâmaras se revelam, atualmente, uma ferramenta útil na denúncia de crimes⁶ tornando-se comuns

em restaurantes, bares, academias de ginástica, lojas, shoppings, supermercados, portarias de edifícios, ruas e avenidas. Cartões de crédito, celulares, *cookies* da Internet possibilitam identificar hábitos e características pessoais, conhecer os gostos dos consumidores e oferecer-lhes produtos que os agradem e, assim, revolucionar o mundo da publicidade e do lançamento de produtos⁷. O controle se espalha com tentáculos cada vez maiores em meio a discursos de autonomia, liberdade, típicos do Individualismo.

As mudanças refletem e se fazem refletir na família como, por exemplo, a presença de pais em casa enquanto as mães vão à luta⁸ a aceitação, e até incentivo, das crianças para que suas mães trabalhem fora de casa⁹. A figura da “mãe ausente” substituiu a “mãe superprotetora” que atormentava as crianças. No final do século, segundo dados do IBGE, 18 milhões de mães brasileiras estavam divididas entre as tarefas domésticas e profissionais¹⁰. Os desafios enfrentados pela família moderna, entre eles o relacionamentos com um filho gay, a família composta por homossexuais assumidos, paternidade e maternidade por adoção e por inseminação marcaram comportamentos que, até décadas atrás, eram raros ou inexistentes.

Têm gerado polêmicas e discussões os limites cobrados aos pais que pertencem a uma geração reivindicadora da liberdade típica das revolucionárias décadas de 60 e 70¹¹.

Alguns aspectos das relações familiares, conseqüentes dos avanços tecnológicos podem ser exemplificados pelo controle dos filhos através do celular¹². O hábito das crianças verem televisão em demasia, tornaram seus quartos “mini-fortalezas” onde, ao invés de brincar, elas se isolam diante dos computadores e da ‘telinha’¹³. O aumento do número de pais separados e mães que trabalham fora do lar facilita o aumento do número de crianças que trocam brincadeiras pela TV ou Internet, responsáveis pelo alargamento de fronteiras e entupimento de informações.

Além de modificadas as relações entre pais e filhos, as relações entre os cônjuges, a disciplina do lar, a afetividade, a socialização da criança, têm sido cada vez mais atenuada a barreira entre as idades. Com o encurtamento da infância, ampliação do período da adolescência propiciado pelo prolongamento da escolaridade, a vida adulta tem começado e terminado mais tarde – para as classes mais altas –, refletindo mudanças da concepção de tempo e espaço.

Pesquisas feitas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil indicaram estar sendo mais precoce o surgimento do dente siso, a idade média da pri-

meira menstruação. Ainda não há conclusões se as causas teriam a ver com mudanças de hábitos alimentares, disseminação de agentes químicos ou influência da ecologia social. Mas fica claro que tudo isso gera conseqüências, tornando a infância cada vez mais curta, especialmente no sexo feminino.

Os rituais de passagem que, mais ou menos cinqüenta anos atrás, incluíam troca do sapato baixo pelo alto, permissão para o primeiro batom, entre outros, praticamente foram extintos. No entanto, pesquisas citadas pela revista *Veja* revelaram uma conclusão de ordem psicológica: “*a pose de quase adulta é só fachada. Ao contrário das adolescentes, as meninas não querem distância dos pais*”¹⁴.

Os sonhos de consumo de crianças também dão indícios da antecipação da adolescência. Meninas-moças encham os *shoppings*, e suas “necessidades” variam de cadernos transados a roupas de grife e celulares. Não foi à toa que a revista *Vogue*, considerada a bíblia da moda, havia acoplado a sua edição americana uma *Teen Vogue*, para garotas de até 16 anos¹⁵.

Ao serem trocados pelas bonecas, a maquiagem e celular, objetos indispensáveis nas bolsas das meninas, tornaram-se objetos de desejo¹⁶. Ao afirmarem que o plano de vida era ser dançarina de axé, modelo ou apresentadora de televisão, as garotas dão pistas de como realizariam a satisfação profissional¹⁷. Ao comemorarem seus aniversários em salões de beleza, onde as convidadas pintam unhas, fazem escova e são maquiadas, ou em boates com luz estroboscópica, as meninas na faixa dos 9 anos encontram novos tipos de prazer¹⁸. Além de ter boas notas e de ver televisão, as crianças pequenas admitem que o caminho para sua felicidade é ganhar dinheiro e ter boa aparência¹⁹.

A “cultura de massa”, (termo usado por Morin para designar uma cultura forjada pelos meios de comunicação e caracterizada pela padronização dos gostos, idéias, interesses e valores), é responsável, segundo esse autor, pelo precoce ingresso da criança no setor adulto. O autor invocou a afirmação de Horckheimer de que o desenvolvimento deixou de existir (MORIN, 1997, p. 39).

As transformações citadas motivaram a revista *Veja* a entrevistar *teens*, pais e psicólogos, tendo traçado o perfil de um típico adolescente no início do século 21 que nos dá pistas dos comportamentos atuais.

Empregada, motorista, professores particulares faziam parte do mundo dos que pertenciam às classes mais altas. O adolescente classe média tinha pais que trabalhavam demais, raramente andavam de ônibus, e, em geral, não sabiam fazer nada a não ser mexer em aparelhos eletrônicos e bater papo no telefone. Não guardavam nem cuidavam de suas roupas, não arrumavam o

próprio quarto, não faziam a cama. Comiam porcarias, e quando engordavam, iam malhar nas academias. Alguns pais assumiam a culpa de não cobrar, não ensinar, não querendo ser chatos nos raros momentos em que estavam perto. Em contrapartida, nunca a garotada esteve tão ocupada. Aulas de tênis e similares, atividades na academia, balé, inglês, caratê, Internet preenchiam o tempo, muitas vezes determinado pelos pais, que se sentiam mais tranquilos sabendo que os filhos estavam em locais seguros e longe das drogas.

Não se observou a ânsia de independência, eles não estavam mais preocupado em mudar o mundo, e, sim, em entrar na faculdade e ganhar dinheiro²⁰.

Novas drogas e novas diversões

A geração adolescente do final do século foi também marcada por novas drogas e busca incansável de novos divertimentos. Entre as drogas modernas, fez sucesso o *ice*, uma versão turbinada de anfetamina, usada pelos internautas adolescentes e aficionados por videogame²¹. Analgésicos, à base de ópio sintético, viraram epidemia nos Estados Unidos. São herdeiros das chamadas “bolinhas” dos anos 60. A sensação de prazer é capaz de fazer de tais analgésicos um hábito²².

Em termos de diversão, propagaram-se em todos os continentes as *raves*, festas ao ar livre que começam nas primeiras horas o modismo da manhã e terminam em pleno sol. São buscadas por adeptos da geração saúde que não mais encontram prazer em boates ou locais escuros e esfumaçados²³.

O estilo *clubber*, originado na Europa, foi se impondo gradualmente entre os brasileiros, atraídos pela música eletrônica, moda excêntrica e comportamentos descontraídos²⁴. Depois de imitar os comportamentos punks, *skinheads* e da galera do *hip hop*, jovens de classes baixas se esforçam por imitar os *clubbers* ricos, formando uma nova tribo da periferia de São Paulo. São chamados de *cybermanos* pela turma dos endinheirados. Gastam o que ganhavam colorindo cabelos, e em *piercings*, roupas de vinil, sapatos plataforma, lentes de contato estampadas e outros adereços esdrúxulos²⁵.

O *funk* penetrou nas boates da zona sul carioca, e até em festas infantis. O vocabulário vulgar (popozuda, cachorra) incorporou-se ao cotidiano²⁶.

As novas gerações querem se divertir, apostou o consultor inglês de modas, David Shaw, que apelidou os adolescentes de *I Generation*. Mas eles tam-

bém “se cuidam, estão ligados à saúde e à espiritualidade. Buscam novas experiências tais como o *trekking* no Himalaia”²⁷.

O consumismo gerou e renovou desejos e prazeres. Os jovens manifestam preocupações com a segurança: a previdência privada começa a atraí-los²⁸, indicando a valorização do dinheiro em uma fase da vida caracterizada pela despreocupação com aspectos materiais, idealismo e outras aspirações menos prosaicas.²⁹ As garotas começaram a correr atrás do dinheiro e do sucesso dos jogadores de futebol³⁰.

Perseguindo o corpo ideal

A preocupação com dietas e emagrecimento também faz parte dos novos costumes. A imagem corporal mudou e as garotas querem ser altas, magras e moças cada vez mais cedo³¹.

A busca do aperfeiçoamento corporal motivou, durante a passagem do século, matérias e capas em praticamente todas as revistas, das femininas às masculinas, das especializadas em TV às informativas, publicando edições especiais sobre o assunto. O culto à imagem foi enfocado e incentivado em reportagens sobre saúde, beleza, que incluíam ginástica, dietas, cirurgias plásticas.

Além de maiores oportunidades no mercado de trabalho, a recompensa pelos cuidados com a aparência aumenta o prestígio com as mulheres, segundo reportagem publicada na revista *Veja* em setembro de 2000. Bombardeados por imagens de bonitões, os rapazes começaram a vivenciar os problemas experimentados pelas garotas: a concorrência estética, a comparação com inalcançáveis modelos de beleza, a necessidade de se esforçar constantemente para melhorar o visual. Essas razões levam muitos deles a freqüentarem as academias de ginástica, fazerem exercícios aeróbicos, apelarem para aparelhos de musculação, entrarem na dieta, submeterem-se a cirurgias plásticas acreditando que, se estiverem em forma e bem-arrumados, terão mais sucesso nas conquistas amorosas³².

Mas enquanto a obsessão pelo corpo ideal é construída, no sexo feminino, em torno da magreza e pode culminar em distúrbios alimentares como a anorexia, entre os homens predomina o padrão estético do “quanto mais forte melhor”³³.

A crença de que a aparência física é capaz de trazer a felicidade está na origem de muitos comportamentos anoréxicos³⁴ e bulímicos. Um relatório pu-

blicado pela Associação Médica Britânica (BMA), intitulado *A Eating Disorders, Body Image and the Media*, identificou o elo entre as imagens de modelos “extremamente magras”, em revistas de moda e televisão, e essas desordens³⁵. Foi a primeira vez que a BMA estabeleceu conexão entre a imagem corporal de pessoas tidas como símbolos sexuais, e o aumento da ocorrência de anorexia e bulimia. Só na Grã Bretanha havia, à época, 60 mil pessoas com disfunções alimentares, 90% delas pertencentes ao sexo feminino.

Às escondidas dos pais, garotas encontram espaço na Internet para se informar sobre Bulimia e Anorexia. Estima-se que 80 mil garotas de várias partes do mundo freqüentam esses endereços, onde trocam experiências e utilizam um vocabulário peculiar. Elas denominam a si próprias de “pro-ana” (a favor da anorexia). “Acorde de madrugada para fazer exercícios enquanto seus pais estão dormindo”, propôs a adolescente J.F.H., 13 anos, 1,65 metro e 40 quilos, num fórum de discussão de um *site* hospedado no portal *geocities*³⁷.

Embora alguns tentem relativizar a influência das *topmodels* na obsessão contemporânea pelo emagrecimento³⁸, uma espécie de catequese para que todos possuam uma estrutura corporal magra (“sarada”) foi absorvida pela indústria cultural. A figura do indivíduo magro movimenta indústrias que atingem lucros de milhões de dólares: cirurgias estéticas, dietas, cosméticos etc.³⁹. A compreensão do fenômeno demanda, pois, a investigação de como são produzidos os atuais cânones de beleza veiculados pela mídia, como são criados mitos tais como uma Gisele Bündchen, a que interesses serve a ditadura da moda e da estética. O desconforto físico, sentimento de culpa, desprezo por si mesmo ou remorso tornam a compulsão alimentar um prazer indissociado ou alternado pelo sofrimento.

A moda da tatuagem em diferentes sexos, idades e classes sociais pegou para valer nos últimos anos do século 20 com vários objetivos: apelo erótico, crença em proteção mágica, forma de protesto, de patriotismo, de amizade ou amor. Este aspecto do corporalismo, que só nesta época começou a vingar em lugares desenvolvidos, e virou moda entre jovens das classes mais altas, tem sido analisado por antropólogos sociais, psicólogos⁴⁰.

A sociedade cobra. O padrão de beleza e felicidade é ser magra. Culpo muito a moda. Eu achava que se fosse magra ia ser feliz, que todo mundo ia gostar de mim. Você não tem fome, é uma angústia, uma ansiedade. E você desconta tudo na comida. Se alguém fala para parar de comer, você vira bicho, grita, esperneia e come mais. Fica em estado de loucura. Eu passava o dia na cozinha. Cozinhando e vomitando. Ia da cozinha para o banheiro, do banheiro para a cozinha. (V.K.T.A., 16, estudante³⁶)

Tatuagens e *piercings* não são, porém, suficientes para alguns. As chamadas *body modifications* ou *bod-mod* foram radicalizadas. Marcas a ferro quente, semelhantes às feitas no gado, gravações na base dos talhos de navalha, cortes na língua, dividindo-a ao meio para imitar movimentos de uma cobra, tornaram-se alternativas de mudanças corporais apesar dos protestos e carões dos pais. Um estudante de 22 anos, por exemplo, ostenta quatro *piercings*, cinco tatuagens e marcas esculpidas a estilete, agulha e canivete, e seu número de sorte gravado no braço com um bisturi em brasa. Argumenta que fez isso porque achava o resultado “esteticamente interessante”. Em fevereiro de 2001, surgiu a moda de jóias e tatuagens usadas para enfeitar o umbigo⁴¹. Em março do mesmo ano, foi divulgada a banalização do visual rebelde e uma nova forma de incrementá-lo: furar o lóbulo da orelha e alargá-lo até formar uma espécie de argola de pele. À semelhança dos guerreiros masaís, do Quênia, e dos índios caiapós brasileiros⁴².

Cabelos despenteados entraram na crista da onda em novembro de 1999⁴³. Os cabelereiros se empenharam em compor o chamado “ninho de gato”, tradução do *bed hair* ou *look undone* que exigia produtos de acabamento final. Um deles ensinou como se despentear e adquirir o *look* definido como “uma coisa meio desinteressada, que passe a impressão de que não deu trabalho nenhum”. Fundamental era a aparência de cabelo sujo.⁴⁴

A preocupação com a aparência era tamanha na entrada do novo milênio que, segundo uma psicanalista entrevistada em novembro de 2000, as pessoas estavam procurando ajuda psicológica, não mais para falar sobre dificuldades de encontrar o prazer sexual. A insatisfação voltou-se para a imagem corporal⁴⁵.

Depois do vaivém do tamanho do peito na década de 90, o silicone passou a ser um sonho de consumo de muita brasileira “despeitada” na virada do século.

Os ícones da mídia continuam ditando padrões estéticos e seus corpos acendendo desejos de imitação, e para realizá-los muitos jovens têm apelado para a cirurgia plástica. Duas entre cem pessoas que se submetem a operações com finalidade estética nos Estados Unidos são adolescentes. Nos anos recentes, cresceu mais ainda a demanda dos *teenagers* às plásticas, consideradas um recurso capaz de melhorar a insatisfação com o próprio corpo, típica nesta fase da vida. No Brasil, a clientela com menos de 18 anos chegou a 13% do total de pacientes – sete vezes mais. Um dos motivos da demanda foi a pressão da família. “Pelo menos 20% dos pacientes são motivados pelos pais”⁴⁶.

Quando o mal-estar com a aparência física costuma ser perturbador, a correção de pequenas imperfeições traz melhoras incontestáveis, garantiram os médicos entrevistados, além de afirmar que “as plásticas não oferecem risco à saúde dos jovens”. Mas a demanda de lipoaspirações e redução de mamas, provoca questionamentos. Um cirurgião, Marcus Ferreira, do Hospital das Clínicas de São Paulo, alertou: “Não se pode submeter um jovem a uma operação quando isso não é essencial para a saúde dele”⁴⁷.

Consumidas na surdina, as “bombas”, como são apelidados os hormônios que fortalecem os músculos peitorais, fazem sucesso sobretudo entre os jovens de 18 a 34 anos, mostram pesquisas americanas. A legião mundial de “bombados” é estimada em 3 milhões de pessoas. Muita gente já arriscou a saúde em troca de músculos esculpido⁴⁸.

A obsessão pelas formas perfeitas e a permanente insatisfação com os atributos físicos podem ser sintomas de uma nova doença batizada com o nome “Desordem Dismórfica do Corpo”, ou DDC, que só recentemente começou a ser estudada a fundo. Os que sofrem do distúrbio são incapazes de aceitar pequenas imperfeições e acreditam ter defeitos que, na realidade, são produtos da fantasia, tornam-se verdadeiros viciados em exercícios ou escravos de dietas e cirurgias plásticas e procuram esconder e disfarçar a todo custo determinadas partes do corpo. No estado mais crítico, o paciente pode desenvolver depressão, fobia social e transtornos alimentares, além de apresentar comportamento compulsivo. O nome foi adotado pela Associação Psiquiátrica Americana em 1987, mas a medicina registra casos desde o século XIX, quando recebia o rótulo de “feiúra imaginária”. Sem uma causa específica determinada, a DDC pode ser desencadeada pela soma de fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. Alguns especialistas defendem que a doença, assim como a anorexia, estaria ligada a desequilíbrios da química cerebral e à percepção anômala de si mesmo⁴⁹.

No início do século 21, a preocupação com dietas de emagrecimento podia ser observada em crianças. Segundo pesquisa do endocrinologista americano Leann Birch, meninas de 5 anos já se angustiam com o peso e querem perdê-los. “Nem elas escapam da pressão social, que privilegia a magreza. Boa parte, aliás, diz que é a mãe que insiste nisso”, declarou o médico. Vale ressaltar que muitas mães são responsáveis pela ansiedade de engordar, não só dando exemplos, mas cobrando uma bela aparência da filha⁵⁰.

Geração saúde

A geração shopping também vem sendo chamada de “geração saúde”. A estetização do corpo tem caminhado lado a lado à condenação de alimentos engordativos, provocadores de doenças e ameaçadores da boa forma⁵¹.

Nos últimos cinco anos, têm sido publicadas reportagens e notícias sobre saúde em quase todos os exemplares de revistas informativas.

Novas doenças vão surgindo: a coluna é ameaçada pelo computador⁵² e o tempo despendido diante dele tem aumentado os número dos que padecem da Lesão do Esforço Repetitivo (LER). Ébola, Dengue, AIDS se propagam. Esta última atingiu o sexo feminino em largas proporções⁵³. O mau-humor ganhou estatuto de doença chamada “distímia”⁵⁴, a dependência resultante do bronzeamento artificial originou uma nova moléstia batizada de “tanorexia”⁵⁵.

Enquanto condições desumanas de vida e de trabalho geram fadiga e subnutrição, abrindo portas para outras moléstias (como, por exemplo, a tuberculose pulmonar, a avitaminose, a intoxicação por produtos agrícolas, entre outras), as situações de competição desenfreada para adquirir ou manter altos padrões de vida, também afetam o corpo e a saúde do indivíduo contemporâneo.

Entre as síndromes da pós-modernidade, destaque maior tem sido dado à ansiedade, à depressão⁵⁶, ao estresse⁵⁷. Deste último, nem mesmo as crianças de hoje escapam⁵⁸.

Mal-estar indefinido, inquietação, situações incômodas, constrangimentos, sensação de desamparo e impotência experimentados na vida cotidiana, exigências contraditórias, frustrações impostas pela sociedade, se presentificaram na sociedade contemporânea.

A exigência de permanente estado de alerta, observável em sociedades onde predominam ameaças de enfermidades, violência, terrorismo, provoca hiper funcionamento do sistema nervoso e hormonal, o que pode resultar em atentados à saúde⁵⁹. Infarto, úlcera do estômago, obesidade, pânico, ansiedade, angústia, depressão já atingem os jovens!

Mudaram os sintomas, que ganharam nomes tais como síndrome de pânico, estresse, depressão, anorexia etc. Surgem então novos tipos de antidepressivos. Alguns foram comparados a “pílulas de felicidade”⁶⁰.

Um outro dilema do homem pós-moderno, pelos quais a mídia é co-responsável, é observado na dificuldade que o homem contemporâneo experi-

menta de não saber no que acreditar. A todo momento são divulgadas pesquisas que contradizem tradicionais certezas médicas. Cientistas de várias áreas não chegam a um consenso sobre os benefícios ou malefícios da alimentação. Notícias contraditórias causam insegurança e medo, provocam sensações de esgarçamento que dão origem a conflitos entre o que faz bem e o que faz mal, entre o que é certo e o que é errado. Os problemas advindos do exagero da prática de exercícios também foram sinalizados.

E o desamparo do homem contemporâneo tem sido faturado por multinacionais de auto-ajuda...

Vicissitudes da prática sexual

Mudanças também ocorreram na sexualidade. A relativização dos padrões sexuais gerou conseqüências na manutenção ou não da virgindade e na indissolubilidade do casamento⁶¹. Quando na novela *Laços de Família* (2000-2001), a protagonista se casou de véu, grinalda, e barriga de grávida, não estava lançando moda e, sim, reproduzindo o que estava acontecendo na vida real. Atrizes, socialites, inspiradoras de costumes, demonstram que os símbolos da virgindade não fazem mais parte do mundo moderno⁶². O que fortalece a concepção de que o prazer sexual está se libertando de amarras representadas por tabus seculares e as mentalidades estão mudando na forma de encarar e aceitar a quebra destes tabus.

Dados estatísticos informaram que, apesar dos anticoncepcionais e dos esclarecimentos, 25% dos casos de gravidez na adolescência eram reincidentes e indesejados⁶³. Estudos sobre o assunto sugeriam uma articulação entre a gravidez precoce e a busca do prazer imediato, sem adiamentos⁶⁴.

A fase de encantamento e descobertas do início de um namoro foi abdicada pelos jovens que preferem recorrer a agências matrimoniais. O modismo tem semelhança com algo que, no passado, havia sido recurso de pessoas solitárias, desenturmadas e consideradas cafonas. Instituições dirigidas por cupidos pós-modernos são batizadas com nomes americanos, hábito em voga no país, como tentativa de levantar *status*: *Lunch for Two*, *Twins Soul*, *Happy End* etc. Os jovens que procuram um casamenteiro profissional alegam falta de tempo ou medo de se arriscar com parceiros desconhecidos⁶⁵.

Traços de sadismo envolvem sem camuflagens o prazer erótico. A letra de uma canção faz propaganda de um tapa na cara e foi sucesso⁶⁶. Além das

letras de cunho sexual, a música funkeira trata a mulher como cachorra. (“Me chama de cachorra que eu faço au au”).

Não parece haver limites para os prazeres sexuais estimulados pela dança. A imprensa noticiou que duas menores, no Rio de Janeiro, afirmaram ter engravidado ao fazer sexo em pleno salão de baile. Elas ignoravam quem era o pai porque haviam mantido relações com vários meninos durante uma festa funk. O fato originou uma expressão: “engravidai do trenzinho”, referência aos movimentos de uma dança coletiva, sucesso da temporada⁶⁷.

A erotização do cotidiano, um fenômeno que surgiu nos anos 80, com o fim da censura imposta pelo regime militar, desde então, vem assumindo proporções impressionantes. De comercial de sandálias a concursos de programas de auditório, de revistas para adolescentes a letras de músicas juninas, quase todos os produtos dirigidos ao grande público são marcados por alusões maliciosas ou por situações mais explícitas – e grosseiras, como as coreografias do funk carioca⁶⁸. A intensa erotização, ao atingir a infância, propicia o despertar do interesse pela sexualidade antes de que as crianças estejam preparadas do ponto de vista físico-psicológico⁶⁹.

Este tema vem sendo discutido pelos especialistas em comportamento. Jonathas Soares, ginecologista paulista, levanta uma hipótese: a quantidade de estímulos para amadurecer poderia levar o cérebro a enviar sinais que detonam a produção dos hormônios mais cedo. Entre estes estímulos, são destacados os meios de comunicação. Não há mais proibição dos pais para que os filhos vejam qualquer tipo de programa e a exposição constante à realidade e aos modelos cultuados pela mídia podem ter um impacto crucial sobre o amadurecimento e visão de mundo⁷⁰.

São demais os perigos desse mundo

O medo afetou grande parte da população nas últimas décadas. E os adolescentes contemporâneos não escapam do bombardeio de avisos amedrontadores. Violência, atos terroristas, doenças, riscos de medicações, perigos de alguns recursos estéticos e do mau uso de computadores e problemas relativos à alimentação.

No final do século, uma alteração foi introduzida na alimentação: os transgênicos – que contêm produtos ou subprodutos de organismos genética-

mente modificados, e que vêm gerando sérios questionamentos quanto aos seus aspectos sanitários, ecológicos, econômicos, entre outros.

Os alertas e recomendações sobre comida industrializada, vida sedentária, excesso de carboidratos, gorduras animais e açúcares têm sido feitos não apenas pelos médicos, mas pelos meios de comunicação.

O mal-estar referente à alimentação foi instalado. O prazer de comer associado ao medo. Teme-se a obesidade, não só por prejudicar a saúde mas por ser o avesso do padrão de beleza contemporâneo. O aumento do consumo de alimentos industrializados, de frituras e gorduras tem motivado repetidas reportagens da imprensa falada e escrita sobre os riscos desses novos hábitos. A doença da “vaca louca” ameaçou o império mcdonaldesco provocando mudanças no cardápio⁷¹.

Paradoxalmente, estes são incentivados pela própria mídia, direta ou indiretamente, ao destacar os restaurantes freqüentados pelos olímpianos, os cardápios servidos em suas festas, e associando refinamento com vinhos e iguarias importadas⁷². Segundo depoimento do microbiologista Roberto Figueiredo, “Todos os lugares estão sob risco, desde a festinha de família até o restaurante chique”. Por mais que os alertas mudem certos comportamentos, não é possível impedir todos os riscos⁷³.

A violência tornou-se um dos maiores motivos de medo do homem brasileiro. A divulgação de assaltos, assassinatos, seqüestros, psicopatas, drogados etc., evidencia não apenas as desigualdades sociais como possíveis causas, mas algo que escapa às análises econômicas. A agressividade sofreu uma mudança enquanto fato social e já não pode ser captada pelos esquemas clássicos de interpretação. Ela se manifesta em assassinatos, violência no trânsito e contra a mulher.

O aumento da criminalidade em Londres e Paris, duas das mais ricas cidades européias, abalou as certezas daqueles que consideravam o desemprego, a má distribuição de renda e a miséria como principal motivo dos assaltos, homicídios e outros crimes. Começa-se a enxergar o consumo de drogas como um dos fatores, embora se suspeitasse de haver outras razões envolvidas⁷⁴.

Após duas décadas de pesquisa, a antropóloga Alba Zaluar (1999) lançou em livro os resultados de sua pesquisa sobre a violência na sociedade brasileira, citando várias motivações, tais como pobreza, desemprego, crise da família, escolarização insuficiente, agências encarregadas da lei e da ordem, destacando a circulação, comércio e consumo de drogas.

É inegável a associação entre violência e desemprego. O medo deste último é um dos motivos para a abdicação do lazer, o que torna o indivíduo vulnerável ao estresse e às chamadas “doenças da modernidade”. Mas surgem outras causas sociais da violência. A revista *Scientific american*⁷⁵, que apresentou um resumo da produção científica americana no campo da violência nas cidades, divulgou que as drogas aparecem como condições tão propiciadoras quanto a desigualdade econômica, a alta concentração de armamento, as famílias parciais, caracterizadas por mães solteiras ou mulheres abandonadas por seus companheiros.

Quem leu a notícia de mais um massacre ocorrido em uma escola dos Estados Unidos, deve ter experimentado sentimentos de perplexidade e medo. Perplexidade porque o crime foi cometido por dois adolescentes “encapuzados, armados até os dentes que riam extasiados enquanto aterrorizavam centenas de colegas sitiados na biblioteca, disparando à queima-roupa e arremessando explosivos”. (Depois de matarem treze pessoas, se suicidaram). Medo diante da impotência em não encontrar nenhuma explicação satisfatória. Não foi a primeira vez que estudantes dos Estados Unidos cometeram assassinatos aparentemente gratuitos. E ninguém sabia o que fazer para que não se repetisse⁷⁶. Dois anos depois, em março de 2001, ocorreu um novo massacre em uma escola secundária nos arredores de San Diego, na Califórnia⁷⁷.

E em São Paulo, uma pesquisa realizada por um instituto ligado à ONU revelou que 69% dos estudantes da capital paulista já haviam sido, à época da reportagem, vítimas de algum delito dentro da própria escola. Muitos deles fora do conhecimento das autoridades escolares: furtos, ameaças físicas, assédio sexual, brigas de gangues e outras manifestações de violência⁷⁸.

As marcas da violência no cotidiano, com traços de barbárie, e seu contágio assustam, especialmente devido à forma como são divulgadas. Os meios de comunicação nas sociedades industriais abordam sistematicamente a questão. Proliferam filmes, e até desenhos animados, principalmente os transmitidos pela TV, com cenas de truculência, sadismo, crueldade. Guerras, a perseguição das minorias, a violência urbana, a violação dos direitos humanos são manchetes diárias. A agressividade ainda está presente em shows de ídolos populares e desgraças do povo exibidas em programas televisivos do tipo “Aqui, Agora”.

Estatísticas alarmantes relativas ao aumento da participação dos menores de 18 anos na criminalidade, esboçavam um sombrio quadro da época contemporânea, sendo insuficientes as tentativas de explicação para compreensão do fenômeno⁷⁹.

Depoimentos mostram motivações para a agressividade de alguns jovens: – *Já meti porrada num professor que me expulsou de sala. Voei pra cima, desci a mão. Eu não queria matar ele e por isso só dei uns tapas. Ao invés de ficarem assustadas, algumas garotas admitiram atração por estas figuras: – Não troco eles por nenhum magrinho que manda flores. Até já esqueci a última vez que namorei um “franguinho”⁸⁰.*

Vale ressaltar que outros tipos de violência são vivenciados em nosso país, sem revólveres ou agressões físicas. O trabalho infantil e adolescente é um deles. Embora existam leis determinando idade mínima para que um jovem possa trabalhar, no final do século crescia o trabalho realizado por menores⁸¹.

Por outro lado, as sensações experimentadas em situação de risco atraem um número crescente de jovens. O prazer de arriscar a vida em esportes radicais foi um dos modismos que vingou na passagem do século.

Entre os anos 1999 e 2001, 7% de todo o turismo mundial estava sendo feito por pessoas que subiam e descia trilhas a pé⁸². Muitos jovens optaram por “férias em companhia de tubarões e golfinhos, nadando entre corais raros e explorando navios que naufragaram na II Guerra”, abrindo espaço para vários pacotes turísticos⁸³. O turismo de aventura cresceu a reboque de um potente mercado em que se vendem mochilas de todo o tipo, barracas de última geração e tênis caríssimos.

O sentimento de onipotência, comum na adolescência, traduz-se na falta de avaliação dos perigos, na crença de que nada poderá acontecer consigo mesmo.

Mudanças nas identificações

Em capítulo anterior, vimos como a identificação torna-se um mecanismo essencial para a influenciar comportamentos, atitudes, valores e mentalidades.

A sensação de que tudo está mudando – comportamentos, valores, hábitos etc. –, a diluição da hierarquia e do bipolarismo acarretam perda de referenciais. A certeza de que tudo é passageiro provoca perplexidade, angústia, e afeta a questão da identidade, gerando um sintoma pós-moderno: o “desmapeamento”, ou seja, a coexistência de mapas, identidades, normas e valores contraditórios (FIGUEIRA, 1987, p. 22).

Os atrativos dos ídolos, que fomentam identificações, fundamentais na construção da identidade, também mudaram. Nos anos 50, a rebeldia da qual James Dean foi protótipo, atraiu a tietagem. Nos anos 60, os revolucionários como

Guevara provocaram *frissons*. O roqueiro Jimmy Morrison, fanático pela vida e obra de Rimbaud, tornou-se símbolo da contracultura e foi um modelo de artista rebelde. Seu túmulo no *Père Lachaise*, em Paris, é visitado por centenas de fãs e curiosos e já foi palco de cerimoniais macabros e orgias eróticas⁸⁴.

Décadas atrás, a imagem de um olimpiano era burilada com cuidado pelo seu empresário, e só seus desafetos ousavam publicar comportamentos reprováveis, logo depois desmentidos. Comportamentos reprováveis eram o homossexualismo, o adultério, a gravidez pré ou extra conjugal, as ligações não oficializadas. O mundo só veio a saber (oficialmente) do casamento secreto de Katherine Hepburn e Spencer Tracy quando eles já completavam bodas de prata de uma união proibida por lei, pois ele era casado. O homossexualismo de Rock Hudson foi divulgado às vésperas de sua morte por AIDS. Muita garota dos anos dourados havia sonhado com o aparentemente másculo galã. Os problemas conjugais de John Kennedy e Jackeline só vieram à tona após a morte do presidente, e muitos pais das centenas de meninas batizadas com o nome da ex-primeira dama quiseram mudá-lo, ao saber da sua opção nada romântica, para não dizer interesseira, de casar com Onassis... Décadas depois, os olimpianos deixaram de esconder seus desejos condenados pelos moralistas.

Atualmente é possível observar que o conceito de celebridade tornou-se tão fluido, e com tantos desdobramentos, que inclui até pessoas que ganharam manchetes por ações condenáveis. O americano Charles Manson, por exemplo, passou à posteridade por ter assassinado brutalmente a atriz Sharon Tate, em 1969. Mas os quadros, por ele pintados, já foram objeto de exposições nos Estados Unidos. Outro que virou astro de galeria foi o psicopata John Wayne Gacy, que matou mais de trinta jovens nos anos 70 e aguardou a execução pintando palhacinhos. As pinturas de ambos os criminosos integram uma subdivisão da *celebrity art*, a *murderers' art*, ou "arte dos assassinos"⁸⁵.

Entre os modelos do século 21, destacam-se as estrelas do *rap*. As pessoas são admiradas, não pelo seu intelecto, como acontecia nos anos 60, mas por sua fama, corpo, beleza, situação econômica.

Menos de cinquenta anos após a campanha feita contra a vedete Virgínia Lane, também apresentadora de TV, por causa dos boatos de seu *affaire* sigiloso com o então presidente, e pelo fato de usar biquini na telinha, Lady Di ficou ainda mais famosa (e talvez mais querida e admirada) depois do programa transmitido em cadeia mundial no qual admitiu ter traído o futuro rei da Inglaterra e falou mal da rainha. Mulheres traídas ou mal tratadas por sogras teriam se sentido vingadas por tabela? É uma hipótese.

Na última década do século, os jogadores de futebol tornaram-se o deus-nos-acuda das mulheres deslumbradas. Mas os cantores e artistas de cinema e novela não perderam o prestígio. “O grande público freqüentemente apresenta comportamentos semelhantes aos dos personagens e atores/atrizes” assinou Rubim (RUBIM, 1998, p. 71). Os *Backstreet Boys* lideravam, na virada do século, os grupos musicais incensados pelo público adolescente⁸⁶. Aos 16 anos, em 1999, Sandy já era milionária e despertava paixões com seu jeitinho de menina bem-comportada⁸⁷.

Em algumas situações, uma bela aparência física às vezes conta mais pontos do que a competência esportiva, como foi ilustrado em uma reportagem. Uma tenista russa de formas esculturais e um tenista eleito um dos homens mais sexys pela revista *People* fazem mais sucesso pela beleza do que pelo desempenho nas quadras⁸⁸.

A rejeição às diferenças, típica do ser humano, segundo alguns autores (KLINEBERG, 1967, p. 526), motiva o indivíduo a igualar-se ao grupo social. Ele tende a imitar pessoas a quem admira, inveja ou deseja possuir traços físicos ou psíquicos, bens materiais, poder, entre outros.

A controversa influência da mídia

Falar de pós-modernidade implica falar de um tempo em que os intermediários entre as pessoas e a realidade são os meios de comunicação. Hoje, o universo dos meios de comunicação já não se limita à comunicação de massa. Satélites, cabos, e toda a parafernália que os cercam invadem o cotidiano do indivíduo comum.

Entre as mudanças mais significativas decorrentes da evolução da mídia, Sardinha apontou a possibilidade de receber, sem necessidade de se deslocar de casa ou do trabalho, maior quantidade e melhor qualidade de informações em menor tempo; a ampliação das condições de entretenimento; o correio eletrônico; o estabelecimento de uma rede de relacionamentos diferente dos existentes por vínculos de parentesco ou proximidade, o progresso trazido para algumas áreas da atividade humana, como, por exemplo, a medicina, em que aparelhos de grande precisão auxiliam no diagnóstico, assim como otimizam procedimentos cirúrgicos; o emprego de robôs em processos de produção que envolvem periculosidade, insalubridade ou penosidade; o avanço no conheci-

mento do nosso mundo e de outros mundos, graças aos foguetes e sondas espaciais (SARDINHA, 2004, p. 92).

A autora não ignorou as conseqüências negativas, algumas ainda imperceptíveis: a dificuldade de apurar a autenticidade das informações recebidas pela Internet; a substituição do contato humano real pelo virtual; o desemprego nas áreas em que a máquina executa, a invasão de privacidade (rastreamento dos cartões de crédito e de chamadas telefônicas, entre outros) o desenvolvimento de técnicas de resultados imprevisíveis, dentre as quais a clonagem e o congelamento (*ibid.*, p. 93).

A performatividade da tecnociência é uma das principais marcas da última década. A multiplicação dos aparelhos eletrônicos repercute nos hábitos cotidianos. Código de barras, cartões substituindo fichas telefônicas e chaves, telefones celulares através dos quais os pais podem controlar melhor seus filhos, facilitam a vida de muitos. Como decorrência de tudo isso, são numerosas as alterações provocadas em nossa visão de mundo. Não só noções de tempo e espaço, mas concepções de corpo, natureza e cultura estão sofrendo profundas modificações.

Uma grande parte de estudiosos de comunicação defende que a mídia estimula, seduz, favorece identificações, influi em opiniões. Seu poder de penetração em todas as camadas sociais gera conseqüências na inovação, mudança, renovação, extinção de costumes, hábitos, valores e até a uniformização de sotaques⁸⁹. Nas sociedades industrializadas, os meios de comunicação intervêm fortemente no processo de socialização dos indivíduos, ocupando o vazio deixado pelo declínio das estruturas tradicionais, como a família, a escola, a religião, que, incapazes de manter o equilíbrio social, deixam de ser os agentes através dos quais os indivíduos aprendem e interiorizam os valores, os conhecimentos e as normas de sua sociedade. Parecem contribuir também para o fortalecimento do hedonismo e da hegemonia da aparência. Através de noticiários, reportagens, entrevistas, anúncios, é facilitada a familiarização com pessoas dotadas de beleza e que alcançaram, graças a ela, uma vida de prazeres. Hábitos e práticas adotados por estas pessoas passam a ser invejados e/ou copiados. Formas de atingir a felicidade são “ensinadas” pelo cinema, revistas, jornais, televisão etc.

Tudo leva a crer que os meios de comunicação são em grande parte responsáveis pela “turbinação” da indústria da fama. O sistema de criação de olímpicos alimenta-se da mídia audiovisual e de jornais e revistas, tais como

a *Caras*, sucesso editorial do país nos anos 90. Nos Estados Unidos, o cinema tem um papel destacado nesse fenômeno que, por aqui, é desempenhado pelos canais de TV, especialmente a Rede Globo.

A mídia divulga opiniões e comportamentos de celebridades, especialmente do mundo da moda, do cinema, da televisão, em relação a cirurgias plásticas, ginástica, produtos de beleza, em suma, cuidados com o corpo. O estímulo às dietas também se fez notar nas entrevistas dos que ficaram famosos pela bela aparência. Além das cirurgias corretivas, muita malhação, os banhos de loja e orientação de *experts* fazem parte das estratégias de embelezamento. E renúncias também. Beleza exige sacrifícios admitidos por todos os que a possuem, revelando que dietas e exercícios rigorosos fazem parte de seu cotidiano⁹⁰.

Entretanto, a polêmica se estabelece quando se aposta na manipulação exercida pela mídia. Existem aqueles que defendem sua influência nos comportamentos, valores e atitudes, gerando perda de autonomia do destinatário, e os que discordam desta perda, ao enfatizar uma cumplicidade entre emissor e receptor.

O poder da televisão

A maioria das considerações sobre a influência da mídia ser fundamental na instalação e/ou mudança de comportamentos, atitudes e valores, diz respeito à televisão.

Segundo Rubim (1998), a literatura especializada informa que a televisão tem sido uma das mais importantes referências de valores e hábitos “modernos” para o telespectador (RUBIM, 1998, p. 79). No Brasil, alguns especialistas em psicologia asseguram que a telinha influencia, e muito, o comportamento das pessoas e pode interferir na educação, considerando sua ingerência tão significativa quanto a família, a escola, a igreja e os amigos. “Ela é uma criadora de referenciais”, afirmou o psicanalista Pereira Júnior em entrevista à *Folha de S. Paulo* (2002)⁹¹.

Embora não haja consenso sobre o assunto, a influência da televisão tem sido invocada em várias situações para explicar certos comportamentos e modismos contemporâneos. Mais do que os livros e revistas, ela aumenta *ad infinitum* a oportunidade de conhecimento e familiaridade com os mais diversos tipos de pessoas, reais ou inventadas, seus comportamentos, valores, cren-

ças, etc. Personagens povoam o imaginário, ganham voz, movimentos, entram casa adentro, convivem com seus habitantes como se ganhassem vida.

Raríssimos são os lares em que não exista o aparelho, intitulado por Sérgio Porto, “máquina de fazer doido”. Raríssimos os que ficam desligados um dia inteiro⁹².

Pesquisas indicam que crianças e adolescentes brasileiros costumam passar cerca de quatro horas por dia em frente à televisão. Por semana, são 28 horas; por mês, 112. A TV já é a segunda principal fonte de diversão e lazer. Tais informações foram fornecidas pela *Voz dos Adolescentes* (pesquisa realizada pelo Unicef⁹³). Em uma faixa 5.280 entrevistados, entre 12 e 17 anos, a telinha é citada como entretenimento para 51% destes. Depois da família (54%) e da escola (48%), ela foi reconhecida como a influência mais importante⁹⁴.

Segundo revelam os depoimentos colhidos em nossas investigações⁹⁵, a educação transmitida às crianças da classe média era, décadas atrás, pautada no esforço de poupá-las de sofrimentos, bem como sonegar informações de ordem sexual, sofrimentos, especialmente os relativos à morte, doenças graves. Até mesmo os finais trágicos das histórias de fadas foram modificados. Apesar disso, segundo inúmeros entrevistados⁹⁶, conversas, confidências, segredos cochichados, não deixavam de ser escutados enquanto eles fingiam brincar ou dormir, atrás de uma porta, ou por mero acaso... As informações também lhes chegavam através de jornais, revistas, livros lidos em segredo. Embora hoje em dia continuem existindo tabus sobre a abordagem de temas com os menores, tais como sexualidade, doenças, morte, assassinatos, atos terroristas, suicídios, etc., estes são exibidos ao vivo e a cores. Reportagens televisivas mostraram o impacto causado ao público infantil pela morte abrupta de Ayrton Sena, e dos Mamonas Assassinas, por exemplo. Os desenhos feitos nos jardins de infância e colégios revelaram a repercussão de acontecimentos trágicos: ao invés de casinhas com chaminés fumegantes, sóis amarelos sorridentes, as crianças passaram a desenhar torres explodindo, pessoas mortas, tanques de guerra, etc.⁹⁷ Segundo um depoimento que circulou na Internet, um menino pediu de presente de natal um aviãozinho de brinquedo, seguido da recomendação quanto ao modelo: “daqueles que furam prédio”⁹⁸.

Segundo a psicanalista Angela do Rio Teixeira, em entrevista concedida à autora deste trabalho,

O que podemos constatar hoje na clínica com crianças é um agravamento de certas patologias, como as fobias e o aparecimento de novos sintomas. A infância atual encontra-se marcada pelos sintomas sociais que inscrevem a velocidade

de, a multiplicidade, a fragmentação, o consumismo exacerbado, a sexualização banalizada, a hiperestimulação, o culto à imagem, como traços de referência do ser. A televisão é a maior representante e veiculadora desses traços na modernidade. A criança a ela submetida só pode sofrer seus efeitos que trazem um excessivo imaginário, frente ao qual ela não possui as ferramentas necessárias para encontrar a boa saída⁹⁹.

A televisão tem sido criticada severamente por alguns setores da sociedade. Considerada uma manipuladora de mentes, que persuade inocentes telespectadores a consumir os produtos de seus patrocinadores, vestir, comer o que ela impõe, seduzindo e enganando para atrair maior audiência. Tem sido acusada de empobrecer a imaginação, de massificar, de dar informações fragmentadas, propiciando dificuldades de compreensão e confusão na representação de mundo. Para a psicanalista Maria Rita Kehl, a programação da TV e anúncios publicitários destroem identidades culturais e fazem com que as pessoas valorizem o que têm, e não aquilo que são¹⁰⁰.

Para Abramo, mais do que influência, há manipulação da informação, na medida em que a realidade é distorcida. O silêncio e a ocultação de fatos da realidade e a fragmentação das notícias, seriam, segundo o autor, algumas das formas como se processa a manipulação (ABRAMO, 2003, p. 26). “O leitor é induzido a ver o mundo não como ele é, mas sim como querem que ele o veja” (p. 33).

A condenação à TV fica mais acirrada quando se trata da audiência infantil e juvenil. Desde seu surgimento, discute-se sobre os efeitos nefastos em relação a crianças e adolescentes: alegações de abandono à leitura, preguiça mental e até danos à visão. E ultimamente tem se falado muito na erotização da infância, responsabilizando a televisão pela precocidade com que meninas saltam etapas e assumem papéis adultos sem passar pela puberdade, se apaixonam, fazem dietas para emagrecer, desprezam brincadeiras e aprendem danças sensuais.

Em agosto de 1999, o *The New York Times* divulgou recomendações da Academia Americana de Pediatria: crianças com menos de 2 anos não deveriam ter acesso à TV, e seria prejudicial às mais velhas terem um aparelho no próprio quarto. Chegaram à conclusão de que o hábito de assistir à televisão tem repercussões desfavoráveis na saúde mental, social e física. Um dos argumentos apresentados foi que o excesso de atenção aos programas televisivos inibiriam estímulos essenciais para o desenvolvimento. Menção ao risco de obesidade, freqüente naqueles que levam uma vida sedentária, também foi feita¹⁰¹.

Antes de terem o domínio da leitura e da escrita, as crianças são inundadas por imagens violentas. Elas assistem tragédias diariamente, pois não existe censura como outrora, nem limites para exibir cenas de crueldade, ou cenas carregadas de erotismo. Não parece haver preocupação das emissoras nem controle dos pais em relação aos filmes e novelas que passam durante a tarde. Mortes, torturas, acidentes, explosões, atos terroristas, corpos nus, ato sexual, se misturam às aventuras dos personagens do sítio do Pica-pau Amarelo. Segundo a jornalista Beltrina Côrte, “tendemos a sentir que essa mediação direta, ou seja, o contato direto com as imagens digitalizadas vai formar um mundo na cabeça dessa criança que, *a priori*, redundaria numa total banalização da tragédia humana”¹⁰².

A influência da mídia no comportamento dos adolescentes ficou patente em uma pesquisa realizada com 2.337 sujeitos, entre 12 e 24 anos, dos dois sexos, e de diferentes classes sociais. 79,5% confessaram que filmes e propagandas eróticas influenciam sua atividade sexual. 77,8% admitiram que a televisão influencia seus comportamentos¹⁰³. Foi possível observar, pelos depoimentos obtidos em nossa pesquisa¹⁰⁴, esta influência em comportamentos, atitudes e valores de adolescentes entrevistados nos anos 90, quando a televisão passou a dar mais atenção ao público juvenil e a ele dedicar programas.

Segundo a psicóloga Kátia Queiroz, em entrevista ao *Correio da Bahia*, os programas são violentos porque refletem a realidade. Mas ressaltou que tudo depende “do vínculo afetivo da pessoa, com as relações que o adolescente estabelece com o mundo”¹⁰⁵.

O cirurgião Sérgio Aidar informou que tem recebido em seu consultório muitas adolescentes com desejo de mudar o corpo, através da lipoescultura e do implante de silicone, para ficarem iguais a alguém famoso. “elas cobram um corpo igual ao da Feiticeira”, revelou. Sinalizou também que a mídia tem falado muito em cirurgias e que a *soap opera Malhação*, exibida pela TV Globo, estimula a forma física ideal¹⁰⁶.

Em uma turma de um colégio particular de Salvador, primeira série do segundo grau, 48 dos 51 alunos entrevistados responderam que as televisões de suas casas ficam ligadas durante os horários em que os membros da família estão reunidos¹⁰⁷.

Em artigo publicado na Internet em 2001, Gasparini defendeu a responsabilidade dos meios de comunicação na gravidez precoce. Com o progresso

tecnológico e a onipresença e velocidade desses veículos, seria esperado que as informações ajudassem à prevenção da gestação. Mas segundo o autor, as informações não têm, por si só, poder de evitar outras variáveis envolvidas. Entre elas, a admiração sentida por apresentadoras, atrizes e personagens de filmes e novelas cujos comportamentos, incessantemente noticiados, servem como modelo e estimulam a identificação e conseqüente imitação¹⁰⁸.

Queiramos ou não, as notícias transmitidas pelos telejornais, programas de auditório, novelas entram pelos olhos e ouvidos. Impossível escapar ao que ocorre no mundo, ou no país, e na cidade em que se vive. O rosto de Bush tornou-se tão conhecido como o de Xuxa, principalmente depois do 11 de setembro de 2001. Pessoas que não desconfiam onde se situam certas cidades brasileiras, sabem onde fica o Irã.

E não há como negar que as notícias transmitidas pela televisão, em geral, são assimiladas sem grandes questionamentos. Ao produzir uma visão de mundo em mosaico, os noticiários televisivos favorecem a confusão de valores. Ao simplificarem a informação, muitas vezes a deformam. Não há tempo para que o interesse por um determinado assunto culmine em seu aprofundamento. Além disso, a emoção é mais solicitada do que a razão e o acontecimento é transformado em espetáculo.

A influência das novelas

As novelas, durante muito tempo menosprezadas e supostamente prestigiadas por donas-de-casa medíocres, são consideradas, por muitos estudiosos da mídia, um fator básico de transmissão de valores e estilos de vida no Brasil, um fenômeno com implicações financeiras, econômicas, políticas e sociais. Elas têm modificado o vocabulário, a maneira de vestir, sensibilizando para questões sociais. Ao mesmo tempo em que podem ser utilizadas como instrumento de alienação, têm condições de provocar reformulações no pensamento, estimulando o olhar para os diferentes ângulos de uma mesma questão.

Lá em casa ninguém conversa. Fica todo mundo assistindo TV o tempo todo. Na hora da novela, do futebol, não se pode dar um pio.

(sexo masculino, 1988, estudante secundarista, Salvador, entrevista realizada em 2001)

Antes da televisão chegar na Bahia, era costume visitar amigos e parentes depois do jantar, sem convite, sem avisar. Hoje em dia parece que todo mundo prefere ficar em casa vendo televisão. Se a gente vai na casa de alguém íntimo, não consegue bater papo porque o aparelho fica ligado. O papo se limita a comentários sobre o programa que estão vendo.

(sexo masculino, 1945, pai de dois estudantes secundaristas, Salvador, entrevista realizada em 2001)

Pesquisadores tentam descobrir, a partir do conteúdo das tramas, seus efeitos sobre a sociedade. Em 1997, uma pesquisa coordenada em 1997 pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e pela Universidade de São Paulo constatou como a novela influenciava os hábitos de consumo e pautava as discussões políticas e comportamentais dentro da família¹⁰⁹. Alguns trabalhos foram originados a partir da suposição de receptividade a uma certa ideologia dominante propagada pelas mensagens, objetivando investigar a manipulação e a persuasão da mídia (ANDRADE, 2003, p. 51). Professores e pesquisadores da área de comunicação da USP têm procurado medir a importância e o impacto da novela em diferentes áreas¹¹⁰. Analistas psicossociais também têm estudado o papel dos folhetins televisivos na conformação dos comportamentos e estilos de vida dos telespectadores (RUBIM, 1998, p. 71).

As mudanças causadas pelo hábito de assistir novelas podem ser ilustradas em vários comportamentos. Apontaremos alguns:

Costumes típicos do Rio e de São Paulo, gírias, expressões passaram a circular nas mais variadas platéias¹¹¹. Escolas de idioma italiano registraram um aumento no número de matrículas depois da popularidade da novela *Terra Nostra* (1999-2000)¹¹². A moda nostálgica retorna em roupas, decoração, discos, etc. muitas vezes depois que algumas novelas de época são lançadas (KORNIS *apud* ABREU, 2003, p. 82). O empresário que produziu vários tipos de chapéu especialmente para a novela *O rei do gado* (1996) os lançou no mercado, três meses após o início da novela e no primeiro mês vendeu 1.800 peças (ROMANO *apud* RUBIM, 1998, p. 71).

Para o autor Manoel Carlos, “são as comunidades mais modestas que imitam a roupa e o cabelo da Carolina Dieckman ou a maquiagem não sei de quem. Mas, quanto ao comportamento, não acredito”. O dramaturgo rejeitou a acusação feita por alguns editoriais de que a novela *Laços de Família* (2000-2001) estava levando as meninas para a prostituição. Em contrapartida, admitiu que aumentaram doações de medula depois que uma personagem foi acometida de leucemia¹¹³.

A questão sobre a influência dos meios de comunicação sobre comportamentos violentos também é levantada quando se discute o tema novelas. Embora a polícia tenha considerado precipitado correlacionar o aumento dos casos de envenenamento por ‘chumbinho’, ocorrido em Salvador durante a exibição da novela *Porto dos Milagres* (2001), não faltou quem atribuísse os assassinatos ao exemplo da personagem psicopata¹¹⁴. A presidente da Comissão de Direitos

Humanos da Assembléia Legislativa da Bahia, Moema Gramacho, considerou “uma coisa muito ruim que a sociedade fique satisfeita e ache bom a facada que Rosa Palmeirão desferiu contra o Félix, em nome de um sentimento de impunidade política que nos assola. [...] A mídia pode até reproduzir os anseios catárticos da população; mas, a partir da repercussão, ela cria a reincidência, incentivando a quem não tem educação a fazer o mesmo”.

Trata-se do medo do “efeito dominó” – expressão que entrou no repertório dos termos relacionados à mídia para indicar a repetição em cadeia de um fato, fictício ou não, por processo de identificação coletiva¹¹⁵. Duas teorias foram elaboradas a partir de pesquisas norte-americanas para explicar o efeito dominó em relação à mídia. Uma considera que a violência, divulgada pelos meios de comunicação de massa, provoca uma catarse coletiva da agressividade que purga o espectador, servindo, assim, como uma válvula de escape. A segunda encara a espetacularização de atos violentos em seus efeitos negativos: propiciar um aumento de ações semelhantes. Esta hipótese explica o surgimento de *serial killers* depois da difusão de crimes seriais¹¹⁶.

Sem descartar a possibilidade de identificação e imitações propiciadas pela mídia, ao apresentar cenas de violência, seria exagero considerá-la a única responsável. Não é possível ignorar outros fatores que possam estar envolvidos: a história de vida por exemplo.

Em décadas anteriores, muitos jovens torciam o nariz para as novelas, considerando-as “coisa de mulher desocupada” e de velhos aposentados. Nos anos 90, até os rapazes assumiram o “vício”, segundo uma enquete realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo*¹¹⁷. O público-alvo foi a garotada entre 10 e 21 anos que prestigiou diariamente a *soap opera* intitulada *Malhação*, na qual os atores tornaram-se garotos-propaganda de bonés, moletons, camisetas e xampus.

Variam enormemente os temas das novelas, mas todos eles giram em torno de um pai/mãe ou um filho desconhecido, cujo destino misterioso rola durante quase todos os capítulos, um amor obsessivo, muitas vezes beirando a psicopatia, um assassinato também misterioso deslindado no último dia, obstáculos a serem vencidos para um final feliz. Alguns autores dão ênfase aos problemas sociais do país. Outros preferem limitar-se às histórias de amor dos heróis e heroínas. Velho, 1996, apontou, em ambas as situações, uma tendência de “buscar uma áurea medida entre uma narrativa social e o foco privilegiado sobre destinos individuais”¹¹⁸.

O triângulo amoroso é o tempero das novelas. Durante meses é levada ao ar a dúvida, de quem fica com quem. A opinião do telespectador pesa. E esta é influenciada pelo valor dado à família. Segundo a avaliação de Corrêa, o aspecto familiar envolvido em alguns triângulos amorosos influi na torcida do público por determinados personagens¹¹⁹.

Os casos de amor só apimentam as telenovelas quando o casal transmite uma “química” que sai da telinha e energiza o espectador. Durante muito tempo eram apenas os jovens atores/atrizes que protagonizavam cenas de paixão. Nas últimas décadas, pares na faixa dos 40, 50, e até 60 têm feito tanto ou maior sucesso em suas histórias amorosas do que as novas gerações. Talvez por causa do carisma de atores/atrizes veteranos, talvez pela idade dos telespectadores que vão envelhecendo junto com eles, talvez pelas mudanças de costumes que posterga a velhice... O fato é que a cinquentona Vera Fisher garante ibope de novela, assim como o sessentão Tarcísio Meira. Os cabelos brancos de José Meyer, Antônio Fagundes, Glória Menezes, a calvície do setentão Raul Cortez não alteraram seu prestígio.

Bucci, 2002, aposta que “a comunicação amorosa seria impraticável sem a consolidação lingüística realizada pelo melodrama de massa”. Melodrama que, segundo o jornalista, é responsável pela entonação, seqüência das palavras, trejeitos e os gestos que fazem parte do repertório de comportamentos destinados ao cortejamento. Fez a glória dos folhetins nos jornais do século XIX e, depois, das radionovelas e telenovelas¹²⁰.

Uma outra característica marcante, introduzida nas tramas, a partir do final dos anos 70, foi o romance de mulheres maduras com rapazes dez ou vinte anos mais novos¹²¹. Em uma sociedade machista em que a diferença de idades entre um casal só causa estranhamento quando é o homem o mais novo, o público começou a aceitar, e até a torcer, pelos romances de mulheres maduras com garotões.

A ficção televisiva também trabalha com as carências (afetiva, econômica, etc). Se alguma destas for vivenciada por quem assiste novela, possibilita satisfação por tabela, acomodação, ou até mesmo motivação para mudanças. O sentimento de solidão é um dos sintomas do mal-estar das sociedades pós-industriais. Falta tempo e oportunidade para aprofundar relações com vizinhos ou familiares. Sem precisar sair de casa, muita gente, mesmo que ilusoriamente, torna-se confiante e solidária aos personagens de novelas.

O público tem uma relação afetiva com os personagens que varia do amor ao ódio. Por causa disso, costuma ocorrer confusão entre ficção e realidade.

Atores e atrizes que são repreendidos nas ruas, tornando-se até vítimas de violência. Alguns recebem cartas solicitando ajuda.

Alega-se, porém, que apesar das notícias de situações vivenciadas pelos protagonistas que interpretam vilões serem agredidos pelo público, em geral o telespectador sabe que se trata de ficção. O mesmo não acontece em relação a um telejornal. A pessoa tem certeza de que está vendo a realidade e, por isso, corre um risco maior de ser enganada¹²².

Há quem considere as novelas uma das formas férteis para uma melhor compreensão dos valores brasileiros contemporâneos. (VELHO, 1996)¹²³ Néelson Rodrigues considerou um gênero eterno, “um filho do folhetim que não desaparecerá nunca da vida do homem”, e lamentou não ter tempo para acompanhá-las¹²⁴. Dias Gomes declarou que a telenovela brasileira não se parece com nenhuma outra do mundo. “A telenovela é a verdadeira obra aberta, porque o autor começa a escrever de parceria com milhões de telespectadores”¹²⁵.

Em sua defesa também tem sido usado o argumento de que elas ajudam a derrubar tabus. Uma investigação realizada na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP revelou que as telenovelas mostram a realidade social melhor do que os telejornais, gerando assuntos que motivam reportagens nos principais veículos de comunicação do país. A abordagem de questões sociais pode causar maior repercussão do que as notícias do telejornalismo. Para Motter¹²⁶, a telenovela abre espaço para discussões, e esclarecimento de questões sociais. A pesquisadora citou exemplos das tramas em que são abordados preconceitos como a prostituição e o homossexualismo e funcionaram como denúncias como foi o caso das crianças roubadas, um dos temas de *Explode coração* (1995-1996). Ao introduzir a questão do desaparecimento de crianças em um dos núcleos da citada novela, a autora Glória Perez não só denunciou o drama, como contribuiu para que várias dessas crianças fossem reencontradas. Campanhas de doação de medula e contra drogas foram ampliadas no decorrer de *Laços de família*, (2000-2001) de Manoel Carlos e *O Clone* (2001-2002) de Glória Perez respectivamente. Os conflitos de terra também foram enfocados em muitos capítulos da novela de Benedito Ruy Barbosa *O rei do gado* (1996) levando para dentro dos lares o drama dos sem-terra e estimulando discussões a respeito. Motter que, “antes da novela *O Rei do Gado*, os telejornais tratavam os sem-terra como causadores de conflito e, a partir da novela, o tratamento passa a ser diferente, eles passam a ter um rosto, uma história e o Movimento dos Sem Terra ganha legitimidade”¹²⁷.

Em *A Próxima Vítima* (1994-1995), Sílvio de Abreu abordou o problema das crianças de favela, das drogas, além de ter proposto uma visão sem preconceitos de temas-tabu polêmicos como a prostituição, o homossexualismo e o racismo. Mesmo aqueles que não assistiram a novela, tiveram oportunidade de ler ou escutar comentários favoráveis ou contrários, que propiciaram discussões e reflexões. Os pesquisadores Georges Martine e Eduardo Neto, citados por Romano, acrescentaram: “as novelas da TV Globo teriam ajudado o povo a separar a sexualidade da procriação” (ROMANO *apud* RUBIM, 1998, p. 71).

Embora exista uma tentativa de padronização e mercantilização de comportamentos tanto do sexo masculino como do feminino, os meios de comunicação têm apresentado algumas propostas libertárias. Temas relativos a movimentos de emancipação das mulheres, de liberação sexual, discussões e práticas do amor livre, o uso dos contraceptivos, aborto, divórcio e a violência contra a mulher ajudando a redefinição dos papéis do homem e da mulher na casa, na rua, no trabalho são exemplos¹²⁸.

O coordenador do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política na Universidade de Brasília, Mauro Porto, concluiu, através de pesquisa sobre o papel da TV no país, ser viável a proposta do ex-ministro de Educação Cristovam Buarque, em aproveitar a novela para influenciar os jovens a tomar gosto pelos estudos¹²⁹.

Nos três grupos de jovens observados por um estudo realizado em 1999, em Brasília, sobre a influência dos programas televisivos na vida das pessoas, os entrevistados afirmaram que as novelas ajudam a pensar sobre a realidade brasileira. Reconheceram a função pedagógica e educacional das novelas ao afirmarem que aprendem história, política e a realidade social do país pelas dramaturgias televisivas¹³⁰.

Vários outros argumentos têm sido invocados a favor da ficção televisiva: um deles é a estimulação à leitura de obras literárias. Pois muitas novelas baseadas em obras de autores como Jorge Amado, Roberto Drummond, João Ubaldo Ribeiro, Eça de Queiroz abrem o apetite para os livros que as inspiraram e a motivação para que sejam comprados e lidos. Foi destacado também o alcance dentro e fora do nosso país. Na Ásia, na Europa, na América Latina, as novelas brasileiras são sucesso garantido, embora a realidade desses países não tenha nada a ver com a nossa¹³¹.

As novelas também ajudam a preservar a memória. É possível, através dos objetos que nelas aparecem, assim como em seriados, acompanhar as mudanças de costumes, hábitos, comportamentos e estilos de vida.

Apesar de ter motivado pesquisas e estudos na área acadêmica, as telenovelas são ainda encaradas como subproduto cultural que, segundo segmentos da esquerda mais radical, aliena o povo dos problemas da realidade brasileira. Considerações deste tipo são resquícios das críticas feitas pelos pensadores da Escola de Frankfurt à indústria cultural acusada de modelar os gostos e as preferências das massas, formando suas consciências ao introduzir o desejo das necessidades supérfluas.

As muitas críticas feitas aos folhetins televisivos também refletem os tempos em que a televisão era utilizada como instrumento de propaganda da ditadura. Grande parte dos intelectuais passou a rejeitá-la sem enxergar seu caráter educativo, no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado. Nos anos de chumbo, os autores precisavam da sutileza. Nos dias atuais, sem a censura, as discussões podem ser mais abertas¹³².

Como já foi sinalizado, nem todos compartilham da certeza de uma influência massificadora atribuída à mídia em geral, e à televisão em particular, acreditando que o telespectador tem condições de neutralizar o poder exercido. Consideram possível que este aceite ou rejeite o que a TV apresenta, graças à possibilidade de escolher e trocar o canal, e escolher as programações. A hipótese de onipotência da mídia é superada, portanto, devido à capacidade de resposta dos telespectadores. Na verdade os meios de comunicação de massa funcionam mais como mediadores entre conflitos e contradições presentes na própria sociedade entre o ideal e o real. Não é a mídia que cria, embora reproduza, legitime e dissemine certas situações.

Estudos reconceitualizaram a visão do público como vítima da mídia. Defendem a comunicação como um processo complexo de interação em que o público aceita, mas também recria, modifica e dá novos significados às mensagens transmitidas. Não podemos esquecer que, se a ficção das novelas tem contribuído para alterar costumes, lançar moda, e influir na opinião pública, ela tem, como uma das principais características, a possibilidade de ser modificada pelas simpatias e preferências do público¹³³.

Não importa que sejam louvadas ou condenadas. As telenovelas tornaram-se o principal meio de lazer nacional transmitindo estilos de vida a todo o Brasil. Foram elas a responsáveis pela industrialização definitiva da televisão, pela sua comercialização e também pela comercialização de produtos que apresentam na trama¹³⁴.

Mídia e identificação

A identificação do telespectador com os personagens ocorre por um processo de “enquadramento” em que é colocada em jogo uma elevada dose de narcisismo. A pessoa se identifica com o personagem que, na sua opinião, melhor represente as qualidades de um ser humano, as qualidades que ela gostaria de ter, ou que, no fundo, talvez até mesmo no inconsciente, pensa ter. Ou, ao contrário, ela pode escolher o personagem que deve ser odiado por se opor à sua imagem ideal.

A mídia abre as janelas para um universo mágico, e propicia desejos de imitação ou mudança, invejas passivas, questionamentos sobre injustiças sociais, etc. Ou simplesmente cumpre sua missão de entretenimento, funcionando às vezes como um livro de contos de fadas moderno.

Como o sucesso profissional vem sendo associado ao dinheiro ganho, dinheiro que permite levar uma vida quase irreal, com acesso a prazeres jamais sonhados pelo leitor de classe média, este pode ser a varinha mágica capaz de transformar feios em belos, gordos em magros, bregas em chiques. Mas só poucos eleitos conseguem ganhá-lo e por isso se destacam ainda mais das pessoas comuns que se contentam em acompanhar seu rastro e babar diante de seus feitos. Não é à toa o imenso sucesso das publicações, incluindo livros, sobre detalhes íntimos de personalidades¹³⁵. Belos e ricos motivam, pois, a tietagem na última década do século.

O espectador projeta sua imagem ideal nos personagens com quem se identifica. Fica temporariamente livre para sonhar e “viver” tudo aquilo que não cabe em sua vida cotidiana. Em tempos de escassez, fica-se mais vulnerável à sedução das promessas de uma vida de prazer. Ainda mais se esta for encarnada nos astros do cinema, da televisão, do esporte e da canção, os novos deuses do Olimpo na era tecnológica. Verdadeiros ou fictícios, os heróis estimulam a imaginação e a fantasia que, por sua vez, ajudam a enfeitar a realidade.

Ao colocar em seus personagens, comportamentos baseados nas expectativas dos telespectadores, os autores ampliam os espaços para as identificações. E estas, segundo Brandão¹³⁶, são intensificadas quando um enredo aproxima-se do cotidiano do telespectador. Empregadas, patroas, milionários, jovens rebeldes, pais superprotetores ou omissos, mulheres descasadas, empresários, profissionais liberais, artistas, homossexuais e tantos outros permitem que um grande contingente de pessoas se reconheça neles, ou em alguns de

seus traços. São estas identificações que podem resultar em influências de vários tipos. E mesmo quando alguns papéis se distanciam das experiências familiares ao público, este pode, movido por admiração, querer imitá-los.

As tecnologias de comunicação, cujo impacto fundamental sobre os sentimentos e as faculdades cognitivas dos seres humanos foi tão enfatizada por McLuhan (*apud* OUTHWAITE & BOTTOMORE *et al.*, 1996, p. 115), têm permitido a divulgação crescente de figuras idealizadas.

Os “olimpianos” – aqueles que adquiriram fama e sucesso e/ou correspondem aos cânones da beleza contemporâneos – apresentam-se com determinados tipos de roupas, penteados, dão receitas de regimes ou de exercícios para conservar o corpo sempre jovem, saudável e belo, estimulam que os produtos usados sejam adotados, e copiados seus jeitos e trejeitos, suas aspirações e estilo de vida. Citando mais uma vez Morin,

a imprensa de massa faz vedete de tudo o que diz respeito às próprias vedetes: suas conversas, beijos, confidências, disputas são transmitidas através de artigos, falatórios, flashes, como se o leitor fosse o voyeur de um grande espetáculo, de um supershow permanente cujos deuses seriam atores. Esse extraordinário consumo da vida privada das vedetes caminha lado a lado com o desenvolvimento do setor privado da informação que concerne não apenas à vida privada de personagens públicos mas também aos fatos variados. Assim, os temas fundamentais do cinema —aventura, a proeza, o amor, a vida privada são igualmente privilegiados junto à informação. (MORIN, 1997, p. 99)

Sônia Braga já foi o símbolo da “mulher brasileira” e Regina Duarte, à sua época, a “namoradina do Brasil”. Glória Pires já foi chamada a Emma Bovary das telenovelas, comentou Mansfield, 1997, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* considerando que as mulheres que a atriz costuma interpretar são versões “abrasileiradas” da inspiradora de Gustave Flaubert: estão sempre sonhando com um mundo de festas e luxo, para fugir da vida vazia e tediosa. O bovarismo, como ficou conhecido este tipo de comportamento, foi fortalecido com o *star system* hollywoodiano e degradado com o advento da cultura de massas. Só é reativado nas reportagens que enfatizam a vida particular de emergentes e olímpianos¹³⁷.

As notícias de catástrofes, que enchem páginas da imprensa e são chamarriz para os telejornais, também parecem provocar prazer. O jornalista Eugênio Bucci escreveu sobre o lucro que representa a exploração das doenças e dor alheias nos programas de auditório. Discorreu sobre o sensacionalismo sentimental expresso no pranto das vítimas¹³⁸.

Para o psicanalista Marcus do Rio Teixeira, a explicação comumente aceita de que o dinheiro motiva pessoas a expor-se ao ridículo e à degradação dos programas de auditório, não é suficiente.

Acho que se deveria buscar a resposta nos ideais de fama e sucesso a todo custo que predominam na atualidade e que a TV difunde e incentiva. Para quem não tem nenhum talento "artístico" mesmo no nível mais baixo, a única coisa que lhes resta para alcançar a fama, e, com isso, algum tipo de identidade, é expor suas desgraças pessoais¹³⁹.

E se o medo provoca sensações prazerosas, ele também provoca situações de estresse. Através da imprensa escrita e falada, o leitor/telespectador descobre quais as doenças que mais estão matando. Toma conhecimento dos assaltos diários, das oscilações do mercado, etc. Passa, então, a viver com medo de contrair moléstias fatais, anda pela rua temendo roubos e seqüestros. Desconfia de tudo e de todos. Cada dia cresce a paranóia. Se não é a crise econômica que provoca pânico, é o câncer que o cigarro causa, ou o infarto que os alimentos gordurosos podem provocar ou as doenças decorrentes de relações sexuais desprotegidas¹⁴⁰.

Até que ponto a mídia influencia o comportamento violento?

A violência na mídia tem sido objeto de estudos de educadores e pesquisadores de vários países desde a década de 1950. E as correlações entre filmes e atos violentos têm motivado investigações dos estudiosos do comportamento humano.

Sérgio Augusto, 1998, chamou atenção de que os americanos passam um terço de seu tempo livre diante do televisor. As crianças assistem programas televisivos cerca de 27 horas semanais. 5 atos de violência e 5 assassinatos em média costumam ser apresentados no horário nobre. Na programação infantil, essa média sobe para 25. O típico garoto americano terá visto 40 mil assassinatos e 200 mil outros delitos violentos ao chegar aos 18 anos¹⁴¹. Para a diretora de Programação Infantil da Cultura, Beatriz Rosemberg, a situação é semelhante no Brasil¹⁴².

Segundo uma pesquisa do Ibope e da Retrato Consultoria e Marketing, realizada em 1997, 53% dos pais, ou responsáveis, não exercem nenhum tipo de controle sobre o que os filhos vêem na televisão¹⁴³. Um estudo publicado pela

revista norte-americana *Kidscreen*, e divulgado pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1990), revelou que até os 18 anos os jovens americanos costumam assistir a 200 mil cenas de violência, nas quais estão incluídos 16 mil assassinatos¹⁴⁴.

Em seu livro *Sociedade, Mídia e Violência*, Muniz Sodré (*apud* SANTOS, 2002), baseado em um relatório divulgado em 1993 pela Associação Norte-Americana de Psicologia, informou que uma criança, exposta à TV durante três horas por dia, no final do curso primário, terá presenciado 8.000 assassinatos e 100.000 atos violentos¹⁴⁵. Carmem Silveira de Oliveira, autora de *Sobrevivendo ao inferno – a violência juvenil na contemporaneidade*, (2001, *apud* SANTOS, 2003) apresentou dados significativos: são 912 horas de destaque na programação dos sete principais canais da mídia dedicados à violência¹⁴⁶.

As estatísticas confirmam o interesse pelos programas que exploram comportamentos truculentos, ou cenas de sexo de baixa qualidade. Crescem as audiências de programas sobre tragédias, que enriquecem seus apresentadores. Ironicamente, estes utilizam objetos e frases ameaçadoras para simular a rejeição e protesto à violência. Ratinho apelou para um cassetete; em *Cidade Alerta*, o bordão “pau nele”! fez sucesso.

A imprensa noticia diariamente crimes de todos os tipos, mas os que mais chocam e causam impacto são aqueles realizados por crianças e jovens da classe média.

Em novembro de 1999, um estudante de medicina, 24 anos à época, repetiu cenas do filme *Clube da Luta* matando com metralhadora três pessoas e ferindo outras que o assistiam, em um cinema situado em um shopping de São Paulo¹⁴⁷. Obedecendo ‘vozes do além’, o estudante Vitor Alexandre dos Santos, de 21 anos, estrangulou, em dezembro de 1998, a avó, o tio, a tia e a mãe em Mirandópolis (SP). Agiu de forma semelhante ao protagonista de *Spawn*, o *Soldado do Inferno*, filme sobre o qual ele fez comentários por escrito, encontrados pela polícia¹⁴⁸. Em fevereiro de 2000, um menino de 9 anos, deu 40 facadas nas costas de sua amiga de 7 anos, enquanto assistia a um programa de TV. O menino confessou que se inspirara no filme *Brinquedo Assassino*, que havia visto na televisão uma semana antes¹⁴⁹. Depois que um garoto tentou matar o irmão de 2 meses dizendo a frase dos *Power Rangers*, estes foram proibidos no Canadá. A Corte Suprema chegou a conclusão que a maioria dos crimes na adolescência era devido a influência da banda.

O assassinato de três pessoas, em um dos cinemas da capital paulista, trouxe à tona a discussão sobre os efeitos do cinema e da TV nos comportamentos violentos. A exibição de filmes cujo conteúdo principal é a violência e as formas como as notícias sobre um ato violento se transformam em espetáculo,

poderiam incentivar pessoas a cometer crimes semelhantes? Filmes com intensa carga de agressividade poderiam propiciar imitação, apostam alguns. Outros dão mais importância à história de vida e a predisposição individual para a violência. Não existe unanimidade sobre o assunto.

A transformação de um crime em espetáculo, possibilitaria o contágio e a execução de crimes semelhantes, “quando o indivíduo tem alguma predisposição à violência”, admitiu o professor de Sociologia da Comunicação da ECA/USP Waldenyr Caldas, entrevistado pelo *O Estado de São Paulo* em 1999. “A pessoa sente-se estimulada porque sonha em aparecer, mesmo que ganhe uma notoriedade negativa”, afirmou à reportagem. Ressaltou porém tratar-se de um comportamento patológico que requer tratamento psiquiátrico¹⁵⁰. Este ponto de vista reforça a diferença entre informação e exploração de uma notícia. Pesquisa realizada pela argentina Tatiana Merlo-Flores com 2.000 jovens revelou que as crianças que já são agressivas devido a problemas familiares, sociais ou individuais, “selecionam e integram elementos violentos da TV’ ao seu cotidiano”¹⁵¹.

Em um artigo sobre o que chamou “pedagogia da violência” Cunha, 2003, condenou a apresentação constante de crimes via televisão, e as entrevistas de seus autores que ensinam como praticá-los, ao detalhar os métodos utilizados.

Na verdade, o que os programas policiais vêm fazendo são aulas práticas de anatomia da violência. Aula melhor eu não conheço [...] O cidadão vocacionado para a atitude criminosa não precisa fazer mais do que, passivamente, aprender os métodos para se levantar do sofá e ir pra rua colocá-los em prática.” escreveu. E ressaltou que nos horários de exibição, as crianças estão acordadas¹⁵².

Em artigo para o *Jornal da Tarde* em 2002, Ivan Ângelo citou as conclusões de uma pesquisa realizada pela Universidade Columbia, de Nova York, que acompanhou jovens de 707 famílias durante 17 anos. O estudo mostrou que, quanto mais tempo eles passaram diante da televisão, mais agressivos se tornaram¹⁵³. Um relatório sobre a *Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação de massa*, publicado nos *Cadernos UNESCO Brasil: Série Direitos Humanos e Cultura da Paz*, revelou que pessoas agressivas acabam por utilizar as referências da mídia para a reafirmação de suas crenças e atitudes¹⁵⁴.

Em trabalho publicado na revista *Science* (*apud* ÂNGELO, 2002¹⁵⁵), o professor e psiquiatra norte-americano Jeffrey Johnson, cujas pesquisas têm um enfoque epidemiológico, invocou o mecanismo de assimilação para falar sobre a violência: “Somos criaturas sociais e tendemos a imitar coisas que vemos

outras pessoas fazendo, especialmente se observamos a pessoa ser recompensada pelo que fez, ou ser apresentada a todos como herói por isso”.

Os resultados de uma pesquisa realizada pela Unesco, em 1998, corroborou essa afirmação: adolescentes de diferentes países do mundo, em tinham o Exterminador, de Arnold Schuwarnegger como uma referência de heroísmo¹⁵⁶. Johnson enfatizou: “tem sido demonstrado que assistir à violência na mídia leva a um efeito de insensibilidade. Quanto mais violência eles vêem, menos negativa e mais normal ela lhes parece”¹⁵⁷.

Gramacho citou dados pesquisados que tecem relações entre a mídia e a violência, revelando que os meios de comunicação têm contribuído para o aumento das agressões físicas, quando os programas não são acompanhados de campanhas educacionais paralelas. Como exemplos temos os casos de atos violentos em escolas, que criam um efeito de série. Escolas da periferia de Salvador vivenciaram episódios de violência logo após a divulgação de fatos semelhantes ocorridos em colégios americanos. “A violência envolvendo mulheres também faz parte desse quadro e o caso do índio Galdino, que, como pudemos observar, fez crescer, logo em seguida, o número de mendigos e pessoas aparecendo queimadas, graças à repercussão da mídia”, afirmou¹⁵⁸.

A violência presente nos filmes exibidos no cinema ou na TV, nas imagens dos videogames e da Internet, é uma das formas de diversão que mais lucro dá. Banalizou-se a brincadeira de matar e de morrer.

Um menino de 9 anos, residente em Brasília esfaqueou a vizinha de 7 anos, três dias após ter assistido ao filme *Brinquedo Assassino 2*¹⁵⁹.

Em seminário sobre famílias, crianças e adolescentes promovido pela Universidade Santa Úrsula, Per Egil Mjaavatn, da Universidade de Ciência e Tecnologia da Noruega sinalizou que embora as crianças não adotem comportamentos violentos por verem violência na mídia, ficam mais tolerantes em relação à violência¹⁶⁰. Esta tolerância poderia ser equivalente à indiferença que vai se instalando, como um mecanismo de defesa ao mal-estar da civilização contemporânea, contribuindo para banalização da tragédia.

Também encontramos notícias de delitos cometidos por jovens que curtiem canções com letras mórbidas e/ou ritmo alucinante sugerindo a influência da música em comportamentos violentos, devido às correlações descobertas¹⁶¹.

O papel de informar, desempenhados pelos meios de comunicação, não se limita portanto, a transmitir fatos, verdadeiros ou não. Informar propicia o

contágio, como sinaliza o Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Bairral de Psiquiatria, São Paulo, José Antônio Zago:

Por ocasião de um homicídio múltiplo cometido por um louco no Texas, um psicólogo americano reclamou 'certa auto-censura' dos meios de divulgação, sob a alegação de que 'o homicídio é tão contagioso quanto o sarampo'. Uma sucessão de ocorrências policiais parece demonstrar o acerto de tal opinião¹⁶².

Um outro tipo de influência apontada, é a construção de imagens preconceituosas no imaginário de uma pessoa. Várias gerações cresceram torcendo contra os índios americanos, e temendo os comunistas¹⁶³. Mas por mais violência que tenha sido mostrada em filmes bang-bang, ou de inimigos do capitalismo, dificilmente os comportamentos criminosos verificados nos últimos anos revelam características das apresentadas por tais personagens. É preciso, pois, estabelecer a diferença entre a possibilidade de identificação com mocinhos que matam bandidos e índios ou vice-versa, que viveram muitas décadas atrás, ou com personagens contemporâneos. Os filmes bang-bang ou dos gangsteres da época da Lei Seca, ou dos "russos malvados" estão fora do tempo e do contexto. Ao contrário, os protagonistas que vivem na tela dramas comuns nos dias atuais poderiam ser vizinhos, colegas amigos, e até o próprio espectador, propiciando maiores possibilidades de desejo de imitação, e de imaginariamente tomar seu lugar e adotar seus comportamentos na vida real.

As opiniões se dividem. Nem todos concordam que a mídia deva ser responsabilizada, assinando em baixo da opinião do jornalista Boris Casoy: "Já vi muitos filmes de mocinho e bandido e nunca saí matando por aí"¹⁶⁴.

A psicanalista Angela Vorcaro, do Departamento de Distúrbios da Comunicação da USP, em entrevista ao site da SBPC, declarou que a mídia não pode ser responsabilizada pelo comportamento violento das pessoas. Os atos agressivos que aparecem em filmes e desenhos animados estariam ligados à fantasia. Na sua opinião, crianças ou adolescentes sabem distinguir que os personagens são fictícios, a não ser que tenham alguma disfunção psíquica. A violência que assusta a sociedade não poderia ser atribuída aos meios de comunicação de massa, portanto, e, sim, a graves problemas sociais¹⁶⁵.

Essa opinião foi compartilhada pelo educador inglês David Buckingham, autor de livro resultante de uma pesquisa, na qual colheu depoimentos de crianças sobre os programas que elas assistiam na televisão. As respostas confirmaram que, na sua percepção, as histórias não eram verdadeiras. A TV é

acusada quando não se consegue resolver as causas da violência, como a desigualdade social e o racismo, concluiu Buckingham¹⁶⁶.

Muitos temem que atribuir toda a culpa aos meios de comunicação possa tamponar outros motivos para a violência, tais como problemas familiares, turmas de bairro, distúrbios emocionais, insegurança. Há inclusive quem defenda que assistir cenas violentas pode ter efeitos catárticos para o jovens, cuja agressividade seria diluiria¹⁶⁷. Evidentemente, as generalizações são sempre perigosas. Os efeitos impactantes de cenas de violência repercutem de formas diferentes em cada pessoa.

Aqueles que ressaltam os aspectos positivos da televisão, acreditam que seu poder possa ser neutralizado pelo telespectador. A tendência a relativizar a força de influência da mídia, tem como um dos argumentos a idéia de que a passividade deixa de existir, na medida em que é possível a pessoa aceitar ou rejeitar o que os jornais publicam, o que a telinha apresenta, e ser capaz de também manipular, pela ação individual, de escolher e trocar um canal, de aumentar ou diminuir as tiragens de um jornal ou revista, e alterar os índices de audiência e as programações.

Não se pode descartar outras variáveis que possam interferir em comportamentos hetero e auto-violentos que culminam em assassinatos e suicídios. Como noticiou o jornal *O Estado de São Paulo*, uma grande quantidade de teorias recentes da criminologia atribui o crime à sociabilização deficiente e ao insuficiente controle de impulsos num período relativamente imaturo da vida¹⁶⁸. O individualismo e conseqüente afrouxamento dos elos e controles comunitários repercutiram na vida familiar, na sexualidade, e na obediência às leis.

Como não existe unanimidade sobre a influência da mídia nos comportamentos violentos, também não se chegou à conclusão se os veículos de comunicação de massa contribuem ou não para a delinqüência, pois tanto a opinião pública quanto a especializada estão divididas.

Os levantamentos de Opinião Gallup mostraram que cerca de 7 em 10 adultos brasileiros acham que a delinqüência juvenil pode resultar, pelo menos parcialmente, de veículos como histórias em quadrinhos e programas de mistério e crime na televisão e rádio. Mas 3 em 10 não são da mesma opinião. Os especialistas de várias áreas também não chegaram a uma mesma conclusão¹⁶⁹.

O prazer de navegar

Os computadores substituíram parceiros de jogos, dicionários, enciclopédias, correio e abriram novos caminhos para atividades lúdicas. Aos poucos, a net mudou os hábitos de seus usuários. Revistas e jornais publicam constantemente as novidades sobre conquistas internéticas, cujos *sites* variam dos ' passeios' por museus de qualquer parte do mundo, à leitura de diários íntimos. Casamentos já foram realizados a partir de trocas de *e-mails*¹⁷⁰.

O computador contribui para modificar hábitos de leitura, de comunicação, de compras e de relacionamentos: já é possível freqüentar leilões virtuais, trocar os bancos tradicionais por bancos *on-line*, comparar preços de produtos e comprá-los sem sair de casa etc.

O papo via Internet abre uma série de possibilidades. Protegido pelo anonimato, o indivíduo pode adotar nomes, sexo, idade, profissão, histórias falsas. Enganar o interlocutor é fácil e muitos o fazem.

Uma das mudanças de comportamentos pós-Internet é a ampliação das formas de namoro. O namoro *on-line* permite novas maneiras de iniciar um relacionamento amoroso com a vantagem de se conhecer gente de profissões e cidades diferentes. Já existem pesquisas sobre o perfil de quem busca a cara-metade na rede. O *site Comovai* foi responsável por mais de 10 mil namoros e 200 casamentos¹⁷¹. Segundo reportagem publicada na revista *Veja*, em nosso país, cerca de 3,5 milhões de pessoas estavam inscritas nos sites de relacionamento em 2002. O número correspondia a quase 10% dos solteiros brasileiros. O anonimato parece facilitar o extravasamento de sensibilidade da parte dos homens e a ousadia da parte das mulheres. A aparência física conta menos do que o conteúdo do papo¹⁷².

Os efeitos positivos se misturam aos negativos. Se, por um lado, a Internet amplia o acervo de informações acessíveis ao internauta, por outro pode funcionar como mais uma oportunidade de hábitos consumidores devido às mil e uma ofertas, promoções, propagandas a quem acessa qualquer site. A questão da pornografia também tem sido discutida. O prazer via exibicionismo e *voyeurismo* também ganhou novos espaços e novas motivações no mundo contemporâneo. A privacidade foi rompida com a possibilidade de instalação de câmeras¹⁷³ cada vez menores e mais baratas em qualquer aposento, permitindo que os internautas vejam ao vivo práticas sexuais com suas variações¹⁷⁴.

Estas modalidades de expressão e desabafos incluem o retorno dos diários que voltaram à cena com novas roupagens: os *blogs*, corruptela de *weblog*

(diário *on-line*), páginas criadas na Internet onde as pessoas falam sobre si mesmas, suas rotinas, romances, neuroses, gostos e opiniões sobre o mundo. (Corrêa, 2001)¹⁷⁵, tornando-se mania de um número crescente de internautas. São herdeiros dos famosos cadernos de confidências, que antigamente tinham capa de couro e, até mesmo, fechadura. Em suas páginas eram escritas experiências típicas da adolescência. Em sua maioria, eram adotados por garotas, muitas das quais o tratavam como uma pessoa de carne e osso, dando-lhe nome (Kitty se chamava o imortal caderno no qual Anne Frank anotou suas vivências) e exprimindo desejos e desabafos impublicáveis. Em geral, cada página começava como uma carta: 'meu querido diário'. Aos poucos, transformaram-se em agendas em cujas páginas colava-se recortes, retratos, fotos de artistas, folhas de árvores, ingresso do cinema de um encontro especial, e frases desenhadas por hidrocores. Eram tempos em que as raivas dos pais e dos professores já podiam ser ditas diretamente e as paixões haviam saído do platonismo, não sendo mais secretas. Nos dias atuais, estes espaços para desabafos ressuscitaram em versão digital e estão se tornando um dos mais poderosos meios de comunicação da Web. São resultantes de um dos sintomas pós-modernos: o corre-corre cotidiano que boicota o convívio face a face e posterga indefinidamente planos de encontros e reencontros.

Para a psicanalista Dulce Silveira, em entrevista ao jornal *O Globo*, a função do antigo diário de papel foi preservada no diário virtual: "As pessoas não se encontram mais na pracinha ou no supermercado, se encontram neste mundo virtual e nele acabam trocando. É uma troca segura, porque mantém-se o anonimato preservado e não se vêem rostos. Você fala para todo mundo e para ninguém especificamente"¹⁷⁶.

Em artigo sobre o assunto, Lemos, 2002, escreveu que "a vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura"¹⁷⁷.

Em 2001 foram encontradas cerca de 800 mil de páginas com detalhes da vida e das opiniões de pessoas comuns nos sites mais conhecidos para sua criação¹⁷⁸ (CORRÊA, 2001).

Pesquisas têm sido feitas para explicar o fenômeno. Este é um reflexo, segundo alguns estudiosos do comportamento humano, da busca pela identidade social perdida, e as páginas permitem a experiência dos tais 15 minutos de

fama mencionados por Andy Warhol (CORRÊA, 2001). Segundo o psicanalista Contardo Calligaris, (*apud* CORRÊA, 2001), a necessidade de contar a própria vida aos outros é uma característica da modernidade e de suas grandes cidades. Apelar para os *blogs* como uma forma de fugir da solidão e ganhar uma identidade são alguns dos principais motivos para criá-los e mantê-los.

Régine Robin (1997, *apud* LEMOS, 2002) sustentou que a Internet é um espaço de exploração de novas formas de identidade. As páginas pessoais podem, assim como os *muds* e as várias outras formas de contato social telemático (*chats*, fóruns, *icq*, orkut), servirem como instrumento de construção identitária e como forma de socialização¹⁷⁹.

Algumas (in)conclusões

Costuma-se atribuir à mídia o poder para eleger ou derrubar políticos, forjar ou desmistificar ídolos, virar pelo avesso as preferências, transformar mentiras em verdades e vice-versa.

Admitir a influência da mídia, através dos modelos por ela apresentados e/ou estimulados que pautam comportamentos, é admitir que ela está incluída entre os agentes de socialização: família, escola, grupo-de-pares.

Compartilhamos da idéia de que os meios de comunicação são agentes de socialização tão ou mais poderosos do que a família, a escola e a religião. Mas como estas, estão sujeitos a outros fatores que se intrometem, conscientes e inconscientes, que tornam imprevisíveis os resultados da aprendizagem. Preferimos, pois, dizer que a mídia tem recursos ou armas para tanto, poderosos recursos, mas não onipotentes.

É possível constatar, na trilha das considerações apresentadas, que as certezas são abaladas quando se traz à tona a questão da implicação do destinatário no processo de comunicação.

Nos primórdios das investigações sobre a comunicação de massa, havia quase um consenso sobre a onipotência da mídia na modelação da opinião pública. Alguns estudiosos, entretanto, começaram a ter dúvidas, e estas os levaram a pesquisar o processo de transmissão de uma forma mais empírica. Os resultados dessas pesquisas culminaram em uma relativização dos efeitos da mídia sobre a audiência.

Sabemos que as técnicas de persuasão dos meios de comunicação podem atingir o desejo individual. Mas para atingi-lo, os “mediadores culturais”, devem estar sempre atentos às características sociais de seu público, uma vez que, de sua satisfação depende a quantidade e a qualidade dos anunciantes, responsáveis pela maior parte do orçamento do veículo. Seguindo esse raciocínio, os leitores de uma revista seriam considerados um mercado, meros consumidores de objetos. Cabe, no entanto, uma ressalva a essa conclusão radical: as pesquisas sobre a audiência demonstraram que ela não é uma massa passiva no ato da comunicação, daí a importância que tem hoje o estudo da recepção.

Como é impraticável aferir os efeitos que a mídia provoca em cada indivíduo, se levarmos em conta as infinitas variáveis que interferem no cotidiano de cada pessoa, bem como a história de vida de cada um, os mecanismos identificatórios conscientes e inconscientes, reafirmamos que só é possível falar com precisão nas **estratégias** que são utilizadas para influenciar ou mudar comportamentos, atitudes, valores. Dentro dessa concepção, inexistiriam, pois, comportamentos que sejam decorrentes da mídia como única fonte de intervenção.

Concluimos que o Neoliberalismo, a Globalização, o Igualitarismo a evolução da ciência e da tecnologia, e as demais marcas da sociedade contemporânea apontadas neste trabalho provocam efeitos significativos nos comportamentos e atitudes dos adolescentes ocidentais, o que exige um repensar sobre os estudos e pesquisas tradicionais sobre a adolescência em geral e, em particular, sobre as novas formas de corporalidade do adolescente, suas causas e conseqüências psicossociais.

Notas

¹ É uma época também chamada de “sociedade pós-industrial”, “pós-secular”, “sociedade industrializada avançada” cujo marco inicial ocorreu, segundo Lyotard, “por volta dos anos 50” (*ibid.*, 1998, p. vii). A polêmica em torno do termo “modernidade” e “pós-modernidade” é inesgotável. “O “moderno” é falado a partir de vários posicionamentos, e sobre o qual não há nenhum consenso”. (CHALHUB, 1994, p. 38).

² Para Baudrillard (1991), simular é fingir o que não se tem, diferentemente de dissimular, que é fingir não ter o que se tem (p. 9). O autor defendeu a idéia de que o simulacro da realidade, um modelo sem base real produzido especialmente pela mídia, é mais importante que a própria realidade.

³ Cf. artigo do Prof. Vanderlei de Barros Rosas, intitulado “Os perigos da globalização”. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/vanderlei5.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2002.

- ⁴ MANSUR, Alexandre. *Veja*, São Paulo, 2 jun. 1999. Geral Nutrição. A casa inteligente. *Veja*, São Paulo, 7 abr. 1999. Guia Conforto. WIZIAG, Julio. Eles têm QI alto. *Veja*, São Paulo, 2 jun. 1999. Geral Tecnologia. Sem as mãos. *Veja*, São Paulo, 6 set. 2000. Geral Estilo. A casa inteligente *Veja*, São Paulo, 7 abr. 1999. Guia Conforto.
- ⁵ Amigo cibernético. *Veja*, São Paulo, 29 mar. 2000. Geral Divertimento.
- ⁶ MARTHE, Marcelo. Inimiga oculta. *Veja*, São Paulo, 6 set. 2000. Geral Polícia.
- ⁷ LEPIANI, Giancarlo. Estão de olho em você. *Veja*, São Paulo, 30 maio 2001. Geral Tecnologia.
- ⁸ CHIARI, Fabiana. Os donos-de-casa. *Veja*, São Paulo, 3 maio 2000. Geral Família.
- ⁹ VEIGA, Aída. Vai nessa, mamãe. *Veja*, São Paulo, 1 set. 1999. Geral Família.
- ¹⁰ FERNANDES, Manoel *et al.* A luta continua! *Veja*, São Paulo, 6 jan. 1999. Geral Comportamento..
- ¹¹ LEITE, Virginie *et al.* A hora de dizer não. *Veja*, São Paulo, 27 jan. 1999. Guia Educação e GRANATO, Alice *et al.* Porque é preciso dizer NÃO. *Veja*, São Paulo, 16 jun. 1999. Geral Comportamento.
- ¹² MOHERDAUI, Bel. Ao sinal, deixe seu recado. *Veja*, São Paulo, 12 abr. 2000. Geral Comportamento.
- ¹³ Quero minha TV! *Veja*, São Paulo, 2 fev. 2000. Guia Filhos.
- ¹⁴ VEIGA, Aída. Princesas precoces. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Geral Comportamento..
- ¹⁵ VEIGA, Aída. Princesas precoces. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Geral Comportamento.
- ¹⁶ *Ibid.*
- ¹⁷ CAMACHO, Marcelo e CARNEIRO, Marcelo. Engravidei do trenzinho. *Veja*, São Paulo, 28 mar. 2001. Geral Sociedade.
- ¹⁸ VEIGA, Aída. Princesas precoces. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Geral Comportamento..
- ¹⁹ *Ibid.*
- ²⁰ VEIGA, Aída. A gente somos inútil. *Veja*, São Paulo, 12 maio 2001. Geral Comportamento.
- ²¹ POLES, Cristina e GALHARDO, Ricardo. Viagem virtual. *Veja*, São Paulo, 4 out. 2000. Geral Drogas.
- ²² SANTA CRUZ, Ana. Gente dopada. *Veja*, São Paulo, 11 abr. 2000. Geral Droga.
- ²³ DIAS, Cristiano. A festa global. *Veja*, São Paulo, 22 ago. 2001. Geral Diversão.
- ²⁴ KALIL Glória. Direto do mundinho. *Veja*, São Paulo, 1 dez. 1999. Geral Moda.
- ²⁵ MASSON, Celso. Os cybermanos. *Veja*, São Paulo, 8 dez. 1999. Geral Comportamento.
- ²⁶ MARTHE, Marcelo. Funkera objeto. *Veja*, São Paulo, 7 fev. 2001. Artes & Espetáculos Cultura.
- ²⁷ Customização Já. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 ago. 2000. Caderno Especial, p. 3.
- ²⁸ OLIVEIRA, Mauricio. Quando eu me aposentar... *Veja*, São Paulo, 1 ago. 2001. Geral Especial.
- ²⁹ Segundo entrevistas por nós realizadas com pessoas que rememoraram suas vivências adolescentes nos anos 50-60, Nascimento (1999) e também nas pesquisas publicadas por Pfromm Netto (1971) e Hurlock (1971), o desligamento de questões materiais e desejos de realização independente do dinheiro confirmava a idéia de que tais características eram típicas da adolescência.
- ³⁰ RUIZ, Sergio *et al.* As belas que dão bola. *Veja*, São Paulo, 10 fev. 1999. Geral Esporte.
- ³¹ *Ibid.*
- ³² *Ibid.*
- ³³ *Ibid.*

- ³⁴ A fobia à obesidade caracteriza a anorexia, culminando em distorção da imagem corporal (a pessoa se enxerga gorda, mesmo estando abaixo do peso desejável) emagrecimentos radicais, com riscos de vida.
- ³⁵ Disponível em: <http://www.alternet.com.br/canal/saude/saude_1/anorexia.htm>. Acesso em: 6 jan. 2002.
- ³⁶ BENATTI, Luciana. Ditadura da dieta. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27 out. 1996. Cotidiano p. 3-5.
- ³⁷ VICÁRIA, Luciana. Obsessão Partilhada. *Época*. São Paulo, 8 jul. 2002. Ciência e Tecnologia . Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,EPT343946-1660,00.html>. Acesso em: 26 ago. 2004.
- ³⁸ Paranóia ou Mistificação? *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 25 ago. 2000. Caderno especial. Especial-2.
- ³⁹ Homem Atual: da beleza à obsessão. <http://www.homematural.com.br/comportamento_beleza.asp>. Acesso em: 9 jul. 2001.
- ⁴⁰ WEINBERG, Mônica. Sem arrependimento. *Veja*, São Paulo, 28 jul 1999. Geral Estilo.
- ⁴¹ ROGAR, Sílvia. Barriguinhas de luxo. *Veja*, São Paulo, 28 fev. 2001. Geral Estilo.
- ⁴² Furo radical. *Veja*, São Paulo, 21 mar. 2001. Geral Estilo.
- ⁴³ As mulheres se despenteiam. Ninho de gato. *Veja*, São Paulo, 17 nov. 1999. Geral Moda.
- ⁴⁴ As mulheres se despenteiam. Ninho de gato. *Veja*, São Paulo, 17 nov. 1999. Geral Moda.
- ⁴⁵ NUNES, Ângela. Preocupação com a perfeição física pode ser distúrbio. *Veja*, São Paulo, 22 nov. 2000. Guia Saúde.
- ⁴⁶ *Ibid.*
- ⁴⁷ CARDOSO, Rodrigo. Menores no bisturi. *Veja*, São Paulo, 10 mar. 1999. Geral Comportamento.
- ⁴⁸ PASTORE, Karina. Homens de peito. *Veja*, São Paulo, 9 jun. 1999. Geral Medicina.
- ⁴⁹ NUNES, Angela. Preocupação com a perfeição física pode ser distúrbio. *Veja*, São Paulo, 22 nov. 2000. Guia Saúde.
- ⁵⁰ VEIGA, Aída. Princesas precoces. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Geral Comportamento.
- ⁵¹ Dados anotados na palestra proferida pelo prof. Dr. Edvaldo Couto realizada no seminário de Cultura Contemporânea da Pós-Graduação da FACOM em 29 de agosto de 2000.
- ⁵² NUNES, Angela. Quando o computador pode ser um inimigo. *Veja*, São Paulo, 2 ago. 2000. Guia Saúde.
- ⁵³ POLES, Cristina. Mulheres em risco. *Veja*, São Paulo, 6 set. 2000. Geral Medicina.
- ⁵⁴ COLAVITTI, Fernanda. O mal do humor. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Guia Medicina.
- ⁵⁵ Luz que vicia. *Veja*, São Paulo, 3 nov. 1999. Guia Corpo..
- ⁵⁶ SANTORO, André. Depressão na firma. *Veja*, São Paulo, 7 jun. 2000 Guia Saúde.
- ⁵⁷ PASTORE, Karina e POLES, Cristina. A cabeça dói. *Veja*, São Paulo, 2 fev. 2000: Geral Saúde.
- ⁵⁸ DE MARI, Juliana. A mulher sofre mais. *Veja*, São Paulo 22 set. 1999. Geral Saúde..
- ⁵⁹ ZAGO, José Antônio. As trombetas de Gedeão: como saciamos a sede no rio? Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/gid.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2003.
- ⁶⁰ POLES, Cristina. O medo que tortura. *Veja*, São Paulo, 21 fev. 20001 Geral Especial.
- ⁶¹ Segundo as entrevistas por nós realizadas para a pesquisa publicada em NASCIMENTO, 1999, *op. cit.*
- ⁶² ROGAR, Sílvia. Grávidas no altar. *Veja*, São Paulo, 15 nov. 2000. Geral Sociedade.

- ⁶³ SEKEFF, Gisela. Outro bebê a caminho. *Veja*, São Paulo, 27 jun. 1999. Geral Comportamento.
- ⁶⁴ Trabalhos realizados e apresentados por alunos da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II do curso de Psicologia da UFBA. 1) Gilda Pondé, 1994. 2) Entrevistas realizadas com adolescentes pertencentes a famílias de baixa renda, com adolescentes residentes em zonas agrícolas, com adolescentes empregadas domésticas realizadas por Ivone Santana Santos, Wanda Valle da Silva, Sílvia Mendes, Mara Rúbia Borja, Arlene Queiroz, Márcia Couto, 1995.
- ⁶⁵ DE MARI, Juliana. Amor por encomenda. *Veja*, São Paulo, 10 maio 2000. Geral Casamento..
- ⁶⁶ COUTINHO, Leonardo. Tabefe no ritmo. *Veja*, São Paulo, 28 fev. 2001. Geral Cidades.
- ⁶⁷ CAMACHO, Marcelo. Engravidei do trenzinho. *Veja*, São Paulo, 28 mar. 2001. Geral Sociedade.
- ⁶⁸ *Ibid.*
- ⁶⁹ *Ibid.*
- ⁷⁰ VEIGA, Aída. Princesas precoces. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000. Geral Comportamento.
- ⁷¹ ABBUD, Lia. A vaca louca ataca o Big Mac. *Veja*, São Paulo, 11 abr. 2001. Geral Carne.
- ⁷² VEIGA, Aída e CAMPELLO, Rachel. O inimigo somos nós. *Veja*, São Paulo, 14 abr. 1999. Guia Dieta.
- ⁷³ COLAVITTI, Fernanda. Toxinas à moda da casa. *Veja*, São Paulo, 14 fev. 2001. Guia Cuidados.
- ⁷⁴ Até parece o Brasil. *Veja*, São Paulo, 14 mar. 2001. Geral Crime.
- ⁷⁵ Edição n. 21 fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br/artigos/violencia_raizes2.asp>. Acesso: 15 jul. 2004.
- ⁷⁶ Como é possível? *Veja*, São Paulo, 28 abr. 1999. Internacional Estados Unidos
- ⁷⁷ Por que eles fazem isso? *Veja*, São Paulo, 14 mar. 2001. Geral Crime.
- ⁷⁸ *Veja*, São Paulo, 2 ago. 2000. Para Usar.
- ⁷⁹ Bandidos mirins. *Veja*, São Paulo, 16 ago. 2000. Geral Crime.
- ⁸⁰ PINHEIRO, Daniela e FRANÇA, Ronaldo. A cultura do tapão. *Veja*, São Paulo, 3 fev. 1999. Geral Comportamento.
- ⁸¹ Para não valer. *Veja*, São Paulo, 20 jan. 1999. Geral Trabalho.
- ⁸² No exterior, a região do Himalaia, no Nepal, os caminhos de peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, e as trilhas dos incas em Machu Picchu, no Peru. No Brasil, as preferências recaíam sobre a Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, Chapada Diamantina, na Bahia, Pico da Bandeira, na Serra do Caparaó, Serra da Bocaina, Serra da Canastra, Pico das Agulhas Negras, em Itatiaia.
- ⁸³ DUARTE, Dina. Verão submerso. *Veja*, São Paulo, Geral Esporte.
- ⁸⁴ AQUINO, Ruth. Caretice tardia. *Veja*, São Paulo, 11 jul. 2001. Geral Memória.
- ⁸⁵ BOSCOV, Isabela. Os eurrealistas. *Veja*, São Paulo, 13 out. 1999. Geral Personalidades.
- ⁸⁶ MASSON, Celso. Os neo-Menudos. *Veja*, São Paulo, 21 abr. 1999. Artes & Espetáculos Música.
- ⁸⁷ CAMPELLO, Rachel. Boneca sem retoques. *Veja*, São Paulo, 27 out. 1999. Geral Perfil.
- ⁸⁸ Suspiros na quadra. *Veja*, São Paulo, 27 jan. 1999. Geral Beleza.
- ⁸⁹ Alguns adolescentes, entrevistados em nossa citada pesquisa realizada durante os anos 90, comentaram que os pais têm um sotaque baiano mais acentuado do que eles próprios. Estas observações, coincidentes com as nossas, nos estimularam a pensar se o fato de a criança desde cedo ficar diante da televisão, quase aprender a falar com ela, não afetaria os sotaques típicos de cada local.
- ⁹⁰ CAMACHO, Marcelo. Sucesso faz milagre. *Veja*, São Paulo, 7 fev. 1999. Geral Beleza.

⁹¹ MENA, Fernanda. Mania de TV: medo das ruas faz jovens valorizarem essa forma de lazer. *Folha de S. Paulo*, São Paulo. 19 ago. 2002. Folha Teen. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhateen/fq1908200203.htm>

⁹² A revista *Tudo* de 12 de julho de 2002 informou que a televisão existe em 87% dos lares brasileiros, estando ligada, em média, 8 horas por dia. De acordo com o IBOPE, cada pessoa fica diariamente 3 horas e 28 minutos em frente à telinha.

⁹³ O trabalho foi elaborado pela coordenadora do Programa de Atendimento Integral à Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, Albertina Duarte Taikiuti. Pesquisa feita de 1991 a 1993, apresentada em novembro de 97 no III Encontro Nacional de Técnicos da Juventude, no Rio, promovido pelo Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social (Mudes). Entrevistas também feitas por jovens, entre 18 e 24 anos, e acompanhada por Hebert Frideman, da Organização Mundial de Saúde (OMS). Entre os entrevistados, 81,4% nasceram em São Paulo e 18,6% em outros Estados. A pesquisa abordou comportamento sexual, valores atribuídos à sexualidade, conhecimento e uso de anticoncepcionais, conhecimento de drogas, influência da mídia na sexualidade e expectativa sobre o plano de vida. Dentre os entrevistados, 93,4% são solteiros e 55,4% já tiveram experiência sexual.

⁹⁴ SANTOS, Vanessa. Violência banalizada. Telejornalismo em close. Disponível em: <http://www.omacaubeiro.net/desabrochando/desabrochando.html>. Acesso em: 28 jun. 2004.

⁹⁵ Entrevistas realizadas pela autora e por alunos nas aulas práticas da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, no curso de Psicologia da UFBA, pela qual a autora foi responsável nos anos 1978 a 2003.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ Depoimento de mães de crianças de um Jardim de Infância em Salvador, entrevistadas por alunos do curso de Psicologia em 2000.

⁹⁸ Depoimento de Jorge Neme, psicólogo, em e-mail enviado à autora.

⁹⁹ Entrevista realizada em 9 maio 2004.

¹⁰⁰ A afirmação foi feita na conferência intitulada “Soberania, identidade cultural e mercantilização da cultura”, proferida no Fórum Mundial de Educação. Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/noticias/congressos/id010404_16.shtml. Acesso em: 6 jun. 2004.

¹⁰¹ MIFFLIN, Lawrie. Pediatras garantem que TV prejudica criança. *The New York Times* 5 ago. 1999.

¹⁰² Imagem e Imaginário na era tecnológica. Atrator Estranho 03. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/ae3.html>. Acesso em: 5 fev. 2004.

¹⁰³ CLAUDIO Renato. Jovens de São Paulo são contra uso de drogas. *O Estado de São Paulo*, 27 nov. 1997.

¹⁰⁴ Entrevista realizada pela autora para a pesquisa sobre experiências vivenciadas por adolescentes durante as décadas de 50 a 90 destinadas ao livro de sua autoria: *Trajatória da juventude brasileira – dos anos 50 ao final do século*, 1999.

¹⁰⁵ BOCHICCHIO, Regina. Violência na mídia. Correio da Bahia, Salvador. 6 abr. 2001. Debate 6/4/01. Disponível em <http://www.correiodabahia.com.br/2002/04/06/noticia.asp?link=debate.xml>. Acesso em: 10 jun. 2002.

¹⁰⁶ PELLE, Débora. Pop. *O Popular* Goiânia, 16/03, p. 3. Disponível em <http://W.adolesc.br/bvs/adolesc/P/news/2000/03/1522/atividade/001.htm>. Acesso em: 30 mar. 2004.

¹⁰⁷ Entrevistas realizadas pela autora e por alunos nas aulas práticas da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II no curso de Psicologia da UFBA pela qual a autora foi responsável nos anos 1978 a 2003.

¹⁰⁸ Gasparini, Mara. Gravidez na adolescência: o que pode ser feito? Disponível em: http://www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos_cadastrados/artigo.asp?art=378. Acesso em: 6 jun. 2003.

- ¹⁰⁹ LIMA, João Gabriel. O país de Jade. *Veja*, São Paulo, 3 abr. 2002. Artes & Espetáculos Televisão.
- ¹¹⁰ SANCHEZ, Fábio. Novela é cultura. *Veja*, São Paulo, 24 jan. 1996. Entrevista concedida pela professora Maria Aparecida Baccega.
- ¹¹¹ A grande mania nacional. *Veja*, São Paulo 10 set. 1975. Geral Especial.
- ¹¹² PELLERES, Débora. Pop. *O Popular Goiânia*, 16/03, p. 3. Disponível em <http://W.adolec.br/bvs/adolec/P/news/2000/03/1522/atividade/001.htm>. Acesso em: 30 mar. 2004.
- ¹¹³ DANNEMANN, Fernanda. Se a novela não dá certo é um desastre. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 2001
- ¹¹⁴ BORGES, Katia. A subversão do folhetim. Violência na TV: a audiência dita as regras da nova teledramaturgia nacional. *A Tarde*, Salvador, 7 out. 2001. Caderno 2.
- ¹¹⁵ ALVES, Ceci. A subversão do folhetim: violência na TV, efeito dominó. *A Tarde*, Salvador, 7 out. 2001. Caderno 2.
- ¹¹⁶ *Ibid.*
- ¹¹⁷ Quem assiste novela? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1993. Folhateen.
- ¹¹⁸ *Folha de S. Paulo*, MAIS! 03/11/96. *Felicidade à brasileira* Gilberto Velho.
- ¹¹⁹ CORRÊA, Elena. Neste jogo não há regras fixas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 set. 2003.
- ¹²⁰ BUCCI, Eugênio. O melodrama e a gente. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 fev. 2002. TV Folha Crítica.
- ¹²¹ Desde *Duas vidas* (1976-1977), quando a 'coroa' protagonizada por Isabel Ribeiro enfrentou o preconceito de namorar o jovem interpretado por Stephan Nercessian, muitas foram as novelas que chocaram cabeças conservadoras ao lidar com este tabu. A situação repetiu-se com o namoro de Dennis de Carvalho e Ilka Soares em *Locomotivas* (1977), explodindo em *Mandala* (1987-1988) quando, na ficção e na realidade, Jocasta-Vera Fisher se apaixonou por Édipo-Felipe Camargo. Recentemente, causaram *frissons* os beijos da mesma atriz com o cobiçado Gianechini, que poderia ser seu filho. E a história se repetiu em *Mulheres apaixonadas* (2003), em que a sessentona Suzana Vieira conquistou o amor de dois belos rapazes.
- ¹²² A pesquisa *A Construção do Cotidiano na Telenovela*, coordenada pela professora Maria Lourdes Motter, faz parte de um projeto integrado da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, cujo tema principal é a telenovela.
- ¹²³ VELHO, Gilberto. *Felicidade à brasileira*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo 3 nov. 1996. Caderno MAIS!
- ¹²⁴ A grande mania nacional. *Veja*, São Paulo 10 set. 1975. Geral Especial.
- ¹²⁵ *Ibid.*
- ¹²⁶ Telenovela aprofunda temas do cotidiano. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/agweb.html> <http://www.usp.br/agen/rede341.htm>. Acesso em: 4 set. 2002.
- ¹²⁷ *Ibid.*
- ¹²⁸ PAIVA, Cláudio Cardoso. Recepção e Compreensão de Imagens: problemas de Ficção e Metodologia Científica (Terceiro Capítulo de As aparições do deus Dionísio na Idade Média) Disponível em: <http://ubista.ubi.pt/~comum/cardoso-claudio-recepcao-compreensao.html>
- ¹²⁹ Quando o ex-Ministro da Educação, Cristovam Buarque, questionou a fórmula de se fazer dramaturgia brasileira, reacendeu a polêmica sobre o poder das novelas e sua aproximação com a educação. *Televisão bem-educada*. *Correio Braziliense*, 02 fev. 2003. Disponível em: <http://www.correioweb.com.br>. Acesso em 7 jul.2003.
- ¹³⁰ FONTE, Lilian. *Televisão bem-educada*. *Correio Braziliense*, 02 fev. 2003. Disponível em: <http://www.correioweb.com.br>. Acesso em: 7 jul.2003.

¹³¹ *Ibid.*

¹³² SANCHEZ, Fábio. *Novela é cultura. Veja*, São Paulo, 24 jan. 1996. Entrevista concedida pela professora Maria Aparecida Baccega.

¹³³ PAIVA, Cláudio Cardoso. Quem ama não mata... ou mata? Identidades da mulher na mídia: Família, Trabalho e Sexualidade 11º Capítulo de As aparições do deus Dionísio na Herdade Mídia. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cardoso-claudio-identidades-mulher.html.

¹³⁴ COSTA, Belarmino. Indústria cultural, mediação tecnológica e o potencial crítico – fragmentação da mensagem e divisão social do trabalho Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt13/GT1304.PDF>. Acesso em: 3 set. 2003.

¹³⁵ Ciência do fuxico. *Veja*, São Paulo, 24 nov. 1999. Geral História.

¹³⁶ BRANDÃO, Cristina. Televisão e cultura – Ficção, crítica, história e teatro na TV – Perfil da telenovela. Disponível em: <http://www.oclick.com.br/colunas/brandao17.html>. Acesso em: 6 nov. 2003.

¹³⁷ MANSFIELD, Marcelo. O pecado mora ao lado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1997.

¹³⁸ BUCCI, Eugênio. Quando a desgraça dá lucro. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv2511200102.htm>. Acesso em: 29 jan. 2004.

¹³⁹ Entrevista concedida à autora no dia 20 de junho de 2004.

¹⁴⁰ QUILICI, Mário. O consumismo. Disponível em: http://www.pspoint.com.br/narcisismo_o_consumismo.htm. Acesso em: 8 ago. 2003.

¹⁴¹ AUGUSTO, Sérgio. TV brutalizadora. Observatório da imprensa, seção: Entre aspas, 5 abr. 1998. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/aspas/ent050498b.htm>. Acesso em: 28 jun 2004.

¹⁴² ELIAS, Eduardo. Influência do cinema e da TV é discutida. *O Estado de São Paulo*, 7 nov. 1999.

¹⁴³ ELIAS, Eduardo. Influência do cinema e da TV é discutida. *O Estado de São Paulo*, 7 nov. 1999.

¹⁴⁴ *Ibid.*

¹⁴⁵ SANTOS, Vanessa. Violência banalizada in *Telejornalismo em close*, coluna semanal de análise de mídia coordenada pelo professor, jornalista e pesquisador Paulo José Cunha da Faculdade de Comunicação da UnB. A pedagogia da violência, 12/03/03. Disponível em: <http://www.omacaubeiro.net/desabrochando/desabrochando.html>. Acesso em: 28 de junho de 2004.

¹⁴⁶ *Ibid.*

¹⁴⁷ Publicado nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 nov. 1999.

¹⁴⁸ *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 dez. 1998.

¹⁴⁹ *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10 fev. 2000.

¹⁵⁰ ELIAS, Eduardo. Influência do cinema e da TV é discutida. *O Estado de São Paulo*, 7 nov. 1999.

¹⁵¹ *O Estado de São Paulo*. 12 fev. 2000. Brinquedo assassino. Editorial publicado com o título Televisão, escola de violência. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv20022000.htm>. *Brinquedo assassino*, editorial publicado com o título *Televisão, escola de violência*.

¹⁵² CUNHA, Paulo José. A infância é o Meio. *Telejornalismo em close*. Coluna semanal de análise de mídia coordenada pelo professor, jornalista e pesquisador Paulo José Cunha da Faculdade de Comunicação da UnB. *A pedagogia da violência*, 12 mar. 2003. Disponível em: <http://www.omacaubeiro.net/desabrochando/desabrochando.html>. Acesso em: 28 jun 2004.

- ¹⁵³ ÂNGELO, Ivan. A tevê não fala nada da violência na tevê. *Jornal da Tarde*, 6 abr. 2002.
- ¹⁵⁴ SANTOS, Vanessa. Mídia é quem banaliza violência. Telejornalismo em close. Coluna semanal de análise de mídia coordenada pelo professor, jornalista e pesquisador Paulo José Cunha da Faculdade de Comunicação da UnB. *A pedagogia da violência*, 12/03/03. Disponível em: <http://www.omacaubeiro.net/desabrochando/desabrochando.html>. Acesso em: 28 jun. 2004.
- ¹⁵⁵ ÂNGELO, Ivan. A tevê não fala nada da violência na tevê. *Jornal da Tarde*, 6 abr. 2002.
- ¹⁵⁶ *Ibid.*
- ¹⁵⁷ *Ibid.*
- ¹⁵⁸ ALVES, Ceci. A subversão do folhetim: violência na TV, efeito dominó. *A Tarde*, Salvador, 7 out. 2001. Caderno 2.
- ¹⁵⁹ WERTHEIN, Jorge. A subversão do folhetim, Violência na tv: o crime não compensa. *A Tarde*, Salvador, 7 out. 2001. Caderno 2.
- ¹⁶⁰ WERNECK, Alexandre. Seminário discute mídia e adolescentes. *Jornal do Brasil*, 28 set. 2001.
- ¹⁶¹ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jan. 1986.
- ¹⁶² ZAGO, José Antônio. As trombetas de Gedeão: como saciamos a sede no rio? Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/gid.htm>. Acesso em 14 dez. 2003.
- ¹⁶³ Disponível em: <http://www.mensagensubliminar.com.br/crimes.htm>. Acesso em: 14 dez. 2003.
- ¹⁶⁴ ELIAS, Eduardo. Influência do cinema e da TV é discutida. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 7 nov. 1999.
- ¹⁶⁵ BOCHICCHIO, Regina. Violência na mídia. *Correio da Bahia*, Salvador, 6 abr. 2001. Debate. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br/2002/04/06/noticia.asp?link=debate.xml>. Acesso em: 7 abr. 2001.
- ¹⁶⁶ *Ibid.*
- ¹⁶⁷ *Ibid.*
- ¹⁶⁸ A propensão a cometer crimes ou a responder a determinados níveis de punição é influenciada, profundamente, pela educação. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 maio 1999. Caderno 2.
- ¹⁶⁹ RIBEIRO, Lucyara. Meios de comunicação de massa: bandido ou mocinho? Disponível em: <http://www.abordo.com.br/nao/sociologia/soc5.html>. Acesso em: 12 maio 2003.
- ¹⁷⁰ *Ibid.*
- ¹⁷¹ VANNUCHI, Camilo. Filhos da rede. Namoro virtual pode dar certo. *Isto É*, Rio de Janeiro, 22 out. 2003. Comportamento.
- ¹⁷² PINHEIRO, Daniela. Porque milhões de brasileiros resolveram procurar um romance pela Internet. *Veja*, São Paulo, 20 nov 2002. Geral, Comportamento.
- ¹⁷³ “As *webcams* são câmeras que, ligadas a computadores com acesso à Internet, podem fazer de qualquer usuário um emissor de imagens. Baratas e de fácil utilização, tornam-se um fenômeno social muito interessante dentro da grande rede telemática mundial. Com as *webcams*, internautas exibem suas vidas 24 horas por dia. Em qualquer lugar você pode vê-los dormindo, trocando de roupa, indo ao banheiro etc... Existem também *webcams* que transmitem o trânsito de uma determinada rua ou que mostram partes de uma determinada cidade. Assim como as *webcams*, os diários pessoais são definidos pelo autor como formas de expressão individuais. In: LEMOS, André.
- ¹⁷⁴ TEIXEIRA, Sergio e FERNANDES, Manoel. O pornoção global. *Veja*, São Paulo, 4 ago. 1999. Geral Comportamento.
- ¹⁷⁵ CORRÊA, Sílvia. Blog. *Folha de S. Paulo*. 21 out. 2001. Cotidiano, p. 1.

¹⁷⁶ INTRATOR, Simone e ZARONI Juliana. Diário cor-de-rosa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 fev. 2003.

¹⁷⁷ LEMOS, André. A arte da vida – Diários pessoais e ‘webcams’ na Internet.

¹⁷⁸ CORRÊA, Sílvia Blog. *Folha de S. Paulo*, 21 out. 2001. Cotidiano, p. 1.

¹⁷⁹ LEMOS, André. A arte da vida – Diários pessoais e ‘webcams’ na Internet.

Considerações finais

*O que há algum tempo era novo,
jovem, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer
Nunca mais teu pai falou: "She's living home"
E meteu o pé na estrada like o Rolling Stones [...]
Nunca mais você convidou sua menina
Pra correr no seu carro [...] (loucura, chiclete e som)
Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor, que é do cartaz?
No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais (bis).
(Antônio Carlos Belchior¹)*

Retomamos a pergunta levantada no início deste percurso:

O que permaneceu e o que foi superado?
O que continua debaixo das aparências?

Reações às mudanças puberais

Fizemos referências aos estudos que apontam problemas de ordem psicológica causados pelas mudanças puberais² traduzidos em conflitos de identidade, dificuldade de adaptação, etc.

É possível constatar a ocorrência de tais problemas nas gerações passadas. Há quarenta anos atrás, as partes do corpo não podiam ser nomeadas publicamente. Havia um sigilo sobre menstruação, associava-se sexualidade ao pecado e cultivava-se sentimentos de vergonha e pudor, tornando-se mais difícil enfrentar a subversão produzida pelas mudanças advindas com a puberdade.

Além do mais, pelo fato de ser a infância bem definida e seus papéis demarcados, a menarca, ou primeira ejaculação abriam caminho para outras

mudanças (vestuários, penteados, permissões ou proibições) que ofereciam símbolos de entrada para a adolescência.

Depois que a televisão invadiu os lares e ampliou o universo de informações, depois que as crianças trocaram as bonecas-bebês por bonecas-moças e ensaiam, não mais o papel de mãe, e, sim, o de 'cocota', depois que passaram a usar roupas semelhantes às dos adultos, não se pode mais identificar a saída da infância a não ser pelas transformações puberais.

O corpo tornou-se, então, um instrumento de afirmação, de atração, de sedução. Não é de espantar que um grande número de adolescentes manifeste o desejo de mudar algo: um cabelo mais liso, uma altura maior ou seios menores, pernas mais grossas ou barba mais espessa, semelhanças com a Xuxa ou com o Rambo.

E para isso se esforçam. Correm, malham, apelam para academias e até para plásticas, fazem dietas. Qualquer "defeito" pode ser corrigido com alguma 'grana', que os mais favorecidos economicamente arrancam facilmente de seus pais.

Costuma-se afirmar que as mudanças puberais não causam mais impacto, pois os adolescentes, além de esclarecidos, dispõem de recursos para evitar os efeitos indesejáveis provenientes de tais mudanças.

Podemos perceber, no entanto, que os conflitos e preocupações, decorrentes de alterações tão radicais, continuam atingindo os adolescentes, a depender como estas alterações sejam subjetivadas. Em tempos de supervalorização da aparência física, é inevitável a preocupação obsessiva com o corpo. A puberdade pode causar outros tipos de impacto, na medida em que os coloca num mercado em que são avaliados segundo os padrões de beleza definidos pelas leis do consumo.

E a sexualidade continua trazendo problemas

Nos últimos quarenta anos, as atitudes e comportamentos sexuais sofreram uma evolução paralela às transformações ocorridas na sociedade ocidental.

A sexualidade está escancarada em toda a parte, nos *outdoors*, páginas de revistas, comerciais de TV. O que se falava aos cochichos é hoje gritado em alto-falantes.

A sexualidade tem sido esquadrinhada, pesquisada, revolvida e dela arrancada e trazida à luz uma variedade de *necessidades* que jamais imaginariam nossos avós. Técnicas, estratégias, aparelhos, aparatos vão dos conselhos

de sexólogos aos manuais, ginásticas, terapias, benzenções. Sem falar em *lingerie*, motel, bebidas, perfumes, todo um ritual, da massagem aos vídeos³. Nenhum escapa à ideologia da erotização que promete eliminar a sensação de vazio e absurdo.

Parece que todas as barreiras foram quebradas, todas as mordanças arrancadas e, não fosse a AIDS, se transaria com a mesma facilidade com que se toma uma coca-cola. Os anticoncepcionais podem ser adquiridos em qualquer farmácia da esquina, e basta ter dinheiro para se abortar com todo o conforto em consultórios sofisticados.

E, no entanto, é possível notar que o redespertar da sexualidade ainda traz conotações dramáticas.

Espera-se que todos tenham informações suficientes sobre as questões sexuais, uma vez que esta é colocada em letras de forma. Surpreendentemente, um número significativo de adolescentes de ambos os sexos está desinformado ou mal informado sobre tais questões. Culpa, medo, preconceitos, angústia, associados à sexualidade, afloram explícita ou implicitamente em seus depoimentos.

A liberação não tem liberado tanto, ao contrário, parece provocar outros tipos de dilemas. Desperto e estimulado para a sexualidade, os adolescentes esbarram em tabus, proibições, riscos de doenças venéreas ou fatais, como a AIDS.

Os anticoncepcionais falham, o aborto ainda é proibido, a mãe solteira continua sendo condenada, e a união conjugal tem pré-requisitos de ordem econômica fora do alcance de um estudante. Há quase 60 anos Reich se referia às dificuldades impostas pelo sistema social para o exercício da sexualidade do jovem na medida em que esta só era aceita através do casamento que, por sua vez, requeria independência financeira⁴. De lá para cá estas dificuldades se ampliaram devido não só ao prolongamento escolar, mas ao nível de exigências criadas pelo consumo. O casal jovem das classes média e alta não se contenta com um emprego e um salário modesto para '*começar a vida*'. O conforto e o status são tão indispensáveis quanto o amor...

Muita coisa mudou e mudou radicalmente, impossível negar. Mas é preciso ter cuidado ao arriscar afirmações taxativas sobre o comportamento sexual dos adolescentes brasileiros contemporâneos.

As entrevistas mostram que algumas concepções, hoje rotuladas 'arcaicas', são assumidas sem rodeios, espantando entrevistadores, fazendo vacilar certezas sobre a propalada 'revolução sexual'.

As opiniões e os comportamentos não coincidem. Achar, por exemplo, ridícula a virgindade não significa que o autor de tal julgamento a tenha perdido. Considerar os pais 'pra frente' e liberais não implica que estes tenham dado esclarecimentos sobre sexo. Ser moderninho e gostar de 'ficar' em cada festa com uma pessoa diferente e sonhar com o príncipe encantado não são incompatíveis. Muitas das garotas, que não precisam do casamento como passaporte para a vida sexual, não se libertaram com tanta facilidade da dependência familiar.

O número elevado de opiniões conservadoras, de queixas quanto a insuficiência de informações, de dúvidas sobre o certo e o errado, de confissões de medo, sugere a existência de conflitos. Se ontem a repressão atingiu diretamente os adolescentes, hoje as contradições os esquartejam. Eles são estimulados mas não preparados para a prática sexual.

As diversas conjugações do verbo amar

Os depoimentos obtidos revelam as transformações do comportamento de namorar ao longo da décadas. No entanto, por mais que variem as expressões usadas por adolescentes de várias gerações para se referir ao estado de apaixonamento - 'cair de quatro', 'arriar os pneus', 'amarrar-se em alguém', 'ficar siderado', 'perder a tramontana' - traduzem uma única coisa: a subversão que o amor provoca.

Dizem que havia mais romantismo nos anos dourados. As reminiscências o confirmam.

Literatura cor-de-rosa, musicais da Metro, sublimações dos primeiros impulsos sexuais, encontros controlados foram grandes responsáveis por fantasias mirabolantes ou sonhos impossíveis. Imperava o modelo romântico que apresentava o amor como um estado da alma.

O adolescente de hoje **fica**. Poucos fazem versos, cultuam a garota etérea, diáfana, longínqua. O príncipe encantado aposentou o cavalo branco e aparece montado numa moto envenenada. As fantasias vão além do primeiro beijo e são realizadas em motéis. Os devaneios têm como cenário praias divulgadas pelas propagandas de turismo. Não há necessidade de descrevê-los nos confessionários. Aliás, o deus do adolescente não parece assustá-lo.

Mas também encontramos um grande número de expectativas quanto ao amor romântico. Nos dias atuais existem fabulações que parecem assinadas pelos avós dos adolescentes contemporâneos.

Embora sejam eles mais práticos, mais impacientes, menos policiados, mais irreverentes, ainda se deleitam com os livrinhos do tipo “Sabrina” que nada mais são do que cópias atualizadas do famoso casal Delhy. Ainda suspiram com músicas e filmes água-com-açúcar.

Alguns admitem achar ridículos seus sentimentos. Mas, como o fez uma garota de 14 anos, acabam confessando “*eu não construo castelos no ar, como fazia minha mãe. Eu construo arranha-céus*”.

Os relacionamentos seguem um modelo individualista e permissivo⁵, sem a interferência direta da família ou da religião.

Através das entrevistas realizadas é possível constatar a possibilidade que têm os jovens de expressar sua sexualidade sem vinculá-la ao afeto ou compromisso.

Mas apesar de toda a evolução, principalmente se comparada às restrições impostas nas décadas anteriores, não são poucas as meninas que ainda esperam o rapaz tomar a iniciativa.

A facilidade de acesso à relação sexual não parece ter solucionado o impasse causado pela impossibilidade da completude de tal relação. Os depoimentos sugerem decepções advindas dessa impossibilidade.

É possível observar uma certa dificuldade em definir o amor, que provoca, em muitos, uma espécie de perplexidade. Descrédito, medo, dúvidas – às vezes vinculados ao relacionamento fracassado dos pais – vieram à tona nas falas da atual geração.

O discurso daqueles que experienciaram a adolescência nos anos 50 e 60 deixa claro que a união conjugal era uma conseqüência lógica do estar apaixonado.

Não há dúvida de que ainda se sonha com a cerimônia nupcial, cujos rituais voltaram a ser supervalorizados. Véu, grinalda, buquê, flores e bolo de três andares estão na ordem do dia. Mas quando os adolescentes contemporâneos falam de casamento, o equiparam à escolha profissional, a um projeto de vida. Raros o associam às suas paixões ou tesões.

Alguns chegam a verbalizar que a paixão acaba com a vida em comum e, se não for transformada em amor, não há problema: partem para outra.

Casar não é para todo o sempre. Nem mesmo os católicos praticantes – com raras exceções – apostam nessa possibilidade.

O sexo feminino vai à luta

Nem é preciso repetir as profundas alterações sofridas pelo papel feminino no decorrer das últimas cinco décadas. A histérica não apresenta sintomas gritantes, o triângulo edipiano tem outras características pois o pai está cada vez mais próximo e a mãe cada vez mais distante. Os papéis de gênero se misturaram, e o reconhecimento parece ser mais buscado na realização profissional do que na maternidade. As prendadas donzelas de M. Delhy foram substituídas pelas fogosas mulheres criadas por Jorge Amado ou pelas ousadas personagens das novelas da Globo. A irreverente Madonna ocupou o lugar da bem-comportada Doris Day.

Uma das questões suscitadas pela transformações dos costumes diz respeito às articulações entre o advento da puberdade e a aquisição do que se costuma chamar “identidade de gênero”.

Atualmente é mais fácil verificar que as mudanças biológicas – obviamente manifestas de formas diferentes para o menino e para a menina – não têm gerado os efeitos de outrora em seus comportamentos e, até mesmo, na aparência física. Garotas e rapazes convivem em salas mistas, usam uniformes idênticos, praticam os mesmos esportes, preparam-se para as mesmas profissões. As fronteiras entre os respectivos papéis estão cada vez mais diluídas.

Estas evidências comprovam a impossibilidade, não apenas de atribuir a feminilidade ou a masculinidade às diferenças anatômicas, como também de poder definir o *tornar-se homem* ou *tornar-se mulher* apenas pela aprendizagem, ou aquisição, dos papéis de gênero impostos pelo sistema social.

Resta-nos, então, admitir que há mais mistérios entre a mulher e a feminilidade do que sonha nossa vã psicologia...

Se as pesquisas recentes têm confirmado as pesquisas, realizadas em décadas anteriores, quanto à maior valorização da monogamia e fidelidade da parte das mulheres⁶, não podemos afirmar com tanta certeza de que isso valha para todas.

São inúmeros os depoimentos de garotas que se apaixonam ou namoram vários rapazes ao mesmo tempo, que namoram sem amar, que preferem curtições rápidas ao compromisso e que não esperam passivamente as iniciativas masculinas.

Inegavelmente tais comportamentos não eram freqüentes há trinta ou quarenta anos atrás. Será que eles não foram expressos por tabus, medos, ou havi-

am sido confinados ao inalcançável território dos desejos proibidos? Afinal de contas, naqueles tempos pecava-se não só por ações, mas por pensamentos...

Pareceria mais lógico atribuir as diferenças apontadas à ideologia da dupla moral sexual, do que à uma “natureza feminina”.

Podemos, entretanto, enfocar a questão pelo avesso. Estas atitudes modernas seriam meras aparências, meros disfarces que usa a menina para não admitir que é através de um homem que ela assegura a posição feminina?

Talvez, lá no fundo, ela deseje mais encontrar um príncipe encantado, do que borboletear entre vários homens...

Os conflitos pais & filhos estão maquiados

Ao pesquisar sobre as relações familiares, encontramos depoimentos de pais que ainda carregam valores e concepções aprendidos com seus pais e entram em choque com os hábitos e costumes contemporâneos. E os que conseguiram descartá-los e se atualizaram aos padrões modernos, nem sempre entram no mesmo diapásão dos filhos.

A atitude rebelde para com as figuras parentais, enquanto reação ao luto causado pela mudança dos objetos de amor, varia em suas formas, segundo o momento histórico.

Embora não tão contundentes quanto o foi nas épocas passadas, a crítica ao pai ou à mãe continua sendo expressa por um grande número de adolescentes. Queixam-se os controlados do controle, e os que gozam de liberdade a interpretam como desinteresse. Os conflitos, outrora relativos às saídas e namoros, são atualmente mais evidentes na questão dos estudos e da mesada. Diários e depoimentos de garotas de cinco gerações expressam claramente as dificuldades com a figura materna.

Apesar do discurso moderno afirmar que sentimentos de culpa são *demodés*, encontramos um número significativo de verbalizações sobre remorsos e arrependimentos correspondentes às transgressões.

Às vezes as atitudes contestatórias não se expressam diretamente. Não é raro o adolescente se apaixonar por quem vá de encontro às expectativas parentais ou meninas sentirem atração por rapazes incompreendidos ou desajustados. A agressão pode ser também deslocada para o meio social, sendo dirigida a figuras que encarnem a autoridade.

Não temos, portanto, condições de estabelecer conclusões generalizadoras sobre o posicionamento dos atuais adolescentes em relação às figuras parentais. Entrevistas e questionários são insuficientes para uma avaliação ampla. Se os questionários de respostas fechadas impossibilitam, como já assinalamos, uma leitura aprofundada, os questionários de respostas abertas e as entrevistas apontam contradições diversas. Muitos começaram elogiando seus pais, afirmando ter um ótimo ou bom relacionamento, e, no decorrer da conversa, deixaram claro a insatisfação com atitudes e comportamentos paternos e/ou maternos. Um grande número criticou explicitamente o pai e/ou mãe e depois se corrigiu, considerando, por exemplo, o controle como prova de amor, ou culpando-se por ser intolerante. Tais discursos não apenas demonstram a oscilação de opiniões, típica da adolescência, como abrem caminhos para a discussão sobre os motivos da permanente incompatibilidade de gerações.

Por outro lado, alguns depoimentos nos permitiram perceber que pais educados liberalmente repetiram os modelos recebidos. Outros, porém, os reformularam. Pais que haviam se rebelado à educação recebida, a assimilaram, e a adotaram. A diferença entre as várias formas de controle, chantagens, permissividade provocam, inegavelmente, diferentes reações.

Por essas razões, não é possível afirmar que entre os *adolescentes* dos anos atuais não exista confronto de gerações. As histórias de vida variam, refletem a história de vida de seus pais que, como foi ressaltado, não tiveram um único roteiro.

O confronto de gerações toma várias formas

A influência da figura paterna não se esgota nos aspectos, até então, levantados.

A desidealização do pai – que costuma a ocorrer a partir da puberdade – é apontada como um motivo para dificuldade de aceitar normas, aumento da irreverência, rebeldia para com os adultos.

Não é à toa que muitos tenham medo de lidar com adolescentes e sejam antológicos os comportamentos de insubordinação nos colégios.

Há duas ou três décadas, os professores tornavam-se pais substitutos⁷. E enquanto substitutos, sofriam, muitas vezes, hostilidades que, de outra maneira, não lhes seriam dirigidas.

Podemos deduzir pelas entrevistas das gerações passadas, o quanto foram entregues aos padres e às “mães” papéis paternos ou maternos. Amor filial coexistiu com a crítica e a rebeldia, traduzidas por desordens em salas de aula, para as quais, como tivemos oportunidade de observar através dos depoimentos, a imaginação adolescente deu roteiros peculiares.

O relaxamento da disciplina e a obsessão com o vestibular são fatores que podem justificar a pouca frequência de atuais manifestações rebeldes nos colégios.

É mais difícil dizer o mesmo em relação à contestação estudantil, se articularmos suas causas à necessidade de emancipação familiar.

Admitimos a existência de um deslocamento da hostilidade à família, por parte de alguns contestadores. No entanto, não se pode ignorar que a adolescência é um momento em que são adiadas as tarefas concernentes ao “*cuidar da própria vida*”. Isto, somado à aquisição do pensamento abstrato – possibilitador de uma visão crítica do mundo – abre condições para o engajamento e a militância.

É indiscutível que, nos dias atuais, esse engajamento reduziu-se a uma pequena porção de jovens, se tomarmos como parâmetros décadas anteriores, especialmente a de 60. Mas não se pode reduzir estes fatos à diminuição do controle familiar. Seria um raciocínio simplista e linear.

A experiência clínica mostra que a flexibilidade normativa não garante “relações harmoniosas” entre pais e filhos. No trabalho desenvolvido com adolescentes, é possível encontrar jovens que, apesar de serem educados liberalmente, manifestam atitudes rígidas e, até mesmo, preconceituosas. Lembremos que Freud não atrelou a severidade do supereu à severidade educacional.

Mas para analisar esta questão em termos psicossociais, tornar-se-ia necessário levar em conta uma constelação de fatores, entre os quais a história de vida do adolescente e, se possível, da respectiva família e gerações que o precederam.

Por outro lado, há uma necessidade urgente de fazer releituras da participação da juventude nas questões político-sociais. Enquanto mitificarmos ou ficarmos presos aos exemplos dos anos 60, continuaremos considerando os adolescentes “alienados” e buscando em lugares impossíveis as causas de tal alienação. Daí a importância de uma avaliação cuidadosa do cenário contemporâneo no qual se movem as atuais gerações.

Como se pôde constatar, os adolescentes de décadas passadas, foram mais vulneráveis à vinculação sexo-pecado, sentimentos de culpa, angústias, superstições e sentimentalismos, expressos em diários ou vindos à tona através de depoimentos.

As experiências vivenciadas em colégios religiosos parece ter deixado marcas indeléveis em um grande contingente de rapazes e moças educados em conventos. Apesar das diversidades encontradas, foi possível observar traços em comum. Nítidas ou desbotadas, as tatuagens – ou cicatrizes – impressas pela educação transmitida por educandários dirigidos por padres ou freiras, continuam regendo atitudes, valores, comportamentos das antigas gerações.

Nunca é demais ressaltar que muitos deles são os pais da atual geração de adolescentes. Até que ponto tais marcas continuam produzindo efeitos na educação e transmissão de valores? Até que ponto estes avós e/ou pais de adolescentes de hoje, continuam transmitindo direta ou indiretamente uma visão de mundo pautada nos ensinamentos religiosos?

Os entrevistados dos anos 80 e 90 não revelaram sinais evidentes de que a educação religiosa tenha tido influência marcante em seus comportamentos e valores. Contentarmo-nos, porém, com essas afirmações e tecermos conclusões a partir delas, nos restringe a uma análise fenomenológica. Podemos no máximo delas retirar elementos que nos estimulem a articular a diminuição da autoridade parental com o esmaecimento do rigor religioso e ao hedonismo que parece vingar com mais força nos tempos atuais.

A diminuição da autoridade paterna e seus reflexos na religiosidade, no comportamento em sala de aula ou na contestação política não pode ser reduzida a uma relação causa-efeito. É preciso levar em consideração a mudança das instituições religiosas, escolares e políticas e em que grau estas mudanças contribuíram para novas relações com a divindade, com os professores ou com o sistema.

Concluindo...

As interrogações com as quais esbarramos nos levam de volta à afirmação enunciada no início deste percurso. A pluralidade de identificações, a infinidade de opções de lazer, ou de escolhas profissionais, a diversidade de tipos de família, em suma, a confusão axiológica e a ampliação de papéis sociais não nos permite abordar a adolescência com características estandardizadas. Colocar os adolescentes num único bloco e fazer deles um conjunto é tão impossível quanto caracterizá-los por idade.

Por outro lado, a repetição dos comportamentos e atitudes, através dos anos, aponta a existência de uma estrutura universal, não sujeita à influência do tempo e do espaço.

As diferentes reações às circunstâncias externas, em suas diversas formas de expressão, seriam causadas pela variedade de possibilidades de interpretação e subjetivação da realidade. Em geral, passíveis de observação, estas se prestam a uma análise psicossocial.

Admitimos, porém, os limites da Teoria dos Papéis, não só em diversos aspectos abordados, como também para dar conta de uma análise sobre estruturas, pois seu campo de estudo se restringe ao que é da ordem do fenômeno.

Seria aconselhável, então, recorrer às contribuições teóricas da psicanálise freudiana segundo a releitura de Lacan, para se ir além da abordagem fenomenológica e penetrar no campo aberto pela teoria do inconsciente. Essa vertente nos aponta pistas para decifrar o enigma da feminilidade, a construção das identificações, fantasias, desejos que escapam à consciência.

Como dissemos na introdução, não desejamos antecipar certezas nem nos fechar em uma conclusão. A leitura dos depoimentos obtidos empurra para múltiplas direções.

Admitir a existência da adolescência – mesmo que o termo seja restrito à psicologia, e o fenômeno restrito a algumas populações – exige a ampliação do seu campo de estudo.

Esperamos que os espaços em branco deste trabalho sirvam para estimular outros trabalhos.

Notas

¹ Trecho da canção “*Velha Roupa Colorida*”.

² *Apud* Hurlock, E., *op. cit.*

³ Wilson Senne, professor do curso de Psicologia da UFBA, em entrevista concedida à autora.

⁴ In Reich, W., *op. cit.*

⁵ In Azevedo, T., *op. cit.*, 1986.

⁶ In Angeli, H. A., *op. cit.*

⁷ In Freud, S. “*Algumas Reflexões sobre a Psicologia do Escolar*”, 1910.

Referências

- ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *La adolescencia normal*. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- ABRAHAM, T. *La guerra del amor*. Buenos Aires: Planeta Biblioteca del Sur, 1992.
- ABRAMO Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa - um ensaio inédito de Perseu Abramo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALMEIDA, A. *Pensando a família no Brasil - da Colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. UFRJ, 1987.
- ALVES, B. et al. *Sexualidade e desconhecimento. A negação do saber*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros. *O fascínio de Scherazade - os usos sociais da telenovela*. São Paulo: Annablume, 2003.
- ANGELI, H. A. *A problemática sexual na adolescência*. Dissertação de Mestrado de Psicologia. São Paulo: USP, 1986.
- ARIÈS, P. *A história sexual da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada*. v. 5. São Paulo: Schwarcz, 1990.
- AZEVEDO, T. *Cultura e situação social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- AZEVEDO, T. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.
- AZEVEDO, T. *Namoro, religião e poder*. Brasília: Cátedra, 1980.
- BANDURA, A.; WALTERS, R. *Social learning and personality development*, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1963.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

- BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- BASTIDE, R. *Sociologie et psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- BASTOS, A. V. et al. *Saúde e educação sexual do jovem - um estudo em Salvador*. Salvador: ISP/UFBA, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, S. *Memórias de uma moça bem-comportada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- BLOS, P. *Adolescência*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BOTAFOGO, D. J. *Manual do namorado*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1953.
- BRITTO, S. *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.
- CANSI, B. *Curso de catequese renovada*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CAPLAN, G.; LEOVICI, S. N. *Psicologia social de la adolescencia*. Buenos Aires: Paidós, 1969.
- CHAUÍ, M. *O que é repressão sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAVES, J. C. *Ficar com*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- CHINOY, E. *Sociedade. Uma introdução à sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHIPKEVITCH, E. *Puberdade e adolescência. Aspectos biológicos, clínicos e psicossociais*. São Paulo: Roca, 1995.
- CLAES, M. *L'expérience adolescente*. Bruxelles: Pierre Mardarga Ed. s/d.
- CODO, W.; SENNE, W. *O que é corpolatria*. São Paulo: Brasiliense, col. Primeiros Passos, 1985.
- COMPAGNON, Béatrice; THÉVENIN, Anne. *Chronologie du XXeme. siècle: les grandes tendances et les grandes dates*. Paris: Hatier, 1997.
- CUPERTINO, F. *As muitas religiões do brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- DAHER Y GONZALEZ. La singularidad del adolescente en la hora atual. *In: Revista Argentina de Psicología*, ano II, nº 9, set. 1971.
- D'INCAO, M. A. et al. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- DOUVAN, E.; ADELSON, J. *The adolescent experience*. New York: John Wiley and Sons, 1966.
- ESTRADA, G. Los movimientos estudiantis en la UNAM. *In: Deslinde, Cuadernos de Cultura Política*, U. do Mexico, U. Nacional Autonoma de Mexico.

- FAU, R. Características gerais do grupo durante a adolescência. In: Brtto, S., *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.
- FERRUA, L. H. *Educação sexual: análise crítica de uma experiência*. Campinas. Dissertação de Mestrado, Instituto Psicologia, PUC.
- FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- FISHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. São Paulo: Livraria Martins Ed., 1970.
- FRANK, A. *Diário de uma jovem*. São Paulo & Rio de Janeiro: Ed. Mérito, 1958.
- FREEDMAN, CARLSMITH; SEARS. *Psicologia social*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FREUD, A. La adolescencia en cuanto perturbación del desarrollo. In: CAPLAN. G.; LBOVICI, S. N., *Psicologia social de la adolescencia*. Buenos Aires, Paidós 1969.
- FREUD, S. *O esclarecimento sexual das crianças*. v. IX, 1907, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. v. XVIII, 1921, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. v. XIII, 1914, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GAIARSA, A. *A juventude diante do sexo*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GOODE, W. J. *A família*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.
- HARVEY, David. *A condição da pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HASS, A. *A sexualidade do adolescente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- HENRIQUES, M.H.; SILVA, N. U.; SINGH, S. et al. *Adolescentes de hoje, pais de amanhã: Brasil*. New York: Alan Guttmacher Institute, 1989.
- HERFORD, M. E. M. et al. De la escuela al trabajo. In: Caplan, G.; LeboviCi, S. *Psicologia social de la adolescencia*. Buenos Aires: ed. Paidos, 1973.
- HESSE, H. *Demian*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- HURLOCK, E. *Psicologia de la adolescencia*. Buenos Aires: ed. Paidos, 1971.
- JERSILD, A. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.
- JOYCE, J. *Retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Livraria Martins Ed., 1970.
- KAFKA, F. *Carta al padre*. Madrid: Akal, 1993.
- KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior of human male*. Philadelphia: Saunders, 1948

- KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior of human female*. Philadelphia Saunders, 1953.
- KLINBERG, O. *Psicologia social*. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1967.
- KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LACLOS. *Ligações perigosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- LANE, T. M.S.; CODO, W. (orgs.) *Psicologia social - o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LAPASSADE, G. Os rebeldes sem causa. In: Britto, S. *Sociologia da juventude, v. III*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.
- LE BON. *The crowd*. London: Benn, 1896.
- LE MOS, André. *Ciber-socialidade. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. LEMOS, A. L. M.A *Arte da Vida. Webcams e diários pessoais na Internet*. Revista Comunicação e Artes: A cultura das redes (Actas do Congresso ICNC 2001). Relógio d'Água, Lisboa: p. 305-319, 2002. Maria Lucília Marcos e José Bragança de Miranda, organizadores., Junho 2002.
- LIMA, D. M. *Comportamento sexual do brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- LINTON, R. *O homem - uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins, 1952.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Trad. Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994.
- LLORENTE, D. *Catecismo explicado con gráficos y ejemplos*. Valladolid: Graficas Andres Martin S/A, 1960.
- LUCA, L. *O problema sexual da adolescência*. São Paulo: Almed, 1980.
- MACEDO, R. M. A mulher na família. In: *Cadernos da PUC n. 15*.
- MARCUS, I. M. *Family interation in adolescents with learning difficulties adolescence*, v. I, n. 3, 1966.
- MANN, T. *Tonio Kröger*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- MC CARTHY, M. *Memórias de uma moça católica*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- MC KINNEY, J. P. et al. *Development psychology: the adolescent and youth adult*. New York: Dorsey Press, 1983.
- MEAD, M. *Coming of age in Samoa*. New York: Mentor Books, 1949
- MEAD, M. *Cultura y compromiso. Estudio sobre la ruptura generacional*. Buenos Aires: Granica, 1971.
- MEAD, M. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- MEZHER, A. *Um questionamento acerca da vitalidade do conceito de papel psicossomático* - Revista da FEBRAP, ano 3o, 1221-223.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. II: Necrose. 3. ed. Trad. Agenor Soares dos Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- MORLEY, H. *Minha vida de menina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- MUSSEN, P.H.; CONGER, J.; KAGAN, J. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Ed. Harper & Row do Brasil Ltda., 1977.
- NAFFAH, NETO, A. *Psicodrama - descolonizando o imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- NASCIMENTO, Aragão Bulcão, A. *Concepções, crenças e valores do adolescente Baiano*. Dissertação de Mestrado. FAGED. UFBA, 1977.
- NASCIMENTO, Aragão Bulcão, A. *Trajatória da juventude brasileira: dos anos 50 ao final do século*. Salvador: EDUFBA/Secretaria de Turismo e Cultura, 1999.
- NASCIMENTO, Aragão Bulcão, A. Adolescência e sexualidade: algumas considerações preliminares. In: BASTOS, A. V., et al. *Saúde e educação sexual do jovem - um estudo em Salvador*. Salvador: ISP/UFBA, 1989.
- NIZAN, P. *Aden, Arábia*. Ed. Marco Zero, 1987.
- NOSELLA, M. L. *As belas mentiras*. São Paulo: Ed. Moraes, 1981.
- OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom et al. *Dicionário do pensamento social do século*. Trad. Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.
- PERAZZO, S. *Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- PFROMM NETTO, S. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1964
- PIAGET, J. El desarrollo intelectual del adolescente. In: CAPLAN, G.; LEBOVICI. S. *Psicologia social de la adolescencia*. Buenos Aires: ed. Paidos, 1973.
- POSTER, M.. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RAMALHO, J. P. *Prática educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RAMOS, A. *O folclore negro no Brasil*. São Paulo: Ed. da Casa do Estudante, 1971.
- REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ROCHEBLAVE-SPENLÉ, A.M. *La notion de rôle en psychologie sociale*. Paris: PUF, 1969.

- ROCHEBLAVE-SPENLÉ, A.M. *O adolescente e seu mundo*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- ROUSSEAU J.J. *L'Emile*, Paris: La Pleiade, Gallimard. s/d
- RUBIM, Albino; BENTZ, Ione; PINTO Milton (Orgs.) *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SABINO, F. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- SALEM, T. *O velho e o novo. Um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, Ltda., 1965.
- SAND, G. *Histoire de ma vie*, Paris: La Pléiade, Gallimard, s/d.
- SANTOS, Adriana Bacellar Leite. *Os meios de comunicação como extensões do mal-estar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SANTOS, Boaventura De Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.
- SARDINHA, Maura Ribeiro. *No horizonte da ética*. 2003, 179 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SARTRE, J. P. *As palavras*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- SAWREY, J.; TELFORD, C. *Psychology of adjustment*. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1971.
- SENNE, W. *Mulheres desvairadas e homens perdidos*. Dissertação de mestrado. U. São Carlos, 1990.
- SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1978.
- STOETZEL, J. *Psicologia social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*, Petrópolis: Vozes, 1983
- TAME, D. *O poder oculto da música*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- TAYLOR, H. *Students without teachers: the crisis in the university*. New York: McGraw-Hill, 1969.
- TOLSTOI, L. *Infancia, adolescencia, juventud*. Madrid: Aguilar, 1990.
- TOZONI REIS, *Família, emoção e ideologia*. In: CODO, W.; LANE, S. *Psicologia social - o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

WEIL, P. *Mística do sexo*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

WHITING, J. et al. *The function of male ceremonies at puberty*. In: Maccoby, T et al., *Readings in social psychology*. New York: Holt, 1958.

WINCKLER, C. R. *Pornografia e sexualidade no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

YANTOCK, M. *Polidez infantil*. Rio de Janeiro: Saber é Poder, s/d.

Bibliografia complementar

- ADELSON, J. *The political imagination of the young adolescent*. New York: Norton, 1971.
- ARIÈS, P. *Centuries of childhood*. New York: Random House, 1962.
- AZEVEDO, T. *Namoro, religião e poder*. Brasília: Cátedra, 1980.
- BANDITER, E. *Um amor conquistado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BARROS, M. *Autoridade e afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BENEDICT, R. *Continuities and discontinuities in social conditioning*. New York: Kluckhohn and Murray, 1948. p. 414-423.
- BETHELHEIM, B. *The problem of generations*. In: ERIKSON, E.: *Youth: change and challenge*. New York: Basic Books, 1963.
- BLEGER, J. *et al. La Identidad en el adolescente*. Buenos Aires: Paidós-Asappia, 1973.
- BOLLON, P. *A moral da máscara. Merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BLOOM, A. *O declínio da cultura ocidental. Da crise da universidade à crise da sociedade*. São Paulo: Best Seller, 1989.
- CHAFEE, S. H.; WARD, L. S.; TIPTON, L. P. *Mass communication and political socialization*. *Journalism Quarterly*, 1970, 47.
- COCKBURN, A.; BLACKBURN, R. (Org.) *Student power: problems diagnosis action*. New York: Penguin Books, 1969.
- COLASANTI, M. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- CONGER, J. *Adolescência: geração sob pressão*. São Paulo: Harper, 1980.
- COUTINHO, M. L. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- CRIPPA, A. *Mito e cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- DEBESSE, M. *A adolescência*. Lisboa: Europa-América, 1965.
- DEUTSCH, H. *Problemas psicológicos da adolescência*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1983.
- DIEPOLD, J.; YOUNG, R. Empirical studies of adolescent sexual behavior: a critical review. *In: Adolescence*, v. XV, n. 53, 1979.
- DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ERIKSON, E. *Childhood and society*. New York: Norton, 1950.
- FEUER, L. S. *Conflict of generations: the character and significance of students movements*. New York: Basic Books, 1969.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité. 1. La volonté de savoir*, Gallimard, 1976.
- FORACCHI, M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- FORACCHI, M. The Ego and the Id at Puberty. *In: The ego and the mecanismos of defense*. London: The Hogarth Press, 1936.
- FEUER, L. S. *The conflict of generations: the character and significance of student movements*. New York: Basic Books, 1969.
- GREER, G. *Sexo e destino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Ed. Paidós, s/d.
- GROISMAN, M.; KUSNETZOFF, J. C. *Adolescência e saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- HALL, G.S. *Adolescence: its psychology and its relations to phisiology, antropology, sociology, sex, crime, religion and education*. 2 vols. New York: Appleton, 1904.
- HALLECK, S. L. Twelve hupoheses of student unrest. *In: SMITH, G. K. (org.) Stress and campus reponse*. San Francisco: Josey-Bass, Inc., 1968.
- HALSEY, A. H. Youth and employment in comparative perspective. *In: GORDON, M. Poverty in america*. San Francisco: Chandler, 1965.
- KILPATRICK, W. The demythologizing of love. *In: Adolescence* v. IX, n. 33, 1974.
- LERNER, R.M.; GALAMBOS, N.I. *Experiencing adolescents: a sourcebook for parents, teachers and teens*. New York: Garland, 1984.
- LÉVY, A. *Psychologie sociale*. Paris: Bordas, 1978.
- MALDONADO, M. T. *Psicologia da gravidez*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MARCELLI, D. BRACONNIER, A. *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- MEAD, M. *Macho e fêmea*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MEAD, M. *Growing up in New Guinea*. New York: Mentor Books, 1953.
- MENDES JR, A. *Movimento estudantil no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, col. Tudo é História, 1982.
- MUUSS, R. *Theories of adolescence*. New York: Random House, Inc., 1962.
- NAFFAH NETO, A. *Psicodramatizar*. São Paulo: Agora, 1980.
- OFFER, D.; OFFER, J.B. *From Teenage to young manhood.a psychological study*. New York: Basic Books, 1975.
- OFFER, D.; SABSHIN, M. *Normality and the life circle*. New York: Basic Books, 1985.
- PLANT, W. T.; TELFORD, C. W. *Changes in personality for groups completing different amounts of college over two years*. Genetic Psychol Monogr. 1966, 74.
- PROST, Antoine; VICENT, Gérard (Org.). *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PRISUTA, R. H. *The Role of televised sports in socialization of political values of adolescents*. Unpublished doctoral dissertation, 1978.
- ROSZAK, T. *The making of a counter revolution*. New York: Doubleday Co., 1969.
- RUBIN, I.; KIRKENDALL, L. A. *Sexo e adolescência*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- RUTTER, M; GRAHAM, P.; CHADWICK, O. F. D. *et al. Adolescent turmoil: fact or fiction? J. Child. Psychol. Psychiatry*, n. 17, p. 35-56, 1976.
- SANFORD, N. (Org.) *The american college*. New York: Wilwy, 1962.
- SONNENREICH, C.; BASSITT, W. *Sexualidade e repressão sexual*. São Paulo: Ed. Manole, 1980.
- SORENSEN, R. C. *Adolescent sexuality In: Contemporary america*. New York: World Publishing, 1973.
- SPRANGER, E. *Psicologia da juventude*. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1970.
- STALL, S. *O que um rapaz deve saber*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1946.
- STENDHAL *Do amor*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1945.
- STONE, L. J.; CHURCH, J. *Infância e adolescência*. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1972.
- ULHOA, M.J.C. *Características do comportamento do adolescente brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- VENTURA, Z. *1968 - O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

- VITIELLO, N. *Gestação da adolescência. In: Atualização.* São Paulo: julho, 1981.
- WAGNER, C. A. *Sexuality of American Adolescents. In: Adolescence*, v. XV, n. 59, p. 567-577.
- WARNES, E. J. M. *Ideologia e identidade em el adolescente. Los modelos sociologico y psicoanalítico del desarrollo evolutivo. In: BLEGER, J. et al. La identidad en el adolescente.* Buenos Aires: Paidós, 1973.
- WITAKER, D.; WATTS, W. *Personality characteristics of a non-conformism youth society: a study of the berkeley non-student.* J. Soc. Issues, 1969, 25.
- As grandes entrevistas do Pasquim.* Rio de Janeiro: Codecri, 1975.
- O som do Pasquim.* Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1976.
- Brasil Dia-a-Dia.* Ed. Especial do almanaque Abril
- Tóxicos, cultura, juventude, contestação.* Cadernos do CEAS n. 17, São Paulo: Ed. Loyola, fevereiro 1972.
- História da UNE.* vol. 1: depoimentos de ex-dirigentes. São Paulo: Ed. Livramento, 1980.
- Comitê sobre adolescência do grupo para o adiantamento da psiquiatria. São Paulo: Cultix, 1970.
- La singularidade de la adolescencia em la hora actual.* Revista Argentina de Psicanálise ano II, n. 9, set. 1971 ed. Nueva Vision, Buenos Aires. Revista Cadernos do Terceiro Mundo, agosto de 1993. Unesco- Études et Documents d'Information Paris Unesco, n. 65, ano 43.
- 'Nosso Século'. Fascículos editados pela Editora Abril, São Paulo, 1980.

Este livro foi publicado
no formato 170 x 240 mm
miolo em papel 75 g/m²
tiragem 500 exemplares
Impresso no Setor de Reprografia da EDUFBA
Impressão de capa e acabamento:
Cartograf Gráfica e Editora

ISBN 85-232-0302-8



9 788523 203023